

17º Encontro Internacional sobre Pragmatismo
[17th International Meeting on Pragmatism]

6 a 9 de Novembro de 2017
[November 6 to 9, 2017]

Centro de Estudos de Pragmatismo
[Center for Pragmatism Studies]

Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
[Philosophy Graduate Program]

Departamento de Filosofia
[Department of Philosophy]

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
[Pontifical Catholic University of São Paulo]

17º Encontro Internacional sobre Pragmatismo – 2017

17th International Meeting on Pragmatism - 2017

Promoção [Promotion]

Centro de Estudos de Pragmatismo [Center for Pragmatism Studies]
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia [Philosophy Graduate Program]
Departamento de Filosofia [Department of Philosophy]
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [Pontifical Catholic University of São Paulo] - PUC/SP

Coordenador [Chair]

Prof. Dr. Ivo Assad Ibri/Diretor do Centro de Estudos de Pragmatismo da PUC-SP

Comissão Científica [Scientific Committee]

Ivo Assad Ibri (PUC-SP); Edelcio Gonçalves de Souza (USP); Robert Innis (University of Lowell, Ma, USA);
Eluiza Bortolotto Ghizzi (UFMS); Arthur Araújo (UFES); Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP); Jose Luiz
Zanette (CEP/PUC-SP); Marcelo Silvano Madeira (PUC-SP); Rodrigo Vieira de Almeida (PUC-SP).

Comissão Organizadora [Organizer Committee]

Ivo Assad Ibri (PUC-SP); Edelcio Gonçalves de Souza (USP); Robert Innis (University of Lowell, Ma, USA);
Eluiza Bortolotto Ghizzi (UFMS); Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP); Jose Luiz Zanette (CEP/PUC-SP);
Marcelo Silvano Madeira (PUC-SP); Rodrigo Vieira de Almeida (PUC-SP); Lucia Ferraz Nogueira de Souza
Dantas (PUC-SP); Renato Fanti (PUC-SP).

Equipe Técnica [Supporting Team]

Antonio Wardison C. da Silva (PUC/SP); Caique Marra de Melo (PUC-SP); Ed Alves de Figueiredo (PUC-
SP); Maria Celeste de Almeida Wanner (UFBA); Maria Alejandra Madi (PUC/SP); Flavio Augusto Queiroz
e Silva (PUC-SP); Júlio César D`Oliveira (PUC-SP); Luiz Adelino de Almeida Prado (PUC-SP); Marcus
Plessmann de Castro (PUC-SP); Matheus Jacob (PUC-SP); Renan Baggio (PUC-SP); Tobias A. Rosa Faria
(PUC-SP); Clayton Foschiani (CEP/PUC-SP).

Comunicação [Communication Project]

Design das peças gráficas: Raquel Ponte (CVD-EBA-UFRJ)
Web design: Núcleo de Mídias Digitais/DTI - PUC-SP
Gerenciamento de impressão: Renato Fanti (PUC-SP)
Gerenciamento do site e das redes sociais: Lucia Ferraz Nogueira de Souza Dantas (PUC-SP)
Ilustração: Bras Lamagni (Freelimages)

Local [Venue]

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [Pontifical Catholic University of São Paulo]
Rua Ministro Godoy, 969.
Perdizes, São Paulo - SP – Brasil.

Patrocínio [Sponsorship]



Agradecimentos especiais pelo apoio a [Special thanks for the support to]

Marcos de Souza Barros
João Araújo Pinto Neto
Gunde Olof Olsen
Luiz Adelino de Almeida Prado
D'Arthagnan Vasconcelos Jr.
José Luiz Zanette
Vera Maria Zugaib

ISSN 1983-9537

17º Encontro Internacional sobre Pragmatismo
[17th International Meeting on Pragmatism]

Resumos *[Abstracts]*

17º Encontro Internacional sobre Pragmatismo/Resumos

[17th International Meeting on Pragmatism/Abstracts]

Centro de Estudos de Pragmatismo [Center for Pragmatism Studies]

Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia [Philosophy Graduate Program]

Departamento de Filosofia [Department of Philosophy]

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [Pontifical Catholic University of São Paulo]

Editores [Editors]

Ivo Assad Ibri (PUC-SP)

Edécio Gonçalves de Souza (USP)

Robert Innis (University of Lowell, Ma, USA);

Arthur Araújo (UFES);

Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP)

Eluiza Bortolotto Ghizzi (UFMS)

José Luiz Zanette (CEP-PUC-SP)

Marcelo Silvano Madeira (PUC-SP)

Rodrigo Vieira de Almeida (CEP-PUC-SP)

Lucia Ferraz Nogueira de Souza Dantas (PUC-SP)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitora Nadir Gouvêa Kfoury/PUC-SP

[Catalog record made by Dean Nadir Gouvêa Kfoury Library/PUC-SP]

Encontro Internacional sobre Pragmatismo, São Paulo, SP,
2017, 17.

17º. Encontro Internacional sobre Pragmatismo: 17th International Meeting on
Pragmatism / coord. Ivo Assad Ibri; org. Centro de Estudos de Pragmatismo.
- São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo, 2017.

208p. ; 14,8 X 21 cm;

I. Filosofia - Congressos. 2. Pragmatismo - Congressos. 3. Ciência - Filosofia -
Congressos. I. Ibri, Ivo Assad. II. Souza, Edécio Gonçalves de. III. Centro de Estudos
do Pragmatismo - PUCSP

CDD 106

Produção Editorial [Editorial Production]

Preparação de texto: Lucia Ferraz Nogueira de Souza Dantas (PUC-SP); Tobias A. Rosa Faria
(PUC-SP); Clayton Foschiani (CEP/PUC-SP); Eluiza Bortolotto Ghizzi (UFMS); Matheus
Jacob (PUC-SP); Maria Alejandra Madi (PUC-SP); Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP).

Projeto gráfico do livro [Book graphic design]: Eluiza Bortolotto Ghizzi (UFMS)

Capa do livro [Book cover]: Raquel Ponte (CVD-EBA-UFRJ)

Ilustração: Bras Lamagni (Freelimages)

Diagramação final [Final layout]: Virtual Diagramação S/C Ltda

Gerenciamento de impressão: Renato Fanti (PUC-SP)

Correspondência Editorial [Editorial Offices]

Centro de Estudos do Pragmatismo/Programa de Estudos Pós Graduados em Filosofia/PUC-SP,

Rua Ministro Godoy, 969/4º andar/sala 4E16, Perdizes

CEP 05015-901 São Paulo - SP – Brasil

55 – 11 – 3670.8417

cep.puc@gmail.com

www.pucsp.br/pragmatismo

17º Encontro Internacional sobre Pragmatismo
[17th International Meeting on Pragmatism]

ÍNDICE
[TABLE OF CONTENTS]



Conteúdo

PROGRAMA

[PROGRAM]	II
------------------------	-----------

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

[MAIN LECTURES ABSTRACTS]	31
AYDIN, Ciano	33
COLAPIETRO, Vincent	34
DI GREGORI, María Cristina	36
D'OTTAVIANO, Itala M. Loffredo	38
INNIS, Robert	39
LANFREDINI, Roberta	42
LISZKA, James Jakób	42

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

[COMMUNICATIONS ABSTRACTS]	49
ABRÃO, Jorge Antonio de M.; ROMANINI, Anderson Vinicius	51
ALBUQUERQUE, Gerson de Araújo Neto	52
ALMEIDA, Nazareno Eduardo de	54
ALMEIDA, Rodrigo Vieira de	57
BAGGIO, Renan	59
BALLABIO, Alessandro	61
BOHN, Marcos Beck	62
BORTOLETO, Edivaldo José	64
CASTRO, Marcus Plessmann de	67
CASTRO, Thiago F. da M. G.; FREIRE, Guilherme F. da C. L.	69
CESTARI, Guilherme Henrique de Oliveira	72
CIPRIANI, Cristian	74

COELHO, Bruno	76
CUBILLOS, Julian Danilo Vargas; GHIZZI, Eluiza B.	78
DANTAS, Lucia Ferraz Nogueira de Souza	80
FANAYA, Patrícia Fonseca	83
FERRAZ, Alexandre Augusto	85
FIGUEIREDO, Ed Alves de	87
JACKSON, Nate	90
JUNGK, Isabel	92
LEGRIS, Javier	94
LEITE, Ana Rita Nicolliello Lara	96
LIMA, Rodrigo César Castro	98
LÓPEZ, Federico E.	100
MADEIRA, Marcelo S.	103
MADI, Maria Alejandra C.	104
MATTAROLLO, Livio	107
MEDRONHA, Jacira Souza; BORTOLETO, Edivaldo José	110
MELO, Caique Marra de	112
MELO, Desirée Paschoal de	114
MORAES, Sonia Cristina Bocardi de	117
MURARO, Darcísio Natal	119
MUSSOI, Aniely Cristina	121
NARDI, Ketherine; BORTOLETO, Edivaldo José	123
NASCIMENTO, Edna Maria M. do; TEIXEIRA, Maurozan S.	126
NOBOA, Luan Felipe Novak	127
ORNELLAS, Valter Luis Dantas; PONCZEK, Roberto Leon	130
PONTE, Raquel; NIEMEYER, Lucy	132
QUEIROZ E SILVA, Flávio Augusto	135
RECH, Aryana Lucia; BORTOLETO, Edivaldo José	137
REYES-CÁRDENAS, Paniel	140
RIMOLI, Ariane Porto Costa	142
RODRIGUES, Mariana Vitti; EMMECHE, Claus	144
SANCASSANI, Victor	147
SÁNCHEZ GARCÍA, Victoria Paz	149
SANTOS, Gerson Tenório dos	151
SILVA, Jorge Francisco da; EFKEN, Karl Heinz	153
SOUZA DANTAS, Luís Rodolfo Ararigboia de	155
SOUZA, Aline Antunes de	157
SOUZA, Mariana Arndt de; GHIZZI, Eluiza B.	160
VALLEJOS Juan Pablo Llobet; STOCCO, Pablo	162
VIEIRA, Fabio Daniel; BORTOLETO, Edivaldo José	164

WANNER, Maria Celeste de A.; GONDIM, Raoni Carvalho	167
WASHINGTON, Eliane A Dorico.....	169
YANKOVA, Reni	171
ZANETTE, José Luiz.....	173

RESUMOS DOS PÔSTERES

[POSTERS ABSTRACTS].....	177
ANDRADE, Leonardo Francisco Costa de	179
BISSOLI, Ana Paula Talin; BROENS, Mariana Claudia.....	181
DUCATTI, Gabriel Engel	183
ELEUTÉRIO, Felipe; BROENS, Mariana Claudia	185
FERREIRA, Sabrina Balthazar Ramos.....	187
GOMES, Ana Paula de Carvalho; BROENS, Mariana Claudia; POLETTO, Leonardo Queiroz Assis.....	189
MOURÃO, Joaquim Felipe.....	192
PASCOAL, Valdirene Aparecida; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici	194
RODRIGUES, Emanuely Nakaryn; LIMA, Júlia Rodrigues de; BROENS, Mariana Claudia....	196
SILVA, Camila da Cruz	198
SIMÃO, Luciano Lourenço.....	200
SOUZA, Edna Alves de; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici	202
SOUZA, Renata Silva; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici.....	204
TAVARES, Bárbara Linda.....	206



PROGRAMA
[PROGRAM]

PROGRAMA DAS CONFERÊNCIAS [LECTURES PROGRAM]

6/11/2017 – SEGUNDA-FEIRA

[11/06/2017 – MONDAY]

ABERTURA DO 17º EIP [17th IMP OPENING]

Auditório 239- 2º piso [Auditorium 239- 2nd Floor]

17:00-17:30 [5:00-5:30pm]	Autoridades acadêmicas e coordenadores [University Heads and Conference Chairs]
	Agradecimentos aos patrocinadores e colaboradores [Acknowledgements to Sponsors and Contributors]
17:30-18:00 [5:30-6:00pm]	Apresentação musical [Musical presentation]

SESSÃO DE CONFERÊNCIAS [CONFERENCE SESSION]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Edelcio Gonçalves de Souza (USP-SP, Brasil)

18:00-19:00 [6:00-7:00pm]	Conferência de Abertura [Keynote Lecture]
	Pragmatism and The Language Animal [Pragmatismo e The Language Animal] • Robert Innis (University of Massachusetts Lowell, Aalborg University), EUA.
	Comentador [Commentator] - Ivo Ibri (PUC-SP, Brasil)
19:00-20:00 [7:00-8:00pm]	Coquetel de lançamento dos livros de Antonio Wardison e de José Luiz Zanette, na Livraria Cortez [Cocktail for Antonio Wardison's and José Luiz Zanette's books launching at Cortez Bookshop].

7/11/2017 – TERÇA-FEIRA

[11/7/2017 – TUESDAY]

SESSÃO DE CONFERÊNCIAS [CONFERENCE SESSION]

Auditório 239- 2º piso [Auditorium 239- 2nd Floor]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Maria Eunice Q. Gonzalez (UNESP-Marília, Brasil)

9:00-10:00 [9:00-10:00am]	Conferência 2 [Lecture 2]
	<i>Peirce's Science of Esthetics as the Study of Ends</i> [A Ciência da Estética Como Estudo dos Fins Segundo Peirce] • James Jakób Liszka (University of Alaska Anchorage), EUA.
	Comentador [Commentator] - Winfried Nöth - (University of Kassel, Alemanha).
10:00–10:20 [10:00-10:20am]	INTERVALO [INTERMISSION] – Coffee break
	Conferência 3 [Lecture 3]
10:20-11:20 [10:20-11:20am]	<i>Contradiction, Consistency and the Paraconsistent Perspective in the Western Thought: From Heraclitus to Newton da Costa</i> [Contradição, Consistência e a Perspectiva Paraconsistente no Pensamento Ocidental: De Heráclito a Newton da Costa] • Itala M. Loffredo D'Ottaviano (Unicamp), Brasil.
	Comentador [Commentator] - Edelcio Gonçalves de Souza (USP-SP, Brasil)

8/11/2017 – QUARTA-FEIRA

[11/8/2017 – WEDNESDAY]

SESSÃO DE CONFERÊNCIAS [CONFERENCE SESSION]

Auditório 239- 2º piso [Auditorium 239- 2nd Floor]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Arthur Araújo (UFES, Brasil)

9:00-10:00 [9:00-10:00am]	Conferência 4 [Lecture 4]	Imaginación Creativa y Creatividad [Imaginação Criativa e Criatividade] • María Cristina Di Gregori (Universidad Nacional de La Plata), Argentina.
	Comentador [Commentator]	José Crisóstomo de Souza (UFBA, Brasil)
10:00-10:20 [10:00-10:20am]	INTERVALO [INTERMISSION] – Coffee break	

MESA REDONDA I [ROUND TABLE I]

James and Dewey on Art, Aesthetics and Morals

[James e Dewey sobre Arte, Estética e Moral]

Coordenadora e comentadora da sessão [Session Chair and Commentator]:

Maria Alejandra C. Madi (PUC-SP, Brasil)

10:20-12:00 [10:20-12:00am]	Participantes [Participants]	
	Dewey's Art as Experience: A Contemporary Reassessment [Arte Como Experiência de Dewey: Uma Reavaliação Contemporânea] • Claudio Viale (CIJS-CONICET, UNLaR, Argentina)	
	Dewey's Aesthetics and the History of Art: Three Examples From the Late Antiquity [A Estética de Dewey e a História da Arte: Três Exemplos da Antiguidade Tardia] • Fabio Campeotto (CONICET-UNLaR, Argentina)	
	Not All Is Vanity: William James Against Ernest Renan [Nem Tudo é Vaidade: William James Contra Ernest Renan] • José Jatuff (UNLaR-UNC, Argentina)	

9/11/2017- QUINTA-FEIRA [11/9/2017 – THURSDAY]	
SESSÃO DE CONFERÊNCIAS [CONFERENCE SESSION]	
Auditório 239- 2º piso [Auditorium 239- 2nd Floor]	
Coordenador da sessão [Session Chair]: Mariana Broens (UNESP-Marília, Brasil)	
9:00-10:00 [9:00-10:00am]	Conferência 5 [Lecture 6]
	Peirce as Reader and Reading as Reverie [Peirce como Leitor e a Leitura como Devaneio] • Vincent Colapietro (Penn State University), EUA.
	Comentadora [Commentator] - Lucia Santaella (PUC-SP), Brasil.
10:00–10:20 [10:00-10:20am]	INTERVALO [INTERMISSION] – Coffee break
10:20-11:20 [10:20-11:20am]	Conferência 6 [Lecture 7]
	World Oriented Self-Formation: Postphenomenology Meets Peircean Pragmatism. [A Autoformação Orientada do Mundo: A Pós-Fenomenologia Encontra o Pragmatismo de Peirce] • Ciano Aydin (University of Twente), Holanda.
	Comentador [Commentator] - Rogério da Costa (PUC-SP), Brasil.
MESA REDONDA 2 [ROUND TABLE 2]	
Semiótica e Pragmatismo: Linguagem e Realidade [Semiotics and Pragmatism: Language and Reality]	
Coordenador da sessão [Session Chair and Commentator]: Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP, Brasil)	
16:40-18:40	Participantes [Participants]
	Arthur Araújo (UFES), Brasil. Marcelo Carvalho (UNIFESP), Brasil. Ivo Assad Ibri (PUC-SP), Brasil. José Crisóstomo de Souza (UFBA), Brasil.
	Comentadores [Commentators]
	Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP), Brasil. Pedro Monticelli (FSB/FAPCOM), Brasil.
18:40 - ENCERRAMENTO DO 17º EIP [6:40pm - CLOSING SESSION OF THE 17TH IMP]	

Programa das Sessões de Comunicações
[Communications Sessions Program]

6/11/2017 – SEGUNDA-FEIRA

[11/06/2017 – MONDAY]

Auditório 100-A- 1º piso [Auditorium 100-A - 1st Floor]

I. PRAGMATISMO E HISTÓRIA DA FILOSOFIA

[PRAGMATISM AND THE HISTORY OF PHILOSOPHY]

Coordenador da sessão *[Session Chair]*: Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP), Brasil.

13:30-15:30 <i>[1:30pm -3:30pm]</i>	BOHN, Marcos Beck (COS- PUC-SP), Brasil. ACASO EM PEIRCE É LIVRE-ARBÍTRIO EM BERGSON? CONSIDERAÇÕES SOBRE UM POSSÍVEL PARALELO ENTRE OS DOIS AUTORES. <i>DOES THE CONCEPT OF CHANCE IN PEIRCE CORRESPOND TO THE CONCEPT OF FREE WILL IN BERGSON? CONSIDERATIONS ABOUT A POSSIBLE PARALLEL BETWEEN THE TWO AUTHORS.</i>
	CESTARI, Guilherme Henrique de Oliveira (TIDD/PUC-SP), Brasil. ECOS DA EXAPTAÇÃO NOS REALISMOS DE PEIRCE E DE BRYANT. EXAPTATION'S ECHOES ON PEIRCE'S AND BRYANT'S REALISMS.
	ALBUQUERQUE, Gerson de Araújo Neto (Universidade Federal do Piauí), Brasil. O REALISMO NO LIVRO TRACTATUS DE WITTGENSTEIN. THE REALISM IN WITTGENSTEIN'S BOOK TRACTATUS.
	SILVA, Jorge Francisco da; EFKEN, Karl Heinz (Universidade Católica de Pernambuco), Brasil. A VIRADA PRÁGMÁTICA: INVESTIGAÇÕES SOBRE O ESPÍRITO DO PRAGMATISMO. THE PRAGMATIC TURN: AN INVESTIGATION INTO THE SPIRIT OF PRAGMATISM.

6/11/2017 – SEGUNDA-FEIRA

[11/06/2017 – MONDAY]

Auditório 117-A- 1º piso [Auditorium 117-A - 1st Floor]

2. SEMIÓTICA E ESTÉTICA

[SEMIOTICS AND ESTHETICS]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Ariane Porto Costa Rimoli (Unicamp; CEP/PUC-SP), Brasil.

13:30-15:30 [1:30pm -3:30pm]	PONTE, Raquel (CVD/EBA/UFRJ); NIEMEYER, Lucy (CIAUD/FA-U), Lisboa, Brasil/Portugal. DESIGN E SOCIEDADE SOB A PERSPECTIVA DO PRAGMATISMO PEIRCIANO. <i>DESIGN AND SOCIETY IN A PEIRCEAN PRAGMATIST VIEW.</i>
	MELO, Desirée Paschoal de (ECA-USP), Brasil. CONTEMPLAÇÃO, IRREGULARIDADE E POLISSEMIA: A NATUREZA ICÔNICA DO DESIGN CONTEMPORÂNEO. <i>CONTEMPLATION, IRREGULARITY, AND POLYSEMY: THE ICONIC NATURE OF CONTEMPORARY DESIGN.</i>
	RIMOLI, Ariane Porto Costa (IA- Unicamp, CEP-PUC), Brasil. ARTE ENATIVA: UMA POSSIBILIDADE DE PROSPECÇÃO DA DINÂMICA CEREBRAL BASEADA NAS CATEGORIAS PEIRCIANAS. <i>ENACTIVE ART: A POSSIBILITY OF PROSPECTION OF CEREBRAL DYNAMICS BASED ON PEIRCE'S CATEGORIES.</i>
	CASTRO, Marcus Plessmann de (PUC/SP), Brasil. ELEMENTOS DA SEMIÓTICA PEIRCIANA APLICADOS À MÚSICA. <i>ELEMENTS OF PEIRCEAN SEMIOTICS APPLIED TO MUSIC.</i>

Programa das Sessões de Comunicações
[Communications Sessions Program]

7/11/2017 – TERÇA-FEIRA [11/7/2017 – TUESDAY]	
Auditório 239- 2º piso [Auditorium 239- 2nd Floor]	
3. PEIRCE, FENOMENOLOGIA E ESTÉTICA <i>[PEIRCE, PHENOMENOLOGY AND ESTHETICS]</i>	
Coordenador da sessão <i>[Session Chair]</i> : Mariana Broens (UNESP-Marília), Brasil.	
14:00-16:30 <i>[2:00pm-4:30pm]</i>	BALLABIO, Alessandro (Universidad Pedagógica Nacional; UnB), Colômbia/Brasil. <i>GENESIS OF THE CREATIVE EXPERIENCE IN C. S. PEIRCE.</i> A GÊNESE DA EXPERIÊNCIA CRIATIVA EM C.S. PEIRCE.
	DANTAS, Lucia Ferraz Nogueira de Souza (PUC- SP/CAPES; Faculdade de São Bento- SP), Brasil. O JOGO ENTRE MÍMESIS E PHANTASÍA NA PRODUÇÃO DA IMAGEM PICTÓRICA À LUZ DOS CONCEITOS PEIRCIANOS DE PERCEPTO, JUÍZO PERCEPTIVO E ABDUÇÃO. <i>THE PLAY BETWEEN MIMESIS AND PHANTASY IN THE PRODUCTION OF PICTORIAL IMAGE BY THE LIGHT OF THE PEIRCEAN CONCEPTS OF PERCEPT, PERCEPTIVE JUDGMENT AND ABDUCTION.</i>
	VALLEJOS, Juan Pablo Llobet; STOCCO, Pablo (UNA, UBA), Argentina. <i>A PEIRCEAN PERSPECTIVE ON HUMAN VOICE: THE SEMIOTIC NONAGON OF THE USES OF VOICE.</i> A VOZ HUMANA DE UMA PERSPECTIVA PEIRCIANA: O NONÁGONO SEMIÓTICO DOS USOS DA VOZ.
	YANKOVA, Reni (New Bulgarian University, Sofia), Bulgária. <i>HABIT CHANGE IN CHARLES PEIRCE'S PHILOSOPHY: THE UNEXPECTED NECESSITY OF FEELING AND IMAGINATION.</i> MUDANÇA DE HÁBITO NA FILOSOFIA DE CHARLES PEIRCE: A NECESSIDADE INESPERADA DE SENTIMENTO E DE IMAGINAÇÃO.
	SANCASSANI, Victor (COS - PUC-SP), Brasil. O TEMPO MÍTICO SOB A LÓGICA FENOMENOLÓGICA DE CHARLES S. PEIRCE. <i>MYTHICAL TIME UNDER PEIRCE'S PHENOMENOLOGICAL LOGIC.</i>
16:30-16:50 <i>[4:30pm -4:50pm]</i>	Intervalo [Intermission] – Coffee break

4. PRAGMATISMO E MÍDIAS DIGITAIS [PRAGMATISM AN DIGITAL MEDIA]	
Coordenador da sessão [Session Chair]: Maria Celeste de Almeida Wanner (EFBA), Brasil.	
16:50-19:20 [4:50pm - 7:20pm]	CUBILLOS, Julian Danilo Vargas (UFMS/CAPES); GHIZZI, Eluiza B. (UFMS), Brasil. A LÓGICA DO DESIGN ORIENTADO PARA A PERFORMANCE NA CONCEPÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO SOB A ÓPTICA DA LÓGICA/SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE. <i>THE LOGIC OF PERFORMANCE ORIENTED DESIGN IN THE ARCHITECTURAL DESIGN CONCEPTION UNDER THE OPTICS OF THE LOGIC / SEMIOTICS OF CHARLES SANDERS PEIRCE.</i>
	SOUZA, Mariana Arndt de (UFMS/CAPES); GHIZZI, Eluiza B. (UFMS), Brasil. A TRANSPARÊNCIA E A OPACIDADE EM FOTOGRAFIAS IMPRESSAS EM FINE ART. <i>TRANSPARENCY AND OPACITY IN PHOTOGRAPHS PRINTED IN FINE ART.</i>
	ABRÃO, Jorge Antonio de Moraes; ROMANINI, Anderson Vinicius (USP-SP), Brasil. A INTERAÇÃO 2.0: O PRAGMATISMO E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO NO ESTUDO DE REDES SOCIAIS. <i>INTERACTION 2.0: PRAGMATISM AND SYMBOLIC INTERACTIONISM IN THE STUDY OF SOCIAL NETWORKS.</i>
	SOUZA, Aline Antunes de (PUCSP), Brasil. ESTÉTICA, HÁBITO E JOGOS DIGITAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE NOVOS MODOS DE SENTIR. <i>AESTHETICS, HABIT AND DIGITAL GAMES: A REFLECTION ON NEW WAYS OF FEELING.</i>
	REYES-CÁRDENAS, Paniel (UPAEP), México. A PHANEROSCOPIC ANALYSIS OF SOCIAL MEDIA. <i>UMA ANÁLISE FANEROSCÓPICA SOBRE MÍDIA SOCIAL.</i>

Programa das Sessões de Comunicações
[Communications Sessions Program]

7/11/2017 – TERÇA-FEIRA

[11/7/2017 – TUESDAY]

Auditório 117A- 1º piso [Auditorium 117A - 1st Floor]

5. PRAGMATISMO, SEMIÓTICA E EDUCAÇÃO

[PRAGMATISM, SEMIOTICS AND EDUCATION]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP), Brasil.

14:00-16:30 [2:00pm-4:30pm]	BORTOLETO, Edivaldo José (UNOCHAPECÓ), Brasil. DA EDUCAÇÃO SUB SPECIE SEMIÓTICA: POR UMA EDUCAÇÃO SEMIÓTICA. ABOUT EDUCATION SUB SPECIE SEMIOTICS: FOR A SEMIOTIC EDUCATION.
	RECH, Aryana Lucia; BORTOLETO, Edivaldo (Unochapecó), Brasil. MEMÓRIA DE VELHOS: ESCOLA, BODEGA E IGREJA COMO SIGNOS DE ESTRUTURAÇÃO, UMA LEITURA A PARTIR DA SEMIÓTICA PEIRCIANA. ELDERLY'S MEMORY: SCHOOL, BARS, AND CHURCH AS SIGNS OF STRUCTURING, A READING FROM PEIRCE'S SEMIOTICS.
	VIEIRA, Fabio Daniel; BORTOLETO, Edivaldo José (Unochapecó), Brasil. O GRAFISMO INDÍGENA NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA CARIBENHA A PARTIR DE CHARLES SANDERS PEIRCE: UMA LEITURA SEMIÓTICA SOBRE O GRAFISMO KAINGANG E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO. INDIGENOUS GRAPHISM IN THE CARIBBEAN LATIN AMERICAN CONTEXT FROM A PEIRCEAN PERSPECTIVE: A SEMIOTIC READING ON KAINGANG GRAPHISM AND ITS RELATIONSHIP WITH EDUCATION.
	NARDI, Ketherine; BORTOLETO, Edivaldo José (Unochapecó), Brasil. UMA LEITURA SEMIÓTICA DA TRADUÇÃO AUDIOVISUAL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA. A SEMIOTIC READING OF THE AUDIOVISUAL TRANSLATION IN ENGLISH TEACHING.
	MEDRONHA, Jacira Souza; BORTOLETO, Edivaldo José (Unochapecó), Brasil. LABORATÓRIO DE SIGNOS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DAS AGÊNCIAS EXPERIMENTAIS. LABORATORY OF SIGNS: A SEMIOTIC READING OF EXPERIMENTAL AGENCIES.

16:30-16:50 [4:30pm -4:50pm]	Intervalo [Intermission] – Coffee break
6. PRAGMATISMO, ONTOLOGIA E LÓGICA <i>[PRAGMATISM, ONTOLOGY, AND LOGIC]</i>	
Coordenador da sessão [Session Chair]: Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP), Brasil.	
16:50-19:20 [4:50pm -7:20pm]	MADI, Maria Alejandra C. (PUC-SP), Brasil. LEI E ACASO: REFLEXÕES SOBRE O INDETERMINISMO ONTOLÓGICO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NUMA ABORDAGEM REALISTA E EVOLUCIONISTA. <i>LAW AND CHANCE: REFLECTIONS ON THE ONTOLOGICAL INDETERMINISM OF ECONOMIC RELATIONS IN A REALISTIC AND EVOLUTIONARY APPROACH.</i>
	RODRIGUES, Mariana Vitti; EMMECHE, Claus (University of Copenhagen), Dinamarca. <i>THE METHOD OF METHODS: ABDUCTION AND STYLES OF REASONING.</i> O MÉTODO DOS MÉTODOS: ABDUÇÃO E ESTILOS DE RACIOCÍNIO.
	BAGGIO, Renan (PUC-SP), Brasil. INFORMAÇÃO E SIGNIFICADO NO PRAGMATISMO DE PEIRCE: A PERSPECTIVA LÓGICA FORMAL DA INFORMAÇÃO À LUZ DE UMA CONCEPÇÃO TRIÁDICA DE SIGNIFICADO. <i>INFORMATION AND MEANING IN PEIRCE'S PRAGMATISM: THE FORMAL LOGIC PERSPECTIVE OF INFORMATION IN LIGHT OF A TRIADIC CONCEPTION OF MEANING.</i>
	FERRAZ, Alexandre Augusto (UNICAMP/CNPq), Brasil. QUALIDADE COMO FORMA LÓGICA. <i>QUALITY AS LOGICAL FORM.</i>
	ALMEIDA, Nazareno Eduardo de (UFSC), Brasil. UMA CONCEPÇÃO DE PLURALISMO ONTOLÓGICO EM BASES PEIRCIANAS. <i>A CONCEPTION OF ONTOLOGICAL PLURALISM ON PEIRCEAN BASES.</i>

Programa das Sessões de Comunicações
[Communications Sessions Program]

8/11/2017 – QUARTA-FEIRA [11/8/2017 – WEDNESDAY]	
Auditório 239- 2º piso [Auditorium 239- 2nd Floor]	
7. PRAGMATISMO E ÉTICA [PRAGMATISM AND ETHICS]	
Coordenador da sessão [Session Chair]: Marcelo S. Madeira (CEP/PUC-SP), Brasil.	
14:00-16:30 [2:00pm-4:30pm]	SÁNCHEZ GARCÍA, Victoria Paz (IdIHCS, FaHCE, UNLP-CONICET), Argentina. THE PROBLEM OF THE EPISTEMIC CHARACTER OF NORMS AND VALUES IN THE PUTNAM-HABERMAS' DEBATE: A RESPONSE FROM THE THEORY OF NORMATIVITY OF CLARENCE IRVING LEWIS. O PROBLEMA DA NATUREZA EPISTÊMICA DAS NORMAS E DOS VALORES NO DEBATE PUTNAM-HABERMAS: UMA RESPOSTA COM BASE NA TEORIA DA NORMATIVIDADE DE CLARENCE IRVING LEWIS.
	ZANETTE, José Luiz (CEP-PUC-SP), Brasil. PEIRCE E A LÓGICA COMO BEM ÉTICO. PEIRCE AND THE LOGIC AS ETHICAL GOODNESS.
	LÓPEZ, Federico E. (FaHCE-IdIHCS-UNLP/CIC), Argentina MORAL DELIBERATION IN A NATURALIST CONTEXT: DEWEY'S REFLEXIVE ETHICS AS A POLITICAL PROJECT. DELIBERAÇÃO MORAL NUM CONTEXTO NATURALISTA: A ÉTICA REFLEXIVA DE DEWEY COMO PROJETO POLÍTICO.
	MATTAROLLO, Livio (Universidad Nacional de La Plata, CONICET), Argentina. JOHN DEWEY ON SOCIAL PHILOSOPHY: EXPLORING HIS NORMATIVE PERSPECTIVE. JOHN DEWEY ACERCA DA FILOSOFIA SOCIAL: EXPLORANDO SUA PERSPECTIVA NORMATIVA.
	JACKSON, Nate (Capital University, Columbus, OH), USA. FORMS OF INDIVIDUALISM AND THE PRODUCTION OF DISABILITY. FORMAS DE INDIVIDUALISMO E A PRODUÇÃO DA INCAPACIDADE.
16:30-16:50 [4:30pm -4:50pm]	Intervalo [Intermission] – Coffee break

8. PRAGMATISMO, FENOMENOLOGIA E EPISTEMOLOGIA

[PRAGMATISM, PHENOMENOLOGY AND EPISTEMOLOGY]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Arthur Araújo (UFES), Brasil.

16:50-19:20 [4:50pm - 7:20pm]	FANAYA, Patrícia Fonseca (UFSC), Brasil. O MÉTODO ANTICARTESIANO DE PEIRCE: A RECONCILIAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO E AÇÃO AINDA NÃO EXPLORADA PELO MOVIMENTO ENATIVISTA. <i>PEIRCE'S ANTI-CARTESIAN METHOD: THE RECONCILIATION BETWEEN REPRESENTATION AND ACTION NOT YET EXPLORED BY THE ENACTIVIST MOVEMENT.</i>
	NOBOA, Luan Felipe Novak (UFABC), Brasil. A PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS VALORES QUE ORIENTAM A PESQUISA CIENTÍFICA. <i>THE HISTORICAL PERSPECTIVE ABOUT THE VALUES WHICH GUIDE THE SCIENTIFIC RESEARCH.</i>
	NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do (PGFIL/UFPI), TEIXEIRA, Maurozan Soares (PGFIL/UFPI), Brasil. O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM JONH DEWEY: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EPISTEMOLOGIA NATURALIZADA. <i>THE CONCEPT OF EXPERIENCE IN JOHN DEWEY: CONTRIBUTIONS TO A NATURALIZED EPISTEMOLOGY.</i>
	COELHO, Bruno (UNESP-Marília), Brasil. SABER-COMO, INTELECTUALISMO E DISPOSIÇÃO. <i>KNOWLEDGE-HOW, INTELLECTUALISM AND DISPOSITION.</i>
	CASTRO, Thiago Ferreira da Motta Gehrmann; FREIRE, Guilherme Frassetto da Cunha Lima (Faculdade São Bento - SP), Brasil. C.S. PEIRCE CONTRA A CRENÇA DETERMINISTA. <i>C.S. PEIRCE AGAINST THE DETERMINIST BELIEF.</i>

Programa das Sessões de Comunicações
[Communications Sessions Program]

8/11/2017 – QUARTA-FEIRA

[11/8/2017 – WEDNESDAY]

Auditório 117A- 1º piso [Auditorium 117A - 1st Floor]

9. PRAGMATISMO, ARTE E CULTURA

[PRAGMATISM, ART AND CULTURE]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Maria Celeste de Almeida Wanner (EFBA), Brasil.

14:00-16:30 [2:00pm-4:30pm]	FIGUEIREDO, Ed Alves de (PUC-SP/CNPq), Brasil. FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA À LUZ DO PRAGMATISMO DE CHARLES S. PEIRCE. DOCUMENTAL PHOTOGRAPHY: IMAGETIC REPRESENTATION ACCORDING TO THE PRAGMATISM OF CHARLES S. PEIRCE.
	MUSSOI, Anieli Cristina (Instituto de Artes - UNESP), Brasil. UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA PARA O PROBLEMA DAS ARTES DO VAZIO. A SEMIOTIC APPROACH TO THE EMPTINESS ARTS' PROBLEM.
	LEITE, Ana Rita Nicoliello Lara (UFMG), Brasil. A RELEVÂNCIA DA ESTÉTICA DEWEYANA PARA O PENSAMENTO FILOSÓFICO SOBRE OBRAS DE ARTE CONTEMPORÂNEAS. THE RELEVANCE OF DEWEYAN AESTHETICS TO PHILOSOPHICAL THINKING ON CONTEMPORARY ARTWORKS.
	WANNER, Maria Celeste de Almeida; GONDIM, Raoni Carvalho (UFBA), Brasil. HORTUS CONCLUSUS: A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM NAS ARTES VISUAIS DO SÉCULO XXI À LUZ DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA DE JOHN DEWEY. HORTUS CONCLUSUS: THE REPRESENTATION OF LANDSCAPE IN THE VISUAL ARTS OF THE 21ST CENTURY IN LIGHT OF THE CONCEPT OF EXPERIENCE OF JOHN DEWEY.
	ORNELLAS, Valter Luis Dantas; PONCZEK, Roberto Leon (UFB), Brasil. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO PAISAGISMO PITORESCO DE JOHN CONSTABLE SOB A ÓTICA DA FILOSOFIA DE JOHN DEWEY. THE AESTHETIC EXPERIENCE IN THE PICTURESQUE LANDSCAPING OF JOHN CONSTABLE SEEN FROM THE PHILOSOPHY OF JOHN DEWEY.

16:30-16:50 [4:30pm -4:50pm]	Intervalo [Intermission] – Coffee break
10. PRAGMATISMO, RELAIISMO E METAFÍSICA [PRAGMATISM, REALISM AND METAPHYSICS]	
Coordenador da sessão [Session Chair]: Mariana Broens (UNESP-Marília, Brasil)	
16:50-19:20 [4:50pm -7:20pm]	QUEIROZ E SILVA, Flávio Augusto (PUC-SP), Brasil. PEIRCE E O CRESCIMENTO DA RAZOABILIDADE CONCRETA: INVESTIGANDO UMA RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E A REALIDADE DE DEUS. PEIRCE AND THE GROWTH OF CONCRETE REASONABLENESS: AN INQUIRY INTO THE RELATIONS BETWEEN ETHICS AND THE REALITY OF GOD.
	SANTOS, Gerson Tenório dos (Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES), Brasil. ALTERIDADE E AGAPISMO: UMA PERSPECTIVA ÉTICA DO EVOLUCIONISMO DE CHARLES SANDERS PEIRCE. ALTERITY AND AGAPISM: AN ETHICAL PERSPECTIVE OF THE EVOLUTIONISM OF CHARLES SANDERS PEIRCE.
	JUNGK, Isabel (PUC-SP), Brasil. A NATUREZA NORMATIVA DO AMOR. THE NORMATIVE NATURE OF LOVE.
	LIMA, Rodrigo César Castro (USP), Brasil. POR QUE O PRAGMATISMO É NECESSÁRIO PARA COMPREENDER O MAL? WHY PRAGMATISM IS NECESSARY TO UNDERSTAND EVIL?
	MELO, Caíque Marra de (PUC-SP), Brasil. BERKELEY E PEIRCE: A EXPERIÊNCIA DO NÃO-EGO. BERKELEY AND PEIRCE: THE NON-EGO EXPERIENCE.

Programa das Sessões de Comunicações
[Communications Sessions Program]

9/11/2017- QUINTA-FEIRA

[11/9/2017 – THURSDAY]

Auditório 239- 2º piso [Auditorium 239- 2nd Floor]

I I. PRAGMATISMO E PEIRCE

[PRAGMATISM AND PEIRCE]

Coordenador da sessão *[Session Chair]*: Maria Eunice Quilicci Gonzalez (UNESP, Marília), Brasil.

14:00-16:00

[2:00pm-4:00pm]

LEGRIS, Javier (CONICET e Universidad de Buenos Aires), Argentina.
ON THE NOTION OF ANALYSIS IN PEIRCE'S EXISTENTIAL GRAPHS.
 SOBRE A NOÇÃO DE ANÁLISE NOS GRAFOS EXISTENCIAIS DE PEIRCE.

SOUZA DANTAS, Luís Rodolfo Ararigboia de (UNIFIEO), Brasil.
 O ADMIRÁVEL NOVO SI MESMO: DO QUADRANTE DE PEIRCE AO NÃO-TODO LACANIANO.
THE ADMIRABLE NEW ONESELF: FROM PEIRCE'S QUADRANT TO LACANIAN NON-WHOLE.

ALMEIDA, Rodrigo Vieira de (CEP-PUC-SP), Brasil.
 PERSONALIDADE E PESSOA NO INTERIOR DA CONCEPÇÃO PEIRCIANA DE HOMEM
PERSONALITY AND PERSON IN THE PEIRCEAN CONCEPT OF MAN

MADEIRA, Marcelo S. (CEP- PUC-SP), Brasil.
 PRAGMATISMO E SIGNIFICADO: COMO OS JUÍZOS PERCEPTIVOS PODEM MOLDAR A CONDUTA?
PRAGMATISM AND MEANING: HOW THE PERCEPTUAL JUDGMENTS COULD SHAPE THE CONDUCT?

9/11/2017- QUINTA-FEIRA

[11/9/2017 – THURSDAY]

Auditório 117A- 1º piso [Auditorium 117A - 1st Floor]

12. PRAGMATISMO, CULTURA E SOCIEDADE

[PRAGMATISM, CULTURE AND SOCIETY]

Coordenador da sessão *[Session Chair]*: Clayton Foschiani (CEP/PUC-SP), Brasil.

14:00-16:30 <i>[2:00pm-4:30pm]</i>	WASHINGTON, Eliane A Dorico (PUC/SP), Brasil. A INTERPRETAÇÃO NO DIREITO SOB O VIÉS DA SEMIÓTICA COMUNICACIONAL. <i>INTERPRETATION IN LAW UNDER THE BIAS OF COMMUNICATION SEMIOTICS.</i>
	MORAES, Sonia Cristina Bocardi de (UNESP/Marília), Brasil. EVOLUÇÃO DE INTERPRETANTES E FORMAÇÃO DAS CIDADES. <i>INTERPRETANTS EVOLUTION AND CITIES FORMATION.</i>
	MURARO, Darcisio Natal (UEL), Brasil. DEMOCRACIA COMO INTELIGÊNCIA SOCIAL E A EDUCAÇÃO. <i>DEMOCRACY AS SOCIAL INTELLIGENCE AND EDUCATION.</i>
	CIPRIANI, Cristian (PUC-RS), Brasil. UM PRAGMATISMO (PEDAGÓGICO) BRASILEIRO: MORAL E EDUCAÇÃO EM ANÍSIO TEIXEIRA. <i>A BRAZILIAN (PEDAGOGIC) PRAGMATISM: MORAL AND EDUCATION ON ANÍSIO TEIXEIRA.</i>

Programa das Sessões de Pôsteres
[Poster Sessions Program]

6/11/2017 – SEGUNDA-FEIRA

[11/06/2017 – MONDAY]

Corredor central, ao lado da rampa – 2º piso [Main Corridor next to the ramp – 2nd Floor]

Coordenador da sessão [Session Chair]: Mariana Vitti Rodrigues (University of Copenhagen), Dinamarca

15:30-16:30

[3:30pm -4:30pm]

ANDRADE, Leonardo Francisco Costa de (UNESP Marília), Brasil.
POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DA TEORIA PRAGMATISTA NA PROPOSTA DO BEHAVIORISMO RADICAL DE SKINNER: SOBRE O CONCEITO DE COMPORTAMENTO VERBAL NA COMPREENSÃO DA LINGUAGEM.

POSSIBLE IMPLICATIONS OF PRAGMATIST THEORY ON SKINNER'S RADICAL BEHAVIORISM: ON THE CONCEPT OF VERBAL BEHAVIOR IN LANGUAGE COMPREHENSION.

BISSOLI, Ana Paula Talin; BROENS, Mariana Claudia (UNESP – Marília), Brasil.

HÁBITOS MOTORES E PROCESSOS ABDUTIVOS INCORPORADOS
MOTOR HABITS AND EMBODIED ABDUCTIVE PROCESSES.

DUCATTI, Gabriel Engel (UNESP-Marília), Brasil.

CONCEITO DE PÓS-VERDADE À LUZ DA FILOSOFIA NEOPRAGMATISTA.

THE CONCEPT OF POST-TRUTH IN THE LIGHT OF NEOPRAGMATIST PHILOSOPHY.

ELEUTÉRIO, Felipe; BROENS, Mariana Claudia (UNESP - CNPq – FAPESP), Brasil.

IDENTIDADE PESSOAL E COMPUTAÇÃO VESTÍVEL: REFLEXÕES ACERCA DA DICOTOMIA APARÊNCIA/REALIDADE.

PERSONAL IDENTITY AND WEARABLE COMPUTING: REFLECTIONS UPON THE APPEARANCE/REALITY DICHOTOMY.

FERREIRA, Sabrina Balthazar Ramos (UNESP – Marília), Brasil.

EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO: UMA POSSÍVEL CONEXÃO ENTRE A ABORDAGEM ECOLÓGICA E A SEMIÓTICA PEIRCIANA.

EXPERIENCE AND PERCEPTION: A POSSIBLE CONNECTION BETWEEN THE ECOLOGICAL APPROACH AND PEIRCEAN SEMIOTICS.

GOMES, Ana Paula de C.; BROENS, Mariana C.; POLETTTO, Leonardo Queiroz A. (UNESP – CNPq – FAPESP), Brasil.

A CONCEPÇÃO DE FIXAÇÃO DA CRENÇA PROPOSTA POR C. S. PEIRCE NO CONTEXTO DAS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS.

THE FIXATION OF BELIEF CONCEPTION PROPOSED BY C. S. PEIRCE IN NEW DIGITAL MEDIA CONTEXT.

15:30-16:30 [3:30pm -4:30pm]	MOURÃO, Joaquim Felipe (UNESP - Marília), Brasil. O PRAGMATISMO E O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL. <i>THE PRAGMATISM AND TEACHING OF PHILOSOPHY IN BRAZIL.</i>
	PASCOAL, Valdirene Aparecida; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici (UNESP – Marília, CNPq), Brasil. REFLEXÕES ACERCA DA INFORMAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADOR. <i>REFLECTIONS CONCERNING INFORMATION AS A TRANSFORMING AGENT.</i>
	RODRIGUES, Emanuely Nakaryn; LIMA, Júlia Rodrigues de; BROENS, Mariana C. (UNESP – CNPq; FAPESP), Brasil. POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA DE PEIRCE PARA O PROBLEMA DA IDENTIDADE PESSOAL NO ÂMBITO DA IDENTIDADE DE GÊNERO. <i>POSSIBLE CONTRIBUTIONS OF PEIRCE SEMIOTICS TO THE PROBLEM OF PERSONAL IDENTITY IN THE CONTEXT OF GENDER IDENTITY.</i>
	SILVA, Camila da Cruz (UNESP - Marília), Brasil. UMA POSSÍVEL ABORDAGEM PRAGMÁTICA DA ESTÉTICA DE DENIS DIDEROT. <i>A POSSIBLE PRAGMATIC APPROACH FROM DIDEROT'S AESTHETIC.</i>
	SIMÃO, Luciano Lourenço (UNESP - Marília), Brasil. A SURDOCEGUEIRA E A DINÂMICA SEMIÓTICA. <i>THE DEAFBLINDNESS AND THE SEMIOTIC DYNAMIC.</i>
	SOUZA, Edna Alves de; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici (UNESP- Marília/PNPD- CAPES), Brasil. SIGNO E INFORMAÇÃO. <i>SIGN AND INFORMATION.</i>
	SOUZA, Renata Silva; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici (UNESP - Marília), Brasil. HÁBITOS E PRÁTICAS CORPORAIS CONSTITUTIVAS DA IDENTIDADE PESSOAL: O CUIDADO DE SI NO CONTEXTO DAS HIPÓTESES DO PRAGMATISMO. <i>HABITS AND BODY PRACTICES CONSTITUTIVE OF PERSONAL IDENTITY: SELF-CARE IN THE CONTEXT OF PRAGMATISM'S HYPOTHESES.</i>
	TAVARES, Bárbara Linda (UNESP), Brasil. IMPLICAÇÕES DO BIG DATA NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO. <i>IMPLICATIONS OF BIG DATA IN THE SHAPING OF HUMAN THOUGHT.</i>



RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS
[MAIN LECTURES ABSTRACTS]



AYDIN, Ciano

University of Twente – Holanda

WORLD ORIENTED SELF-FORMATION: POSTPHENOMENOLOGY MEETS PEIRCEAN PRAGMATISM

Postphenomenology combines nonessentialist and nonfoundational pragmatism with a focus on how actual technologies mediate not only experiences of the world but also of ourselves. Concepts like 'mediation,' 'multistability,' and 'technological intentionality' give some suggestions for developing a nonessentialist account of the self but do not provide the necessary, basic structures for this alternative framework. In this paper I propose that the phenomenological categories of Charles S. Peirce – the American scientist and philosopher who coined the notion 'pragmatism' – might offer this general framework. Peirce discovers that in our encounters with the world we always and necessarily have to adopt or presuppose three categories, which he simply calls the categories of Firstness, Secondness, and Thirdness. Firstness indicates that the self is fundamentally characterized by indeterminateness. Secondness implies that the self can only manifest itself by virtue of its interactions. Thirdness refers to a certain orientation, goal or ideal by virtue of which the self can govern and regulate its interactions. From this perspective the self is not an a priori given entity but can only form itself (which is a normative challenge) by imparting a particular form to its never completely fixed multiplicity of interactions. Peirce's categories not only account for variabilities (multistability) but also for relative durability (stability) in the self and its relations to the world. Peirce's nonsubjective approach argues for continuity between the 'grammar of our thinking' and the 'grammar of things' and attempts to secure world oriented self-formation. In his critique of what he calls nominalists, Peirce states "that our thinking only apprehends and does not create thought, and that that thought may and does as much govern outward things as it does our thinking" (Collected Papers I.27). Technical mediation theory can contribute to this framework that interactions with the world, as well as the goals and ideals that give orientation and enable self-formation are mediated by concrete technologies. In this context both the questions of whether we can form ourselves and how we ought to form ourselves will be addressed.

A AUTOFORMAÇÃO ORIENTADA PARA O MUNDO: A PÓS-FENOMENOLOGIA ENCONTRA O PRAGMATISMO DE PEIRCE

A pós-fenomenologia combina o pragmatismo não essencialista e não fundacional com um foco sobre como as tecnologias reais mediam não só as experiências do mundo, mas também as de nós mesmos. Conceitos como "mediação", "multi-estabilidade" e "intencionalidade tecnológica" dão algumas sugestões para desenvolver uma abordagem não essencialista do self, mas não fornecem as estruturas básicas necessárias para esse enquadramento alternativo. Neste artigo,

proponho que as categorias fenomenológicas de Charles S. Peirce - o cientista e filósofo estadunidense que cunhou a noção de “pragmatismo” - poderiam oferecer esse enquadramento geral. Peirce descobre que nos nossos encontros com o mundo nós sempre e necessariamente temos de adotar ou pressupor três categorias, as quais ele chama simplesmente de categorias da Primeiridade, da Segundidade e da Terceiridade. A Primeiridade indica que o self é caracterizado essencialmente pela indeterminação. A Segundidade implica que o self só pode se manifestar em virtude de suas interações. A Terceiridade refere-se a certa orientação, objetivo ou ideal em virtude do qual o self pode dominar e regular suas interações. Dessa perspectiva, o self não é uma entidade dada a priori, mas só consegue se formar (desafio este, aliás, normativo) ao impor uma forma particular à sua multiplicidade de interações, nunca completamente fixada. As categorias de Peirce não só explicam as variabilidades (a multi-estabilidade), mas também a durabilidade relativa (a estabilidade) no self e nas suas relações com o mundo. A maneira não subjetiva de Peirce entender esse problema é um argumento em favor da continuidade entre a “gramática de nosso pensamento” e a “gramática das coisas”, uma tentativa de dar bases seguras para a autoformação orientada ao mundo. Na sua crítica aos que chama de nominalistas, Peirce declara que “nosso pensamento só apreende, e não cria, o pensamento; e o pensamento pode regular as coisas externas tanto quanto o nosso pensar, e de fato o faz” (CP 1.27). A teoria da mediação técnica pode contribuir para essa estruturação que interage com o mundo, bem como para os objetivos e ideais que provêm orientação e possibilitam que a autoformação seja mediada por tecnologias concretas. Nesse contexto, duas questões, a saber, se podemos nos formar e como devemos nos formar, serão tratadas.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

COLAPIETRO, Vincent

Penn State University – USA

PEIRCE AS READER AND READING AS REVERIE

C. S. Peirce possessed the soul of a humanist scholar and the passion of an experimental scientist. There is no contradiction or necessarily any tension between these two facets of his intellectual persona. The experimentalist side however tends to eclipse, even in Peirce's own self-understanding (perhaps especially here), the other side. His devotion to learning and love of books was as deep as his passion of inquiry, his desire to find out. We often overlook the obvious, not because it is unimportant but because it is obvious. Peirce arguably did so with respect to reading, first, in his own case and, second, in the case of this activity being integral to inquiry as his life exemplified his

devotion to discovery. Accordingly, it is instructive to portray Peirce as a reader and to investigate, using some of the sources provided by his writings, the activity of reading. As he would have done were he alive today, however, theorists who have taken up the topic of reading, members of the community of inquirers. Writing about Peirce is most Peircean when it situates him in an ongoing investigation, the later stages of which he would have appreciated but could not have known. He is our contemporary in part because we can make our contemporaries his co-inquirers and interlocutors. When we do so, the power, fecundity, and relevance of his thought becomes more manifest than otherwise. In conjunction with Georges Poulet, I will sketch a Peircean phenomenology of reading; and. In connection with Elaine Scarry, I will unfold the thesis that reading is a form of reverie.

PEIRCE COMO UM LEITOR E A LEITURA COMO DEVANEIO

C. S. Peirce tinha alma de estudioso humanista e paixão de cientista experimental. Não há contradição nem necessariamente tensão alguma entre essas duas facetas de sua personalidade intelectual. O lado experimentalista, porém, tende a eclipsar mesmo a própria autocompreensão que Peirce tinha de seu outro lado (talvez principalmente essa autocompreensão). Sua devoção por aprender e seu amor aos livros eram tão profundos quanto sua paixão pela investigação, seu desejo de descobrir. Frequentemente negligenciamos o óbvio, não porque seja desimportante, mas porque é óbvio. É possível dizer que Peirce também negligenciava o óbvio no que toca à leitura, primeiro, no seu próprio caso, e, segundo, no caso de sua atividade ser essencial à investigação como sua vida exemplificava sua devoção à descoberta. De acordo com isso, é instrutivo retratar Peirce como leitor e investigar a atividade da leitura, usando alguns dos recursos dados por seus escritos. Como aliás ele mesmo o faria, se fosse ainda vivo, investigando com os teóricos que estudam o tópico da leitura, membros da comunidade de investigadores. O ato de escrever sobre Peirce é tanto mais peirciano quanto mais o situarmos numa investigação contínua, cujos últimos estágios ele teria apreciado, mas não poderia ter conhecido. Ele é nosso contemporâneo em parte porque podemos fazer de nossos contemporâneos seus co-investigadores e interlocutores. Quando o fazemos, a força, a fecundidade e a relevância de seu pensamento torna-se mais evidente do que de outra forma. Junto com Georges Poulet, esboçarei uma fenomenologia peirciana da leitura; e, junto com Elaine Scarry, desdobrarei a tese de que ler é uma forma de devaneio.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

DI GREGORI, María Cristina

Universidad Nacional de La Plata – Argentina

CREATIVE IMAGINATION AND CREATIVITY

For a long time, the idea of creativity has been described as a novel product which produces an impact on the world, which is disruptive regarding what is known, and which is generated based on causes that refer to mysterious and indescribable forces; in John Dewey's words, it is the result of some sort of spasmodic magic. In fact, even today, for many people creativity is some sort of strange capacity that is present in a few individuals, revealing the survival of an idea of romantic creativity, associated with the inspiration provided by the muses, or other similar entities. However, it is important to mention that towards the mid-twentieth century creativity started to earn recognition mainly in the field of psychology, as a phenomenon which may be scientifically studied. Since a few decades ago, the studies on creativity have emerged and developed in several disciplines, including the contributions of philosophy. We have argued before that, in this context, both Peirce and Dewey's ideas on human creativity were premonitory in many ways. They discussed a neglected issue in the history of philosophy from a perspective that avoids every mysterious or indescribable connotation. In this regard, we agree with Hans Joas in that it is precisely the critic to cartesianism initiated by Charles Peirce the one which enables this movement to be considered as a key antecedent to reformulate a theory of alternative creativity. Thus, his criticism of the emancipatory claims of the thinking self, his defence of the real doubt and the attachment of cognition in the problematic situations of the ordinary life initiated by Peirce were the starting points for the developments of William James and John Dewey. In this paper, we want to explore some central aspects of Dewey's conception of creativity, debtor to a large extent of the practical conception of the dense theory of John Dewey's experience. We support that the experience understood as a transforming action constitutes the substratum of any creative process, either in the context of scientific research, in the artistic creation or in the mere course of our daily life. The derivations from these theoretical notions imply from the beginning a criticism of the traditional idea of creativity. Following Vincent Colapietro, we could now argue that the role of creativity is pluralized and historicized, and that it no longer makes sense to locate creativity on an isolated individual. The individual himself is a constituted being, centered and situated. Conscience, ingenuity, creativity and other characteristics that we attribute to creative agents are always, to some extent, functions of a historical, cultural situation, albeit non deterministic, as Colapietro remarks. In this context, we will analyse a specific and fundamental conceptual issue to move forward in the elucidation of the problem, that is, the strong relationship and also the differentiation that Dewey suggests between the creative imagination –the imagination associated with those processes in which the meaning of what is imagined becomes expressed– and the creativity understood as a product, being the result of a

process that transforms to varying degrees the human environment. We will examine the concept that states that the requirement of transformation by degrees is inherent in the concept of creativity in Dewey's work. This assertion contradicts some of the current interesting positions according to which the concept of creativity must be restricted to the processes carried out by creative individuals, preserving the terms "novelty" or "innovation" for the actually transformative products.

IMAGINAÇÃO CRIATIVA E CRIATIVIDADE

Durante muito tempo a ideia de criatividade foi descrita em termos de um novo produto que impacta o mundo, que é disruptivo em relação ao conhecido e que é gerado com base nas causas que remetem a poderes de índole misteriosa e indescritível; conforme as palavras de John Dewey é o resultado de alguma forma de magia espasmódica. Com efeito, ainda hoje, para muitas pessoas, a criatividade é uma forma estranha de capacidade, que está presente em alguns poucos indivíduos, evidenciando a sobrevivência de uma ideia de criatividade de viés romântico, associado à inspiração proporcionada pelas musas, ou outras entidades similares. Entretanto, é importante mencionar que, em meados do século XX, a criatividade começou a ser reconhecida, principalmente no campo da psicologia, como um fenômeno suscetível de ser estudado cientificamente. Há algumas décadas os estudos sobre a criatividade surgiram e se desenvolveram em diversas disciplinas, incluindo os aportes da filosofia. Defendemos anteriormente que neste contexto, as ideias, tanto de Peirce como de Dewey, sobre a criatividade humana foram premonitórias em vários sentidos. Eles abordaram um tema ignorado na história da filosofia e o fizeram numa perspectiva que evita toda conotação misteriosa ou indescritível. A esse respeito, coincidimos com Hans Joas ao afirmar que a crítica ao cartesianismo inaugurada por Charles Peirce permite que esta corrente se torne um antecedente-chave para formular uma teoria alternativa da criatividade. Assim, sua crítica às reclamações emancipatórias do eu pensante, sua defesa da dúvida real e a ancoragem da cognição nas situações problemáticas da vida cotidiana inauguradas por Peirce, foram o ponto de partida para os desenvolvimentos de William James e John Dewey, com todas as suas coincidências e diferenças. Nesta comunicação propomos explorar alguns pontos centrais da concepção deweyana de criatividade, devedora em grande medida da concepção prática da densa teoria da experiência de John Dewey. Defendemos que a experiência entendida como ação transformadora constitui o substrato de todo processo criativo, seja no contexto da investigação científica, da criação artística, ou no mero transcurso de nossa vida cotidiana. As derivações destes compromissos teóricos implicam, desde o início, uma crítica à ideia tradicional de criatividade. Seguindo Vincent Colapietro poderíamos dizer que agora o lugar da criatividade é plural e está historicizado, e ademais já não tem sentido localizar a criatividade

num sujeito isolado. O mesmo sujeito é um ser constituído, localizado, situado. A consciência, o engenho, a criatividade e outras características que atribuímos aos agentes criativos são sempre, em alguma medida, funções de uma situação cultural histórica, embora, como adverte Colapietro, não determinista. Neste contexto, analisaremos uma questão conceitual específica e central para avançar no esclarecimento do problema, qual seja, a forte relação e também a diferenciação que Dewey sugere entre a imaginação criativa - vinculada àqueles processos em que o significado do que é imaginado se torna expresso - e a criatividade entendida como um produto, resultado de um processo que transforma em maior ou menor grau o ambiente humano. Examinaremos a ideia segundo a qual o requisito de transformação segundo graus é inerente ao conceito de criatividade no sentido forte na obra de Dewey. Tal afirmação contradiz algumas das interessantes posições atuais segundo as quais se deve restringir o conceito de criatividade aos processos realizados pelos indivíduos criativos, reservando a qualificação de “novidade” ou “inovação” para os produtos efetivamente transformadores.

Tradução [Translation]: Maria Alejandra Madi

D’OTTAVIANO, Itala M. Loffredo

Unicamp, Brasil

CONTRADICTION, CONSISTENCY AND THE PARAconsistent PERSPECTIVE IN THE WESTERN THOUGHT: FROM HERACLITUS TO NEWTON DA COSTA

A logic is paraconsistent if it can be used as the underlying logic to inconsistent but non-trivial theories, which are called paraconsistent theories. In this presentation I will outline a historical analysis on the creation and development of paraconsistent logic, looking for characterizing how a paraconsistent perspective was properly constituted and how principles, rules and logical systems begin to express distinct concepts of paraconsistency. By analyzing the historical precedents of paraconsistent logic before the 20th century, we can identify some unanswered questions: (1) What ideas were proposed and debated with regard to consistency in that period of the history of formal logic? (2) Did such ideas influence later logical theories? (3) Was there knowledge of logical rules and principles which allowed, in some contexts, for inconsistency to be dealt without trivialization? (4) If such principles were known, how were these proto-principles stated, and in what way can they be related to the logical paraconsistent results and rules known today?

CONTRADIÇÃO, CONSISTÊNCIA E A PERSPECTIVA PARAconsistentE NO PENSAMENTO OCIDENTAL: DE HERÁCLITO A NEWTON DA COSTA

Uma lógica é paraconsistente se puder ser usada como lógica subjacente a teorias inconsistentes, mas não triviais, as quais são chamadas teorias

paraconsistentes. Nesta apresentação, delinearei uma análise histórica da criação e do desenvolvimento da lógica paraconsistente, buscando caracterizar como uma perspectiva paraconsistente se constituiu propriamente, e como princípios, regras e sistemas gerais começaram a exprimir conceitos distintos de paraconsistência. Analisando os precedentes históricos da lógica paraconsistente antes do século XX, podemos identificar algumas questões ainda sem resposta: (1) Que ideias foram propostas e debatidas a respeito da consistência no período em questão da história da lógica formal? (2) Essas ideias influenciaram teorias lógicas posteriores? (3) Havia conhecimento de regras e princípios lógicos que permitiram, em alguns contextos, lidar com a paraconsistência sem trivialização? (4) Se tais princípios fossem conhecidos, como seriam expressos esses proto-princípios, e de que maneira eles podem ser relacionados com os resultados e as regras lógicas paraconsistentes conhecidos hoje?

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

INNIS, Robert

University of Massachusetts Lowell, Aalborg University – USA

PRAGMATISM AND THE LANGUAGE ANIMAL

Peirce famously wrote that all thought is in signs and that whenever we think we have some sign-configuration or sign-complex that functions as the indispensable foundation of our ability to make sense of our experience, which is itself a 'play of signs.' He goes even further with his famous image of the inkstand as something that he could no more think without than he could think without his organic brain. The inkstand is an embodied tool of mind just as any sign, no matter what its modality, is itself a form of embodiment, semiotic embodiment. Dewey in Experience and Nature, called language the tool of tool, the nourishing mother of all significance. And in his 1938 Logic, in the chapter on the 'Cultural Matrix of Inquiry,' he extended the idea of language to a wide range of supports of inquiry. The point of inquiry is to articulate, by re-construction and re-construing, the structures of 'problematic situations' and not just to grasp but to constitute their variformed significances. Jamesian pragmatism, however, was leery of language in that James thought that it takes us too far away from the flux and richness of the experiential streams of our lives. Paradoxically, his own fine-grained phenomenology of experience was accomplished through the construction of a nuanced and complex descriptive web that in fact led us to experience and not to set of abstract labels. Mead's dialogical approach to the significant gesture foregrounded the matrix in which the self arises in the back and forth of attentiveness to the other and to shared experiences in processes of semiotic exchange, especially the enabling exchange effected by the paradigmatic form of language. In light of the primacy of

meaning and of language in the broadest sense, pragmatism is concerned to delineate the contours of the 'semiotic or language animal' and the systems of supports upon which it relies to realize itself and its comprehension of the world, but without falling into a logocentric position in the strict sense. The goal of my lecture, however, is not to trace the linkages between these figures of the pragmatist tradition with respect to the role of language as a distinct semiotic form. It is rather to reflect, against the background of pragmatism, on the central theses of Charles Taylor's *The Language Animal: The Full Shape of the Human Linguistic Capacity*, which develops and defends a position, rooted in the German Romantics, Hamann, Herder, and Humboldt, that is totally consonant with the central core pragmatist approaches to language, but except for a glance at Mead, with no advertence to pragmatism. I want to indicate the substantial overlaps between Taylor's wonderful arguments, bolstered by a rich appropriation of empirical and philosophical materials beyond his original sources, and sketch how they could be enriched even more by attending to pragmatist concepts and concerns. At the same time, I also want to show that the pragmatist approach to language can itself be situated within and enriched by the rich analytical tools and conceptual resources put to use and exploited so profitably by Taylor's open-ended effort, resources derived from different traditions that also affirm the fundamentally constitutive and not merely designative role of language in the broadest sense in determining our complex of modes of being-in-the-world. Their common insight, with profound consequences, is that we are first and foremost in language rather than that language is in us.

PRAGMATISMO E THE LANGUAGE ANIMAL

São famosas as declarações feitas por Peirce de que todo pensamento se dá em signos e sempre que pensamos temos alguma configuração signíca ou complexo signíco funcionando como o fundamento indispensável de nossa capacidade de dar sentido à experiência, a qual é ela mesma um "jogo de signos". Ele ainda vai mais longe com uma metáfora famosa: se não seria capaz de pensar sem um cérebro orgânico, da mesma maneira não seria capaz de pensar sem um tinteiro. O tinteiro é uma ferramenta da mente, uma sua corporificação assim como qualquer outro signo. Independente de qual sua modalidade, é uma forma de corporificação, incorporamento semiótico. Dewey, em *Experiência e Natureza*, chamou a linguagem de ferramenta das ferramentas, a mãe alimentadora de toda significação. Além disso, na sua *Lógica* de 1938, no capítulo "A matriz cultural da investigação", ele expandiu a ideia de linguagem para um amplo leque de suportes de investigação. A investigação almeja articular, re-construindo e sempre re-construindo, as estruturas de "situações problemáticas", e não apenas compreender, mas constituir suas significações multiformes. O pragmatismo de James, contudo, desconfiava da linguagem, pois James pensava que a linguagem

nos leva longe demais do fluxo e da riqueza das experiências correntes de nossas vidas. Paradoxalmente, sua fina fenomenologia da experiência foi realizada pela construção de uma complexa e nuancada teia descritiva, a qual, de fato, levamos à experiência, e não a um conjunto de rótulos abstratos. Mead propõe uma abordagem dialógica do gesto significativo, re-contextualizando a matriz em que o self emerge na ação mutuamente responsiva ao outro e às experiências compartilhadas nos processos semióticos de troca, principalmente o fato de que a troca é possibilitada efetivamente pela forma de linguagem paradigmática. À luz do primado do significado e da linguagem, em sentido amplo, o pragmatismo preocupa-se em delinear os contornos da “linguagem ou semótica animal” e dos sistemas de suportes sobre os quais ela se esteia para se concretizar e à sua compreensão do mundo. O pragmatismo evita, contudo, cair num logocentrismo em sentido rigoroso. O nosso objetivo, porém, não é traçar as ligações entre essas figuras da tradição pragmatista, relativamente ao papel da linguagem como uma forma semiótica distinta. Antes, trata-se aqui de refletir sobre as teses centrais do livro de Charles Taylor, *The Language Animal: The full shape of human linguistic capacity*, contra o pano de fundo do pragmatismo. O livro desenvolve e defende uma posição, cujas raízes remontam aos românticos alemães Hamann, Herder e Humboldt, que é totalmente consoante às abordagens pragmatistas centrais da linguagem, sem qualquer réproba ao pragmatismo, exceto, porém, por uma menção a Mead. Pretendo indicar as sobreposições substantivas entre os maravilhosos argumentos de Taylor, reforçados por uma rica apropriação de material empírico e filosófico que está além de suas fontes originais, e esboçar como esses argumentos poderiam ser enriquecidos ainda mais se atenção for dada a conceitos e preocupações pragmatistas. Ao mesmo tempo, também quero mostrar que a abordagem pragmatista da linguagem pode ela mesma ser situada no contexto das ferramentas e recursos conceituais usados e explorados tão proficuamente pelo esforço ilimitado de Taylor, bem como ser enriquecida por esse contexto. Esses recursos são originários de diferentes tradições que também afirmam o papel constitutivo, e não apenas referencial, da linguagem, no sentido mais amplo possível, na determinação de nossos complexos modos de ser-no-mundo. Há, aqui, a compreensão comum, de profundas consequências, de que primeiramente e antes de tudo somos nós que estamos na linguagem e não a linguagem que está em nós.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

LANFREDINI, Roberta

Università delle Studi di Firenze – Italia

PRAGMATISM AND PHENOMENOLOGY: RADICAL EMPIRICISM IN HUSSERL AND JAMES

Both the phenomenology of Husserl and the pragmatist phenomenology of James can be categorized by the formula “radical empiricism”, which is explicit in James and implicit, but no less pervasive, in Husserl. For both of them, radical empiricism is additionally conjoined with an equally radical anti-psychologism. The problem is that the two terms “radical empiricism” and “anti-psychologism” take on a radically different meaning in the two authors. This essay aims to investigate the structural differences between two perspectives which, while following completely different courses, seem to share the same objective: to elaborate a philosophy which at no point moves away from the experiential plane.

PRAGMATISMO E FENOMENOLOGIA: EMPIRISMO RADICAL EM HUSSERL E JAMES

Tanto a fenomenologia de Husserl quanto a fenomenologia pragmatista de James podem ser categorizadas pela fórmula “empirismo radical”, explícita em James e implícita, mas não tão difundida, em Husserl. Para ambos, o empirismo radical também está ligado a um radical anti-psicologismo. O problema é que as duas expressões - “empirismo radical” e “anti-psicologismo” - assumem um sentido radicalmente diferente nos dois autores. Este ensaio busca investigar as diferenças estruturais entre as duas perspectivas, as quais, embora sigam trajetórias completamente diferentes, parecem partilhar o mesmo objetivo: elaborar uma filosofia que em ponto algum se distancia do plano experimental.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

LISZKA, James Jakób

University of Alaska Anchorage, EUA

PEIRCE’S SCIENCE OF ESTHETICS AS THE STUDY OF ENDS

Peirce considered his esthetics to be one of a trio of normative sciences. Ostensibly, the sciences of logic, ethics and esthetics, would study the traditional norms of truth, goodness and beauty. Logic was normative in the sense that it studied how people ought to reason, if truth is to be the result. Similarly, ethics is the study of how we ought to conduct ourselves, if good is to happen. At the same time, Peirce seems to have difficulty fitting the study of the beautiful into this sort of normative framework. As Peirce says, esthetics was handicapped by its definition as a theory of beauty. Instead, Peirce sees

esthetics as bound up with a study of ends. Peirce argues that ends are essential to normative behavior, understood as the deliberate pursuit of a purpose, the latter serving to direct and correct the behavior. Ends may be ideals, ideas, standards, or goals. In this regard, the study of esthetics is bound up with what ought to be pursued. The key problem of the normative sciences is to discover which ends ought to be pursued. In Peirce's formative accounts, he seems to waver between assigning this task to ethics at times and esthetics otherwise. In some places, he argues that ethics defines the ends to be pursued and studies the summum bonum. On the other hand, esthetics is claimed to be the study of ideals, that which is objectively admirable, and the conditions of attractive and repulsive ideas. To that extent, Peirce claims in a number of places that the ethically good rests on a notion of the esthetically good, the morally good being a species of the esthetically good. Although Peirce notes his neglect of the study of esthetics, he does provide a preliminary study of ends, which prove to be instructive in getting a sense of what he counts as admirable to pursue. I argue that besides this positive esthetics, which identifies ends and the conditions which makes them worthy of pursuit, he also suggests a negative esthetics, one that is does not work backwards from the ideal to the means to achieve it, but sees ends as something that evolves forward as human endeavor attempts to correct those pursuits that have led to error and misdirection. Peirce's negative esthetics is modelled after the way in which he accounts for the ability of science to self-correct away from errant hypotheses to ones less subject to error, converging toward the truth. In the same way, the pursuit of ends is a matter of converging toward the right end through self-correction.

A CIÊNCIA DA ESTÉTICA COMO ESTUDO DOS FINS SEGUNDO PEIRCE

Peirce considerava sua estética como parte de um trio de ciências normativas. Aparentemente, as ciências da lógica, da ética e da estética estudariam as normas tradicionais da verdade, da bondade e da beleza. A lógica seria normativa no sentido de que estuda como as pessoas deveriam pensar, se a verdade for a meta. De maneira parecida, a ética é o estudo de como deveríamos nos conduzir, se o bem deve resultar. Ao mesmo tempo, Peirce parece ter dificuldades em situar o estudo da beleza nesse tipo de enquadramento normativo. Como ele diz, a estética ficava aleijada se definida como uma teoria da beleza. Em vez disso, ele a entende como um estudo dos fins. Sua argumentação é que os fins são essenciais ao comportamento normativo, entendido como a busca deliberada de um propósito, o qual serve para dirigir e corrigir o comportamento. Os fins podem ser ideais, ideias, padrões ou objetivos. Nesse sentido, o estudo da estética está ligado ao que deveria ser buscado. O problema central das ciências normativas é descobrir que fins deveriam ser perseguidos. Segundo a interpretação formativa de Peirce, ele parece oscilar entre atribuir essa tarefa às vezes à ética e às vezes à estética. Em certos lugares, ele defende que a ética define os fins a ser perseguidos e estudo

o *summum bonum*. Por outro lado, a estética é considerada o estudo dos ideais, do que é objetivamente admirável e das condições das ideias atrativas e repulsivas. Nessa medida, Peirce diz, muitas vezes, que o eticamente bom depende de uma noção do que é esteticamente bom, quer dizer, o que é eticamente bom é uma espécie do que é esteticamente bom. Embora reconheça ter negligenciado o estudo da estética durante a vida, ele dá um estudo preliminar dos fins que se mostra instrutivo para dar um sentido do que ele considera ser admirável de ser perseguido. Defendo que, além de sua estética positiva, que identifica os fins e as condições que os fazem dignos de ser buscados, Peirce também sugere uma estética negativa, a qual não funciona de trás para frente, quer dizer, do ideal aos meios para alcançá-los, mas entende os fins como algo que evolui para frente conforme o esforço humano tenta corrigir as buscas que levaram ao erro e a desvios de direção. A estética negativa de Peirce é modelada segundo a maneira como ele interpreta a capacidade da ciência para a autocorreção, descartando hipóteses equivocadas em favor de outras menos sujeitas ao erro, de modo a convergir para a verdade. Da mesma forma, a busca de fins é uma questão de convergir para o fim correto por meio da autocorreção.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

MESA REDONDA I [ROUNDTABLE I]

James and Dewey on Art, Aesthetics and Morals

[JAMES E DEWEY SOBRE ARTE, ESTÉTICA E MORAL]

VIALE, Claudio

CIJS-CONICET, UNLaR, Argentina

DEWEY'S ART AS EXPERIENCE: A CONTEMPORARY REASSESSMENT

Art as Experience (1934) indubitably was one of the most significant works written on aesthetics in the twenty century. In this talk I examine some of the book's central issues: the nature of aesthetic experience, the continuity between art and ordinary experience, the ineludible connection between aesthetic and history, etc. After that, I analyze some criticism those central issues have received. Finally, I present a contemporary reassessment of the main features of Dewey's aesthetics.

ART AS EXPERIENCE DE DEWEY: UMA REAVALIAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

Art as Experience (1934) foi indubitavelmente uma das obras mais importantes sobre estética escrita no século XX. Nesta fala, examino algumas das questões centrais do livro: a natureza da experiência estética, a continuidade entre arte e experiência comum, a ligação inevitável entre estética e história etc. Depois disso,

analisar algumas críticas recebidas por essas questões centrais. Por fim, apresento uma reavaliação contemporânea dos aspectos principais da estética de Dewey.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

CAMPEOTTO, Fabio

CONICET-UNLaR, Argentina

DEWEY'S AESTHETICS AND THE HISTORY OF ART: THREE EXAMPLES FROM THE LATE ANTIQUITY

The present work analyzes three of the most characteristic works of art of Late Antiquity, the statues of the Tetrarchs in Venice (295 A.D.), the arc of Constantine (315 A.D.) and the sarcophagus of Helena (327 A.D.), using John Dewey's aesthetics and his theory of history as conceptual tools. Particularly, the investigation revolves around two of the main themes of Dewey's thought: the presentism expressed mainly in his Logic (1938) from one side, and the concept of aesthetic experience, the key-point of Art as Experience (1934), from the other. The research attempts to demonstrate that a pragmatist approach is more fruitful than others (formalism, Marxism, etc.) in the historical and critical study of late antique art.

A ESTÉTICA DE DEWEY E A HISTÓRIA DA ARTE: TRÊS EXEMPLOS DA ANTIGUIDADE TARDIA.

O presente trabalho analisa três obras de arte da Antiguidade Tardia que estão entre as mais características do período: as estátuas dos Tetrarcas em Veneza (295 A.D.), o arco de Constantino (315 A.D.) e o sarcófago de Helena (327 A.D.), usando a estética de John Dewey e sua teoria da história como ferramentas conceituais. Particularmente, a investigação gira em torno de dois temas centrais no pensamento de Dewey: de um lado, o presentismo, expresso principalmente em sua Lógica (1938), e, de outro, o conceito de experiência estética, ponto-chave de Arte como experiência (1934). A pesquisa tenta demonstrar que uma abordagem pragmatista é mais frutífera do que outras (formalismo, marxismo etc.) no estudo histórico e crítico da arte da antiguidade tardia.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

JATUFF, José

UNLaR-UNC, Argentina

NOT ALL IS VANITY: WILLIAM JAMES AGAINST ERNEST RENAN

There is in James' work an explicit reaction against Renan's insincerity and vanity as dominant moral tone. The way in which James judges Renan, in particular, and the Latin

spirit, in general, is related to an early identification with the German spirit through his protestant background. Within this framework, we will see that to Renan's interior gnostic sensitivity, James opposes the objective moral of work through the figure of Carlyle. Since there exist an overt link between Carlyle and Calvinism, the component of Protestant ethics in James' proposal becomes manifested. Consequently, the purpose of this paper is to show that the strenuous mood as a characteristic of courage and manhood has a protestant tone.

NEM TUDO É VAIDADE: WILLIAM JAMES CONTRA ERNEST RENAN

Na obra de James, há uma reação explícita contra a falta de sinceridade e a vaidade de Renan como tom moral predominante. A maneira como James julga Renan, em particular, e o espírito latino, em geral, relaciona-se com uma precoce identificação com o espírito alemão, por via de sua formação protestante. Dentro desse quadro, veremos como James opõe à sensibilidade gnóstica interior de Renan a moral objetiva do trabalho, por via da figura de Carlyle. Já que existe um claro elo entre Carlyle e o calvinismo, o elemento de ética protestante na proposta de James torna-se evidente. Consequentemente, o propósito deste artigo é mostrar que há um tom protestante na disposição diligente que aparece como uma característica da coragem e da hombridade.

MESA REDONDA 2 [ROUNDTABLE 2]

ARAÚJO, Arthur

UFES, Brasil

CARVALHO, Marcelo

UNIFESP, Brasil

IBRI, Ivo Assad

PUC-SP, Brasil

PICH, Roberto Hofmeister

PUC-RS, Brasil

SOUZA, José Crisóstomo de

UFBa, Brasil

SEMIÓTICA E PRAGMATISMO: LINGUAGEM E REALIDADE

Seguindo o espírito do GT Semiótica e Pragmatismo da ANPOF, criado em 2016, o objetivo da mesa é estimular a interface filosófica e a afinidade teórica com diferentes domínios da História da Filosofia que envolvem questões

epistemológicas, linguagem, política, hermenêutica, arte, entre outros temas. A composição da mesa conta com a presença dos membros fundadores do GT Semiótica e Pragmatismo e representa uma agregação das diferentes pesquisas e campos teóricos em torno de um domínio de convergência filosófica. Os membros participantes da mesa terão a oportunidade de apresentar e debater seus respectivos trabalhos de pesquisa que espelham a diversidade e o pluralismo filosóficos em torno especificamente do binômio *Linguagem e Realidade*. É importante destacar que, de um lado, a inserção da mesa do GT Semiótica e Pragmatismo na programação do 17º Encontro Internacional sobre Pragmatismo amplia o escopo de um evento já consagrado na comunidade filosófica nacional e internacional, e, de outro, ela alavanca a sinergia com as atividades do recém-criado Grupo de Trabalho que teve sua primeira sessão extremamente bem-sucedida no XVII Encontro Nacional da ANPOF de setembro de 2016, em Aracaju-SE.

SEMIOTICS AND PRAGMATISM: LANGUAGE AND REALITY

According to the spirit of the ANPOF'S Semiotics and Pragmatism Work Group, created in 2016, the object of the roundtable is to stimulate the philosophical interface and the theoretical kinship with different domains of the History of Philosophy that involve epistemological issues, language, politics, hermeneutics, and art, among other themes. The composition of the roundtable includes the founding members of the Semiotics and Pragmatism WG and represents a gathering of the different research and theoretical fields around a domain of philosophical convergence. The members participating in the roundtable will have the opportunity of presenting and discussing their respective research work reflecting the philosophical diversity and pluralism around the specifically around the binomial Language and Reality. It must be stressed that, on the one hand, the insertion of the roundtable of GT Semiotics and Pragmatism in the program of the 17th International Meeting on Pragmatism, expands the scope of an event already established in the national and international philosophical community and, on the other hand, bolsters the synergies with the activities of the newly created Work Group which had its first extremely well succeed session held at the ANPOF XVII National Meeting on September 2016, in Aracaju-SE.



RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES
[COMMUNICATIONS ABSTRACTS]



ABRÃO, Jorge Antonio de M.; ROMANINI, Anderson Vinicius

Universidade de São Paulo, Brasil.

A INTERAÇÃO 2.0: O PRAGMATISMO E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO NO ESTUDO DE REDES SOCIAIS.

Neste trabalho, temos o intuito de estabelecer um debate sobre a interação nas redes sociais na atualidade utilizando as premissas básicas do Interacionismo Simbólico como propostos pelo pensador americano Herbert Blumer. A esse pilar teórico buscamos acrescentar conceitos do Pragmatismo de origem peirceana, pois acreditamos que este, além de se constituir uma das bases daquele, pode fornecer pistas importantes para um melhor entendimento das relações de significação no ambiente virtual. Partindo da noção de experiência como o resultado da interação entre os indivíduos e o ambiente que os cercam e considerando este um lugar importante de convergência do Interacionismo Simbólico com o Pragmatismo. Sendo a linguagem parte constituinte do mundo social devido a sua ação socializadora e no reconhecimento dos universos sociais nos quais os indivíduos e seus agrupamentos são formados, pois se constituem pela (inter)ação. E que a relação dos sujeitos com os objetos deve ser percebida no processo de interação, já que esses objetos pressupõem práticas sociais significativas, sendo aquilo que os signos denotam. E, ainda, que a produção de um universo social carregado de sentido, constitui-se por um processo de construção de objetos que possam ser reconhecidos pelo grupo por meio da interação social. Temos que a capacidade de produção de objetos dotados de sentido depende da capacidade de produção e de interpretação desses significados; da capacidade do indivíduo de estabelecer os limites dessas coisas, ou seja, definir os significados dos conceitos de forma clara. Procuramos mostrar em nossa reflexão como uma realidade pode ser criada e alterada pela linguagem e pela comunicação, a partir de processos de significação e interpretação, tais suposições encontram amparo dentro dos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social. Desse modo, reforça-se a ideia de ciberespaço como um espaço não somente de circulação de sentidos, mas, também, de produção destes devido seu potencial interativo, o que constitui “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos” (LEVY, 1998). Desse modo, voltamos nosso olhar às postagens e comentários presentes nos perfis do Facebook dos deputados Jean Wyllys (PSOL) e Jair Bolsonaro (PSC), buscando refletir sobre como os processos acima elencados se manifestam nesta rede social.

INTERACTION 2.0: PRAGMATISM AND SYMBOLIC INTERACTIONISM IN THE STUDY OF SOCIAL NETWORKS.

In this work, we intend to establish a debate about the interaction in social networks in nowadays using the basic premises of Symbolic Interactionism, as proposed by the American thinker Herbert Blumer. To this theoretical pillar, we add concepts of Pragmatism of Peircean origin, since we believe that, besides constituting one of the bases of the Symbolic Interactionism, can provide important clues for a better understanding of the relations of signification in the virtual environment. Starting from the notion of experience as the result of the interaction between individuals and the surroundings and considering this an important place of convergence of Symbolic Interactionism with Pragmatism. As language is a constituent part of the social world due to its action as socializer and in the recognition of the social universes in which individuals and their groupings are formed, since they are constituted by (inter) action. And the relation of subjects to objects must be perceived in the process of interaction, since these objects (objects what the signs denote) presuppose significant social practices. And yet, the production of a social universe that carries meaning is constituted by a process of building objects that can be recognized by the group through social interaction. We have that the capacity to produce objects provided with meanings depends on the capacity of production and interpretation of these meanings; of the ability to establish the limits of these things, that is, to define the meanings of concepts clearly. We seek to show in our reflection how reality can be created and altered by language and communication, from processes of signification and interpretation, such assumptions find support within the interactionist principles in which subjects act according to the meanings attributed to things and these can be modified and manipulated in social interaction. In this way, the idea of cyberspace is reinforced as a space not only for the circulation of the senses, but also for the production of these because of its interactive potential, which constitutes “a semiotic Earth without empire possible, open to all the winds of meaning, a shifting geography, close to the paradoxes, which surrounds and henceforth governs the Neolithic territories” (LEVY, 1998). Thus, we turn our gaze to the posts and comments in the Facebook profiles of the deputies Jean Wyllys (PSOL) and Jair Bolsonaro (PSC), pursuing to reflect on how the processes listed above manifest themselves in this social network.

ALBUQUERQUE, Gerson de Araújo Neto

Universidade Federal do Piauí, Brasil.

O REALISMO NO LIVRO TRACTATUS DE WITTGENSTEIN.

O objetivo deste trabalho é discutir a questão do realismo na obra *Tactatus Logico-Philosophicus* escrita pelo filósofo Luwig Wittgenstein. O realismo é uma

das questões fundamentais da epistemologia. O realismo é uma das respostas à questão: o que se conhece? Discutida por muitos filósofos e em diversas épocas, ainda, não se tem uma resposta que seja definitivamente aceita pelos filósofos. Wittgenstein é um dos filósofos mais importantes do século XX. Normalmente os estudiosos no pensamento de Wittgenstein dividem sua filosofia em dois períodos. O primeiro período é relacionado com o seu livro *Tractatus Logico-Philosophicus*. Este livro é escrito em forma de aforismas. Ao todo são sete aforismas que são divididos em itens explicativos deste aforismas. A organização da divisão de cada aforisma obedece uma sequência de explicação. O realismo afirma que a realidade existe independente do sujeito. No primeiro aforisma Wittgenstein afirma “O mundo é tudo que é o caso”. E no aforisma seguinte ele explica o que é o caso. Para ele, o caso é o estado de coisas. Para ele o mundo não é o somatório das coisas, mas sim a forma como como estas estão combinadas. Para Wittgenstein os homens vão fazendo afigurações deste estado de coisas. Ora, para ele a verdade é uma correspondência com este estado de coisas. Ele chega a estabelecer uma fórmula para a verdade. No aforisma seis ele apresenta esta fórmula. Sua teoria da figuração influenciou a escola filosófica conhecida como Círculo de Viena. Os membros desta escola, também conhecida como Positivismo Lógico, inicialmente comandadas por Moritz Schilck e após a morte deste por Rudolf Carnap, tinham o livro *Tractatus* como obra principal de discussão do grupo. Wittgenstein defende a existência do mundo, e inclusive, reflete como é possível a linguagem representar o mundo. Para ele esta possibilidade ocorre porque o mundo e a linguagem têm algo em comum que é a lógica. Ora, esta juntamente com a ideia da afiguração, é umas das ideias de Wittgenstein que reforçam a defesa do realismo na filosofia de Wittgenstein expressa no seu livro *Tractatus*. Wittgenstein publicou pouco em vida. Grande parte de seus escritos foram publicados após sua morte. Em vida Wittgenstein só publicou o *Tractatus*, um dicionário para ser aplicado nas escolas infantis e um artigo intitulado *Some remarks on logical form*. Obras como *a Investigações Filosóficas*, *Da Certeza*, *Gramática Filosófica* foram publicadas após sua morte. Este texto tem o objetivo de refletir a questão do realismo na obra *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein.

THE REALISM IN WITTGENSTEIN'S BOOK TRACTATUS.

The objective of this work is to discuss the realism issue in the work Tactatus Logico-Philosophicus written by the philosopher Luwig Wittgenstein. Realism is one of the fundamental questions of epistemology. Realism is one of the answers to the question: what is known? Discussed by many philosophers and at different times, yet, there is no answer that is definitely accepted by philosophers. Wittgenstein is one of the most important philosophers of the twentieth century. Usually scholars in Wittgenstein's

thinking divide his philosophy into two periods. The first period is related to his book *Tractatus Logico-Philosophicus*. This book is written in the form of aphorisms. In all, there are seven aphorisms which are divided into explanatory items of this aphorism. The organization of the division of each aphorism follows a sequence of explanations. Realism states that reality exists independently of the subject. In the first aphorism Wittgenstein states “The world is all that is the case”. And in the next aphorism he explains what the case is. For him, the case is the state of affairs. For him, the world is not the sum of things, but the way in which they are combined. For Wittgenstein men are making appearances of this state of affairs. Now for him the truth is a correspondence with this state of things. He even establishes a formula for truth. In the sixth aphorism he presents this formula. His theory of figuration influenced the philosophical school known as the Vienna Circle. The members of this school, also known as Logical Positivism, initially commanded by Moritz Schilck and after his death by Rudolf Carnap, had the book *Tractatus* as the main work of discussion of the group. Wittgenstein defends the existence of the world, and even reflects how it is possible for language to represent the world. For him this possibility occurs because the world and language have something in common that is logic. This proposition related to the idea of the appearance reinforce the defense of the realism in his philosophy, expressed at *Tractatus* books. Wittgenstein published little in life. Much of his writings were published after his death. In all lifetime Wittgenstein only published: the *Tractatus*, a dictionary to be applied in children’s schools, and an article entitled *Some Remarks On Logical Form*. Works such as *Philosophical Investigations*, *On Certainty*, *Philosophical Grammar* were published after his death. This text is intended to reflect the question of realism in Wittgenstein’s *Tractatus Logico-Philosophicus*.

ALMEIDA, Nazareno Eduardo de

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

UMA CONCEPÇÃO DE PLURALISMO ONTOLÓGICO EM BASES PEIRCIANAS.

Assumindo a caracterização da ontologia como uma teoria que propõe um sistema de categorias que pretende classificar as propriedades gerais que determinam o que e como são os objetos pertencentes ao mundo, tanto em sua totalidade quanto em alguma de suas partes, pode-se encontrar duas posições antagônicas sobre as múltiplas ontologias já propostas ou mesmo possíveis. De um lado, temos a hipótese mais tradicional segundo a qual haveria ou deveria haver uma ontologia fundamental da qual todas as demais seriam dependeriam. Tal posição pode ser chamada de ‘fundacionalismo ontológico’. De outro lado, dados os diversos problemas gerados por esta concepção tradicional, alguns filósofos adotaram explícita ou implicitamente outra posição segundo a qual todas as ontologias propostas ou possíveis poderiam ser aceitas, dada a ausência

de uma ontologia fundamental. Podemos chamar esta posição de 'relativismo ontológico'. Entre estas posições extremas, é possível defender uma posição mais razoável que podemos chamar de 'pluralismo ontológico'. Segundo esta posição, é possível admitir uma multiplicidade de ontologias igualmente válidas, desde que assumamos algumas teses filosóficas que evitam ambas as posições extremadas apontadas acima. Acredito que podemos encontrar e justificar estas teses na filosofia de Peirce. O primeiro aspecto da filosofia de Peirce que nos permite justificar o pluralismo consiste em sua visão semiótica dos sistemas de signos nos quais os sistemas categoriais são codificados. A semiótica de Peirce é a primeira teoria filosófica a levar a sério e a tentar explicar de modo rigoroso como os sistemas categoriais propostos por nós para entender e explicar o mundo que habitamos estão em constante evolução e aperfeiçoamento. Um segundo aspecto da filosofia de Peirce (intimamente ligado ao primeiro) adequado para fundamentar o pluralismo ontológico consiste em propor uma concepção pragmaticista da verdade, segundo a qual a definição clássica da verdade como correspondência não é descartada, mas colocada como um ideal regulador da atividade de categorização dos domínios de objetos do mundo. A verdade em sentido pragmaticista é a finalidade de nossas práticas conceituais e teóricas, as quais devem ser governadas pelo imperativo de construir a melhor explicação da realidade. Não obstante, em consonância com o falibilismo peirceano, estas mesmas práticas devem ao mesmo tempo admitir o caráter sempre revisável de todo sistema categorial, dada a finitude de nossas capacidades cognitivas. Entretanto, em termos peirceanos, esta finitude não deve ser tomada como um limite rígido e insuperável, mas como um limite sempre ampliável, devido aos possíveis aperfeiçoamentos futuros de nossos sistemas categoriais. Um terceiro aspecto mais controverso da filosofia de Peirce que nos permite justificar o pluralismo ontológico consiste em sua concepção da realidade como um contínuo dinâmico. De acordo com o synechismo peirceano, não poderíamos dividir a unidade da realidade em seu todo em unidades indivisíveis definitivas. Portanto, não haveria domínios de objetos no mundo completamente fixados. Nós podemos dividir o contínuo que constitui a realidade em si mesma de diversos modos e de acordo com diversos critérios: de acordo com as propriedades gerais assumidas como relevantes, de acordo com os fins explanatórios dos sistemas categoriais, de acordo com os problemas estabelecidos como demandando respostas em um sistema categorial, e assim por diante. Seja como for, a hipótese do pluralismo ontológico já seria suficientemente defensável apenas adotando a concepção dinâmica de sistema de signos e a concepção pragmaticista da verdade. A admissão da concepção da realidade como um contínuo poderia ser tomada como uma tese adicional que reforçaria a hipótese geral, mas ela não é absolutamente necessária para argumentar em favor do pluralismo ontológico em bases peirceanas.

A CONCEPTION OF ONTOLOGICAL PLURALISM ON PEIRCEAN BASES.

Assuming the characterization of ontology as a theory that proposes a system of categories intending to classify the general properties that determine what and how are the objects pertaining to the world, either in its totality or in some of its parts, we can find two antagonist positions concerning the multiplicity of ontologies already proposed or even possible. On one side, we have the more traditional hypothesis according to which there would or should be one fundamental ontology of which all others would depend on. We can call such a position 'ontological foundationalism'. On the other side, given the several problems engendered by this traditional conception, some authors, implicitly or explicitly, came to adopt the position according to which all the proposed or possible ontologies could be acceptable, given the absence of a fundamental ontology. We can call such a position 'ontological relativism'. Between these extremist positions, it is possible to defend a more reasonable one, which we can call 'ontological pluralism'. According to such a position, it is possible to admit a multiplicity of equally valid ontologies, provided we assume some philosophical theses that avoid at once the two extremist positions above indicated. I believe that we can find such theses in Peirce's philosophy. The first aspect of Peirce's philosophy that allows us justifying ontological pluralism consists in his semiotic conception of the sign systems in which the categorial systems are encoded. Peirce's semiotics is the first philosophical theory to take seriously and to attempt to give a rigorous explanation of how the sign systems proposed by us in order to understanding and explaining the world in which we inhabit are in constant evolution and enhancement. A second aspect of Peirce's philosophy (closely related to the first) suitable to ground the ontological pluralism consists in proposing a pragmatist conception of truth, according to which the classical definition of truth as correspondence is not ruled out, but is placed as a regulative ideal of our categorization activities of the object domains pertaining to the world. In the pragmatist sense, truth is the goal of our conceptual and theoretical practices, which must be governed by the imperative of constructing the best explanation of reality. Nonetheless, and in accordance with Peircean fallibilism, these same practices must at once admit the always-revisable character of every categorial system, given the finite nature of our cognitive capacities. Although, in Peircean terms, this finitude should not be taken as a rigid and unsurmountable limit, but as an always enlargeable one, due to the possible future enhancement of our categorial systems. A third and more controversial aspect of Peirce's philosophy that allows us justifying the ontological pluralism consists in his conception of reality as a dynamic continuum. According to Peirce's synechism, we could not divide the unity of reality as a whole in definitely indivisible unities. Hence, there would not be completely fixed object domains in the world. We can divide the continuum that constitutes reality itself in several ways and according to several criteria: according to the general properties assumed as relevant, according to the explanatory goals of the categorial systems, according to the problems

established as demanding a resolution in a given categorial system, and so on. Whatever, the ontological pluralist hypothesis would be already sufficiently defensible just adopting the dynamic conception of the sign systems and the pragmatist conception of truth. The admission of the conception of the reality as a continuum could be taken as an additional thesis that would reinforces the general hypothesis, but it is not absolutely necessary in order to arguing in favor of the ontological pluralism in Peircean bases.

ALMEIDA, Rodrigo Vieira de

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

PERSONALIDADE E PESSOA NO INTERIOR DA CONCEPÇÃO PEIRCIANA DE HOMEM.

Pode-se dizer que um dos temas mais marcantes e heurísticos que podem ser extraídos da filosofia peirciana é a sua concepção de *homem*, desafiadoramente contrária às abordagens subjetivistas, dualistas e nominalistas do tema que tanto marcaram, e porque não dizer, ainda marcam, a história da filosofia em geral. O presente texto pretende tecer algumas considerações acerca de uma importante, embora muitas vezes negligenciada, distinção operada por Peirce no interior da sua abordagem sinequista do homem, a saber, a distinção entre os conceitos de *personalidade* e *pessoa* e, paralelamente, mostrar porque essa distinção não se resolve meramente predicando a primeira como geral e a segunda como particular, sob a égide do problema do estatuto do individual em Peirce. Para realizar esse propósito, na primeira parte do texto analisaremos a definição peirciana da personalidade como *um tipo de coordenação ou conexão entre ideias* (Cf. W 8.154) a partir do fundamento ontológico que a justifica. Assim, a presença das três categorias peircianas, primeiridade, segundidade e terceiridade, tomadas como modos de ser da realidade, sob a ótica de sua metafísica científica, permitirá uma compreensão mais completa da unidade da personalidade enquanto feixe de hábitos coordenados de maneira teleológica e desenvolvimentista preconizada pelo autor. De outro lado, na segunda parte do texto, procuraremos explicitar, no espaço que nos for disponibilizado, porque apenas o fenômeno da personalidade, mesmo em sua persistência enquanto feixe de hábitos, não é suficiente para também explicar como alguém permanece sendo a mesma pessoa durante qualquer duração, independentemente das modificações que venha a sofrer. Surge, assim, a necessidade de se abordar como se dá a unidade da pessoa, distintamente da unidade da personalidade. Essa distinção acabará por revelar que o conceito de pessoa, em Peirce, implica na existência de uma unidade sucessiva de estados de consciência, que costuma ser expressa como “eu”, não podendo, justamente devido à essa característica, ser reduzido apenas ao seu componente individual, afeito à mera segundidade. Qual a natureza da unidade da pessoa e

como ela, tal como a unidade da personalidade, também se encontra devidamente assentada na ontologia realista/idealista de Peirce é o que buscaremos clarificar. Concluímos, enfim, que uma pessoa, considerada em sua realidade, é também um geral cujos hábitos coordenados, ou, em outros termos, cuja personalidade possui a possibilidade de se tornar cada vez mais autoconsciente e objetivamente autocontrolada durante o processo de representação infinita ao qual todo homem, símbolo real que é, está sujeito.

PERSONALITY AND PERSON IN THE PEIRCEAN CONCEPT OF MAN.

It can be said that one of the most striking and heuristic themes that can be drawn from Peirce's philosophy is his conception of man, defiantly opposed to the subjectivist, dualist and nominalist approaches to the theme that marked, and why not to say, still mark the history of philosophy in general. The present paper intends to make some considerations about an important, but often neglected, distinction made by Peirce within his synechist approach to man, namely, the distinction between the concepts of personality and person and, at the same time, showing why this distinction is not resolved merely by predicating the first as general and the second as particular, under the aegis of the problem of the status of the individual in Peirce. To accomplish this purpose, in the first part of the paper we will analyze the Peircean definition of personality as a kind of coordination or connection between ideas (cf. W 8. 154) from the ontological foundation that justifies it. Thus, the presence of the three Peircean categories, Firstness, Secondness and Thirdness, taken as modes of being of reality, from the standpoint of the author's scientific metaphysics, will allow a more complete understanding of the unity of the personality as a bundle of habits coordinated teleologically and developmentally. On the other hand, in the second part of the paper, we will try to make explicit, in the space that was available to us, why the phenomenon of personality alone, even in its persistence as a bundle of habits, is not enough to explain how one remains the same person during any duration, irrespective of the modifications it may suffer. Thus, arises the necessity to address how the unity of the person, distinct from the unity of the personality, occurs. This distinction will eventually reveal that the concept of person, in Peirce, implies the existence of a successive unit of states of consciousness, which is usually expressed as "I" and, precisely because of this characteristic, cannot be reduced only to its individual component, linked to the mere Secondness. What the nature of a person's unity is, and how it, as well as the unity of personality, is also properly based on Peirce's realist/idealist ontology, is what we will seek to clarify. We conclude, finally, that a person, considered in his reality, is also a general whose coordinated habits, or in other terms, whose personality possesses the possibility of becoming increasingly self-conscious and objectively self-controlled during the process of infinite representation to which every man, real symbol that he is, is subject.

BAGGIO, Renan

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

INFORMAÇÃO E SIGNIFICADO NO PRAGMATISMO DE PEIRCE: A PERSPECTIVA LÓGICA FORMAL DA INFORMAÇÃO À LUZ DE UMA CONCEPÇÃO TRIÁDICA DE SIGNIFICADO.

Nosso trabalho tem como objetivo apresentar, de acordo com os escritos deixados por Charles Sanders Peirce (1839 - 1914) em seus *Collected Papers*, uma análise triádica do conceito de significado (*meaning*) que se fundamenta nas categorias tal como expostas pelo pensador estadunidense e capaz de dar suporte teórico para vários dos temas discutidos pelo mesmo, principalmente àqueles referentes ao estudo da informação, tal como pretendemos abordar no presente texto. As razões gerais que nos levam a construir tal proposta centram-se na forma específica como o autor utiliza os termos *signification* e *meaning*, ambos traduzidos para o português como “significado”, mas que devem ser interpretados de maneira distinta. Ao longo do texto de Peirce, o uso de *signification* é relacionado às qualidades disponibilizadas pelo signo que se pretende interpretar, de modo que seu caráter é o da possibilidade lógica. O uso de *meaning* é requerido ao se tratar dos hábitos despertados pelo signo e a maneira como tal signo, no contexto trazido a tona pelo hábito, influencia na conduta de seu intérprete. Diante do exposto, há uma necessária diferenciação entre os dois termos que para a lógica de modo geral se mostra fundamental, por esse motivo usaremos “significação” para *signification* e restringiremos “significado” apenas para *meaning*. Ainda, é possível afirmar que há um elemento capaz de direcionar o intérprete das possibilidades levantadas pela significação à conduta fundamentada no feixe de hábitos desvelados pelo significado. Esse elemento que atua como vetor para a interpretação do signo diante da razoabilidade em relacionar certas qualidades a certos hábitos, dado um determinado estado de coisas, é chamado sentido (*sense*) por Peirce. Desse modo, a interpretação de um signo se dá diante de um processo triádico que envolve significação, sentido e significado. Uma vez apresentada a tríade do significado da maneira como a defendemos, analisaremos a aplicação da mesma diante de uma abordagem exclusivamente linguística na qual relacionamos os conceitos de *meaning* e *signification* aos de denotação e conotação, ou ainda extensão (*breadth*) e profundidade (*depth*), que diante de uma perspectiva Lógica Formal, são responsáveis pela emergência de informação. Pertencem à extensão do termo todos os elementos aos quais o predicado pode ser atribuído. A relação de denotação está diretamente ligada à forma do hábito que no signo é representado pelo significado, é ele o elemento que permite conotar, com base na significação, os existentes aos quais os símbolos se referem. Quanto ao elemento conotativo, podemos afirmar que pertencem à profundidade do termo

os elementos que podem ser predicáveis aos existentes, em outras palavras, trata-se das propriedades ou qualidades atribuíveis aos objetos reais e existentes. Essas qualidades são do domínio da significação e responsáveis pela emergência de informação diante da sua relação com a extensão, ou o significado do termo.

INFORMATION AND MEANING IN PEIRCE'S PRAGMATISM: THE FORMAL LOGIC PERSPECTIVE OF INFORMATION IN LIGHT OF A TRIADIC CONCEPTION OF MEANING.

Our work aims to present, according to the writings left by Charles Sanders Peirce (1839 - 1914) in his Collected Papers, a triadic analysis of the concept of meaning that is based on the categories as exposed by the American thinker and able to give theoretical support for several of the topics discussed by him, especially those related to the study of information, as we intend to address in this text. The general reasons that lead us to construct such a proposal center on the specific form as the author uses the terms signification and meaning, both translated into Portuguese as "meaning", but which must be interpreted in a different way. Throughout the text of Peirce the use of signification is related to the qualities made available by the sign that is meant to interpret, so that its character is that of the logical possibility. The use of meaning is required when dealing with the habits awakened by the sign and the way in which that sign, in the context brought about by habit, influences the conduct of its interpreter. In view of the above, there is a necessary differentiation between the two terms which for logic in general is fundamental. It is still possible to affirm that there is an element capable of directing the interpreter of the possibilities raised by signification to conduct based on the bundle of habits unveiled by meaning. This element that acts as a vector for the interpretation of the sign before reasonableness in relating certain qualities to certain habits given a certain state of things is called sense by Peirce. In this way, the interpretation of a sign occurs before a triadic process involving signification, sense and meaning. Once presented the triad of the meaning in the way we defend it, we will analyze the application of the same before an exclusively linguistic approach in which we relate the concepts of meaning and signification to those of denotation and connotation, or breadth and depth, which, from a Formal Logic perspective, are responsible for the emergence of information. All the elements to which the predicate can be attributed belong to the breadth of the term. The relation of denotation is directly connected to the form of habit which in the sign is represented by meaning, it is the element that allows to connote, on the basis of signification, the existing ones to which the symbols refer. As for the connotative element, we can affirm that the elements capable of being predictable to the existing ones belongs to the depth of the term. In other words, it is the properties or qualities attributable to real and existing objects. These qualities are in the domain of signification and responsible for the emergence of information before to its relation to the breadth or meaning of the term.

BALLABIO, Alessandro

Universidade Pedagógica Nacional; UnB, Colômbia; Brasil.

GENESIS OF THE CREATIVE EXPERIENCE IN C. S. PEIRCE.

The aim of this talk is to show the relationship between the perceptive experience and the reasoning of abduction in C. S. Peirce. I present abduction as a logical, practical and creative expression able to introduce a novelty in the realm of knowledge, through a system of graphical signs. First, I want to highlight that the perceived world is rather unknown to us and to show how abduction is grounded in the perceptive experience. Finally I present abduction as a critical creative gesture that freely disrupts and modifies the continual flow of the perceptive experience, and which is able to anticipate a new conceivable world. The Peircean notion of experience points out that an isolated and punctual sensory fact is inconceivable and that perception is thus constituted by three elements: (1) a perceived object, (2) its context which relationship is constituted by (3) an Interpretant. This one recognizes and establishes the reality of the relationship between the first two elements and beyond their opposition. It is clear that the peircean notion of experience is related with that of an interpretative and creative praxis, that is not limited to receiving or registering pre-constituted data passively. In this sense, abduction is that living logical habit which explains the perceived world as a particular case of a conceivable world, where a general rule or hypothesis is effective. I will present abduction as a reasoning that infers the cause from the effect, the antecedent from the consequent, the general order from an “extra-ordinary” and particular perceived fact. Finally, abduction is that reasoning that allows us to take a step back from the perceived object and that opens a distance and a space to reflect about the object. In short, abduction, as it contemplates the world, allows the emergence of the world as “world”. However, how does it do this? I will show that the abductive praxis is a gesture that grants a meaning to the world, making it into the materiality of a sign (e.g: word, draw, graph, etc.): it is a “re-creative” gesture of the world. And how does this “re-creation” of the world happen? Peirce makes the example of a line traced with a white chalk on a blackboard. The boundaries that define the sign are neither white nor black, nor both white and black, but they have the function of making the white appear white and the black appear black, as identical to themselves and different one another. In this sense the line on the blackboard is its own event and not its mere representation: it is a graph that makes the opposite elements of the relationship exist, putting them in relationship.

A GÊNESE DA EXPERIÊNCIA CRIATIVA EM C.S. PEIRCE.

O objetivo desta apresentação é mostrar a relação entre a experiência perceptiva e o raciocínio de abdução segundo C. S. Peirce. Apresento a abdução como uma expressão lógica, prática e criativa capaz de introduzir uma novidade no domínio do

conhecimento, por via de um sistema de signos gráficos. Primeiro, quero sublinhar que o mundo percebido é suficientemente desconhecido de nós e mostrar como a abdução fundamenta-se na experiência perceptiva. Por fim, apresento a abdução como um gesto crítico-criativo que interrompe livremente e modifica o fluxo contínuo da experiência perceptiva, sendo também capaz de antecipar um novo mundo concebível. A noção peirciana de experiência indica que um fato sensorio isolado e pontual é inconcebível e que a percepção é, assim, constituída por três elementos: (1) um objeto percebido; (2) seu contexto, cuja relação é constituída por (3) um Interpretante. Este reconhece e estabelece a realidade da relação entre os dois primeiros elementos e vai além de sua oposição. É claro que a noção peirciana de experiência relaciona-se com a de uma práxis interpretativa e criativa, quer dizer, não limitada a receber ou registrar passivamente dados pré-constituídos. Nesse sentido, a abdução é o hábito lógico vivo que explica o mundo percebido como caso particular de um mundo concebível, onde uma regra geral ou hipótese é efetiva. Apresentarei a abdução como um raciocínio que infere a causa do efeito, o antecedente do consequente, a ordem geral de um fato percebido “extra-ordinário” e particular. Finalmente, a abdução é o raciocínio que nos permite dar um passo atrás a partir do objeto percebido e com isso abre uma distância e um espaço para refletir acerca do objeto. Em suma, a abdução, conforme contempla o mundo, permite a emergência do mundo como “mundo”. Mas como ela faz isso? Mostrarei que a práxis abdutiva é um gesto que garante um significado ao mundo, fazendo-o dentro da materialidade de um signo (por exemplo: desenho, grafo etc.): é um gesto “re-criativo” do mundo. E como essa “re-criação” do mundo acontece? Peirce dá o exemplo de uma linha traçada com um giz branco sobre um quadro negro. As fronteiras que definem o signo não são nem negras nem brancas, mas têm a função de fazer o branco parecer branco e o negro parecer negro, como idênticos a si mesmos e diferentes um do outro. Nesse sentido, a linha no quadro negro é ela mesma um evento e não a representação: é um grafo que faz existirem os elementos da relação, pondo-os em relação.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

BOHN, Marcos Beck

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

ACASO EM PEIRCE É LIVRE-ARBÍTRIO EM BERGSON? CONSIDERAÇÕES SOBRE UM POSSÍVEL PARALELO ENTRE OS DOIS AUTORES.

Inserido em empreendimento que busca elaborar um paralelo entre os pensamentos de Peirce e Bergson, este artigo apresenta uma conjectura acerca da possível proximidade entre dois conceitos fundamentais à obra de ambos

autores, a saber, *acaso e livre-arbítrio*. A hipótese discutida considera que o acaso ontológico peirceano, propriedade do universo que é, quando projetado sobre o escopo da ação humana individual, pode se manifestar através daquilo que, no enfoque bergsoniano, constitui o livre-arbítrio. A correspondência aqui sugerida será investigada considerando cinco pontos, assim condensados: (1) o acaso dos fatos do mundo corresponde à ação livre na conduta humana – eventos cuja explicação retroativa, tanto no que tange ao universo como no que concerne ao sujeito, só é possível *a posteriori*; desse modo, a imprevisibilidade da ação humana, se exclusiva da humanidade, faria dela integrante único e deslocado em um mundo estranhamente determinista; (2) as qualidades, para Peirce, manifestam-se no mundo de forma múltipla, não isoladas; para Bergson, nossa percepção do mundo se dá através de múltiplos estados de consciência, sobrepostos uns aos outros e nos quais as qualidades que simultaneamente percebemos não são, portanto, separáveis umas das outras quando as percebemos; (3) enquanto para Peirce a qualidade pura se manifesta através daquilo em que está posta, para Bergson ela só pode ser verdadeiramente sentida quando o indivíduo se desvincula da projeção espacial e temporal da manifestação qualitativa – como se fazendo o percurso inverso da experiência peirceana de primeiridade genuína, que requer também, por sua vez, um desvincular da matéria para se tornar sentimento puro; (4) a experiência plena de primeiridade, conforme a descreve Peirce e que é geradora de um *hiato no tempo* cronológico do indivíduo, equivaleria ao que Bergson toma como experiência de *duração pura*, aquela em que o sujeito, deixando de contar o tempo, interrompe também o hábito de, ao mensurá-lo, involuntariamente projetá-lo sobre o espaço; (5) por outro lado, Bergson parece atribuir à consciência da mente que observa a existência de uma real continuidade temporal do espaço, o que estaria em profundo desacordo com o entendimento metafísico do *continuum* peirceano.

DOES THE CONCEPT OF CHANCE IN PEIRCE CORRESPOND TO THE CONCEPT OF FREE WILL IN BERGSON? CONSIDERATIONS ABOUT A POSSIBLE PARALLEL BETWEEN THE TWO AUTHORS.

As part of an undertaking that intends to draw a parallel between Peirce and Bergson's thoughts, this article presents a conjecture about the possible proximity between two fundamental concepts to the work of both authors, namely, chance and free will. The hypothesis discussed considers that Peircean ontological chance, property of the universe that it is, when projected on the scope of individual human action, can manifest itself through what, in the Bergsonian approach, constitutes free will. The correspondence here suggested will be investigated through five points: (1) Chance as to facts of the world corresponds to free action in human conduct – events whose retroactive explanation, as far as both the universe and the subject are concerned,

is only possible a posteriori; hence, the unpredictability of human action, if exclusive to mankind, would make of it an unique and out of place member within a strangely deterministic world; (2) qualities, for Peirce, manifest themselves in the world in multiple ways, not isolated; as for Bergson, our perception of the world occurs through multiple states of consciousness, superimposed on one another and in which the qualities, simultaneously perceived, are not, therefore, separable when we perceive them; (3) while for Peirce pure quality manifests itself through the thing in which it is put, for Bergson it can only be truly felt when the individual is detached from the spatial and temporal projection of the qualitative manifestation – as if in the reverse direction of the Peircean experience of genuine firstness, which also requires, in its turn, a detachment from matter in order to become pure feeling; (4) the full experience of firstness, as described by Peirce and which generates a hiatus in the chronological time of the individual, would be equivalent to what Bergson takes as an experience of pure duration, the one in which the subject, ceasing the counting of time, also interrupts the habit of, when measuring it, involuntarily projecting time over space; (5) on the other hand, Bergson seems to attribute to the consciousness of the observing mind the existence of a real temporal continuity of space, what would be in deep disagreement with the metaphysical understanding of the Peircean continuum.

BORTOLETO, Edivaldo José

UNOCHAPECÓ, Brasil.

DA EDUCAÇÃO SUB SPECIE SEMIÓTICA: POR UMA EDUCAÇÃO SEMIÓTICA.

Introdução. A Semiótica é plural e infinita porque o *signo* está em processo permanente e infinito de proliferação e expansão. É desde este lugar, portanto, que quero entender o *ofício*, o *que fazer* do trabalho pedagógico semiótico no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNOCHAPECÓ. Assim, o que o texto quer fazer é tomar a Semiótica em sua arquitetura maior no pensamento de Charles Sanders Peirce. Metodologia. Para tanto, proponho entrar na Semiótica mesma, para trazer pelo menos algumas notas desta forma elevada e complexa de conhecimento, que ocupa lugar central nas pesquisas dos mais variados objetos, pois, no dizer de Lúcia Santaella, “ela é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.” (SANTAELLA. 1999, 15). E por outro lado, a Semiótica se destaca porque, enquanto muitos a colocam como uma disciplina subalterna no conjunto dos sistemas e classificações do conhecimento, ela vem re-significar todo o *edifício* e os *fundamentos* das demais ciências. “Pela primeira vez em talvez trezentos anos, a Semiótica torna possível o estabelecimento de novos

fundamentos para as ciências humanas. Esses fundamentos, por sua vez, tornam possíveis uma nova superestrutura para as humanidades e as chamadas ciências exatas e naturais". (DEELY. 1990, 19-20). Assim, o objetivo é tomar a Semiótica como uma ontologia, uma epistemologia e uma metodologia, com os seus desdobramentos ético, estético e lógico. Resultado e discussão. A Semiótica é do âmbito da Lógica. E é plural e infinita em suas inúmeras tendências e perspectivas (Baitello Jr., Deely, Hénault, Morris, Nöth, Santaella, Souza.). Em que pese que o termo Semiótica atravessa a história do pensamento, principalmente o filosófico, ela é uma ciência recente, tanto quanto a Linguística. O termo semiótica, de origem grega - *semeiōtiké*, és -, tem a ver com "diagnóstico ou observação dos sintomas" (HOUAISS 2001, 2543). Portanto, a Semiótica tem sua origem no campo da medicina grega e, desde aí, vai se deslocando não só no sentido de ganhar significações em sua semiose semântica, mas vai se constituindo num vigoroso e rigoroso campo de saber, possibilitando uma outra concepção e organização dos saberes que tem por objeto todas as linguagens possíveis, e tem instaurado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNOCHAPECÓ um Núcleo de pesquisas onde os objetos - *porque linguagens verbais e não-verbais* - os mais distintos e variados - *porque objetos no mundo da cultura* - vão sendo elegidos para serem investigados em perspectiva Semiótica. Também tem sido oferecida uma Disciplina - *Da Educação e da Teoria Geral dos Signos* - que segue em direções diacrônica e sincrônica. Quanto à direção diacrônica, ela quer tomar tanto a *Filosofia* quanto a *Educação* ao longo dos horizontes históricos da antiguidade, medievalidade, modernidade e contemporaneidade *sub specie semiótica*. Quanto à direção sincrônica, quer reconhecer que no século XIX, Frege e Nietzsche operam o giro linguístico - a *Linguistic Turn* - no campo do pensamento ocidental. Assim, como *sub specie semiótica*, a *Disciplina* busca ler a Educação desde este giro linguístico a partir dos dois importantes paradigmas semióticos inaugurados por Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce. A hipótese fundadora desta proposição é que o Campo da Educação ainda não operou o giro da linguagem desde a sua interioridade e desde a sua exterioridade. Desta forma, o giro da linguagem no Campo da Educação supõe o deslocamento da Educação ao âmbito da Lógica entendida como Semiótica e a sua edificação na Teoria dos Signos.

ABOUT EDUCATION SUB SPECIE SEMIOTICS: FOR A SEMIOTIC EDUCATION.

Introduction. The Semiotics is plural and infinite because the sign is in permanent and infinite process of proliferation and expansion. It is from this place, therefore, that I am interested in understand the craft, the task of the semiotic pedagogical work in the scope of the Postgraduate Program in Education of the University UNOCHAPECÓ. Thereby, the goal of this work is to take Semiotics in its major architecture in the thought of Charles Sanders Peirce. Methodology. Therefore, we have to penetrate in

the Semiotics itself, to bring at least, some notes of this high-level and complex way of knowledge, that occupies and stands out in the contemporary, central place in the researches of the most varied research objects, because, according to Lúcia Santaella, "it is the science that has as object of investigation all the possible languages, that is to say, that has as a goal the examination of the constitution modes of whatever it is the phenomenon as a phenomenon of production of meaning." (SANTAELLA. 1999, 15). And, on the other hand, it stands out because while many people put it as a subaltern course in the set of systems and classification of knowledge, it comes to resignify all the building and the fundamentals of the other sciences. "For the first time in maybe three hundred years, Semiotics makes possible the establishment of new fundamentals to the human sciences. These fundamentals, on the other hand, make possible a new superstructure to the humanities and the exacts and natural sciences". (DEELY. 1990, 19-20). Thus, the goal of this work is to take Semiotics as ontology, an epistemology and a methodology, with its ethical, aesthetic and logical unfolding. Result and discussion. The Semiotics is from the scope of the Logical. It is so plural and infinite in its numerous tendencies and perspectives (Baitello Jr., Deely, Hénault, Morris, Nöth, Santaella, Souza.). In spite of the term Semiotics cross the history of thought, mainly the philosophical, it is a recent Science as well as the Linguistics. The term semiotics, of Greek origin - *semeiōtiké*, *és* -, it has to do with "diagnosis or observation of symptoms" (HOUAISS. 2001, 2543). Ergo, Semiotics has its origin in the field of the Greek medicine and, since then, it moves not just in the sense of gaining meaning in its semantics semiosis, but it constitutes itself in a vigorous and strict field of knowledge, making possible in another conception the organization of knowledge that has as a goal all the possible languages has established in the Postgraduate Program in Education of the university UNOCHAPECÓ a research center where the research objects – inasmuch as verbal and nonverbal languages – the most different and various – inasmuch as objects from the culture world – are being elected to be instigated in the Semiotics perspective, as well as, a Course, Of the Education and the General Theory of Signs, that follows in diachronic and synchronic directions. Concerning the diachronic direction, it wants to take both Philosophy and Education throughout the historical horizons of the antique, medievallity, modernity and contemporaneity sub specie semiotics. As regards the synchronic direction, recognize that, in the 19th century, Frege and Nietzsche operate the Linguistics Turn in the field of the Western thought. So, sub specie semiotics intends to read the Education since this linguistic turn starting from two important semiotics paradigms inaugurated by Ferdinand de Saussure and Charles Sanders Peirce. The founding hypothesis of this proposition is that the Education Field still did not operate the linguistic turn from its interiority and exteriority. In this way, the linguistic turn in the Education Field supposes the displacement of the Education to the scope of the Logical understood as Semiotics and its building in the Theory of Signs.

CASTRO, Marcus Plessmann de

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

ELEMENTOS DA SEMIÓTICA PEIRCIANA APLICADOS À MÚSICA.

Pretendemos ao longo deste trabalho fazer uma ligação conceitual entre a Semiótica e a Música, e através de alguns exemplos de obras musicais, propomos fazer um paralelo entre as definições de Semiótica, Signos e das Categorias da Experiência na obra de Charles Sanders Peirce. Nossa proposta utilizará os conceitos propostos pelo autor em conjunção com conceitos teóricos musicais, a partir do estudo da música e suas propriedades sonoras, bem como a escrita musical utilizada atualmente no ocidente. Para tanto, iniciamos a partir das definições de e correlações entre Semiótica e Signo na obra de Peirce. Importante aspecto apontado por Peirce para o presente estudo é a sua divisão dos signos que aponta para uma tricotomia, na primeira delas ele se divide em Qualissigno, Sinsigno e Legissigno; na segunda tricotomia ele a divide em Ícone, Índice e Símbolo. Já na terceira tricotomia ele divide em Rema, Dicissigno ou Dicente e Argumento. Nossa hipótese é: seria possível abordar a música e suas figuras sonoras enquanto signos musicais, utilizando as definições de signo propostas por Peirce em sua semiótica, ou seja, é possível utilizar a música e seus elementos constituintes como objeto de pesquisa semiótica, propondo relações que possam exemplificar todas essas qualidades e subdivisões do conceito de Signo apontadas por Peirce? No que tange a uma figura musical esta seria um signo, já que representa algo para alguém e vai ao encontro da definição peirceana de signo. Ademais, se aprofundarmos a definição tricotômica referente aos Signos essa mesma figura musical pertence à primeira tricotomia já que é um qualissigno e um legissigno, pois a figura apresenta sua qualidade bem como sua regra definida de figura musical. Na segunda tricotomia esta figura musical também é um Ícone pois se refere ao objeto, “nota musical”, e seus caracteres próprios. Não obstante, é um Símbolo, já que remete à música. No terceiro e último caso também acreditamos que sim, já que partindo dos conceitos utilizados pelo autor acreditamos existir o conceito de hábito na música. A partir desta última afirmação podemos definir um hábito musical à luz da semiótica peirceana? Tendo dentro da teoria musical vários conceitos musicais cristalizados, adquiridos no curso do tempo, poderíamos atribuir assim, logicamente, hábitos musicais para nos referirmos às teorias musicais, sendo este termo e sua definição muito similares tanto na teoria musical quanto peirceana. Quanto às Categorias da Experiência propostas por Peirce em sua teoria, o som está na primeiridade já que como as cores, é algo que representa uma liberdade. Agora será que como nota musical, este som pode ser enquadrado nas outras categorias propostas pelo autor? Antes de começarmos a fazer uma possível associação entre os fundamentos peirceanos e sua relação com

o som e a música vamos à definição do que são e como se dividem as Categorias de Peirce. Para Peirce essas categorias são divididas e denominadas da seguinte forma: primeiridade, segundidade e terceiridade. Através dessas categorias que abordaremos em nosso trabalho, uma série de signos serão conscientemente articulados por nossa experiência pretérita para que cheguemos à conclusão de o que realmente é a experiência ou o fenômeno, para à partir daí, transformá-las em um conceito sólido. No caso de uma partitura musical, a sequência de signos vai direcionar o intérprete para um determinado movimento, ancorado em hábitos cristalizados, ou seja, conceitos formados e incorporados pelo intérprete. Um dos termos utilizados na música, especialmente a erudita é o adagio, que significa um andamento musical lento. Este signo vem agregado à qualisignos já que implica em uma velocidade específica que necessariamente deve estar em uma quantidade intermediária de pulsações, ou seja, batidas por minuto, uma velocidade específica. Para isso, o intérprete se utiliza de outro signo icônico, a matemática, e através de uma contagem numérica, um hábito que exige uma regularidade temporal entre cada um dos números se transformando em um metrônomo, ou seja, um conceito. Pretendemos através deste trabalho exemplificar e problematizar, usando como escopo as teorias musicais e as definições e conceitos utilizados por Charles Sanders Peirce em sua obra chamada Semiótica.

ELEMENTS OF PEIRCEAN SEMIOTICS APPLIED TO MUSIC.

Throughout this study, we intend to make a conceptual link between Semiotics and Music, and through some examples of musical works, we propose to make a parallel between the definitions of Semiotics, signs and Categories of Experience in the work of Charles Sanders Peirce. Our proposal will use the concepts proposed by the author in conjunction with theoretical musical concepts from the study of music and its sound properties, as well as the musical writing currently used in the West. For this, we start from the definitions of and correlations between Semiotics and Signs in the work of Peirce. An important aspect formulated by Peirce for the present study is his division of the signs into trichotomy categories. In the first trichotomy, signs are divided into Qualisigns, Sinsigns and Legisigns. In the second trichotomy he divides them into Icons, Indexes and Symbols. In the third trichotomy he divides them into Rhemes, Dicisigns or Dicents and Arguments. Our hypothesis that we propose is based on the following question: would it be possible to approach music and its sound figures as musical signs, using the definitions of signs proposed by Peirce in his semiotics; that is, is it possible to use music and its constituent elements as an object of semiotic research, proposing relations that can exemplify all these qualities and subdivisions of the concept of Signs pointed out by Peirce? As for a musical figure, this would be a sign, since it represents something to someone and goes against the Peircean definition of sign. In addition, if we broaden the trichotomic definition referring to the Signs, this same musical figure

*belongs to the first trichotomy since it is a qualisign and a legisign, since the figure represents its quality as well as its definite rule of a musical figure. In the second trichotomy, this musical figure is also an Icon because it refers to the object, "musical note", and its own characters. Nevertheless, it is a Symbol, since it refers to music. In the third and last case, we also believe it is affirmative, since starting from the concepts used by the author, we believe there is the concept of habit in music. From this last statement, can we define a musical habit in the light of Peircean semiotics? Having within the musical theory several crystallized musical concepts acquired over the course of time, we could logically assign musical habits to refer to musical theories; this term and its definition being very similar both in musical theory and in the Peircean sense. As for the categories of experience proposed by Peirce in his theory, sound is in the first place since, like colors, it represents freedom. Now, as a musical note, can this sound be included in the other categories proposed by the author? Before we begin to make a possible association between the Peircean foundations and their relation to sound and music, let us define what Peirce's Categories are and how they are divided. For Peirce, these categories are divided and named as follows: primary, secondary and tertiary. Through these categories that we will address in our work, a series of signs will be consciously articulated by our past experience so that we come to the conclusion of what the experience or the phenomenon really is, and from there, how the experience with these signs is transformed into a solid concept. In the case of a musical score, the sequence of signs will direct the interpreter to a certain movement, based on crystallized habits, that is, concepts formed and incorporated by the interpreter. One of the terms used in music, especially classical music is *adagio*, which means a slow musical tempo. This sign is added to the qualisigns since it implies a specific speed that necessarily must be in an intermediate amount of pulsations, that is, beats per minute, at a specific speed. For this, the interpreter uses another iconic sign, mathematics, and through a numerical count, a habit that requires a temporal regularity between each of the numbers, this becomes a metronome, that is, a concept. Through this study, we intend to exemplify and problematize, using as a scope the musical theories and the definitions and concepts used by Charles Sanders Peirce in his work called *Semiotics*.*

CASTRO, Thiago F. da M. G.; FREIRE, Guilherme F. da C. L.

Faculdade São Bento - SP, Brasil.

C.S. PEIRCE CONTRA A CRENÇA DETERMINISTA.

O presente trabalho tem como escopo analisar o pensamento de C. S. Peirce, através da crítica do filósofo americano aos principais argumentos da linha de pensamento determinista. Para tanto começaremos pelo breve apontamento do

que vem a ser o determinismo: este pode ser entendido, grosso modo, como a crença que o universo é regido por leis fixas e a estrita casualidade é espraiada por todo o “kósmos”, restando ao homem apenas desvelar tais leis, acessando assim as engrenagens do grande relógio que seria o universo. A posição determinista tem seu início a partir das sucessivas revoluções nas ciências nos séculos XVI e XVII, com Kepler, Galileu, Descartes, Francis Bacon e atingindo seu ápice no pós-revolução newtoniana. Estes grandes nomes do pensamento humano nunca se auto-intitularam deterministas, mas a partir de seus grandes méritos fora engendrado um grande “otimismo epistemológico” na mentalidade científica dominante da época (que persistiu até Einstein), que, nesta toada, supôs que as leis do “kósmos” estariam prontas e acabas e que o conhecimento humano, por sua vez, encontrá-las-ia todas, do movimento dos astros as leis da história, tudo seria calculável, de modo que precisaríamos apenas possuir as variáveis necessárias para sermos capazes de prever qualquer coisa. Notar-se-á que até mesmo a liberdade humana é colocada em cheque à luz da concepção determinista. Para esta corrente, a ilusão da liberdade nada mais seria que a manifestação de elementos hereditários e físico-químicos, nada haveria o que se dizer em relação a criatividade e escolhas, um dos maiores problemas filosóficos seria objeto de cálculo incontroverso. Mostraremos a que consequências chegam aqueles que concebem apenas o aspecto “lei” do kósmos, e, por consequência, reduzem o real a estrita causalidade na forma de leis mecânicas, levando a consequências desastrosas, de mundos como de Orwell ou Huxley até a contraditória hipótese da incognoscibilidade do ser. Isto posto, apresentaremos, de forma breve, a doutrina do Acaso Ontológico de C.S. Peirce, na qual o mundo possui uma potencialidade fortuita, inerente a si próprio, “um modo de ser correlacionado com irregularidade e assimetria atinentes com o que está imediatamente nos fatos” (IBRI, Ivo. Kósmos Noetós, pag. 67. Ed. Paulus. São Paulo). Para Peirce a realidade não se reduz apenas ao aspecto da lei, mas existe uma fonte de liberdade e criatividade inerente à própria lei. A partir desta doutrina explicitaremos o aspecto tensional entre regularidade e irregularidade, entre lei e acaso que é, para Peirce, o que ontologicamente constitui o real. Por fim veremos que Peirce enunciará sua doutrina do Falibilismo, atualmente identificada com a corrente indeterminista. Para dar suporte ao conhecimento humano, tal doutrina que por um lado afirma a possibilidade do conhecimento humano sobre o mundo também o afirma como que num “continuum” de incerteza e indeterminação, como se as próprias leis passíveis de conhecimento estivessem evoluindo, revelando-nos a insuficiência da concepção ontológica determinista.

C.S. PEIRCE AGAINST THE DETERMINIST BELIEF

The present work has as a subject the analysis of the thinking of Charles Sanders Peirce, through the critique that the American philosopher makes of the arguments

of the determinist line of thinking. For such, we will begin with a brief underlining of what is determinism, which can be, roughly, understood as the belief that the universe is governed by fixed laws, and strict causality is all over the “kósmos”, to man would remain only the unveiling of these laws, having access to the gears of the great clock that the universe could be characterized as. The determinist position has its beginning with the successive revolutions in the Science of the 16th and 17th centuries, with Kepler, Galileo, Descartes, Francis Bacon and having its peak after the Newtonian revolution. These great names of human thinking were never self-proclaimed determinists, but from their great scientific accomplishments, a huge “epistemological optimism” was formed in the scientific mentality of their contemporary age (one which persisted until Einstein), from that point we see strongly the supposition that the laws of the “kósmos” would be finished and that human thinking and knowledge could encounter all then through astral movement, the laws of history. All would be calculable, we would just need to understand all variables to be able to predict anything. We note through some examples that even human freedom is put in jeopardy considering determinist belief. The illusion of liberty would be nothing more than a manifestation of hereditary, physical, and chemical elements, creativity and choice are of little value, and the biggest philosophical problems, object of uncontroversial calculus. We will study the extent and consequences that reach those who conceive only the “law” aspect of the “kósmos”, and in consequence of that, reduce reality to strict causality in the form of mechanic laws, which could lead to disastrous consequences, and worlds like those thought by Huxley and Orwell, even to the contradictory hypothesis of the incognoscibility of being. We will present briefly the doctrine of Tychism (ontological chance) of C. S. Peirce, a world in which fortuitous potentiality has its place, “a way of being related to irregularity and the asymmetry of what is immediately in facts” (Translation of authors responsibility. IBRI, Ivo. Kósmos Noetós, pag. 67. Ed. Paulus. São Paulo). For Peirce reality cannot be reduced to just the aspect of law, but there is a fountain of freedom and creativity inherent to law itself. From that doctrine, we will make explicit the tensional aspect between regularity and irregularity, between law and chance. This coexistence for Peirce is part of what ontologically constitutes reality. Finally, we will see that Peirce expounds his doctrine of Fallibilism, currently understood as an indeterminist position. To give support to human understanding, this doctrine affirms the possibility of human knowledge of a world that in a “continuum”, unfixed and undetermined, with laws that always evolve, showing us the insufficiency of the determinist ontological conception.

CESTARI, Guilherme Henrique de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

ECOS DA EXAPTAÇÃO NOS REALISMOS DE PEIRCE E DE BRYANT.

Primeiramente conceituada pela biologia evolucionária, a exaptação (tida também como pré-adaptação, *preaptation* ou cooptação) acontece quando, no processo evolutivo, qualidades e estruturas de um organismo adquirem e desempenham usos para os quais não estavam inicialmente planejadas. Semioticistas (Thomas Sebeok e Davide Weible, por exemplo), linguistas (Roger Lass, Elizabeth Traugott e Ludovic De Cuyper) e realistas especulativos (Alex Reid e, especialmente, Levi Bryant) se apropriam desse conceito para descrever, respectivamente, a evolução dos signos (organismos vivos, línguas, sistemas culturais) e dos artefatos usados pelos humanos. Este trabalho apresenta e compara esses dois pontos de vista sobre a exaptação: a semiótica vem identificando e descrevendo o potencial heurísticos da exaptação em diversas esferas da vida, da linguística à biológica. Nessa abordagem, a exaptação, ao lado da adaptação, é um dos componentes da evolução de organismos e sistemas. Já o realismo especulativo de Bryant, no livro *Onto-Cartography* (2014), empresta o conceito de exaptação para conceber a evolução de um ponto de vista “geofilosófico”, em busca de cartografar um universo de ação não teleológica transpassado por diferentes tipos e camadas de máquinas que, em seus fluxos operativos, se implicam e se acoplam continuamente. Notamos pontos de aproximação e de distanciamento entre as duas leituras: Convergências: (1) ambas estão de acordo que o conceito de exaptação lida diretamente com o não planejado, com o acaso. (2) ambas sustentam a compreensão de que a evolução de sistemas biológicos, químicos, físicos, linguísticos, econômicos, políticos, tecnológicos etc., preserva em sua estrutura um fator comum e, em maior ou menor medida, suscetível à exaptação. (3) ambas concordam que a historicidade é intrínseca a esse processo evolutivo contínuo do qual a exaptação faz parte. (4) ambas admitem a existência, em maior ou menor grau, de um elemento de recombinação e bricolagem na estrutura dos processos exaptativos. A principal divergência entre semioticistas/linguistas e realismo especulativo está no fato de Bryant descartar a teleologia na ação evolutiva do universo, o que gera como consequência a recusa conceitual do processo de adaptação. Durante a adaptação, na visão de evolucionistas e biosemioticistas, uma característica se desenvolve (projeta-se) num organismo especialmente para cumprir uma função específica. *Exaptation – a missing term in the science of form* (artigo seminal por Stephen Gould e Elisabeth Vrba, publicado em 1982, que defende pela primeira vez o uso do termo) critica o projeto adaptacionista, para o qual toda a evolução é adaptação. Em diametral oposição, o universo de Bryant toma formas “exaptacionistas”, onde todo o processo evolutivo é

baseado no acaso, na cooptação e em acoplamentos estruturais. A noção de exaptação aplicada a diferentes áreas tem função eminentemente criativa no que diz respeito à constituição de uma matriz coerente, atualizável e aperfeiçoável que, em maior ou menor grau, reúna e estruture padrões de posicionamento das comunidades científicas cujo trabalho inclui descrever e analisar a evolução de sistemas complexos. Dentre esses cientistas estão biólogos, semioticistas, linguistas e economistas. Adaptar de forma criteriosa um conceito biológico para estudar fenômenos culturais, por exemplo, pode significar uma injeção de inovação na linguística, semiótica e economia. Em outras palavras, o trânsito do conceito de exaptação da biologia para outras ciências tem se mostrado uma estratégia tanto para a concepção como também para a consolidação de programas de pesquisa em diversos campos do conhecimento. Especificamente no caso realismo especulativo, o empréstimo do conceito merece discussões mais amplas, já que, mesmo com Bryant adotando um pressuposto diferente da maioria dos evolucionistas e semioticistas, a exaptação parece desempenhar um papel estruturante para o pensamento da ontologia orientada aos objetos.

EXAPTATION'S ECHOES ON PEIRCE'S AND BRYANT'S REALISMS.

*Primarily conceptualized by Evolutionary Biology, exaptation (also called preaptation, preadaptation or cooptation) happens when, in the evolutionary process, features and structures of an organism acquire and perform uses for which they were not originally planned. Semioticists (Thomas Sebeok and Davide Weible, for example), linguists (Roger Lass, Elizabeth Traugott and Ludovic De Cuyper) and speculative realists (Alex Reid and especially Levi Bryant) borrow this concept to describe, respectively, the evolution of signs (living organisms, languages, cultural systems) and artifacts used by humans. This work presents and compares these two points of view on exaptation: semiotics has been identifying and describing the heuristic potential of exaptation in various dimensions of life, from Linguistics to Biology. In this approach, exaptation, as well as adaptation, is a component of the evolution of organisms and systems. In turn, Bryant's speculative realism, in the book *Onto-Cartography* (2014), borrows the concept of exaptation to conceive evolution from a "geophilosophical" point of view, in order to map a non-teleological universe of action permeated by different types and layers of machines that, in their operative flows, are implicated and continuously coupled. We note connections and differences between the approaches: Convergences: (1) both agree that exaptation deals directly with unplanned and chance. (2) both understand that the evolution of biological, chemical, physical, linguistic, economic, political and technological systems has, in its structure, a common factor that, to a greater or lesser extent, is susceptible to exaptation. (3) both agree that historicity is intrinsic to the continuous evolutionary process in which exaptation takes part. (4) both recognize the existence of an element of recombination and bricolage on the structure*

of the exaptative processes. The main divergence between semioticians/linguists and Speculative Realism is the fact that Bryant discards teleology on the evolutionary action of the universe, resulting on the conceptual refusal of the process of adaptation. During adaptation, according to evolutionists and biosemioticians, a feature is developed (designed) in an organism specially to fulfill some specific function. Exaptation – a missing term in the science of form (paper by Stephen Gould and Elisabeth Vrba published in 1982, which advocates the use of the term “exaptation” for the first time) criticizes the adaptationist program, to which every step of evolution is necessarily an adaptation. In opposition, Bryant’s universe assumes “exaptationist” shapes, where every evolutionary process is based on chance, cooptation and structural couplings. When applied to different fields, the notion of exaptation has an eminently creative role, collaborating to the constitution of a coherent matrix, which unites patterns of conduct of scientific communities whose work include description and analysis of the evolution of complex systems. These communities include biologists, semioticians, linguists and economists. Criteriously adapt a concept from Biology to study cultural phenomena may help to produce innovation on Linguistics, Semiotics and Economy, for example. In other words, the transit of the concept of exaptation from Biology to other sciences is a strategy towards the conception and consolidation of research programs in several fields of knowledge. In the case of Speculative Realism, this borrowing deserves broader discussions, since, even with Bryant adopting a different assumption from the majority of the evolutionists and semioticians, exaptation seems to have a structuring function to the thought of Object Oriented Ontology.

CIPRIANI, Cristian

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

UM PRAGMATISMO (PEDAGÓGICO) BRASILEIRO: MORAL E EDUCAÇÃO EM ANÍSIO TEIXEIRA.

Conhecido por liderar, em conjunto com Fernando de Azevedo, o movimento da “Escola Nova” no Brasil, assim como por encabeçar os “Manifestos dos Educadores” de 1932 e 1959, Anísio Spinola Teixeira (1900 - 1971) preconizou, por vias de um pragmatismo brasileiro de inspiração deweyniana (pedagógico), o rompimento com as concepções tradicionais de Educação, instaurando, pela primeira vez no Brasil, uma proposta curricular alicerçada nos ideais de uma escola para/na vida, ou seja, uma Educação escolar voltada aos ideais científicos e privilegiadora da experiência, da criatividade e da democracia. À vista dessas concepções, Anísio Teixeira, na obra intitulada “Pequena introdução à Filosofia da Educação (1968)”, apresenta o princípio da moral científica, que, segundo o autor, deve impregnar toda a vida escolar para que ela alcance seus propósitos. Tal

máxima de conduta, baseada nas conclusões de uma ciência do ser humano, deve substituir a moral tradicional, isto é, a moral científica deve ser uma alternativa àquele tipo de moral presa a preconceitos imutáveis e eternos, amplamente difundida e “praticada” na Educação escolar tradicional. Essa substituição, de acordo com Teixeira compartilhando pensamento de John Dewey (1859 - 1952), despertará nos sujeitos da Educação escolar o interesse em aprender com todos os contatos da vida. Nessa lógica, assim como pela proximidade do pensador à filosofia de John Dewey, o objetivo deste trabalho é: analisar, no confronto, mesmo que primário, com os princípios morais deweynianos, o conceito de conduta moral em Anísio Teixeira no intento de apontar possíveis contribuições à Educação escolar contemporânea. Partindo desse propósito central, este escrito se organiza em três momentos, a saber: a) Análise do conceito de moral científica em Anísio Teixeira, no intento de delinear os pontos centrais de tal princípio de conduta para o autor; b) Diálogo, mesmo que primário, entre Anísio Teixeira e John Dewey, com o intuito de apontar características gerais da moral científica e; c) Alinhar contribuições à Educação escolar contemporânea. Sem o intuito de esgotar o assunto, conclui-se que uma Educação que vise a formação integral do ser humano, deve atentar para uma moral que valorize todas as formas experienciais e abandone preconceitos cristalizados e cristalizadores, assim como toda forma de autoritarismo.

A BRAZILIAN (PEDAGOGIC) PRAGMATISM: MORAL AND EDUCATION ON ANÍSIO TEIXEIRA.

Known for leading the movement of the “New School” in Brazil, alongside Fernando de Azevedo, as well as for heading the “Educators Manifesto” of 1932 and 1959, Anísio Spinola Teixeira (1900-1971) advocated, by a brazilian pragmatism from a deweyian (pedagogical) inspiration, a break with the traditional conceptions of Education, establishing, for the first time in Brazil, a curricular proposal based on the ideals of a school for/in life, that is, a school education focused on scientific ideals that privileges experience, creativity and democracy. In sight of these conceptions, Anísio Teixeira, in his book entitled “Short introduction to Philosophy of Education” (1968, own translation), presents the principle of scientific morality, which, according to the author, must permeate all school life in order to achieve its purposes. Such maxim of conduct, based on the conclusions of a science of the human being, must replace the traditional moral, meaning that scientific moral should be an alternative to that type of moral attached to immutable and eternal prejudices, widely diffused and “practiced” in traditional school Education. This replacement, according to Teixeira sharing John Dewey’s thought (1859 - 1952), will arouse in the subjects of school Education the interest in learning from all the contacts of life. In this logic, as well as by the proximity of the thinker to the philosophy of John Dewey, the objective of this work is: to analyze, in the confrontation, even if primary, with the moral principles of Dewey, the concept

of moral conduct on Anísio Teixeira in the attempt to point out possible contributions to contemporary school education. Starting from this central purpose, this paper is organized in three moments, namely: a) Analysis of the concept of scientific moral in Anísio Teixeira, in the attempt to delineate the central points of such principle of conduct for the author; B) Dialogue, even if primary, between Anísio Teixeira and John Dewey, in order to point out general characteristics of scientific moral and; C) Tack contributions to the contemporary school Education. Without aiming to exhaust the subject, it is concluded that an Education that aims at the integral formation of the human being must pay attention to a morality that values all forms of experience and leaves crystallized and crystallizing prejudices, as well as any form of authoritarianism.

COELHO, Bruno

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Marília, Brasil.

SABER-COMO, INTELECTUALISMO E DISPOSIÇÃO.

A distinção entre “saber-como” e “saber-que” feita por G. Ryle (1949) foi um marco na filosofia do século XXI. De acordo com a distinção, o saber-como é definido como a habilidade de fazer algo, por exemplo, andar de bicicleta; enquanto o saber que é proposicional em essência. A distinção, no entanto, foi questionada por Williamson e Stanley (2001). Nesta crítica, os autores argumentam que o saber-como pode ser reduzido ao saber-que. Todo conhecimento é, neste sentido, conhecimento proposicional. Eles argumentam que todas as habilidades podem ser reduzidas a proposições, através de um argumento linguístico, onde as habilidades são individualizadas e descritas em termos de proposições ou conhecimento-wh. Esta tese, conhecida como intelectualismo, enfrenta algumas dificuldades. Uma é a existência de conhecimento não proposicional, prático ou tácito. Este tipo de conhecimento é irredutível ao conhecimento proposicional, argumentaremos. Há vários motivos pelos quais isto é o caso. Por exemplo, quando um agente faz algo sem saber, quando ele conhece algo sem expressar linguisticamente e quando nega a capacidade de realizar algo, mas pode fazê-lo. Outro problema para o intelectualista está na solução proposta em Stanley (2011) para o regresso de Ryle. O regresso de Ryle consiste na circularidade na explicação da ação. Se todo o exercício do saber-como é precedido por uma consideração prévia de uma proposição, a consideração prévia é uma ação. Portanto, é algo que sabemos como fazer. Mas a ação só contará como um exercício de saber-como --- um ato de inteligência nas palavras de Ryle - se a nossa consideração da proposição é algo que sabemos como fazer e não é por si só não inteligente. Se a nossa consideração da proposição for acidental, a ação não contará como inteligente ou um exercício de saber-como. Portanto, a consideração da ação deve ser um exercício de

saber-como e assim, se o intelectualismo está correto, será precedido por outra consideração de uma proposição, *ad infinitum*. O regresso parece aparentemente vicioso. Em sua proposta, Stanley defende uma teoria proposicionalista da ação inteligente para lidar com o regresso. Ele defende um mecanismo automático para descrever o conhecimento não proposicional. No entanto, sua descrição da ação hábil é, no mínimo, empiricamente questionável. Os mecanismos automáticos de movimentos são apenas parte de uma ação. Se a solução para o regresso de Ryle não consegue parar o regresso ou interrompe o regresso apelando para conhecimento não proposicional, então seu projeto intelectualista falha. Em resposta, Stanley acusa Ryle de ser vítima do mesmo regresso. Nós lidaremos com esta resposta logo em seguida. Finalmente, argumentaremos que saber-como é mais bem definido como uma disposição ao invés de uma habilidade.

KNOWLEDGE-HOW, INTELLECTUALISM AND DISPOSITION.

G. Ryle (1949) distinction between knowledge-how and knowledge-that was a landmark in twenty century philosophy. According to the distinction, the knowledge-how is defined as a ability to do something, for example, ride a bicycle; while the knowledge-that is propositional in essence. The distinction, however, was questioned by Williamson and Stanley (2001). In this critique, the authors argue that the knowledge-how can be reduced to knowledge-that. All knowledge is, in this sense, propositional knowledge. They argue that all abilities can be reduced to propositions, making a linguistic argument, where the abilities are individuated and described in terms of propositions, or knowledge-wh. This thesis, known as intellectualism, faces some difficulties. One is the existence of non-propositional, practical or tacit knowledge. This type of knowledge is irreducible to propositional knowledge, we will argue. There are several reasons why this is the case. For example, when an agent do something without knowing, when he know something without expressing linguistically and when he denies the ability to do something but can do. Another problem for the intellectualist is the proposed solution in Stanley (2011) to Ryle's regress. Ryle's regress consist in the circularity of the explanation of action. If all exercise of knowledge-how is preceded by a prior consideration of a proposition, the prior consideration is an action. Therefore, it is something we know how to do. But the action will only count as an exercise of knowledge-how --- an intelligence act in Ryle's words --- if our consideration of the proposition is something we know how to do and isn't itself non-intelligent. If our consideration of the proposition is accidental, then the action won't count as intelligent or an exercise of knowledge-how. Therefore, the consideration of the action must be an exercise of knowledge-how and so, if intellectualism is right, be preceded by another consideration of a proposition, *ad infinitum*. The regress seems apparently vicious. In his proposal, Stanley defends a propositionalist theory of

intelligent action to deal with the regress. He argues for an automatic mechanism to describe non-propositional knowledge. However, his description of skillful action is, on a minimum, empirical questionable. Automatic mechanisms of movements are only part of an action. If the solution to Ryle's regress fails to stop the regress or stops the regress by appealing to non-propositional knowledge, then his intellectualist project fails. In response, Stanley accuses Ryle to be victim of the same regress. We deal with the response in turn. Finally, I will argue that knowledge-how is better defined as a disposition rather than a ability.

CUBILLOS, Julian Danilo Vargas; GHIZZI, Eluiza B.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; CAPES; Brasil.

A LÓGICA DO DESIGN ORIENTADO PARA A PERFORMANCE NA CONCEPÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO SOB A ÓPTICA DA LÓGICA/SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE.

Os modos de pensamento e a prática envolvidos na elaboração de um projeto de arquitetura recebem atualmente contribuições oriundas da computação. Um dos focos de discussão sobre a mediação digital da arquitetura e suas consequências recai sobre a lógica linear, causal e de mão única envolvida nos processos de projeto em arquitetura, associada, frequentemente, à predominância da funcionalidade ou da definição formal na orientação desses processos. No artigo “Patterns in Performance-oriented Design”, de M. Hensel e A. Menges (Architectural Design, 2009, Vol.79, nº 6) propõem vencer as limitações da lógica linear pela do design orientado para a performance. Esses autores estudam tanto o processo humano de formação de padrões envolvendo sistemas materiais, quanto a formação de padrões nos sistemas naturais, seus processos de auto-organização e os modos de inclusão da diversidade. Eles sugerem que a investigação da formação de padrões em geral poderá ter consequências para o desenvolvimento de projetos de arquitetura, oferecendo alternativas à lógica linear; por exemplo, priorizando a análise simultânea dos processos imersos no projeto arquitetônico com uma lógica multidisciplinar. Este texto interessa-se pela aplicação dessas investigações na arquitetura e propõe analisá-las em um projeto arquitetônico de Christina Doumptioti, no qual ela desenvolve uma proposta para uma ponte com uma tipologia de monoconcha, realizado com base no design orientado para a performance. Neste projeto é definida uma nuvem de pontos e linhas, utilizado a triangulação de Delaunay, que configuram um espaço arquitetônico; durante o desenvolvimento, uma série de signos é criada, passando por diversas comprovações de caráter científico, como o Análise de Elementos Finitos, o Axioma de Estresse Uniforme e a Análise de Dinâmica de Fluidos, até que se obtenha uma forma que apresenta uma melhor resolução dos problemas levantados no início, como o ambiente físico

ou a localização do projeto. Em seguida, uma vez sintetizada a forma, estrutura-se um processo algorítmico para definir os caminhos necessários para fabricar o projeto, partindo da tecnologia de colocação de fibras. Este texto procura analisar esse processo pelo viés da semiótica peirciana, considerando que para chegar à formulação final do projeto passa-se por uma semiose, envolvendo relações argumentativas fundamentadas em ícones, especialmente os diagramáticos, em índices, do comportamento do meio e em símbolos, que são signos constituídos por padrões. O estudo do projeto sob essa óptica poderá mostrar alguns pontos de contato entre a lógica envolvida no processo adotado por Christina Doumptioti e a semiótica peirciana, vinculando esta semiótica à produção contemporânea de arquitetura e estabelecendo sua validade para o estudo dos processos de projeto, que implicam uma relação entre o arquiteto e o mundo.

THE LOGIC OF PERFORMANCE ORIENTED DESIGN IN THE ARCHITECTURAL DESIGN CONCEPTION UNDER THE OPTICS OF THE LOGIC / SEMIOTICS OF CHARLES SANDERS PEIRCE.

The ways of thinking and making an architecture project are currently receiving contributions derived from computing, associated with the architectural practice involving digital mediation. One the discussion focuses is on the linear, causal and single-handed logic involved in architectural design processes, associated with the predominance, of functionality or formal definition in the orientation of these processes. In the article "Patterns in Performance-oriented Design", M. Hensel and A. Menges, (Architectural Design, 2009, Vol.79, No 6) propose to overcome the limitations of linear logic by performance-oriented design. They study the pattern formation involving material systems on human processes, the patterns formation in natural systems, the self-organization processes and the ways of inclusion of diversity. They suggest that pattern formation investigation may have consequences for the development of architectural design, suggesting alternatives to linear logic, for example, prioritizing the simultaneous analysis of the processes immersed in the architectural project with a multidisciplinary logic. This article is concerned with the application of these investigations in the architecture and proposes to analyze them in an architectural project of Christina Doumptioti, in which he develops a proposal for a bridge with a mono-shell typology, based on performance-oriented design. In this project is defined a cloud of points and lines used the triangulation of Delaunay that configure an architectural space. Is created a series of signs during the development, going through several scientific proofs, such as the Analysis of Finite Elements, the Axiom of Uniform Stress and Fluid Dynamics Analysis, until a form is obtained that presents a better resolution of the problems raised at the beginning, such as the physical environment or the location of the project. Then, once synthesized the shape, is structured an algorithmic process to define the paths necessary to manufacture the project from

fiber placement technology. This paper look for study this process through Peircian semiotics, considering that to arrive at the final formulation of the project, it passes through a semiosis, involving argumentative relations based on icons, especially the diagrammatic, in indexes, the behavior of the medium and in symbols, which include patterns signs. The study of the project in this perspective may show some points of contact between the logic involved in the process adopted by Christina Doumptioti and Peircian semiotics, linking this semiotics to the contemporary production of architecture and establishing its validity for the study of the design processes, which implies a relationship between the architect and the world.

DANTAS, Lucia Ferraz Nogueira de Souza

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; CAPES; Faculdade de São Bento - SP, Brasil.

O JOGO ENTRE MÍMESIS E PHANTASÍA NA PRODUÇÃO DA IMAGEM PICTÓRICA À LUZ DOS CONCEITOS PEIRCIANOS DE PERCEPTO, JUÍZO PERCEPTIVO E ABDUÇÃO.

Mimesis e *phantasia* constituem um dos principais binômios conceituais no campo da reflexão estética, sobretudo no que diz respeito às análises atinentes às artes visuais. Na história das reflexões filosóficas acerca da arte, o movimento pendular entre a negatividade e a positividade da ação artística mimética, correlacionado ou não à noção de *phantasia*, foi amplamente problematizado e ainda hoje é importante foco de investigação no campo da Estética. A definição de arte como *mimesis* remete aos escritos de Platão. O filósofo ateniense discorre sobre a questão em vários de seus diálogos, notadamente em *A República*, no qual a argumentação gira em torno do que se convencionou chamar de negatividade da *mimesis*, a partir do entendimento de que a imagem pictórica está três degraus abaixo da verdade, pois o pintor, ao imitar as coisas que aparecem, imita uma aparência de realidade, dado que o se vê já seria uma imitação das ideias. Platão também afirma - em seus textos *O Sofista* e *Crátilo* - que a imagem mimética, sobretudo a pictórica, é uma cópia imperfeita da realidade, pois é carregada de distorções, advindas da *phantasia* do artista, considerando-a, portanto, um simulacro. Por outro lado, Aristóteles, ao discorrer sobre arte, reabilita o conceito de *mimesis*, notadamente em seus textos *Física I*, *Poética* e *De Memória e Rememoração*. O principal discípulo de Platão disserta que a *mimesis* é inerente ao homem, e é parte fundamental do processo de aprendizagem, gerando satisfação e crescimento intelectual e técnico. Outro aspecto da positividade da *mimesis* em Aristóteles diz respeito à abrangência do conceito de *mimesis*, que incorpora, para além da noção de cópia, o caráter de imaginação [*phantasia*]. Neste sentido, Aristóteles conclui, ao contrário de Platão, que a arte [*tékhnē*] é complemento da natureza [*phýsis*], pois não se resume a uma cópia desta. E ainda, ao formular do conceito

de verossímil, Aristóteles não apenas promove uma autonomia da obra arte com relação ao seu modelo, como desvincula a arte da noção de verdade. Sob um ponto de vista pragmatista, à luz dos estudos de maturidade acerca da percepção elaborados por Charles Sanders Peirce, é possível inferir que o jogo entre *mimesis* e *phantasia* na produção da imagem artística está intimamente relacionado à ação de produção da imagem pictórica. Isto posto, propõe-se investigar os meandros e as especificidades da ação da produção artística - em seu aspecto duplo de *mimesis* e *phantasia* - a partir das condicionantes fenomenológicas das três categorias peircianas (primeiridade, segundidade e terceiridade), com destaque ao papel do processo da percepção na produção da pintura (especificamente, no que tange à tênue passagem do percepto ao juízo perceptivo, analisada minuciosamente por Peirce, em especial nas explicações contidas em seu artigo manuscrito de 1903, *Telepatia e Percepção*, publicado postumamente em 1958 - CP 7.697-7.688). Ademais, o processo de percepção nas ações de *mimesis* e *phantasia* na produção da imagem pictórica ganha clareza sob o entendimento da importância do papel da inferência abductiva no processo criativo, visto que o conceito de abdução para Peirce é intrínseco à formulação de novas ideias, e, portanto, é seminal para a criação artística, principalmente à luz da perspectiva de que a imagem artística pode ser desvinculada de qualquer alteridade. Assim, o conceito de abdução configura uma chave fundamental para a inteligibilidade desse intrincado jogo entre *mimesis* e *phantasia* no processo de percepção na produção da pintura pois, em última análise, a abdução em arte pode ser vista como o ponto de inflexão no ato criativo, responsável pela liberdade de formulação das infinitas possibilidades que o processo artístico é capaz de gerar.

THE PLAY BETWEEN MIMESIS AND PHANTASY IN THE PRODUCTION OF PICTORIAL IMAGE BY THE LIGHT OF THE PEIRCEAN CONCEPTS OF PERCEPT, PERCEPTIVE JUDGMENT AND ABDUCTION.

Mimesis and phantasy constitute one of the main conceptual binomials in the field of aesthetic reflection, especially regarding the analyzes related to the visual arts. In the history of philosophical reflections on art, the pendular movement between the negativity and the positivity of mimetic artistic action, whether or not correlated with the notion of phantasy, was widely problematized and is still nowadays an important research focus in the field of Aesthetics. The definition of art as mimesis refers to Plato's writings. The Athenian philosopher discusses the issue in several of his dialogues, notably in The Republic, in which the argument revolves around what is conventionally called negativity of mimesis, from the understanding that the pictorial image is three steps below the truth, because the painter, imitating the things that appears, imitates an appearance of reality, considering that what ones sees would already be an imitation of the ideas. Plato also affirms - in his texts The Sophist and

Cratylus - that the mimetic image, especially the pictorial one, is an imperfect copy of reality, because it is loaded with distortions, coming from the phantasy of the artist, considering it, therefore, a simulacrum. On the other hand, Aristotle, when discussing art, rehabilitates the concept of mimesis, notably in his texts *Physics I*, *Poetics* and *Memory and Remembrance*. Plato's chief disciple says that mimesis is inherent in man, and is a fundamental part of the learning process, generating satisfaction and intellectual and technical growth. Another aspect of the positivity of mimesis in Aristotle concerns the understanding of the concept of mimesis, which incorporates, beyond the notion of copy, the character of imagination [phantasy]. In this sense, Aristotle concludes, unlike Plato, that art [tékhne] is a complement of nature [phýsis], since it is not limited to a copy of it. And in formulating the concept of verisimilitude, Aristotle not only promotes an autonomy of the work of art in relation to its model, but also dissociates art from the notion of truth. From a pragmatic point of view, in the light of the maturity studies on perception elaborated by Charles Sanders Peirce, it is possible to infer that the play between mimesis and phantasy in the production of the artistic image is closely related to the action of producing the pictorial image. Therefore, one can investigate the meanders and specificities of the action of the artistic production - in its dual aspect of mimesis and phantasy - from the phenomenological determinants of the three peircian categories (firstness, secondness and thirdness), with emphasis on the role of the process of perception in the production of painting (specifically, as regards the tenuous passage from the percept to the perceptive judgment, analyzed in detail by Peirce, especially in the explanations contained in his manuscript paper of 1903, *Telepathy and Perception*, published posthumously in 1958 - CP 7.697- 7,688). Furthermore, the process of perception in the actions of mimesis and phantasy in the production of the pictorial image is clarified under the understanding of the importance of the abductive inference role in the creative process, since the concept of abduction for Peirce is intrinsic to the formulation of new ideas, and, hence, is seminal to the artistic creation, especially in the light of the perspective that the artistic image can be detached from any alterity. Thus, the concept of abduction is a fundamental key to the intelligibility of this intricate play between mimesis and phantasy in the perception process in painting production, since abduction in art can be seen as the inflection point in the creative act, responsible for the liberty to formulate the infinite possibilities that the artistic process is able of generating.

FANAYA, Patrícia Fonseca

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

O MÉTODO ANTICARTESIANO DE PEIRCE: A RECONCILIAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO E AÇÃO AINDA NÃO EXPLORADA PELO MOVIMENTO ENATIVISTA.

O objetivo deste artigo é discutir o problema da representação como apresentado pelos enativistas, à luz do método anticartesiano de Peirce e de seus conceitos de semiose e signo. A abordagem enativa da mente contrapõe o conceito de representação àquele de ação no mundo. Entretanto, apesar de serem compromissos teóricos logicamente independentes, não são excludentes ou incompatíveis, haja vista a própria concepção peirceana de semiose que é a ação dinâmica e contínua dos signos para uma mente - que, por sua vez estão encarnados nas linguagens e agindo no mundo. Para os enativistas, a cognição e o conhecimento, além de serem entidades que evoluem por meio de ações no mundo, são o exercício de hábil know-how de ação situada e encarnada, e os processos cognitivos emergem de padrões sensório-motores recorrentes da percepção e da ação. Essa abordagem desafia os conceitos representacionais e funcionalistas da mente quando aponta que os processos cognitivos dependem de um corpo com certas habilidades sensório-motoras, além de hábitos. O antirrepresentacionalismo dos enativistas é uma reação às abordagens computacionais e internalistas da mente, as quais trabalham com a ideia de que os processos mentais manipulam informações do mundo exterior e as traduzem em representações internas à mente. Para as abordagens computacionalistas, a representação é uma concepção objetivista, e o que lhes interessa é o processo de codificação da informação sobre o mundo realizado nas estruturas de um sistema, e que ocorrem de forma independente do ambiente ou contexto - ou seja, a mente é descrita como um sistema computacional. As abordagens computacionais, se examinadas pela perspectiva não dualista e alternativa ao cartesianismo proposta pelos enativistas, de fato se apresentam como reducionistas e insatisfatórias para os estudos avançados da cognição - ao menos no que diz respeito à assunção da existência de uma consciência fenomenológica -, pois são oriundas das teorias da informação que, grosso modo, conceitualmente reduzem “informação” a dados codificados e à geração de inputs e outputs que trafegam para lá e para cá, e, em última instância, tratam a mente como uma máquina e os processos cognitivos como processos correlatos aos dos sistemas computacionais. Entretanto, ao limitar as investigações sobre a representação às teorias computacionalistas, os enativistas deixaram de lado outras teorias mais robustas e abrangentes da representação, o que fragiliza os argumentos em favor da teoria enativa, e cria lacunas explicativas sobre como abrir mão da representação, quando “conceber”,

o que quer que seja, é, em última instância, unificar coisas diversas sob a égide da representação. Como é possível rejeitar completamente a representação quando ela é o princípio sobre o qual todas as linguagens humanas ou mesmo maquínicas (pelo menos até então), e as ciências estão fundadas? Portanto, proponho que, a partir do método anticartesiano de Peirce e de seus conceitos de semiose e signo - que vai muito além de ser apenas uma representação do mundo externo na mente -, parece possível fazer ver que a reconciliação entre representação e anticartesianismo é possível.

PEIRCE'S ANTI-CARTESIAN METHOD: THE RECONCILIATION BETWEEN REPRESENTATION AND ACTION NOT YET EXPLORED BY THE ENACTIVIST MOVEMENT.

The purpose of this article is to discuss the problem of representation as presented by the enactivists, in the light of Peirce's anti-Cartesian method and his concepts of semiosis and sign. The enactive approach of the mind contrasted the concept of representation with that of action in the world. However, although they are logically independent theoretical commitments, they are not mutually excluding or incompatible, given Peirce's own conception of semiosis, which is the very dynamic and continuous action of signs to some mind – which are in turn embodied in languages and acting in the world. For the enactivists, cognition and knowledge, besides being entities that evolve through actions in the world, are the exercise of skilled know-how of situated and embodied action, and the cognitive processes emerge from recurrent sensorimotor patterns of perception and action. This approach challenges the representational and functionalist concepts of the mind when it states that cognitive processes depend on a body with certain sensorimotor skills as well as habits. The enactivists' anti-representationalism is a reaction to the computational and internalist approaches to the mind, which work with the idea that mental processes manipulate information from the outside world and translate it into representations internal to the mind. For computationalist approaches, representation is an objectivist conception, and what interests them is the process of coding information about the world operated in the structures of a system, and occurring independently of the environment or context - that is, the mind is described as a computational system. The computational approaches, if examined through the light of the non-dualist and alternative perspective to Cartesianism proposed by the enactivists, do, indeed, present themselves as reductive and unsatisfactory to the advanced studies of cognition - at least as far as the assumption of the existence of a phenomenological consciousness is concerned -, since they are derived from information theories that, in general, reduce information to encoded data and to the generation of inputs and outputs that go back and forth; thus, they ultimately treat the mind as a machine, and cognitive processes as if they were computational processes. However, by limiting representational investigations to computationalist theories, enactivists have abandoned other more robust and comprehensive theories of representation,

which, as a result, weakens the arguments in favor of the enactive theory, and creates explanatory gaps on how to give up representation, when “conceiving”, whatever it is, is ultimately unifying diverse things under the aegis of representation. How is it possible to completely reject representation when it is the principle upon which all human or even machine languages (at least until then), and the sciences are founded? I propose, therefore, that from Peirce’s anti-Cartesian method and his concepts of semiosis and sign - which goes far beyond merely representing the external world in the mind - it seems possible to demonstrate that the reconciliation between representation and anti-Cartesianism is possible.

FERRAZ, Alexandre Augusto

Universidade Estadual de Campinas; CNPq, Brasil.

QUALIDADE COMO FORMA LÓGICA.

O objetivo geral deste texto é o de apresentar a concepção peirceana de *qualidade* como sendo relativa à concepção tradicional de *forma*. Diz Peirce (CP, I.422): “uma qualidade é mera potencialidade abstrata”. Para tal, nota-se em primeiro lugar que *qualquer coisa* pode funcionar como signo, isto é, ter a ação lógica de ser *mediador* entre um objeto que se apresenta e um interpretante determinado a partir dessa primeira relação. A pergunta é: como o signo pode executar tal função? Embora a resposta não seja simples e muitos elementos estejam envolvidos, Ransdell (1966, p. 80) apresenta uma explicação a respeito do *fundamento do signo*, aquilo que lhe dá a capacidade para assim *funcionar*. Um signo só funcionará como tal na medida em que for interpretado e, para sê-lo, deve estar fundamentado por algo que lhe permita assim ser considerado, ainda que a sua natureza representativa se caracterize mediante a sua *potencialidade* de estar no lugar lógico de um segundo, seu objeto, e não na atualidade da representação. Em outras palavras, um signo não precisa ser interpretado para ser signo, mas, diferentemente, sua natureza representativa se dá mediante *potenciais* interpretantes (Short, 1982, p. 285). O signo representa o objeto a partir de algo que já está neste incorporado e, assim o sendo, *apresentará* uma qualidade desse objeto. Logo, é em relação a essa qualidade que o signo estará apto a representá-lo e, portanto, a qualidade é a referência ao *fundamento do signo*. Ransdell (1966, p. 80, *itálicos nossos*) ressalta que “A noção de qualidade é, de acordo com Peirce, a noção de referência a um fundamento (“... uma pura abstração, cuja referência constitui uma qualidade ou atributo geral, pode ser chamada de fundamento” [I.551]), isto é, a noção de ter potencialidade *sínica*. Assim, a primeira categoria, qualidade, pode ser identificada com a noção de signo no sentido de posse de potencialidade *sínica*, mas ela não é equivalente à noção de um signo atual. *Considero que esta deveria ser*

a versão peirceana da noção tradicional de forma, talidade [suchness] ou essência.” O signo representará um objeto de acordo com sua natureza icônica, indicativa ou simbólica. Como a noção de qualidade está relacionada à noção de forma, podemos afirmar que o signo transmitirá do objeto aquilo que é inteligível por natureza, uma vez que a noção de *forma* está intrinsecamente relacionada ao que é inteligível em si. Em nossa tese de doutoramento, pretendemos mostrar o processo lógico que denominamos *materialização da informação* a partir do conceito de representação, objetivando explicitar a *estrutura* lógica desse processo. Nesse contexto, a discussão sobre *forma* é indispensável. Diz Peirce (CP, 6.192): “Desse ponto de vista, nós devemos supor que o universo existente, com toda sua arbitrária *secondness*, é uma [...] determinação arbitrária do mundo das ideias, um mundo platônico [...]”. Informação seria parte desse mundo apresentado por Platão e responsável pela determinação de parte da realidade através da ação de representação, por sua vez sendo considerada como um “motor operativo” nesse real. Discussões a respeito das relações entre forma e qualidade nos permitem melhor compreender tal processo de materialização e sua natureza metafísica na corroboração da principal hipótese de nossa tese de doutorado, bem como permite compreender alguns dos principais temas relacionados ao idealismo objetivo peirceano.

QUALITY AS LOGICAL FORM.

The purpose of this text is to present the Peircean conception of quality as being relative to the traditional concept of form. Peirce (CP, 1.422) states: “A quality is a mere abstract potentiality.” In the first place, we should note that anything can function as a sign, that is, anything can have the logical action of being a medium between an object and an interpretant determined by the determination of a sign by its object. The first question is: how can it perform this function? Although the answer is not simple since we have so many other elements involved in this process, Ransdell (1966, p. 80) provides an explanation about the ground of the sign, which gives the sign the capacity to function in this way. A sign only functions as such as how it is interpreted and it must be grounded by something that allows it to be so considered, even though its representative nature is characterized by its potentiality of being in the logical place of a second, its object, and not by the actuality of representation. In other words, a sign does not need to be interpreted to be considered as a sign: its representative nature is related to potential interpretants (Short, 1982, p. 285). The sign represents the object as from something that is already embodied in it and, such being the case, the sign necessarily will present one quality of this object. Therefore, the sign will be able to represent the object through this quality. In other words, quality is the reference to the ground of the sign. Ransdell (1966, p. 80) states that the notion of quality is, in accordance with Peirce, the notion of reference to a ground (“... a

pure abstraction, reference to which constitutes a quality or general attribute, may be termed a ground” (CP, 1.551), that is, the notion of possessing potentiality to be a sign. Thus, Ransdell affirms that the first category, quality, can be identified by the notion of sign in the sense of possessing signal potentiality, but it is not equivalent to the notion of an actual sign. Ransdell (idem) also affirms that this notion of quality should be the Peircean notion for the traditional one of form, suchness or essence. Sign will represent an object in accordance with its iconic, indexical or symbolic nature. By considering the notion of quality related to the notion of form, we can say that the sign will convey from object what is intelligible by nature, since the notion of form is a logical notion, related to what is intelligible in itself. In our PhD thesis, we aim to show the logical process that we called materialization of information, using Peircean concept of representation, trying to make explicit the logical structure of this process. In this context, the discussion of form is indispensable, since, according to Peirce (CP, 6.192), “From this point of view we must suppose that the existing universe, with all its arbitrary secondness, is an offshoot from, or an arbitrary determination of, a world of ideas, a Platonic world [...]”. Information would be part of the world already introduced by Plato and responsible for the determination of part of the reality through the action of representation, in turn being considered as an “operative engine” in this real. Discussions about relationships between form and quality allow us to best comprehend such process of materialization and its metaphysical nature at corroborating, or not, our PhD thesis hypothesis, as well as allow us to comprehend some of the main themes related to Peircean objective idealism.

FIGUEIREDO, Ed Alves de

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; CNPq, Brasil.

FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA À LUZ DO PRAGMATISMO DE CHARLES S. PEIRCE.

Esta pesquisa pretende analisar, à luz do realismo peirciano, algumas formas pelas quais a fotografia jornalística de cunho social representa a realidade, ou as relações que esse tipo de fotografia pode manter com os seus objetos e interpretantes. A fotografia social, gênero do fotojornalismo que surgiu logo após o advento da própria fotografia no século XIX e se desenvolveu a partir das primeiras décadas do século XX, parece, desde os seus primórdios, equilibrar-se entre a objetividade da informação jornalística e um caráter mais metafórico no discurso. Tal dualidade, observada em maior ou menor grau em qualquer fotografia, parece provocar algumas consequências particulares nesse gênero do fotojornalismo. Em alguns casos, são fotografias objetivas, nas quais os aspectos utilitários e informativos prevalecem, o que as caracteriza como representações simbólicas e

pretensamente fiéis ao seu objeto dinâmico. São imagens descritivas que tendem a uma narrativa lógica do fato e produzem interpretantes predominantemente lógicos. Em outros casos, algumas fotografias desse mesmo gênero podem, intencionalmente ou não, constituir signos com maior grau de iconicidade. Essas imagens altamente polissêmicas se aproximam do discurso metafórico das artes e produzem um tipo de interpretante notadamente emocional que confere a elas uma maior eficiência no sentido de, não meramente informar, mas fundamentalmente sensibilizar o leitor à realidade social que pretende denunciar. Como exemplo, rodou o mundo em 2015 a imagem de Alan Kurd, o menino curdo caído em uma praia da Turquia depois de se afogar no Mediterrâneo enquanto tentava fugir da Síria com a família. Entre outras tantas imagens e notícias veiculadas na época (algumas de outras vítimas em praias semelhantes, outras do próprio menino feitas por ângulos diferentes ou editadas de formas diversas), uma fotografia em particular foi profundamente eficiente no sentido de causar comoção e indignação. Enquanto diversas fotografias já eram há meses diariamente publicadas, a veiculação desta, que se tornou uma espécie de *imagem oficial* do fato, parece ter sido determinante para o intenso debate e reações populares que se seguiram, modificando, inclusive, algumas posições políticas europeias em relação à questão da imigração. Parece historicamente recorrente que diferentes fotografias jornalísticas de cunho social, produzidas na cobertura jornalística de um mesmo fato, possam provocar reações absolutamente distintas e desproporcionais, conforme os tipos de relações que esses signos estabelecem com seus objetos e o comportamento do interpretante que é definido por essas relações, conferindo maior ou menor *eficiência* para tais fotografias. Pretendemos investigar neste estudo a hipótese de a constituição dessas *fotografias eficientes* revelarem um aparente paradoxo segundo o qual a produção de um signo simbólico pode, intencionalmente ou não e de acordo com condições específicas, *deslizar* para uma forma predominantemente icônica e produzir interpretantes emocionais. Analisar essa hipótese é o objetivo último desta pesquisa e, nesse sentido, a teoria semiótica de Charles Peirce pode nos oferecer instrumental para observar como o comportamento do interpretante pode ser definido pela relação entre signo e objeto. Assim, pretende-se investigar como Peirce concebe essa relação e como ela se dá no sistema de categorias da experiência.

DOCUMENTAL PHOTOGRAPHY: IMAGETIC REPRESENTATION ACCORDING TO THE PRAGMATISM OF CHARLES S. PEIRCE.

This research intends to analyze, according to the pragmatism of Charles Peirce, how the social journalistic photography represents the reality or the relations this kind of photography keep with his objects and interpretants. Since the beginning, the social photography (a photojournalism gender that arose after the advent of photography

itself in XIX century and began development at the first decades of XX century) seems to balance between the objectivity of journalistic information and a metaphoric feature of the discourse. Such duality can be observed in a lesser or greater extent and appears to cause specific consequences in that kind of photojournalism. In some instances, they are objectives photographs in which prevail informative and utilitarian aspects marking them as symbolic representations and faithful to their dynamic object. They are descriptive images that tend to be a logic narrative of the fact and produce essentially logic interpretants. In another cases, some photographs of this gender can constitute intentionally or not signs with higher degree of iconicity. These highly polissemic images approach to metaphorical discourse of arts and produce a kind of very emotional interpretant that confer higher efficiency on one of them in order to sensitize the public to an specific social reality that it intends to report. As an example, in 2015, Alan Kurd's image crossed the world representing a dead boy fallen in a Turkish beach after drowning while getting away from Syria. Between many pictures and news transmitted at the time (some of them about other victims in the same situation or about Alan Kurd's pictures taken in different perspectives) a particularly photograph was very efficient in the sense of making commotion and indignation. This photograph became an official image of the fact, while several photographs were already published for months. This seems to be determinant for the intense debate and popular reaction that followed, even modifying some European politic positions related to immigration issues. It is historically recurrent that different social journalistic photographs covering the same fact could cause distinct reactions, according to the type of relations set by the signs and their objects and to the interpretant's behavior defined for these relations, providing higher or lesser efficiency for these photographs. In this research, we intend to investigate the hypothesis that there is an apparent paradox revealed by the constitution of these efficient photographs. According to this paradox the production of a symbolic sign can, intentionally or not, in accordance with specific conditions, go to an iconic form predominantly and produce emotional interpretants. The ultimate goal of this research is to analyze this hypothesis under Charles Peirce's Semiotic Theory because it can offer us the instrumental to observe how the interpretant's behavior is defined by the relation between sign and object. Thus, we mean to investigate how Peirce conceives this relation and how it works in the category's system of experience.

JACKSON, Nate

Capital University, Columbus, OH, USA.

FORMS OF INDIVIDUALISM AND THE PRODUCTION OF DISABILITY.

In rejecting static conceptions of individuals, pragmatist accounts of individuality enable an analysis of disability identity as a production of the interaction between individuals and their social environments. Many of us have some inkling of ways in which disability is produced. Impairment, disfigurement and disablement are frequent consequences of war, of industrial accidents, medical procedures, interventions, and other events. These modes of producing disability, though, fail to exhaust the ways in which in people can become disabled. In recent decades, social models of disability have aided in disclosing how social structures and institutions can operate to diminish individuals' capacities. In these models, disability is a function of the interplay between the biological characteristics of an individual and features of her environment. I suggest accounts of individuality and individualism developed in pragmatist traditions can further extend this work. Accounts of individuality critiqued by pragmatist authors undergird a logic that pressures some individuals to produce performances of themselves as "disabled" in terms of economic or social dependence. In response, I draw on John Dewey's work, particularly Individualism Old and New, and its contemporary reception to challenge this logic. Accounts of individuality latent in liberalism, what Dewey calls "old individualism," posit individuals as atoms, independent of social organization. Analyzing individualism in terms of allegiances to values, he suggests that the dominant allegiance is pecuniary gain. Treating individuals as "given," existing in a pre-social space, this old individualism implies that one is disabled insofar as one cannot freely trade one's labor in a larger marketplace. This logic "produces" disability not only by consigning individuals whose impairments constrain such activity to a social space defined by inability to participate, but further motivates performances of impairment in order to claim supposed benefits. Disability scholars have called attention to pressures to "perform" disability as a means of legitimating accommodations or social services. In attempting to justify a claim to disability "benefits," individuals effect a performance accentuating impairment and consequent dependence. These self-images can become internalized and effect further marginalization and stigmatization. Further, recent historical research calls attention to the invention of disability as a status relative to opportunity and capacity to operate in modern industrial workplaces. Using social models as a starting point, we can understand disability as embodied in these performances as a product of pressures to demonstrate that impairments constrain one's free action. Developing these models, we can see how conceptions of individuality and individualism can motivate these performances and non-disabled persons' tendencies to assign individuals with impairments a diminished status. Old individualism is, in effect, disabling. As old individualism undergirds a logic that appears to produce and marginalize disability,

so a pragmatist account of individualism de-stabilizes conceptions and norms of “abledness.” Dewey treats individuality as an “achievement” and a “process” wherein our habits and capacities are in flux. Pragmatist approaches to individuality, as James Albrecht characterizes them, emphasize our embeddedness a web of relations whose norms and ideals are in turn molded, revised and reinvigorated by individual choice. This democratic individualism creates individuals, to borrow Dewey’s language, that share in and contribute to ideals animating a community. Individual habits and character are formed in conjoint activity within the contexts of communities. Pragmatic accounts of individuality contravene the production of disability as incapacity relative to the marketplace, instead affirming the ubiquity of being enmeshed in processes of constructing individuality. This re-orientation, I suggest, bolsters contemporary projects aiming at “value-neutral” (as opposed to negative) accounts of disability identity.

FORMAS DE INDIVIDUALISMO E A PRODUÇÃO DA INCAPACIDADE.

Rejeitando concepções estáticas dos indivíduos, as interpretações pragmatistas da individualidade capacitam uma análise da identidade da incapacidade como um produto da interação entre indivíduos e seus ambientes sociais. Muitos de nós desconfiamos das maneiras como a incapacidade é *produzida*. A debilitação, a mutilação e a incapacitação frequentemente são consequências da guerra, de acidentes industriais, de procedimentos médicos, intervenções e outros acontecimentos. Esses modos de produção da incapacidade, no entanto, não exaurem as maneiras como as pessoas podem se tornar incapacitadas. Em décadas recentes, modelos sociais de incapacidade ajudaram a revelar como estruturas sociais e instituições podem funcionar para diminuir as capacidades dos indivíduos. Nesses modelos, a incapacidade é uma função da interação entre as características biológicas de um indivíduo e aspectos de seu ambiente. Sugiro, aqui, que explicações da individualidade e do individualismo desenvolvidas nas tradições pragmatistas podem estender ainda mais esse trabalho. Explicações da individualidade criticadas pelos autores pragmatistas fundamentam uma lógica que pressiona alguns indivíduos a produzir representações de si mesmos como “incapazes” em termos de dependência econômica ou social. Em resposta a isso, baseio-me na obra de John Dewey, particularmente em *Individualism Old and New*, e na sua recepção contemporânea para desafiar essa lógica. Explicações do individualismo latentes no liberalismo, chamadas por Dewey de “individualismo antigo”, apresentam os indivíduos como átomos, independentes de organização social. Analisando o individualismo em termos de lealdade a valores, ele sugere que a lealdade predominante é um ganho pecuniário. Considerando os indivíduos como “dados”, existentes num espaço pre-social, esse antigo individualismo implica que uma pessoa é incapaz na medida em que não consegue trocar seu próprio trabalho num mercado maior. Essa lógica “produz” a incapacidade, não

apenas porque confina a um espaço social definido pela incapacidade de participar os indivíduos cujas debilidades restringem essa atividade, mas também porque motiva representações de debilidade para alegar supostos benefícios. Estudiosos do tema chamaram atenção às pressões de “desempenho” de incapacidade como meio de legitimar acomodações ou serviços sociais. Ao tentar justificar uma reivindicação de “benefícios” de incapacidade, os indivíduos acabam por agir de modo a acentuar a debilitação e a consequente dependência. Essas imagens que fazem de si mesmos podem se tornar internalizadas e efetuar ainda outras marginalizações e estigmatizações. Além disso, pesquisas históricas recentes chamam atenção à invenção da incapacidade como um status relativo à oportunidade e à capacidade de trabalhar em modernos ambientes industriais de trabalho. Podemos entender a incapacidade incorporada nessas ações como um produto de pressões usando os modelos sociais como ponto de partida. Com isso, podemos demonstrar que as debilitações restringem a ação livre das pessoas. Desenvolvendo esses modelos, podemos ver como concepções de individualidade e individualismo podem motivar esse tipo de ação, bem como motivam também as tendências das pessoas que não têm incapacidades para diminuir os incapacitados e debilitados. Com efeito, o individualismo antigo é incapacitante. Como o individualismo antigo sustenta uma lógica que parece produzir e marginalizar a incapacidade, então, uma explicação pragmatista do individualismo desestabiliza as concepções e normas de “capacidade”. Dewey trata a individualidade como uma “realização” e um “processo”, no qual nossos hábitos e capacidades estão em fluxo. Explicações pragmatistas da individualidade contrariam a produção da incapacidade como uma incapacidade relativa ao mercado, e, em vez disso, afirmam que estar em meio a processos de construção da individualidade é algo ubíquo. Essa reorientação, sugiro, reforçam projetos contemporâneos que miram nas explicações da incapacidade como uma identidade “axiologicamente neutra” (opostas às que a consideram negativamente).

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

JUNGK, Isabel

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

A NATUREZA NORMATIVA DO AMOR.

Em seu texto *Evolutionary Love*, publicado originalmente no periódico *The Monist*, em 1893, Peirce defende que o amor é uma força metafísica, criativa e evolucionária que se desenvolve em um movimento circular. Isso significa que, no mesmo impulso, o amor universal projeta suas criações para a independência e liberdade, bem como as atrai para a harmonia. Além disso, ao longo de sua

obra, o filósofo afirma que devemos buscar a realização do *summum bonum*, conformando nossas atitudes ao crescimento da razoabilidade concreta no mundo, ou seja, que nossas ações devem ser de natureza tal a ensejar a corporificação de formas cada vez mais elevadas de sentimento, conduta e pensamento. Contudo, ao relacionar essa perspectiva filosófica com a realidade cotidiana em que nossas ações se desenvolvem, surge uma questão: como é possível agir de maneira amorosa e razoável quando, na maior parte do tempo, somos assolados por emoções e interesses conflitantes? O amor concebido como *ágape*, isto é, como amor universal, pode ser melhor compreendido como um sentimento normativo capaz de organizar emoções e pensamentos contraditórios e, dessa forma, orientar nossa conduta de vida. Sua normatividade fica clara a partir da análise de sua posição no interior do sistema peirceano, no qual a Ciência Normativa encontra-se dividida em três ramos, segundo as categorias fenomenológicas. Em função dessa divisão triádica, é possível observar que o amor possui uma natureza semiótica que, por sua vez, está ligada a suas dimensões éticas e estéticas. Assim, o presente artigo objetiva realizar uma análise aprofundada da natureza normativa tridimensional do amor, compreendido como *ágape*, demonstrando que: a) o amor é um sentimento lógico em direção ao qual somos esteticamente atraídos, entretanto, faz-se necessário escolher agir voluntariamente em conformidade com ele; b) quando a natureza semiótica das emoções é levada em consideração, é possível estar consciente de como elas informam nossos sentimentos e reações; c) e, conseqüentemente, que é possível escolher nossas emoções a fim de adotar uma conduta ética que seja capaz de forjar novos hábitos pessoais e, dessa forma, aumentar a corporificação do amor de maneira crescente no mundo. Por conseguinte, ao final desta análise, será enfatizado o papel pragmático e necessário do amor evolucionário na atualidade. Esse conceito peirceano se mostra indispensável para pensar o cenário da interconectada sociedade global contemporânea, na qual suas múltiplas redes de comunicação, associadas à velocidade com a qual as decisões em qualquer âmbito afetam o todo, formam o contexto real a colocar questões prementes acerca de nossas condutas e de como elas estão a forjar o futuro do mundo em que vivemos.

THE NORMATIVE NATURE OF LOVE.

In his article Evolutionary Love, published originally in The Monist, in 1893, Peirce defends that love is a metaphysical, creative and evolutionary force which develops in a circular movement, which means that, by the same impulse, universal love projects its creations into independency and freedom, as well as it draws them into harmony. Furthermore, throughout his work, the philosopher claims that we should seek the fulfillment of the summum bonum by adapting our attitudes to the growth of concrete reasonableness in the world, which means that our actions should be of such a nature

that they are capable of increasing the embodiment of ever higher forms of sentiment, conduct and thought. From this philosophical perspective, and considering the everyday reality in which our actions take place, a question arises: how can we act in a loving and reasonable way when most of the time we are overwhelmed by conflicting emotions and interests? Love conceived as *agape*, i.e., as universal love, can be better understood as a normative sentiment capable of organizing conflicting emotions and thoughts and, hence, capable of orienting our conduct in life. Its normativeness becomes clear from the analysis of its place within the Peircean system, in which Normative Science is divided into three branches, according to the phenomenological categories. Due to this triadic division, it is possible to observe that love has a semiotic nature which, in turn, is linked to its ethical and esthetical dimensions. Accordingly, the present article aims to fulfill an in-depth analysis of the three-dimensional normative nature of love, understood as *agape*, demonstrating that: a) love is a logical sentiment towards which we are esthetically attracted, however it is necessary to voluntarily choose to act in conformity to it;

b) when the semiotic nature of emotions is considered, it is possible to be conscious of how they inform our sentiments and reactions; c) and, consequently, that it is possible to choose our emotions in order to adopt an ethical conduct that can forge new personal habits and, thus, enhance the embodiment of love in the world in a growing manner. Therefore, at the end of this analysis, the pragmatic role of evolutionary love, which is necessary nowadays, will be emphasized. This Peircean concept is indispensable for thinking about the scenario of the interconnected contemporary global society in which its multiple communication networks, conjugated to the speed by which decisions in any ambit affect the whole, form the real context that poses pressing questions about our conducts and how they forge the future of the world we live in.

LEGRIS, Javier

CONICET e Universidad de Buenos Aires, Argentina.

ON THE NOTION OF ANALYSIS IN PEIRCE'S EXISTENTIAL GRAPHS.

C. S. Peirce formulated his conception of deduction in the context of his theory of signs and his pragmatist philosophy. For him, deduction was a process accomplished by means of diagrams, and diagrammatic reasoning is the accurate method for representing the "course of thinking". From 1896 on, Peirce developed his diagrammatic systems of Existential Graphs, considered by him as his "chef d'oeuvre" that "ought to be the logic of the future" (according a letter he wrote to William James). Peirce's approach to logic followed directly from his conception of mathematics: mathematical thought was for him essentially diagrammatic: algebraic equations were as diagrammatic as geometric figures. Now, diagrams are icons. In a diagram the analytical role of icons

turns to be essential. Peirce referred to an “icon [or analytic picture]” (Peirce CP I.275). An icon provides knowledge through its decomposition in basic elements. There is further evidence from unpublished manuscripts that Peirce conceived his system of the Existential Graphs not only as a diagrammatic proof procedure for deductive logic, but also (and mainly) as a tool for logical analysis. Clearly, this analysis is not of linguistic but of semiotic nature. Moreover, Peirce regarded his systems of Existential Graphs as the best diagrammatic method for deductive logic. Hence, they should provide the best (an the most accurate) analysis of logical concepts. This paper addresses the notion of analysis underlying the Existential Graphs. In line with this aim, it will be shown that Frederik Stjernfelt’s idea of an operational iconicity provides the semiotic basis for the notion analysis. Moreover, the claim of Francesco Bellucci and Ahti-Veikko Pietarinen that unique decomposition is the essential feature of Peirce’s notion of analysis will be brought into discussion and will be illustrated by the case of the “scroll” in the Alpha system of Existential Graphs. Finally, for the sake of a better understanding, Peirce’s perspective will be briefly compared with Gottlob Frege’s conception of analysis in Begriffsschrift, and some relevant differences between them will be pointed out.

SOBRE A NOÇÃO DE ANÁLISE NOS GRAFOS EXISTENCIAIS DE PEIRCE.

C. S. Peirce formulou sua concepção de dedução no contexto de sua teoria dos signos e sua filosofia pragmática. Para ele, a dedução era um processo realizado por meio de *diagramas*, e o raciocínio diagramático é o método exato para representar “o curso do pensamento”. De 1896 em diante, Peirce desenvolveu seus sistemas diagramáticos de Grafos Existenciais, considerados por ele mesmo como sua “chef d’oeuvre”, a qual “deveria ser a lógica do futuro” (segundo uma carta que ele escreveu a William James). A concepção peirciana da lógica decorria diretamente de sua concepção da matemática: o pensamento matemático era, para ele, essencialmente diagramático. Equações algébricas eram tão diagramáticas quanto figuras geométricas. Ora, diagramas são ícones. Num diagrama, a função *analítica* dos ícones torna-se essencial. Peirce dizia “ícone [ou imagem analítica]” (Peirce CP I.275). Um ícone transmite conhecimento pela sua decomposição em seus elementos básicos. Em seus manuscritos não publicados, há mais elementos para mostrar que Peirce concebia seu sistema de Grafos Existenciais não apenas como um procedimento diagramático de prova para a lógica dedutiva, mas também (e principalmente) como uma ferramenta para a *análise lógica*. Essa análise, é claro, não é de natureza linguística, mas semiótica. Além do mais, Peirce considerava seus sistemas de Grafos Existenciais como o *melhor* método diagramático para a lógica dedutiva. Por conseguinte, eles dão a *melhor* (e a *mais rigorosa*) análise de conceitos lógicos. Este artigo trata da noção de análise subjacente aos Grafos Existenciais. Em linha com esse objetivo, mostrará que a ideia de F. Stjernfelt de uma *iconicidade operativa* fornece a base semiótica para a noção de análise.

Além do mais, a alegação de Francesco Bellucci e Ahti-Veikko Pietarinen de que a *decomposição única* é o aspecto essencial da noção de análise de Peirce será discutida e exemplificada pelo caso do “rol” no sistema Alfa dos Grafos Existenciais. Por fim, para melhor entendimento, a perspectiva peirciana será brevemente comparada com a concepção fregiana de análise presente na *Begriffsschrift*, bem como serão indicadas algumas diferenças entre elas.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

LEITE, Ana Rita Nicoliello Lara

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

A RELEVÂNCIA DA ESTÉTICA DEWEYANA PARA O PENSAMENTO FILOSÓFICO SOBRE OBRAS DE ARTE CONTEMPORÂNEAS.

O filósofo pragmatista John Dewey interessou-se pela estética em sua fase madura, já que, no seu entender, os produtos artísticos e seus modos de produção e apreciação nos fornecem a *forma* para a compreensão da experiência em geral. Mesmo que o desenvolvimento do seu argumento no livro *Experiência e Natureza* nos leve a crer que seu interesse pelas artes se restringe a preocupações metafísicas e ao desejo de defender e redimir a própria atividade científica, outra postura é adotada no livro *Arte como Experiência*, no qual a análise é pautada pela investigação acerca do valor *imediato* de determinados objetos – os quais denominamos obras de arte – para nossas experiências individuais e coletivas. Dewey defende que um dos principais problemas das filosofias estéticas é a abordagem compartimentalizada de um campo previamente determinado de objetos tidos como artísticos, sem consideração às condições psicológicas, históricas e sociais que justificam sua produção. Para o filósofo, nenhum objeto é estético porque sobre ele desce uma aura de espiritualidade, transcendência, beleza ou qualquer elemento essencial. Um objeto é estético porque *provoca* algo na experiência daqueles que entram em contato. Essa postura metodológica que não estabelece uma ontologia da obra de arte e que elege a experiência estética como o parâmetro para uma teoria da arte é interessante, pois permite que a filosofia estética permaneça aberta a novas formas de arte e, por outro lado, auxilie na construção e transformação de nossas experiências cotidianas, na crítica às inoperâncias de práticas artísticas institucionais, na sua democratização e maior envolvimento político e social. Essa tarefa da estética decorre, como bem lembra Shusterman (1998), do papel abrangente atribuído à filosofia pelos pragmatistas: tornando-a engajada e crítica, *remodelar* os conceitos para melhor aproveitamento e fruição da experiência. Apesar de suas amplas possibilidades, a estética pragmatista de Dewey foi logo esquecida no debate filosófico norte-

americano ao longo do século XX, em virtude do desenvolvimento de uma estética essencialista mais vigorosa, em oposição à estética continental europeia, baseada no conceito kantiano de análise e no atomismo lógico. Contudo, tais teorias se mostraram irrealizáveis, porque nenhuma chegou a oferecer as condições necessárias e suficientes para justificar o *status* de uma obra de arte, como distinta de outros objetos do cotidiano. Mesmo as teorias-embalagem de Dickie e Danto, que apelam à instituição ou à própria história da arte como definidora do *status* da obra, parecem ter se restringido a uma tarefa descritiva, sem, contudo, permitirem-se a um papel mais crítico em relação à arte institucional. Na tentativa, então, de resgatar as noções deweyanas sobre a experiência e a arte, trataremos de mostrar como a prática de alguns artistas contemporâneos brasileiros parece ressoar com as teses estéticas desenvolvidas por Dewey no início do século XX: Lygia Clark, na obra *A Casa É o Corpo: Labirinto* (1968); Hélio Oiticica e Neville d'Almeida, na obra *Cosmococa 5 Hendrix-war* (1973); e, mais recentemente, Maikon K, em parceria com os artistas Fernando Rosenbaum e Faetusa Tezelli na performance *DNA de DAN* (2013).

THE RELEVANCE OF DEWEYAN AESTHETICS TO PHILOSOPHICAL THINKING ON CONTEMPORARY ARTWORKS.

The pragmatist philosopher John Dewey was interested in Aesthetics in his mature phase, because, according to him, artistic products and their modes of production and appreciation provide us with the form to understand experience in general. Even though the development of his argument in the book Experience and Nature leads us to believe that his interest in arts is restricted to metaphysical concerns and to defend and redeem scientific activity, another perspective is adopted in the book Art as Experience, in which the analysis is guided by the investigation of the immediate value of certain objects – which we call works of art – to our individual and collective experiences. Dewey argues that one of the main problems of aesthetic philosophies is the compartmentalized approach of a predetermined field of objects considered artistic, regardless of psychological, historical and social conditions that justify their production. According to him, no object is aesthetic because it descends on it an aura of spirituality, transcendence, beauty or any other essential element. An object is aesthetic because it causes something in the experience of those who come into contact. This methodological attitude that does not establish an ontology of the artwork, but does select aesthetic experience as the paradigm for a theory of art, is interesting, because it allows Aesthetic Philosophy to remain open to new forms of art and, on the other hand, to aid in the construction and transformation of our daily experiences, in the criticism of the inefficiencies of institutional artistic practices, in their democratization and in the growth of its political and social involvement. This Aesthetics' task is a consequence, as Shusterman (1998) reminds us, of the role

attributed to Philosophy by pragmatists: making it engaged and critical, remodeling concepts for better use and enjoyment of experience. Despite its broad possibilities, Dewey's Pragmatist Aesthetic was soon forgotten in American philosophical debate throughout the twentieth century, because of the development of a more vigorous essentialist aesthetic, opposed to continental European aesthetic and based on the Kantian concept of analysis and logical atomism. However, such theories proved to be unachievable, because none of them offered the necessary and sufficient conditions to justify the status of a work of art, as distinguished from other everyday objects. Even Dickie and Danto's theories, which appeal to institution or to history of art as the definers of an artwork status, seem to have been restricted to a descriptive task, not permitting a critical perspective about institutional art. In an attempt to rescue Dewey's notions about experience and art, we are going to show how the practice of some contemporary Brazilian artists seems to resonate with the aesthetic thesis developed by Dewey at the beginning of the 20th century: Lygia Clark, in *The house is the Body: Labyrinth* (1968); Hélio Oiticica and Neville d'Almeida, in *Cosmococa 5 Hendrix-war* (1973); and, more recently, Maikon K, with Fernando Rosenbaum and Faetusa Tezelli's collaboration, in the performance *DAN's DNA* (2013).

LIMA, Rodrigo César Castro

Universidade de São Paulo, Brasil.

POR QUE O PRAGMATISMO É NECESSÁRIO PARA COMPREENDER O MAL?

Não é nada fácil encontrarmos uma definição apropriada ao significado específico do mal. Ademais, não é nenhuma surpresa que tal assunto tenha sido relegado ao mais baixo patamar da filosofia devido à dificuldade em se obter uma definição bem estipulada para o termo. Podemos até mesmo ousar em dizer que o mal ocupa um espaço limítrofe entre o místico e a barreira metafísica da mais pura filosofia. Por outro lado, é um assunto que continua a nos incomodar; afinal, enquanto seres humanos vivendo em conjunto na sociedade, precisamos de uma clara definição para o que seja o mal de fato a fim de prosseguirmos adiante, estipulando assim parâmetros claros para a ética, a estética e outras práticas sociais. Aqui se propõe que as premissas do pragmatismo poderiam ser úteis não apenas para o problema do mal, mas também muito valiosas a fim de nos situarmos na direção correta para resolver e definir o assunto. Ademais, estipula-se que precisamos nos mover para além dos argumentos teísticos se verdadeiramente desejamos “atacar” o problema do mal, abdicando dos argumentos místicos que têm sido utilizados até agora para a compreensão do tema. Na medida em que lidamos com o pragmatismo, torna-se importante trazer à tona o fato de que muitos autores que se declararam pertencentes à mesma escola de pensamento também apresentaram diferentes

aspectos do que julgavam ser o verdadeiro pragmatismo. De forma breve e resumida, poderíamos facilmente comparar os dois nomes mais importantes da vertente pragmática: C. S. Pierce (o fundador do pragmatismo) e William James (o disseminador mais importante do pragmatismo). É importante proceder desta forma, pois tal como Sami Pihlström no seu livro *Taking Evil Seriously* (2014) disse, devemos escolher entre duas versões da mesma teoria – a teoria restritiva de Peirce e a vertente mais liberal de James. De uma forma ou de outra, o que temos diante de nós representa um bom resumo de quais discrepâncias permanecem no coração da teoria pragmática. Não é nenhuma surpresa que Pihlström irá adotar o caminho do meio em sua obra: ele combina a consideração de Peirce em relação aos gerais universais (pois se quisermos definir o mal precisamos dar a ele uma definição abrangente – o mal deve ser igualmente mal em toda a situação que ocorra) com a abordagem expansiva de James no intuito de desafiar “relativismos” morais e teísticos dos mais diversos (não há “feriados morais”, tal como James nos diz, quando se trata do mal). No entanto, há mais alguém que poderia facilmente nos municiar com uma versão sólida e confiável do pragmatismo, alguém que foi cuidadoso o suficiente para não se precipitar por uma versão mais restritiva ou liberal em relação ao próprio pragmatismo: Frank Ramsey. A contribuição mais importante de Ramsey ao pragmatismo foi provavelmente aquilo que se ficou conhecido como o “movimento deflacionário”. De acordo com o autor, uma crença é verdadeira se é uma crença que p , então p . Mais adiante, como veremos, tal premissa poderia nos prover de uma definição pragmática muito interessante a respeito de como o problema do mal funciona em nossa própria lógica humana. O último argumento poderia facilmente nos retirar da necessidade de invocar o teísmo a fim de compreender o problema do mal.

WHY PRAGMATISM IS NECESSARY TO UNDERSTAND EVIL?

It is not easy to find an appropriate definition to what evil specifically means. Furthermore, it comes with no surprise that such an issue has been relegated to the bottom end of philosophy given the difficulty in order to obtain a proper definition to the term. One might even be as bold as to say that evil occupies a boundary somewhere between the mystical and the metaphysical threshold of pure philosophy. On the other hand, it is a subject that keeps hanging in the balance because we, as human beings, living together in society, need a clear definition to what evil is in order to move ahead and stipulate clear parameters for ethics, aesthetics and social practices as well. Here, it is proposed that the premises of pragmatism could not only be valuable to the problem of evil, but also very reliable to put us in the right direction to solve and define the issue. Furthermore, it is argued that we must also move away from theistic arguments if we are to “tackle” the issue more seriously without appealing to the mystical arguments that have been used to study the subject so far. While dealing with pragmatism it is

important to highlight that many authors who have declared themselves belonging to the same school of thought have also presented many different aspects of what they have judged to be the real pragmatism. In a very brief and short way, we could easily compare the two most important names of this pragmatic philosophy: C. S. Peirce (Pragmatism's founder) and William James (Pragmatism's most important disseminator). It is important to do so, because as Sami Pihlström in his book *Taking Evil Seriously* (2014) has said, we are able to choose between two versions of the same theory – Peirce's restrictive one and James's liberalized one. In a way or another, what we have here is a very good summary of which discrepancies might lie in the heart of the pragmatic theory. It is no surprise at all that Pihlström will adopt in his book the middle way: he will combine the Peircean account of real generals (then if we ought to define evil we must give to it an all-encompassing definition – evil must be equally evil in every situation it occurs) with James's broadly pragmatic approach in order to challenge "relativisms" of morally and theistic dimensions of all sorts (there are no "moral holidays", as James put it, when it comes to evil). However, there might be someone else that could as easily provide a solid and reliable version of pragmatism, someone that was careful enough not to jump into a more restrictive or liberalized version of pragmatism: Frank Ramsey. Ramsey's most important contribution to pragmatism was probably what became known as the 'deflationary move'. According to the author, a belief is true if it is a belief that p, and p. Further on, as we shall see, such a premise might provide a very interesting and pragmatic definition for evil and how it works inside our very own human logic. The last case could very easily pull us out of the necessity to invoke theism and the mystical in order to understand the problem of evil.

LÓPEZ, Federico E.

FaHCE-IdIHCS-UNLP/CIC, Argentina.

MORAL DELIBERATION IN A NATURALIST CONTEXT: DEWEY'S REFLEXIVE ETHICS AS A POLITICAL PROJECT.

In the last years, studies and controversies have arisen over the relationship between what can be called the moral life of human beings and their biological condition. As Frans de Wall (2007) points out, two opposing positions can be recognized regarding this subject. In the first place, there is a position which maintains that morality is something exclusively human and, what is more, that it is a kind of constraint applied by culture on emotional animal impulses and, broadly speaking, on nature itself. On the other hand, there is another position that states that morality has evolutionary roots and that it cannot be thought as a cultural layer opposing to nature or printed on it. According to this position, there is continuity between morality and culture.

*In order to support this position de Waal mentions several studies on primates and other mammals showing the presence of empathy and reciprocity within the non-human animal world, being these phenomena understood as pillars over which moral conscience is built. These positions have been both criticized. Indeed, the former position is said to be a form of blind rationalism which neglects the obvious continuities between human and non-human animals. Furthermore, it seems to depend on certain dichotomies such as rational/emotional or natural/cultural which have been deeply questioned by contemporary philosophy. On the other hand, the naturalist position is usually pointed as a form of reductionism which does not acknowledge human ability of going beyond natural ends and values to state new ones. This latter position has not only been linked with Darwin's but also with John Dewey's thinking. In fact, following Jerome Popp, Dewey could be considered as evolution's first philosopher. His biological understanding of experience as the base of all intelligent behavior -of which moral behavior is only an instance- seems to prove Dewey's commitment with a position similar to de Waal's. However Dewey's conception of Ethics and its relation with Biology is not that simple. This paper focuses on Dewey's use of evolutionary theory in Ethics. It points out that there is a remarkable difference between his early and his later works on Ethics, despite its important continuities. This difference can be illustrated by the contrast between Dewey's early paper on "Evolution and Ethics" published in 1898 on the one hand, and his "Anthropology and Ethics" published in 1927 on the other. Indeed, the intensive use of biological and evolutionary language found in the early papers is moderated in his later works such as *Ethics* (1932) or *Theory of Valuation* (1939). This contrast not only throws light on Dewey's use of scientific knowledge in philosophy, but also allows for a clearer understanding of Dewey's normative and political stance on reflective Ethics. In other words, Dewey's use of evolutionary as well as anthropological insights must be seen as a defense of the possibility and necessity of moral reflective deliberation as a political and educational project, and not as a way of reducing nor deducing moral values to or from biological or anthropological imperatives.*

DELIBERAÇÃO MORAL NUM CONTEXTO NATURALISTA: A ÉTICA REFLEXIVA DE DEWEY COMO PROJETO POLÍTICO.

Nos últimos anos, estudos e polêmicas surgiram sobre a relação entre o que pode ser chamado de vida moral dos seres humanos e sua condição biológica. Como aponta Frans de Waal (2007), duas posições opostas podem ser reconhecidas acerca do assunto. Primeiro, há uma posição defendendo a tese da moralidade como algo exclusivamente humano e, mais, como uma espécie de restrição aplicada pela cultura aos impulsos animais emocionais e, falando de maneira geral, sobre a própria natureza. Por outro lado, há outra posição afirmando que a moralidade tem raízes evolutivas e não pode ser concebida como uma camada

cultural oposta à natureza ou imposta sobre ela. Segundo essa posição, há uma continuidade entre a moralidade e a cultura. Para sustentar essa posição, de Waal cita vários estudos sobre os primatas e outros mamíferos que mostram a presença da empatia e da reciprocidade no mundo animal não humano. Esses fenômenos são entendidos como pilares sobre os quais a consciência moral se constrói. Ambas as posições foram criticadas. Com efeito, diz-se que a primeira posição é uma forma de racionalismo cego que negligencia as continuidades óbvias entre os animais humanos e não-humanos. Além disso, ela parece depender de certas dicotomias, como racional / emocional ou natural / cultural, as quais foram profundamente questionadas pela filosofia contemporânea. Por outro lado, a posição naturalista geralmente é mostrada como uma forma de reducionismo que não reconhece a capacidade humana de ir além de fins e valores naturais para afirmar outros, novos. Essa última posição não apenas foi relacionada ao pensamento de Darwin, mas também ao de John Dewey. De fato, segundo Jerome Popp, Dewey poderia ser considerado como o primeiro filósofo da evolução. Seu entendimento biológico da experiência como base de todo comportamento inteligente - do qual o comportamento moral é apenas um caso - parece demonstrar o comprometimento de Dewey com uma posição parecida com a de de Waal. Contudo, Dewey tem uma concepção da Ética e da sua relação com a Biologia que não é tão simples. Este artigo foca no uso feito por Dewey da teoria da evolução em sua Ética, indicando a existência de uma diferença considerável entre suas primeiras e suas últimas obras sobre Ética, não obstante importantes continuidades. Essa diferença pode ser exemplificada pela diferença existente entre, por um lado, um dos primeiros escritos de Dewey sobre o assunto, "Evolution and ethics" (1898), e, por outro, seu "Anthropology and ethics" (1927). Com efeito, o uso intenso de linguagem evolutiva e biológica dos primeiros escritos é moderado nas suas obras tardias, como *Ethics* (1932) e *Theory of valuation* (1939). Esse contraste não só joga luz sobre o uso feito por Dewey do conhecimento científico na filosofia, como também permite um entendimento mais claro da sua postura normativa e política quanto à Ética reflexiva. Em outras palavras, o uso de *insights* evolutivos e antropológicos por Dewey deve ser visto como uma defesa da possibilidade e da necessidade de deliberação moral reflexiva como um projeto educativo e político, e não como uma forma de reduzir, sequer de deduzir, valores morais ou a formas biológicas ou a imperativos antropológicos.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

MADEIRA, Marcelo S.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

PRAGMATISMO E SIGNIFICADO: COMO OS JUÍZOS PERCEPTIVOS PODEM MOLDAR A CONDUCTA?

Em 1903, Charles S. Peirce proferiu uma série de sete conferências em Harvard, as quais foram compiladas sob a denominação de *Harvard Lectures on Pragmatism*. Nessa série de conferências, Peirce expôs de maneira objetiva que o âmago de sua filosofia reside na confluência do pragmatismo com as demais ciências que constituem a sua arquitetura filosófica e como o arcabouço teórico ali desenvolvido é primordial para o modo como pensamos e deliberamos nossas ações. Sob este aspecto, Peirce não reduz o pragmatismo a uma mera regra utilitária com vistas a ação prática, na medida em que ele considerou o pragmatismo como uma máxima lógica em vez de tratá-lo como um princípio de filosofia especulativa — do mesmo modo que tratou de distingui-lo daqueles outros tipos de pragmatismos formulados por seus contemporâneos, os quais se apropriaram de tal nome para conceituar doutrinas tão díspares como aquela que ele próprio propusera — e que a natureza do pragmatismo consiste na análise de significados de maneira “...em quais circunstâncias *concebíveis* iríamos determinar o como nós deveremos agir deliberadamente, e como nós deveremos agir de maneira prática e não apenas como deveremos agir como afirmando ou negando o conceito a ser esclarecido” (EP 2:145). Com isso, as consequências práticas que envolvem a totalidade de um conceito repousam em uma crença e que esta estabelece o comportamento com o qual se deve estar preparado a agir conforme a oportunidade assim se faça presente. Para tanto, Peirce desvinculou o pragmatismo dos apelos iniciais que incidem sobre aspectos psicológicos ao conceber a crença como resultante da análise lógica do ato judicativo e este, por sua vez, associado à análise da asserção. Não obstante, nesse interim, ver-se-á a relevância da asserção como elemento-chave para a interação do interpretante lógico com a ontologia que subjaz no universo fenomênico. Desse modo, após apresentação inicial dos prós e os contras pertinentes ao pragmatismo, Peirce retorna à fenomenologia para demonstrar como essa ciência amparada pelas categorias universais, as quais são primordiais para a análise dos fenômenos, recepciona os fatos externos pela consciência e, posteriormente, como as ciências normativas (estética, ética e lógica) preparam o terreno para a “conformidade dos fenômenos aos *fins*” (EP 2:199). Desse modo, mostrar-se-á como os aspectos essenciais que o pragmatismo apresenta não se limitam tão-somente a um contexto filosófico, mas a possibilidade de estendê-los a própria conduta da vida.

PRAGMATISM AND MEANING: HOW THE PERCEPTUAL JUDGMENTS COULD SHAPE THE CONDUCT?

In 1903, Charles S. Peirce delivered a series of seven lectures at Harvard, which received the name of Harvard Lectures on Pragmatism. In this set of lectures, Peirce explained that, objectively, the core of his philosophy is based on the merge of Pragmatism with the other sciences constituting his philosophical architecture, and developing a theoretical framework which is paramount to the way how we think and deliberate our actions. According to this aspect, Peirce does not reduce the Pragmatism as a single utilitarian rule intended to practical action. He took the Pragmatism in consideration as Maxim of Logic rather than as a principle of speculative philosophy. He distinguished it from those other kinds of Pragmatism elaborated by your contemporaneous, which took over such name to conceptualize very different doctrines. Besides, the nature of his Pragmatism consists in the analysis of meaning in a way "... which in conceivable circumstances would go to determine how we should deliberately act, and how we should act in a practical way and not merely how we should act as affirming or denying the conception to be cleared up" (EP 2:145). According to this, the practical consequences, which are involving the totality of a concept, are lying on a belief, and this establishes the behavior with that it should be prepared to act as the opportunity appears. For this purpose, Peirce untied the Pragmatism from the initial appeals that incur on the psychological aspects when he conceived the belief as resulting from the logical analysis of the judicative act and, in turn, this is associated with the analysis of the assertion. Notwithstanding, in the interim, we could see the relevance of the assertion as a key element to the interaction of the logical interpretant with the ontology that underlies in the phenomenal universe. In this way, after to the initial presentation of the pros and cons relevant to the Pragmatism, Peirce starts from the phenomenology to demonstrate how this science based on the universal categories. Besides, these are paramount to the analysis of the phenomena, as far as phenomenology can get the facts through consciousness and, after, how the Normative Sciences (Aesthetic, Ethic, and Logic) prepare the ground to the "conformity of phenomena to ends" (EP 2:199). Therefore, we will show how the essential aspects that the pragmatism presents are not limited only to a philosophical context, but the possibility to expand them to the own conduct of life.

MADI, Maria Alejandra C.

PUC-SP, Brasil.

LEI E ACASO: REFLEXÕES SOBRE O INDETERMINISMO ONTOLÓGICO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NUMA ABORDAGEM REALISTA E EVOLUCIONISTA.

O pensamento filosófico de Charles S. Peirce suscita uma reflexão sobre a ontologia das relações econômicas numa abordagem realista e evolucionista. Embora a Economia como uma ciência moderna se tenha autonomizado enquanto campo

específico de conhecimento no século XVIII, ainda hoje se observa a presença do determinismo como pressuposto ontológico acerca da realidade social. De fato, a teoria econômica neoclássica - dominante na academia e nas formulações de política econômica - privilegia o idealismo subjetivo e desconsidera a importância da reflexão sobre a natureza ontológica dos fenômenos, provocando, por omissão e como consequência, o risco de adotar um viés nominalista na filosofia que conforma a Ciência Econômica. Neste contexto, a pergunta relevante é: quais são os princípios de uma ontologia indeterminista das relações econômicas à luz da filosofia de Charles S. Pierce? Para responder a esta indagação, esta comunicação objetiva refletir sobre a ontologia das relações econômicas numa abordagem realista e evolucionista, de acordo com o pensamento peirciano. Esta comunicação tratará de destacar que uma teoria econômica realista deve estabelecer um diálogo semiótico e pragmático entre seu complexo objeto de investigação e a realidade econômica que pretende explicar no marco de um indeterminismo simultaneamente ontológico e epistêmico. Em consonância com o desenvolvimento de uma abordagem realista e evolucionista é decisivo identificar os modos de ser das categorias ontológicas que permitem explicar, à luz da filosofia de Peirce, a natureza ontológica das leis e das accidentalidades entendidas como parte da realidade das relações econômicas. Assim, em uma teoria econômica realista e evolucionista, o Acaso, a Existência e a Lei enquanto princípios reais estão presentes nos fenômenos econômicos que tal teoria pretende explicar. Enquanto a regularidade de tais fenômenos se encontra sob a terceira categoria e se vincula à Lei, o princípio do Acaso é axial na construção de uma teoria econômica em que a diversidade opera efetivamente na Segundidade, isto é, no mundo dos fatos econômicos. Desta maneira, as discontinuidades entre o passado e o futuro, no contexto evolucionista das relações econômicas, podem ser entendidas como resultado das possibilidades contidas no princípio do Acaso. Neste quadro filosófico se abandonam as pretensões de certeza absoluta dado que as relações econômicas reais não são estritamente causais e governadas por um sistema de Leis. De fato, o indeterminismo ontológico das relações econômicas corresponde a uma visão de mundo em que os fatos econômicos podem apresentar desvios em relação às Leis econômicas, ou mesmo onde o mundo das experiências econômicas apresenta accidentalidades responsáveis por tais desvios. A presença do Acaso dá lugar a discontinuidades entre o passado e o futuro que acrescentam certo grau de indeterminação à evolução das relações econômicas. Assim, como o indeterminismo ontológico abre espaço para o Acaso como uma possibilidade não regular no tempo, tal princípio ontológico tem implicações relevantes para uma abordagem teórica realista das decisões e ações econômicas no fluxo temporal. Uma teoria econômica realista e evolucionista deve permitir a coabitação da Lei e do Acaso, dando espaço para a formação de novas estruturas epistemológicas

e ontológicas, que podem ser entendidas como hábitos mediadores de conduta. Nesse sentido, esta reflexão filosófica, referenciada no Pragmatismo de Peirce, não pode dissociar o conhecimento da conduta no campo específico da Economia – considerada uma ciência especial segundo a classificação peirciana. Esta linha de desenvolvimento teórico, de caráter não determinista, envolve uma fenomenologia na qual a experiência irá apoiar um saber econômico de caráter preditivo. Desta maneira, o desenvolvimento do processo de conhecimento em Economia deve convergir para um saber que tem caráter antecipatório. Assim, a relação entre o conhecimento e a conduta na Ciência Econômica adquire o alcance requerido pelo Pragmatismo peirciano.

LAW AND CHANCE: REFLECTIONS ON THE ONTOLOGICAL INDETERMINISM OF ECONOMIC RELATIONS IN A REALISTIC AND EVOLUTIONARY APPROACH.

Charles S. Peirce's philosophical thinking raises a reflection on the ontology of economic relations in a realistic and evolutionary approach. Although Economics as a modern science turned out to be an autonomous field of knowledge in the 18th century, it is still noticed until today the presence of determinism as the ontological presupposition about social reality. In fact, the neoclassical economic theory - dominant in the academia and in economic policy formulations - favors the dominance of subjective idealism and does not consider the importance of reflecting on the ontological nature of the economic phenomena, causing, by omission, and as a result, the risk of adopting a nominalist bias in the philosophy that conforms Economics as a science. In this context, the relevant question is: which are the principles of the ontological indeterminism of economic relations in the light of the philosophy of Charles S. Peirce? To answer to this question, this communication aims to reflect, in accordance with Peirce's philosophy, on the ontology of economic relations in a realistic and evolutionary approach to economic theory. This communication seeks to highlight that a realistic economic theory should enhance a semiotic and pragmatic dialogue between the complex subject of investigation and the economic reality that it aims to explain in the context of a simultaneously ontological and epistemic indeterminism. In accordance with the development of a realistic and evolutionary approach, it is crucial to identify the ontological categories that help to explain, in the light of the Peircean philosophy, the ontological nature of those accidentalities that are part of the reality of the economic relations under the principle of Chance. This philosophical architecture fosters the abandonment of absolute certainty as real economic relations are not strictly causal and governed by a system of Laws. As a matter of fact, the ontological indeterminism of economic relations corresponds to a worldview where the economic facts might present deviations from the so called economic Laws, or even where the world of economic experiences present accidentalities that are responsible for such deviations. The presence of Chance makes room for discontinuities between the past

and the future that add certain degree of indeterminacy to the evolution of economic relations. Thus, as Chance is not regular through time, this ontological principle has relevant implications for a realistic theoretical approach to the study of economic decisions and actions through the temporal flow. In a realistic and evolutionary approach to economic theory, Chance, Existence and Law, while real principles, are present in the economic phenomena. While the regularity of such phenomena is under the third category and linked to Law, the principle of Chance is axial in the construction of a realistic economic theory in which diversity is a principle that operates effectively in Secondness, that is to say, in the world of economic facts. In this way, the discontinuities between the past and the future, in the context of the evolution of economic relations, can be understood as a result of the possibilities contained in the principle of Chance. So, in such economic theory, Law and Chance cohabite and give room to the formation of new epistemological and ontological structures that can be understood as habits that mediate behaviors. In this sense, this philosophical reflection, referenced in the Pragmatism of Peirce, cannot dissociate knowledge from behavior in the specific field of Economics, considered a special science according with the Peircean classification. This line of theoretical development of realistic and non-deterministic nature involves a phenomenology in which the experience supports an economic knowledge of predictive character. In this way, the theoretical development in Economics needs to converge to a knowledge that is predictive. Thus, the relationship between knowledge and behavior in Economics acquires the scope required by the Peircian Pragmatism.

MATTAROLLO, Livio

Universidad Nacional de La Plata, CONICET, Argentina.

JOHN DEWEY ON SOCIAL PHILOSOPHY: EXPLORING HIS NORMATIVE PERSPECTIVE.

Between 1919 and 1921 John Dewey visited China and delivered a series of lectures about social and political philosophy in Peking, Beijing and the provinces of Shandong and Shanxi. For many decades, Dewey's typescripts had been considered lost and the only existing publication related to the lectures was a "back translation" from a Chinese transcription of the oral presentations into English (Clopton and Ou, 1973). However, working at the Hu Shi Archives in Beijing, Prof. Yung-chen Chiang discovered a series of notes typed by Dewey himself and corresponding to nine out of the sixteen lectures he presented at Peking University in 1919. Due to this finding, since 2015 a new publication of Dewey's "Lectures in Social and Political Philosophy" has been available (Dewey, 2015), providing a unique material to reconsider his social philosophy –a domain that has certainly received insufficient attention. In order to introduce this topic, it is important to consider some starting points that may probably surprise Dewey's usual readers. Firstly, the entire position presents an anthropological foundation since

Dewey identifies a series of basic human needs or interests, namely reproduction and affective security, sustenance and material comfort, spiritual guidance and security, intellectual curiosity and regulation of men's conduct, which are crucial to develop his further arguments. Secondly, Dewey claims that the satisfaction of these basic needs could be achieved only through associated action and that each of the needs is related to a particular type of association –family, business or industry, religion, science and the state, respectively. These types are named as “groups”, qualified by the capacity to satisfy their corresponding basic human need and considered as “[...] fairly universal modes of union and association.” (Dewey, 2015: 16). Thirdly, Dewey argues that once a particular group succeeds in satisfying its proper basic human need, it tends to impose its organizational logic upon the whole social life, providing the initial assumptions for a theory of social conflict. Finally, Dewey elaborates an ideal picture according to which social phenomena should be evaluated with reference to the degree of the fulfilment of the above-mentioned basic human needs and to the equal and proportionate development of their respective forms of associated life. Within this context, during the communication we aim to explore Dewey's normative perspective on social philosophy. In order to achieve this goal, we examine Dewey's criticism both to what he classifies as idealistic and as conservative theories. Besides that, we analyse his proposal about a third type of social thought, defined as “[...] the union of the scientific spirit with the moral and practical aim of philosophy” and oriented to introduce more conscious regulation into the course of events in behalf of the general or public interests considering the specific and concrete situation (Dewey, 2015: 12-13). Once we reconstruct Dewey's position, we raise the following questions: what kind of assumptions is Dewey making about these basic human needs and even about human nature? How should we understand a normative standard that, on one hand, is supposed to consider the specific and concrete situations and, on the other, takes into account the integration of universal modes of union and association based on a set of human basic needs? As a hypothesis, we consider (i) that it is plausible to interpret these basic human needs as ends-in-view, that is, as directive plans within a genuine process of valuation, and (ii) that under such interpretation we could explain Dewey's normative standard in a coherent way with respect to the aims of his social thought –and, furthermore, with respect to the anti-essentialist and experimentalist character of his entire philosophy.

JOHN DEWEY ACERCA DA FILOSOFIA SOCIAL: EXPLORANDO SUA PERSPECTIVA NORMATIVA.

Entre 1919 e 1921, John Dewey visitou a China e fez uma série de palestras sobre a filosofia política e social em Peking, Beijing e nas províncias de Shandong e Shanxi. Por muitas décadas, os dactiloscritos de Dewey foram considerados perdidos e a única publicação existente relativa a essas palestras era uma “tradução reversa”

para o inglês, feita a partir de uma transcrição chinesa das apresentações orais (Clopton and Ou, 1973). No entanto, trabalhando nos arquivos Hu Shi em Beijing, o prof. Yung-chen Chiang descobriu uma série de notas datilografadas pelo próprio Dewey, correspondentes a nove das dezesseis palestras que fez na Universidade de Peking em 1919. Devido a esse achado, uma nova publicação das “Lectures in Social and Political Philosophy” de Dewey está disponível desde 2015 (Dewey 2015). Trata-se de um material único para reconsiderar sua filosofia social - um domínio que certamente recebeu atenção insuficiente. Para introduzir esse tópico, é importante considerar alguns pontos iniciais que provavelmente surpreenderão aos leitores habituais de Dewey. Primeiramente, a posição toda apresenta uma fundação antropológica, já que Dewey identifica uma série de necessidades ou interesses humanos básicos - a saber, a reprodução e a segurança afetiva, o sustento e o conforto materiais, o direcionamento e a segurança espirituais, a curiosidade intelectual e a regulação da conduta humana - que são cruciais para desenvolver seus outros argumentos. Em seguida, Dewey diz que a satisfação dessas necessidades básicas só poderia ser alcançada pela ação associada, e que cada uma das necessidades está relacionada com um tipo particular de associação - a família, os negócios ou a indústria, a religião, a ciência e o Estado, respectivamente. Esses tipos são denominados “grupos”, qualificados pela capacidade de satisfazer, cada um, a sua necessidade humana básica correspondente, e são considerados como “[...] modos quase universais de união e associação” (Dewey 2015, p. 16). Em terceiro lugar, Dewey defende que, uma vez que um grupo particular tem sucesso na satisfação de sua necessidade humana básica, ele tende a impor sua lógica organizacional sobre o todo da vida social, dando as suposições iniciais para uma teoria do conflito social. Finalmente, Dewey elabora uma imagem ideal segundo a qual os fenômenos sociais deveriam ser avaliados relativamente ao grau de satisfação das acima mencionadas necessidades humanas básicas e ao desenvolvimento igualitário e proporcional de suas respectivas formas de vida associada. Nesta comunicação, almejamos explorar a perspectiva normativa de Dewey sobre a filosofia social dentro desse contexto. Para atingir esse objetivo, examinamos a crítica de Dewey ao que ele classifica seja como teorias idealistas ou como teorias conservadoras. Além disso, analisamos sua proposta acerca de um terceiro tipo de pensamento social, definido como “[...] a união do espírito científico com o objetivo moral e prático da filosofia”, e orientado para introduzir uma regulação mais consciente no curso dos eventos em nome de interesses públicos ou gerais que consideram a situação concreta e específica (Dewey 2015: 12-13). Uma vez que reconstruímos a posição de Dewey, levantamos as seguintes questões: que espécie de suposições Dewey faz sobre as necessidades humanas básicas, e mesmo sobre a natureza humana? Como devemos entender um padrão normativo que, por um lado, supostamente considera as situações específicas e

concretas e, por outro, considera a integração dos modos universais de união e associação baseadas num conjunto de necessidades humanas básicas? Como hipótese, consideramos que (1) é plausível interpretar essas necessidades humanas básicas como fins em vista, quer dizer, como planos diretivos dentro de um genuíno processo de valoração, e (2) que segundo tal interpretação, poderíamos explicar o padrão normativo de Dewey de maneira coerente relativamente aos objetivos de seu pensamento social - e, além disso, com respeito ao anti-essencialismo e ao teor experimentalista de toda sua filosofia.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

MEDRONHA, Jacira Souza; BORTOLETO, Edivaldo José

Unochapecó, Brasil.

LABORATÓRIO DE SIGNOS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DAS AGÊNCIAS EXPERIMENTAIS.

Através do pensamento de Charles S. Peirce foi proporcionado uma leitura diferenciada dos espaços laboratoriais de ensino, em especial, as agências experimentais de comunicação social/publicidade e propaganda, com o objetivo de ressignificar a função pedagógica que hoje se encontra atrelada a preparar o estudante para o mercado de trabalho. O percurso metodológico precisou se abrir para novos olhares, o primeiro foi o reconhecimento de uma agência quanto um fenômeno educativo, para após conferir valor institucional, devido sua base de intencionalidades e regularidades de organização interna e externa com seus coletivos, que iniciam no aporte legal das DCNs, perpassam o Projeto Pedagógico de Curso até chegar no regulamento interno do laboratório, e que conferem legitimidade para as funções executadas e orientam as competências dos sujeitos envolvidos. Este é o caminho da primeiridade numa instituição, que necessita da ordem presente para ser sentida em sua espontaneidade e sem condicionantes antecessores. É um esforço primário de leitura que pode ser percebido através da imagem social de uma instituição, sua qualidade e valores peculiares. Já a representação real do espaço como uma tentativa de apreender a realidade, a experiência diária, a incorporação do outro, o campo de tensões da experimentação, a experiência presente no fenômeno e recíproca para experimentação com outras instituições, são aspectos de secundidade. Entretanto, analisar uma instituição de cerne criativo sob o enfoque fenomenológico, é também considerar uma leitura genuinamente terceira com suas formas, procedimentos e relações interpessoais, pois todo o pensamento é uma forma de representação, e a interpretação só se realiza no signo. Ou seja, signo no âmbito institucional é pensar numa unidade pertencente a um coletivo que compartilham de intenções

comuns. Assim como não é possível ter linguagem sem comunicação, não há processo de criação sem signos, por isso a reflexão da Agência Experimental passa a ser na verdade um Laboratório de Signos, pois os desafios são encadeados entre realidade e dúvida que precisam ser superados e materializados através da linguagem que irá atribuir sentidos, sensações, qualidades aos novos signos produzidos. Nesta jornada percebi que o lugar da semiótica não era mais o da criação, pois estava em todas coisas, permeado em todos os fluxos e até poderia ser sentida. Portanto, o local da criatividade não estava no pedido de trabalho, nem no sujeito ou no ambiente propiciado, mas no engajamento que o estudante precisava desenvolver para resolver os conflitos e chegar ao desejado. Por isso, o pensar uma agência experimental enquanto instituição é pura abdução, lugar de criação que precisa dos raciocínios antecessores, necessita do diálogo da sala de aula e do externo, para sua validação experimental. Portanto, para pensar um fenômeno educativo associado a um laboratório de signos, é preciso considerar que: não são os jobs que propiciam a experiência, mas o estado de hesitação que precisa ser estabelecido para buscar soluções criativas; não é o sujeito que dá a dinâmica aos fluxos, mas o engajamento proposto por este para resolver tais demandas; não é o ambiente da criação que propicia o insight, mas as sensações que este provoca nos membros. Por fim, é preciso reconhecer o estranhamento frente ao novo, caso contrário a produção de signos não teria a mesma força que se encontra vital e geradora de fluxos contínuos.

LABORATORY OF SIGNS: A SEMIOTIC READING OF EXPERIMENTAL AGENCIES.

Through the thinking of Charles S. Peirce, a differentiated reading of the teaching laboratory spaces was provided, especially the experimental agencies of social communication / advertising and propaganda, in order to re-signify the pedagogical function that today is tied to preparing the student to the job market. The methodological course needed to open up to new perspectives, the first was the recognition of an agency as an educational phenomenon, after conferring institutional value, due to its base of intentionalities and regularities of internal and external organization with its collectives, which initiate in the legal contribution of the DCNs, pass through the Pedagogical Course Project until arriving at the internal regulations of the laboratory, which confer legitimacy for the functions performed and guide the competencies of the subjects involved. This is the way of the first in an institution, which needs the present order to be felt in its spontaneity and without conditioning predecessors. It is a primary reading effort that can be perceived through the social image of an institution, its quality and its peculiar values. On the other hand, the real representation of space as an attempt to apprehend reality, daily experience, the incorporation of the other, the field of tensions of experimentation, the experience present in the phenomenon and reciprocal for experimentation with other institutions, are secondary aspects.

However, to analyze an institution of the creative heart under the phenomenological approach, is also to consider a genuinely third reading with its forms, procedures and interpersonal relations, since all thought is a form of representation, and interpretation is only realized in the sign. That is, a sign at the institutional level is to think of a unity belonging to a collective that shares common intentions. Just as it is not possible to have language without communication, there is no creation process without signs, so the reflection of the Experimental Agency is actually a Laboratory of Signs, because the challenges are chained between reality and doubt that need to be overcome and materialized through the language that will attribute senses, sensations, qualities to the new signs produced. On this journey I realized that the place of semiotics was no longer that of creation, because it was in all things, permeated in all flows and could even be felt. Therefore, the place of creativity was not in the request for work, neither in the subject or in the environment provided, but in the engagement that the student had to develop to solve the conflicts and reach the desired. Therefore, thinking an experimental agency as an institution is pure abduction, a place of creation that needs the reasoning of the predecessors, requires the dialogue of the classroom and the external, for its experimental validation. Therefore, in order to think of an educational phenomenon associated with a laboratory of signs, it is necessary to consider that: it is not the jobs that propitiate the experience, but the state of hesitation that must be established to seek creative solutions; it is not the subject that gives the dynamics to the flows, but the engagement proposed by the latter to solve such demands; it is not the environment of creation that gives insight but the sensations that it causes in the limbs. Finally, we must recognize the estrangement from the new, otherwise the production of signs would not have the same force that is vital and generating continuous flows.

MELO, Caíque Marra de

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

BERKELEY E PEIRCE: A EXPERIÊNCIA DO NÃO-EGO.

O seguinte trabalho lida com a experiência do *não-ego* encontrada, direta ou indiretamente, nas perspectivas filosóficas de George Berkeley e Charles Sanders Peirce, objetivando retratar, ao expô-las em sequência, um cenário comparativo a fim de propiciar uma adequada compreensão dos fundamentos da alteridade em cada um dos autores sob análise. Para tanto, o trabalho que se segue aborda cuidadosamente os principais degraus de ambas as construções filosóficas a esforçar-se por encontrar subsídios suficientes a garantirem que as conclusões subsequentes concernentes à experiência do *não-ego* em ambos os pensadores possam concretizar uma fonte confiável para futuras pesquisas. De acordo com

a compreensão de George Berkeley, ainda que o mesmo nunca tenha utilizado o termo *não-ego*, é justo dizer que poderíamos apenas experimentar a alteridade através de um reconhecimento indireto de outras mentes, pois a particular inércia das ideias nos previne de tal experiência. Consequentemente, este tipo de reconhecimento indireto, proposto a fim de preencher a lacuna de possibilidade da experiência do *não-ego*, invariavelmente leva, como nós já podemos perceber, a uma incomum aquisição intelectual de tal experiência de alteridade, justamente por não pressupor que haja um conflito cotidiano entre nosso ego – compreendido apenas enquanto substância espiritual ou mente – e o assim chamado “mundo exterior” – que em seu pensamento, como veremos, será lido de maneira peculiar. Por outro lado, a argumentação de Charles Sanders Peirce defende uma visão mais comum do mundo exterior à medida que se levanta em favor da possibilidade da experiência de alteridade através de nossa vivência cotidiana. Com isso, pode ser observada uma facilitação no que se refere à compreensão de suas denominadas categorias fenomenológicas através da aceitação de um mundo extenso e material capaz de se comportar como um *alter* reativo contra nosso ego. Portanto, deve ser dito que as duas categorias da experiência mencionadas por Peirce no texto que se seguirá, Primeiridade e Segundidade, se encontram sustentadas por seus olhos voltados ao curso da vida em seu inteiro resultado cognitivo. Por fim, é válido dizer que a principal força concernente ao trabalho subsequente recai sobre o escrutínio da direta divergência entre as duas abordagens filosóficas acerca da experiência do *não-ego*, e, portanto, não nas respectivas perspectivas consideradas por elas mesmas. Afinal, o imaterialismo de Berkeley não defende o conflito direto entre ego e *alter* enquanto critério de necessidade para a experiência do *não-ego*, divergindo frontalmente, por conseguinte, dos parâmetros experienciais de Peirce que prezam tal confronto como categoria fenomenológica básica do inventário humano.

BERKELEY AND PEIRCE: THE NON-EGO EXPERIENCE.

The following work deals with the experience of non-ego directly or indirectly found in the philosophical views of George Berkeley and Charles Sanders Peirce, intending to portray, by exposing both perspectives in sequence, a comparative scenario in order to provide an adequate comprehension on the fundamentals of otherness in each one of the authors here analysed. For this purpose, the further work carefully addresses the leading steps in both philosophical constructions endeavouring to find sufficient subsidies to ensure that the subsequent conclusions concerning the experience of non-ego in both thinkers may achieve a reliable source for upcoming researches. According to George Berkeley's understanding, even if he never even used the term non-ego, it is fair to say that we could only experience otherness through an indirect acknowledgement of other minds, given the fact that particular

inaction of ideas prevents us from such experience. Consequently, that kind of indirect acknowledgement, proposed to fulfill the lack of a possible experience of non-ego, invariably leads, as we can already perceive, to an unusual intellectual acquisition of such experience of otherness, precisely because it does not presume that there is a daily conflict against our ego – understood just as spiritual substance or mind – and the so-called “exterior world” – that in his thought, as we shall see further along, will be peculiarly read. On the other hand, Charles Sanders Peirce’s argumentation pleads a more common view of the exterior world by standing up for the possibility of an experience of otherness from our daily living. Hence, can be seen a facilitation concerning the comprehension of his so-called phenomenological categories through the acceptance of an extensive and material world capable of behaving as a reacting alter against our ego. Therefore, it has to be said that both the two categories of experience mentioned by Peirce in the following text, Firstness and Secondness, are sustained by his eyes turned towards the flow of life on its entire cognitive outcome. At last, it is worth noting that the main strength concerning the subsequent work lies upon the scrutiny of the straightforward divergence between the two philosophical approaches on the experience of non-ego, and, therefore, not quite on the respective perspectives by themselves. After all, Berkeley’s immaterialism does not claim a direct conflict between ego and alter as a criterion of necessity for the experience of non-ego, frontally diverging, consequently, from Peirce’s experiential parameters that hold up such conflict as a basic phenomenological category of human inventory.

MELO, Desirée Paschoal de

Universidade de São Paulo, Brasil.

CONTEMPLAÇÃO, POLISSEMIA E IRREGULARIDADE: A NATUREZA ICÔNICA DO DESIGN CONTEMPORÂNEO DE RON ARAD.

A preocupação deste estudo é colocar em questão as relações entre arte e design na cultura contemporânea, observadas nos artefatos do cotidiano. Essa questão se faz necessária uma vez que arte e design ainda são vistos e analisados como áreas separadas. No Brasil, a leitura modernista, incentivada pelos parâmetros que estruturaram a prática e o ensino de design no país, ligada à tradição do Design Funcionalista e a um Estilo Internacional, entendia o design como a expressão da industrialização e do progresso, sendo seus fundamentos, limites e propósitos definidos pela convergência das ideias de ciência e projeto, pautados na razão e método e marcados pela objetividade e ordem. A principal busca desses parâmetros era a formação de uma linguagem unívoca e universalista, sendo estimulada a separação entre essa área e outras, como a arquitetura, arte, moda, artesanato, etc., desvalorizando-se a amplitude de um campo permeado pelos mais variados conhecimentos. Segundo esses preceitos, a finalidade fundamental

das produções de design seria seu uso prático. Distinto de arte, seu valor seria determinado de acordo com a eficácia de seu propósito de uso. No entanto, no design contemporâneo, é possível identificar a presença crescente de propostas que apresentam uma poética pessoal preocupada em valorizar sua finalidade estética, tornando imprecisa e incerta sua finalidade prática, o que se dá a partir da apresentação de uma multiplicidade de sentidos em favor do cultivo de experiências sensíveis. Trata-se de artefatos que permitem leituras e percepções entre as áreas de arte e de design, a partir de diálogos cujas produções e características estão em fase de definição, abrindo um espaço para pesquisas tanto teóricas quanto práticas. À luz do pensamento filosófico de Charles Peirce, tendo como suporte teórico os conceitos sobre “Sementes para uma Filosofia de Arte em Peirce”, de Ivo Ibrí (2011 e 2016), “Signo Estético”, de Lúcia Santaella (1994), “Obra Aberta”, de Umberto Eco (2007) e “Função Poética”, de Roman Jakobson (1969), esta pesquisa tem como objetivo averiguar a possibilidade de revelação de qualidades artísticas no design contemporâneo, a partir da investigação da natureza icônica de seus signos: sua experiência de contemplação, seu aspecto de irregularidade, sua dificuldade de generalização e seu caráter de polissemia de sentidos. Embora Peirce não tenha desenvolvido uma teoria de arte ou teoria de design, no interior do vasto e complexo sistema teórico de sua filosofia madura é possível identificar diretrizes teóricas que possibilitam uma reflexão bastante original sobre a natureza dos signos de arte e de design, a partir da reflexão crítica sobre as experiências fenomenológicas nas complexas relações dos signos entre si, dos signos com os objetos que representam e dos signos com os efeitos interpretativos produzidos na mente. Trata-se de uma pesquisa em andamento, de base qualitativa a ser desenvolvida a partir de um estudo exploratório cujo objetivo final é analisar, categorizar e classificar os níveis de expansão das dimensões estéticas no design contemporâneo. Essas dimensões são observadas 1. nas invenções formais irregulares livres de vestígios referenciais dos artefatos, não tendo a pretensão de evidenciar sua finalidade prática de uso, mas sim de sugerir qualidades de sentimentos; 2. nas relações entre os artefatos e as ações e reações do corpo como extensão dos artefatos, analisadas na quebra de hábito de conduta liberta de regras ou leis, dada pelas potencialidades de novas descobertas de experiências perceptivas suspensas de juízos e 3. nas mediações inter-humanas entre o artefato, o corpo e o espaço, de impressões ambíguas tomada pelo corpo na presentidade em um estado de sentimento contemplador desarmado.

CONTEMPLATION, IRREGULARITY, AND POLYSEMY: THE ICONIC NATURE OF CONTEMPORARY DESIGN.

The concern of this study is to question the relations between art and design in contemporary culture, observed in everyday artifacts. This question becomes necessary

since art and design are still seen and analyzed as separate areas. In Brazil, modernist reading, encouraged by the parameters that structured the practice and teaching of design in the country, linked to the tradition of Functional Design and an International Style, understood design as the expression of industrialization and progress, and its foundations, limits and purposes defined by the convergence of ideas of science and design, based on reason and method and marked by objectivity and order. The main search for these parameters was the formation of a univocal and universalist language, being stimulated the separation between this area and others, such as architecture, art, fashion, crafts, etc., devalued the amplitude of a field permeated by the most varied knowledge. According to these precepts, the fundamental purpose of design productions would be their practical use. Other than art, its value would be determined according to the effectiveness of its purpose of use. However, in contemporary design, it is possible to identify the growing presence of proposals that present a personal poetics concerned with valuing its esthetic purpose, rendering its practical purpose imprecise and uncertain, which occurs from the presentation of a multiplicity of meanings in favor the cultivation of sensitive experiences. These are artifacts that allow for readings and perceptions between the areas of art and design, from dialogues whose productions and characteristics are in the definition phase, opening a space for both theoretical and practical research. In the light of the philosophical thought of Charles Peirce, having as theoretical support the concepts on “Seeds for a Philosophy of Art in Peirce”, by Ivo Ibrí (2011 and 2016), “Esthetic Sign” by Lúcia Santaella (1994), “The Open Work” by Umberto Eco (2007) and “The Poetic Function” by Roman Jakobson (1969), this research aims to investigate the possibility of revealing artistic qualities in contemporary design, from the investigation of the iconic nature of its signs: his experience of contemplation, his appearance of irregularity, his difficulty of generalization and his character of polysemy of meanings. Although a theory of art or design theory is not developed within the vast and complex theoretical system of its philosophy, it is difficult to identify theoretical guidelines that allow a rather original reflection on the nature of signs of art and design, from the critical reflection on the phenomenological experiences in the complex relations of the signs among themselves, of the signs with the objects they represent and of the signs with the interpretative effects produced in the mind. It is an ongoing research, with a qualitative basis to be developed from an exploratory study whose final objective is to analyze, categorize and classify the levels of expansion of esthetic dimensions in contemporary design. These dimensions are observed 1. in the irregular formal inventions free of reference traces of the artifacts, not pretending to show their practical purpose of use, but to suggest qualities of feelings; 2. in the relations between the artifacts and the actions and reactions of the body as an extension of the artifacts, analyzed in the breaking of habit of conduct released from rules or laws, given by the potentialities of new discoveries of suspended perceptual experiences of judgments and 3. in the interhuman mediations

between the artifact, the body and the space, of ambiguous impressions taken by the body in the presence in a state of unarmed contemplative feeling.

MORAES, Sonia Cristina Bocardi de

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” - Marília, Brasil.

EVOLUÇÃO DE INTERPRETANTES E FORMAÇÃO DAS CIDADES.

As cidades são o ambiente da maioria da população do planeta, portanto Meio Ambiente inclui, além dos espaços naturais preservados, aqueles urbanizados. O homem ocidental utiliza sua racionalidade para atuar sobre o mundo objetivo no qual vive em sociedade, representada também na forma de urbanização das cidades e na forma de relações entre seus vários elementos, tanto construídos quanto naturais. Assim, a produção do espaço tem uma construção informacional passível de apreensão pelos signos, ou seja, tanto a produção dos espaços físicos quanto dos processos informacionais é dependente da cultura e da sociedade que os produz e a predação ambiental é característica da exploração econômica presente na maneira capitalista de produção e consumo. O entendimento das cidades sob a ótica de várias disciplinas conjuntas é considerado necessário para o urbanismo, porém este trabalho considera que a metodologia pragmaticista, interdisciplinar por concepção, pode fazer a ligação entre os diversos níveis nos quais a significação nas cidades acontece. A evolução de interpretantes, como é estudada por Charles S. Peirce (1839-1914) pode ser constatada pela sua forma de aparecimento em representações diferentes e entender o processo informacional que gera esta fase de encadeamento evolutivo que é capaz de se modificar e levar este conhecimento adiante, percebido nas formas diferentes passíveis de significação, consiste em nosso tema de pesquisa. A abordagem pragmaticista do conhecimento, ou possibilidade científica de evolução do conhecimento peirceano, trata esta evolução que pode ser um processo apreendido pela mente humana, tanto quanto os encadeamentos ocorridos nos elementos naturais do qual fazemos parte enquanto seres biológicos. As diferentes formas de atuação têm possibilidades diferentes de representação, constatadas neste estágio de significação quando a forma se apresenta. Utilizando a mediação sýnica, podemos entender neste processo também a informação que possibilita a mudança nos hábitos dos cidadãos. Hábitos entendidos no *continuum* peirceano, que descreve o conjunto de crenças que determina a situação na qual foi feita a mediação sýnica pela relação triádica, defrontando-se com a experiência. Este hábito está determinado pelo conjunto de valores éticos e estéticos daquela situação interpretante e marca a posição do objeto enquanto existência, enquanto alteridade permeada pela significação. Considerar o processo informacional

nesta relação falível e passível de novo entendimento é aventar a possibilidade de maior quantidade de elementos direcionados à preservação das condições de vida em todo o planeta, direcionados a ações que preservem esta condição. A mudança de hábitos pode vir desta maior quantidade de informação, direcionando o entendimento da finitude dos recursos do planeta, mesmo levando em conta o modo de produção capitalista.

INTERPRETANTS EVOLUTION AND CITIES FORMATION.

Cities are the environment of most of the planet's population. Therefore, Environment includes both preserved natural spaces and the urbanized ones. Western man uses his rationality to act on the objective world, where he lives in society. This rationality is also represented in cities urbanization forms, and the form of relationship between its various elements, both constructed and natural. Space production has an informational construction susceptible of apprehension by signs. This is, both physical spaces production and informational processes production depend on the culture and society that produce them. Environmental predation is characteristic of the economic exploitation existing in the capitalist way of producing and consuming. The cities understanding from several group disciplines perspective is considered necessary for urbanism. However, this work considered that pragmatism, the interdisciplinary method by conception can link diverse levels in which significance occurs at cities. Interpretants evolution is our research object. As studied by Charles S. Peirce (1839-1914), it can be verified by its appearance in different representations and understand the informational process that generates this phase of evolutionary chaining that can modify and bringing this knowledge forward, perceived in the different possible signification forms. Pragmaticist approach to knowledge, or scientific feasibility of Peircean knowledge, deals with this evolution that can be a process apprehended by the human mind, as well as relationships occurring in natural elements we are part of as biological beings. Different actuation forms have different representation possibilities, verified at this signification stage when the form arises. Using sign mediation, we can also understand in this process the information that enables changes in citizen's habits. Habits understood in Peircean continuum, which describes a set of beliefs and determines the situation in which sign mediation was made by triadic relation, confronting with experience. This habit is determined by the set of ethical and aesthetic values in interpretant situation and guides the object position as existence, as otherness permeated by signification. Considering the informational process in this fallible relation and susceptible of new understanding is encouraging the possibility of a bigger quantity of elements oriented to the preservation of living conditions in the whole planet and to actions that preserve this condition. The change in habits can come from this bigger quantity of information, orienting understanding about the finitude in planet's resources, even considering capitalist production mode.

MURARO, Darcísio Natal

Universidade Estadual de Londrina, Brasil.

DEMOCRACIA COMO INTELIGÊNCIA SOCIAL E A EDUCAÇÃO.

O objetivo deste trabalho é investigar as relações entre a concepção de democracia como inteligência social e a educação na obra de John Dewey. O esforço para elucidar as relações entre democracia e inteligência social, como base da filosofia da educação no pensamento deweyano, justifica-se pela necessidade de compreender a articulação que o autor faz entre os aspectos epistemológicos, éticos e políticos. Dewey argumenta que a democracia deve ser entendida como uma experiência constituindo-se num modo de vida reflexivo e comunicativo. É neste sentido que a democracia tem um forte caráter epistêmico como inteligência social, constituindo-se como um modo de resolver problemas comuns por meio da investigação pública. Outro aspecto desta experiência é o fato dela ser um modo de vida ético uma vez que a valoração é social e a democracia requer liberdade, responsabilidade e honestidade no compartilhamento comunicativo da experiência. Neste aspecto, a democracia é uma fé ou ideal regulativo da vida da comunidade. Os sentidos epistemológico e ético da democracia são a base para a prática política, como forma de organização do governo da comunidade. Vale ressaltar que o governo ou democracia política encontra-se em permanente reconstrução e nenhuma realização histórica particular exemplifica a ideia vasta e plena da democracia. Para o autor, a democracia expressa a tendência da natureza humana de se desenvolver na direção social em que os interesses comuns criam forma de vida associada, permitindo a realização da experiência conjunta e a comunicação mútua. A democracia não é uma alternativa a outros princípios de vida associativa, consistindo, assim, na própria ideia de comunidade. Nesta perspectiva, a democracia deve afetar todas as experiências de associação humana como a família, a escola, a religião, o trabalho, etc. Para Dewey, a democracia é o modo de vida que oferece amplas possibilidades para o desenvolvimento completo da personalidade, da incomensurabilidade humana permitindo a cada um participar livre e plenamente das atividades comuns numa experiência valiosa em extensão, profundidade e contínua expansão e crescimento. Dewey reconhece que este ideal de democracia está ameaçado. A cultura da superespecialização trazida com o desenvolvimento ciência e da tecnologia facilitou a locomoção e a comunicação, rompeu com os limites das comunidades em que as pessoas se conheciam e podiam se comunicavam diretamente. A era da tecnologia é a da mobilidade. As migrações e as novas relações de trabalhos, facilitadas pela eliminação das distâncias, romperam o quadro de valores da vida comunitária. Este processo de mudança criou a unidade e uniformidade do estado, bem como da vida social e intelectual, uma uniformização favorável à mediocridade. Criou nova forma de

relacionamento humano favorecendo o sentido da liberdade como um agir mais individualista e privado do que social, público e comunitário. Outra consequência foi a desintegração da vida familiar. O resultado disso é o eclipse do público. Neste limiar, ganhou força, no campo filosófico, a teoria do individualismo que defendeu a liberdade individual e uma forma democrática da vida política baseada no voto. O que se segue desta teoria é que cada um deve cuidar do próprio negócio. Assim, a própria política se transformou num negócio, numa matéria técnica, a ser administrado por especialistas como é o caso da indústria, da medicina, do comércio, da educação, etc. A era da tecnologia impõe a reconstrução dos aspectos epistemológicos e éticos da democracia. Assim, o problema filosófico e educacional consiste em criar novos métodos e valores cujos significados sejam estimados e procurados permitindo a emergência do público.

DEMOCRACY AS SOCIAL INTELLIGENCE AND EDUCATION.

The objective of this study is to analyze the relationship between the conception of democracy as social intelligence and the education in the work of John Dewey. The effort to elucidate the relationship between democracy and social intelligence, as the basis of the philosophy of education in Dewey's thought is justified by the need to understand the articulation that the author makes between the epistemological, ethical and political aspects. Dewey argues that democracy must be understood as an experience constituting a reflective and communicative way of life. It is in this sense that democracy has a strong epistemic character as social intelligence, constituting itself as a way of solving common problems through public investigation. Another aspect of this experience is that it is an ethical way of life since valuation is social and democracy requires freedom, responsibility and honesty in the communicative sharing of experience. In this regard democracy is a faith or regulative ideal of community life. The epistemological and ethical meaning of democracy is the basis for political practice as a form of organization of community government. It is noteworthy that the government or political democracy is in permanent reconstruction and no particular historical achievement exemplifies the vast and full idea of democracy. For him, democracy expresses the tendency of human nature to develop in the social direction in which the common interests create associated way of life, allowing the implementation of joint experience and mutual communication. Democracy is not an alternative to other principles of community life, consisting thus in the very idea of community. In this perspective, democracy should affect all the experiences of human association as the family, school, religion, work, etc. For Dewey, democracy is the way of life that offers wide possibilities for the full development of personality, human incommensurability allowing each one to participate freely and fully in the common activities in a valuable experience in scope, depth and continuous expansion and growth. Dewey recognizes that this ideal of democracy is threatened. The culture of super-specialization brought

to developing science and technology facilitated the movement and communication, broke with the boundaries of the communities where people knew each other and could communicate directly. The era of technology is the age of mobility. Migration and new relations work, facilitated by the elimination of distances, broke the set of values of community life. This process of change has created unity and uniformity of the state as well as the social and intellectual life, a favorable uniformity to mediocrity. It created a new form of human relationship favoring the sense of freedom as an acting more individualistic and private than social, public and community. Another consequence was the disintegration of family life. The result is the eclipse of the public. At this threshold, gained strength in the philosophical field the theory of individualism that defended individual freedom and a democratic form of political life based in the vote. What follows this theory is that each one must take care of their own business. Thus, the policy itself has become a business, a technical matter, to be administered by experts such as industry, medicine, commerce, education, etc. The era of technology requires the reconstruction of the epistemological and ethical aspects of democracy. Thus, the philosophical and educational problem consists in creating new methods and values whose meanings are estimated and sought, allowing the public to emerge.

MUSSOI, Anieli Cristina

Universidade Estadual Paulista, Brasil.

UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA PARA O PROBLEMA DAS ARTES DO VAZIO.

Da ampla diversidade contemporânea de propostas artísticas, algumas beiram o limite da discussão sobre o que é material ou conceitual na arte. Neste trabalho, investigamos algumas dessas propostas pela expressão “Artes do Vazio”, justamente porque não resultam em materialidade física na sua exibição, pretendendo-se constituídas do próprio vazio “exposto” ao público. Tais obras apresentam dilemas à nossa compreensão dados dois pressupostos que temos sobre a arte. São eles: (1) a arte é comunicativa (em sentido *lato*) por expressar sentimentos ou ideias numa relação intencional entre autor e público; e (2) toda arte precisa de um critério de individuação, ou seja, precisa ser reconhecida na sua unicidade e independente do tempo, mantendo assim uma unidade ao longo da história. Os problemas aparecem quando a ausência de materialidade proposta pelas artes do vazio impede o estabelecimento do critério de individuação, o que gera problemas de reconhecimento de obras e de alcance do sentido pretendido pelos artistas. Nosso propósito é esclarecer tais dificuldades e oferecer um meio de compreensão para elas. Para isso, abordamos três produções artísticas, então caracterizadas como imateriais, e as analisamos usando por base a teoria semiótica de Charles Sanders Peirce. A noção de signo a ser utilizada é básica na história

do pensamento peirciano, tendo sido desenvolvida já na década de 1860 em seus três elementos principais: representâmen, objeto e interpretante, cuja interação se dá em semioses contínuas e ilimitadas. Duas hipóteses explicativas serão consideradas de acordo com o papel tomado pelo vazio: (1) como representâmen da comunicação ou (2) como objeto da comunicação. Na primeira, seguiremos a leitura que nos parece mais natural para interpretar uma obra de arte, ou seja, a que considera o objeto físico apresentado nas exposições como um veículo para as intenções do artista; sendo assim, tomaremos o vazio proposto pelas obras como a própria obra/veículo, tal como fora pretendido por seus idealizadores. Esta hipótese se mostrará insatisfatória para resolver o problema da individuação, uma vez que o vazio depende de elementos externos para que seja recebido pela mente, e, enquanto mera ausência, teríamos nas artes do vazio signos indistinguíveis. Como segunda hipótese, propomos que o vazio seja alocado na posição de objeto de uma relação triádica, tendo os elementos materiais de contexto artístico como representâmens iniciais. Desta forma, demonstraremos o processo de significação das artes do vazio em desenvolvimento por meio de relações em cadeia que partem: (1) de elementos contextuais da arte (como índices estabelecidos por hábito), (2) de uma expectativa artística enquanto interpretante, (3) da frustração desta expectativa por não haver a obra indicada, (4) do reconhecimento da ausência de obra enquanto intencional por parte do artista, para que só então se possa (5) conjecturar sobre o sentido pretendido por este, e assim, (6) reconhecer sinteticamente a obra do vazio em questão. Concluiremos que somente a segunda hipótese se mostrará satisfatória, por considerar fundamental a gama de elementos contextuais da arte para o processo comunicativo nessa especificidade artística, e desta forma solucionar o problema da individuação.

A SEMIOTIC APPROACH TO THE EMPTINESS ARTS' PROBLEM

From the vast variety of contemporary artistic proposals, some approach the limit of what is material or not in art. In this paper, we investigate some of those artistic expressions, here identified as "Emptiness Arts", that is, artworks composed of no physical matter, intending to be constituted of void itself "exposed" to the public. Following two assumptions about art, such artworks present dilemmas to our understanding. These assumptions are that: (1) art is communicative (in the broad sense) for expressing feelings or ideas in an intentional relationship between author and public; and (2) every artwork needs an individuation criterion, that is, it must be recognized in its uniqueness and through time, thus maintaining an unity throughout history. Problems arise when the absence of materiality proposed by the emptiness arts prevents the establishment of individuation criterion, which generates problems on the recognition of artworks and their meanings. Our purpose is to clarify such difficulties and

provide means of understanding them. For this, we approach three artistic productions, then characterized as immaterial, and analyze them based on the semiotic theory of Charles Sanders Peirce. The notion of a sign to be used is basic in the history of peircian thought, having already been developed in the 1860s in its three main elements: representamen, object and interpretant, whose interaction occurs in continuous and unlimited semiosis. Two explanatory hypotheses will be considered according to the role taken by emptiness: (1) as representamen of communication or (2) as object of communication. In the first one, we will follow the reading that seems most natural to us to interpret an artwork, i.e., that considers the physical object presented in the exhibitions as a vehicle for the intentions of the artist; so we will take the emptiness proposed as the artwork itself, as intended by its creators. This hypothesis will prove insufficient to solve the problem of individuation, since the emptiness depends on external elements to be received by the mind, and, as mere absence, we would have indistinguishable signs in the emptiness arts. In the second hypothesis, we propose that the emptiness to be allocated in the position of the object of a triadic relation, with the material elements of artistic context as initial representamens. In this way, we will demonstrate the undergoing process of signification by means of a series of relations that starts from: (1) the contextual elements of artworks (as indices established by habit), (2) the public expectation towards those artworks as interpretant, (3) the frustration of this expectation for not having the expected artwork presence, (4) the recognition that this absence is intentional by the artist, to only then (5) conjecture about the meaning intended by it, to finally (6) synthetically recognize the emptiness artwork in question. We conclude that only the second hypothesis is satisfactory, as the range of contextual art elements for communicative process, regarding the emptiness arts phenomenon, proves to be fundamental, solving the problem of individuation.

NARDI, Ketherine; BORTOLETO, Edivaldo José

Unochapecó, Brasil.

UMA LEITURA SEMIÓTICA DA TRADUÇÃO AUDIOVISUAL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.

Este projeto tem como tema a importância da semiótica no processo da tradução audiovisual para o ensino da língua inglesa, promovendo uma leitura semiótica da tradução audiovisual ao utilizar o desenho norte-americano *Animaniacs* como objeto de estudo, tendo como foco o episódio *Draculee Draculaa*, sendo um trabalho em andamento que culminará em uma dissertação de mestrado. Vários são os questionamentos que impulsionam essa pesquisa, entre eles, quais as contribuições da tradução audiovisual no ensino de língua inglesa e como a inserção da tradução audiovisual pode fornecer subsídios para que os educandos

possam ampliar suas visões de mundo e seus conhecimentos de forma prazerosa e desafiadora. Além disso, através desse projeto, buscamos compreender o estado da arte da tradução audiovisual no processo de ensino-aprendizagem. Outro questionamento importante para nós é perceber como a semiótica é subsumida no processo de tradução audiovisual e como compreender que uma tradução audiovisual mediada pela semiótica já é uma tradução cultural, visando entender, através destes objetivos, qual a relevância da tradução audiovisual no ensino de língua inglesa.

Este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de fontes bibliográficas e de um corpus bilíngue que será composto pelo *script* do episódio escolhido e a versão em vídeo do desenho. Este projeto apresentará ao público uma análise que envolve o texto falado e o texto imagético que compõe a obra em questão e, por analisarmos signos não verbais - no caso, as imagens e efeitos sonoros do episódio - estaremos trabalhando, também, com iconologia. Contudo, é pertinente lembrar que, apesar de trabalharmos com iconologia e fontes bibliográficas, transitando pelos diferentes métodos e técnicas existentes de tradução, todas as análises feitas terão a semiótica peirceana como fio condutor das reflexões propostas.

Neste trabalho, os signos a serem analisados serão verbais (falas dos personagens do desenho) e não verbais (imagens e efeitos sonoros), sendo que analisaremos a influência dos signos não verbais na tradução dos signos verbais da obra. Podemos resumir, de certa forma, que os pilares desta dissertação são tradução, semiótica e ensino, visto que, a tradução audiovisual (para dublagem e legendagem) será estudada à luz do método semiótico de Peirce, visando compreender suas implicações no ensino de língua estrangeira (com ênfase na língua inglesa). Este trabalho justifica-se também por dispor-se a tratar a tradução como um ato não apenas de substituição do signo linguístico de uma língua para o signo linguístico de outra língua, mas por apresentar a tradução como um ato de reflexão, percebendo as linguagens como essenciais ao pensamento e o este como um ato tradutório mediado pela semiótica, pois ao pensarmos, representamos um objeto através de um signo, sendo que este signo carrega em si mesmo um interpretante. Mais do que propor uma reflexão sobre tradução e semiótica, este trabalho visa refletir sobre as linguagens – concebendo as linguagens no plural – e compreendendo o mundo como um grande signo composto de vários outros signos, em que os interpretantes dos signos que compõe as linguagens não existem necessariamente dentro do ser humano, mas dentro dos próprios signos.

A SEMIOTIC READING OF THE AUDIOVISUAL TRANSLATION IN ENGLISH TEACHING.

The subject-matter of this academic research is the importance of semiotic in the process of audiovisual translation to English teaching, fomenting a semiotic reading

of the audiovisual translation by using the American cartoon *Animaniacs* as object of study, focusing in the episode *Draculee Draculaa*, being a work in progress that will culminate in a master's degree dissertation. This academic research is boosted by many questionings, among them, what are the contributions of the audiovisual translation in English teaching and how the insertion of the audiovisual translation can provide subsidies that help students to expand their world perspectives and their knowledge in a challenging and pleasurable way. Furthermore, through this academic research, we aim to comprehend the state of the art of the audiovisual translation in the process of teaching-learning. Another important questioning for us is noticing how semiotic is subsumed in the process of audiovisual translation and how to comprehend that an audiovisual translation mediated by semiotic is already a cultural translation, aiming to understand, through these objectives, what is the relevance of audiovisual translation in English teaching. This work is set as a qualitative research, performed from bibliographic sources and a bilingual corpus that will be composed by the script of the chosen episode and the video version of the cartoon. This academic research will present to the public an analysis that involves the spoken text and pictures (or, the nonverbal language) that compose the cartoon and, since we are going to analyze nonverbal signs – meaning, pictures and sound effects of the episode – we are also going to work with iconology. However, it is relevant to remember that, although we are working with iconology and bibliographic sources, transiting by different methods and procedures of translation, all the analyses made here will have Peirce's semiotic as the guiding principle of the proposed reflections. In this research, the analyzed signs will be verbal (speeches of the characters) and nonverbal (pictures and sound effects), wherein we are going to analyze the influence of nonverbal signs in the translation of verbal signs of the cartoon. We can sum up that, somehow, the pillars of this dissertation are translation, semiotic and teaching, whereas audiovisual translation (dubbing and subtitling) will be studied in the light of the Peirce's semiotic method, aiming to comprehend its implication in the foreign language teaching (emphasizing in English). This work is also justified for its willing to treat the translation not only as an act of replacing a linguistic sign from a language to a linguistic sign of another language, but for presenting translation as a reflective act, noticing languages as essentials to the act of thinking, turning it into a translation process mediated by semiotic, because when we think, we represent an object through a sign and this sign carries on itself an interpretant. More than offering a reflection about translation and semiotic, this work aims to reflect about languages – conceiving languages in plural – and comprehending the world as a huge sign composed by many others signs, in which the interpretants of signs that compose the languages do not exist necessarily inside the human being, but inside the own signs.

NASCIMENTO, Edna Maria M. do; TEIXEIRA, Maurozan S.

Universidade Federal do Piauí, Brasil.

O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM JOHN DEWEY: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EPISTEMOLOGIA NATURALIZADA.

Este estudo tem por objetivo investigar o conceito de experiência em John Dewey, sobretudo, as contribuições que este filósofo apresenta para uma epistemologia naturalizada. É a partir da noção de *experiência* no pragmatismo deweyano, enquanto uma atividade de cunho evolucionista, no qual organismos fisiológicos, seja o homem, sejam os animais inferiores, empenham-se em adaptações ao ambiente para manter o processo da vida, que se busca compreender o significado de uma epistemologia naturalizada no pensamento de Dewey. Considerando esta perspectiva naturalista adotada por Dewey, discutiremos a relação de continuidade e não separação entre filosofia e ciência, tendo em vista que o próprio autor discute em sua obra *Experiência e Natureza* (1980) que a filosofia não está separada da experiência. Esta concepção sustenta que a inteligência humana vai encontrando as melhores soluções necessárias ao processo de adaptação e readaptação ao meio que vive, sendo assim, o conhecimento para o filósofo norte-americano parte do processo experiencial, tendo na experiência o principal sustentáculo. Sabe-se que para Dewey não faz sentido falar de uma *experiência transcendental*; ao contrário, sua vertente naturalista descreve o cérebro e o sistema nervoso enquanto órgãos de ação e padecimento; agem sobre o meio e sofrem ações externas. Com base neste quadro de referência, busca-se conhecer e caracterizar a concepção de conhecimento sustentada por Dewey. A partir desta descrição naturalista, se quer investigar o conceito de “experiência” enquanto categoria básica da obra de Dewey do livro *Experience and Nature* [Experiência e Natureza] (1925). Considerando na aceção de Dewey o caráter temporal das coisas experienciadas, segundo o qual não se concebe noções como a “*transcendência*” do conhecimento, a investigação se concentrará no estudo do conceito de experiência e das características de uma epistemologia naturalista. Este estudo também será norteadado pela caracterização que Dewey faz em relação ao pragmatismo, identificando sua especificidade ligada à noção de experiência e o naturalismo.

THE CONCEPT OF EXPERIENCE IN JOHN DEWEY: CONTRIBUTIONS TO A NATURALIZED EPISTEMOLOGY.

This study aims to investigate the concept of experience in John Dewey, especially the contributions that this philosopher presents to a naturalized epistemology. It is from the notion of experience in Deweyan pragmatism, whiles an activity of an evolutionary nature, in which physiological organisms, be it man, are the inferior

animals, engage in adaptations to the environment to maintain the process of life, which seeks to understand the meaning of a naturalized epistemology in Dewey's thought. Considering this naturalist perspective adopted by Dewey, we will discuss the relation of continuity and non-separation between philosophy and science, since the author himself discusses in his work 'Experience and Nature' (1980) that philosophy is not separated from experience. This conception maintains that human intelligence is finding the best solutions necessary to the process of adaptation and readaptation to the environment it lives in. Thus, knowledge for the North American philosopher is part of the experiential process, having in the experience the main support. It is known that for Dewey it does not make sense to speak of a transcendental experience; On the contrary, its naturalistic slope describes the brain and the nervous system as organs of action and suffering; Act on the medium and suffer external actions. Based on this frame of reference, we seek to know and characterize the conception of knowledge supported by Dewey. From this naturalistic description we want to investigate the concept of "experience" as the basic category of Dewey's work in Experience and Nature (1925). Considering in Dewey's sense the temporal character of things experienced, according to which no notions are conceived as the "transcendence" of knowledge, research will concentrate on the study of the concept of experience and the characteristics of a naturalistic epistemology. This research will also be guided by Dewey's characterization of pragmatism, identifying its specificity linked to the notion of experience and naturalism.

NOBOA, Luan Felipe Novak

Universidade Federal do ABC, São Paulo, Brasil.

A PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS VALORES QUE ORIENTAM A PESQUISA CIENTÍFICA.

O presente texto visa propor um método de leitura em história das ciências; focado na observação dos valores, principalmente de caráter epistemológico, que são mobilizados ao longo da consolidação de teorias. A reconstrução narrativa sob essa ótica objetiva que identifiquemos, em momentos paradigmáticos da pesquisa científica, quais valores epistêmicos mostraram-se mais presentes no núcleo de tal atividade, o que, no limite, acrescenta elementos ao debate sobre quais valores são mais constituintes de sua prática. Nesse sentido, trata-se da aplicação histórica de uma metodologia herdeira do pragmatismo americano, que coloca no centro da análise científica o discurso normativo que a caracteriza, orientada por duas teses que, segundo Hilary Putnam, são nucleares a tal vertente: a) a de que não há uma dicotomia essencial entre fatos e valores; e b) há uma primazia da análise prática. Não obstante, tomamos por valores epistêmicos aqueles apresentados por Hugh Lacey, a saber, *adequação empírica; consistência; simplicidade; fecundidade; poder*

explicativo; certeza. Para tanto o presente texto conta com 3 partes centrais: 1) Definição do vocabulário que será mobilizado ao longo do texto, apresentando os contornos do conceito de *crença* conforme expostos por Donald Davidson e Paul Moser – assumindo-as como estados mentais específicos, nas quais é possível verificar uma propriedade intencional na qual há relações psicológicas, ou seja, “transações mentais” entre os sujeitos e as entidades do mundo, que devem orientá-los em seu contato com o mesmo. Também eria mobilizado o conceito de *valor*, com base nos pressupostos de Putnam e Lacey – que em sentido amplo se refere à esfera do que se “deve ser”, possuindo caráter normativo, fornecendo orientação e direção para a aplicação de um conjunto de crenças. 2) Reconstrução das bases pragmatistas sob as quais repousa a perspectiva dos valores, bem como do caminho de afirmação dessa análise no contexto de decréscimo das tentativas lógicas de definir os contornos da racionalidade científica. Processo que se dá no resgate das análises de John Dewey sobre o papel normativo da comunidade científica na escolha das máximas que orientam a consolidação de teorias, por exemplo, noções como “simplicidade”; e de Charles Peirce, em sua defesa de que o método científico possui certas particularidades dos demais métodos de fixação de crenças, dado o papel objetivo que a “verdade” possui nessa prática, uma vez que nos permitem asserções com ampla frequência de êxito. 3) Descrição dos pressupostos entendidos por Lacey acerca dos seis valores epistêmicos apresentados acima e aplicação destes para ler o momento histórico de consolidação da pesquisa quântica. Afinal, entendemos que valores epistêmicos são sempre passíveis de revisão; de tal sorte que, em determinadas teorias, estes podem se apresentar com maior ou menor grau. Não obstante, a mecânica quântica, ao longo de seu desenvolvimento, por contar com bases de pesquisa que pressupunham a tentativa de conciliar aspectos ondulatórios e corpusculares, teve de formular postulados que manifestavam um grau maior de valores de *adequação empírica* e *fecundidade* em detrimento de valores como *consistência* e *certeza*. Nesse sentido, esperamos oferecer elementos para o debate sobre quais valores epistêmicos são centrais à prática científica em nossos dias aplicando, por conseguinte, o corpo de abordagem do pragmatismo à pesquisa em história da ciência.

THE HISTORICAL PERSPECTIVE ABOUT THE VALUES WHICH GUIDE THE SCIENTIFIC RESEARCH.

This paper seeks to purpose an application of a method in the research of Science's history; focused on the observation of the values – mainly epistemological values – that are mobilized throughout the process of theories' consolidation. The reconstruction of science narrative under this objective hopes for the identification, during paradigmatic moments of scientific research, what sort of epistemological

values were present in the core of this activity. Seeking, after all, to add some elements in the debate about which values are more constitutive of this practice. By this sense, it is the historical application of a kind of methodology – heir of the American pragmatism – which puts the normative discourse, characteristic of the science, to the heart of its analysis, guided by two theses that according to Hilary Putnam are nuclear to such approach: a) that there is no essential dichotomy between facts and values; and b) there is a primacy of practical analysis. Nevertheless we take for epistemic values those presented by Hugh Lacey: empirical adequacy; consistency; simplicity; fecundity; explanatory power and certainty. For this purpose, the present text has three main parts: 1) Definition of the vocabulary that will be mobilized throughout the text: presenting the meanings of the concept of belief as it has been formulated by Donald Davidson and Paul Moser – which were assumed to be specific mental states, and gave us the possibility to verify intentional properties based in psychological relations, in other words, “mental transactions” between the subjects and the entities of the world that guide us in our contact with it. The same process will be applied to the concept of value, based on the assumptions of Putnam and Lacey – whose re-interactions were in a large sense to the sphere of what “must be” which means to have a normative character that provides direction and guidance for the application of a group of beliefs. 2) Argumentative reconstruction about the bases of pragmatist on which lies the values perspective as well as the consolidation’s path of this method in the context of decreasing of the logical attempts to define the characteristics of scientific rationality. Process that is based in reclaiming John Dewey’s analysis about the normative role which the scientific community has had in the process of choosing the maxims that can guide and consolidate scientific theories, for example, notions such as “simplicity”. The same has reoccurred to Charles Peirce, in his defense that the scientific method possesses certain peculiarities about fixing beliefs amongst other methods. As a result of objective role that “truth” has in this practice, once its application allow assertions with a good frequency of success. 3) Description of Lacey’s assumptions about the six epistemic values presented above, as well as, their application in the analysis on the earlier historical moment of quantum research consolidation. After all, we understand that epistemic values are always subjected to revision; due to that, in certain theories, it is possible to present some of them in a greater or lesser degree. Nonetheless, quantum mechanics along its development attempt to reconcile wave and corpuscular aspects and thus, the formulation of its postulates reflex a greater degree of values of empirical adequacy and fecundity in detriment of values such as consistency and certainty. In this sense, this paper seeks to offer elements for the debate about which epistemic values are central to scientific endeavor in our day, applying, therefore, the contributions of a pragmatist’s approach on research of Science’s history.

ORNELLAS, Valter Luis Dantas; PONCZEK, Roberto Leon

Universidade Federal da Bahia, Brasil.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO PAISAGISMO PITORESCO DE JOHN CONSTABLE SOB A ÓTICA DA FILOSOFIA DE JOHN DEWEY.

John Dewey argumentou a favor de que se considerasse a experiência como fundamento para a constituição de nossas crenças e saberes, tomadas como garantias de ação. Neste sentido, em se tratando da natureza, extrair seus traços gerais e genuínos só seria possível por meio empírico, conforme ele discrimina em sua obra “Experience and Nature” (1925), cuja ênfase sugere propriedade em “mostrar alguns traços gerais das coisas experienciadas e interpretar sua significação para uma teoria filosófica do universo em que vivemos”. A dimensão científico-naturalista da obra de Dewey reverberou em uma outra relevante publicação de sua autoria, “Art as Experience” (1934), onde é percebida a preocupação deste filósofo em romper com as teorias vigentes até então, as quais isolavam o fazer artístico como não sendo mais uma ação de esforço, sujeição e realização humanos. Pensar sobre essa estreita ligação da vida cotidiana e as chamadas “belas artes” também conduziu Dewey a aproximar a criação artística da investigação científica, por também manter seus propósitos atentos e penetrantes sobre seus objetos. Neste caminho, principalmente à luz das teorias pragmaticistas de Dewey, este trabalho faz reflexões, recorrendo à produção artística do pintor britânico John Constable (1776-1837) e seu processo criativo, pleno de conhecimento científico, em busca de resultados pictóricos de considerável fidelidade às suas experiências de vida. Quando se trata da arte britânica, o gênero da pintura de paisagem é considerado o de maior relevância, sendo Constable um de seus mais celebrados expoentes. O contexto para sua produção envolveu a célere industrialização, ocorrida nos séculos XVIII e XIX na Grã-Bretanha, impactando regiões rurais, promovendo um grande sentimento de perda de um mundo pastoral. O termo “pitoresco” integra o vocabulário da teoria histórica da arte e refere-se aos pintores românticos, como Constable, cujo gosto por aspectos rústicos da zona rural, inaugurou o hábito de pintar ao ar livre, observando a paisagem. Entretanto, para muitos artistas, o conhecimento científico sobre a natureza não é necessário, pois eles acreditam que a sensibilidade e a imaginação oferecem tudo que eles venham a precisar. Constable pensava diferente, defendendo que a pintura deveria ser considerada uma profissão tanto científica, como poética. Ao final de sua quarta conferência na *Royal Institution of Arts* em Londres (1836), Constable questionou o porquê da pintura de paisagem não ser considerada como um ramo da filosofia natural, da qual as imagens são apenas os experimentos. Sabe-se que o interesse de Constable em compreender os fenômenos da natureza, em especial, as condições climáticas, datam desde sua adolescência, trabalhando com a operação de moinhos

de vento, absorvendo conhecimento, sobretudo através do repasse da tradição, pela oralidade de outros moleiros, como seu pai, assim como por lavradores e pastores. Aquela rica experiência de anos contribuiu para construir seu hábito de observar o céu e o clima, sobretudo quando passou a assumir sua vocação para as artes, ainda na segunda década de vida. Seu conhecimento meteorológico se intensificou a partir do estudo de publicações de caráter científico, referências para suas pinturas, comprovada pelas inscrições no verso delas, feitas pelo próprio artista. Dewey, em “Art as Experience”, propõe revelar de que maneira as obras de arte idealizam qualidades encontradas na experiência comum. Para ele, o artista problematiza suas questões e desenvolve seu raciocínio tal como um cientista. A diferença para este último se encontra por conta do meio qualitativo que o artista opera. Neste aspecto, parece apropriado aplicar algumas considerações de Dewey, para que se pense sobre o potencial das pinturas de Constable como produtos difusores de conhecimentos.

THE AESTHETIC EXPERIENCE IN THE PICTURESQUE LANDSCAPING OF JOHN CONSTABLE SEEN FROM THE PHILOSOPHY OF JOHN DEWEY.

John Dewey argued in favor of considering experience as the foundation for the constitution of our beliefs and knowledge, taken as warranties of action. In this sense, when it comes to nature, extracting its general and genuine traits would only be possible by empirical means, as he discriminates in his work “Experience and Nature” (1925), whose emphasis suggests “to discover some of these general features of experienced things and to interpret their significance for a philosophic theory of the universe in which we live”. The scientific-naturalist dimension of Dewey’s work reverberated in another relevant publication of his own, “Art as Experience” (1934), where can be perceived his concern to break with previous theories, which isolated the artistic action from any other human effort, subjection, and accomplishment. This close connection of daily life and the so-called “fine arts” also led Dewey to approach the artistic creation to the scientific research, as well as to keep its attentive and penetrating intentions into their objects. In this way, mainly in the light of Dewey’s pragmaticist theories, this work reflects on the artistic production of the British painter John Constable (1776-1837) and his creative process, full of scientific knowledge, in search of pictorial results of considerable fidelity to his life experiences. When it comes to British art, the genre of landscape painting is considered the most relevant, with Constable being one of its most celebrated exponents. The context for its production involved the quick industrialization, which took place in the 18th and 19th centuries in Great Britain, impacting rural areas, fostering a great sense of loss of a pastoral world. The term “picturesque” integrates the vocabulary of the historical theory of art and refers to romantic painters such as Constable, whose taste for rustic aspects of the countryside, inaugurated the habit of painting outdoors, observing the landscape.

However, for many artists, scientific knowledge about nature is not necessary because they believe that sensitivity and imagination offer everything they need. Constable thought differently, arguing that painting should be considered both a scientific and a poetic profession. At the end of his fourth lecture at the Royal Institution of Arts in London (1836), Constable questioned why landscape painting is not to be regarded as a branch of natural philosophy, of which images are merely experiments. It is known that Constable's interest in understanding the phenomena of nature, especially climatic conditions, dates from his adolescence, working with the operation of windmills, absorbing knowledge, especially through the transfer of tradition, by the orality of others millers, like his father, as well as by peasants and shepherds. That rich experience of years contributed to build his habit of observing the sky and the climate, especially when he began to assume his vocation for the arts, still in the second decade of his life. His meteorological knowledge was intensified from the study of scientific publications, which became references to his paintings, that could be proven by inscriptions on the back of the canvases, made by the artist himself. Dewey, in "Art as Experience", proposes to reveal how works of art idealize qualities found in ordinary experience. For him, the artist problematizes questions and develops reasoning as a scientist. The difference for the latter is due to the qualitative medium that the artist operates. In this respect, it seems appropriate to apply some considerations of Dewey, in order to think about the potential of Constable paintings as products of knowledge diffusers.

PONTE, Raquel; NIEMEYER, Lucy

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; Universidade de Lisboa e Universidade Europeia, Portugal.

DESIGN E SOCIEDADE SOB A PERSPECTIVA DO PRAGMATISMO PEIRCIANO.

A concepção de comunidade é fundamental na filosofia peirciana (HOUSER e KLOESEL, 1995a, p.XL), na medida em que o conhecimento humano avança semioticamente no desenvolvimento do pensamento, que não está restrito ao indivíduo. Para Peirce, uma pessoa não é completamente individual, pois o pensar consiste em um diálogo social (HOUSER e KLOESEL, 1995b, p.XXXVI). O processo semiótico da evolução do pensamento constitui, portanto, uma rede de conexões que ligam passado, presente e apontam para um futuro, vinculam mundos interno e externo, interligando emissores, signos e intérpretes em uma cadeia complexa. Partindo desse princípio, como podemos entender o design sob essa perspectiva? Flusser (2013), afirma que os objetos de uso são dialógicos, porque constituem mediações entre nós e outros seres humanos: aqueles que projetaram tais objetos. Podemos perceber que, ao nos defrontarmos com um produto de design, deparamo-nos com tudo aquilo que o signo representa: os

conceitos e os valores estabelecidos no *briefing*, as crenças daqueles que os criaram, os contextos históricos nos quais estavam inseridos quando foram criados. Toda essa história está presente no produto, restando-nos lê-la por meio das inferências que podemos fazer a partir daquela existência. Cada usuário, cada consumidor terá maior ou menor capacidade de leitura de acordo com seu próprio repertório e sua experiência. Os produtos são, portanto, o passado falando conosco no presente. E a cada projeto, direcionamo-nos dialogicamente para o futuro. Ampliando a ideia de Flusser, podemos dizer que os produtos de design são pensamentos materializados não apenas do designer (aquele que projetou o objeto, o serviço, o processo), mas de todos aqueles que participaram, de alguma forma, do processo de concepção de um determinado projeto. O designer não é o criador único da criação, pois o produto de design consiste na materialização das decisões de empresários, sócios, fornecedores, amigos, colegas de trabalho e todos aqueles que participaram, mais ou menos ativamente, de todas as etapas do processo. Forty (2013, p.324) aponta para a “[...] impressão falaciosa de que os designers são os únicos responsáveis pelos resultados”. Ele afirma, por exemplo, que selecionar a alternativa a ser materializada é uma decisão de design tão importante quanto a concepção do produto e tal decisão cabe ao cliente, contratante do projeto. A noção de que a criatividade é individual, segundo Hallam e Ingold (2007, p.6), coloca indivíduo e sociedade em polos opostos, já que o “gênio” é aquele que consegue romper com as convenções impostas socialmente. Charles Sanders Peirce, porém, pensa de forma diferente a relação entre indivíduo e sociedade. De acordo com Stuhr (1994, p.14), esse filósofo afirmava que a concepção de comunidade não requer a subordinação ou a negação da individualidade, pois indivíduo e sociedade dependem um do outro. Tomando como ponto de partida essa visão peirciana, podemos compreender a rede social, que amalgama criação, produção, uso e pós-uso dos produtos, da qual o designer é apenas um dos participantes. O estudo da filosofia de Charles Sanders Peirce e o entendimento do design à luz de seus conceitos semióticos, pragmáticos e fenomenológicos contribuem para explicitar o caráter social do design sob o ponto de vista ético, uma vez que o pensamento materializado em ação deve ser autocontrolado a fim de produzir consequências práticas para toda a sociedade. Como afirma Forty (2013, p.12), “Longe de ser atividade artística neutra e inofensiva, o design, por sua própria natureza, provoca efeitos muito mais duradouros...”, isto porque nosso cotidiano é povoado por inúmeras transformações, mediações, adaptações, frutos dessa atividade. Segundo Heskett (2005, p.2), o design “[...] afeta todas as pessoas em cada detalhe de cada aspecto do que elas fazem ao longo de cada dia”.

The conception of community is fundamental in Peirce's philosophy (HOUSER and KLOESEL, 1995a, p.XL), in the means that human knowledge advances semiotically in the development of thought, which is not restricted to an subject. For Peirce, a person is not completely individual, since thinking consists of a social dialogue (HOUSER and KLOESEL, 1995b, p.XXXVI). The semiotic process of the evolution of thought, therefore, is a network of connections that connects past, present and points to a future, linking internal and external worlds, interconnecting emitters, signs and interpreters in a complex chain. Based on this principle, how can we understand design from this perspective? Flusser (2013) asserts that the objects of use are dialogic because they are mediations between us and other human beings: those who designed such objects. When we are confronted with a product of design, we come across all that the sign represents: the concepts and values set out in the briefing, the beliefs of those who created them, the historical contexts in which they were inserted when they were created. This whole story is present in the product, and we have to read it through the inferences we can make from that existence. Each user, each consumer will have more or less interpreting ability according to their own repertoire and their experience. The products are, therefore, the past speaking to us in the present. And with each project, we are moving towards the future. Expanding Flusser's idea, we can say that design products are not only designer's thoughts materialized, but also materialized thoughts from all those who participated in some way in the process of designing a particular project. The designer is not the unique creator, since the product of design consists in the materialization of the decisions of entrepreneurs, partners, suppliers, friends, co-workers and all those who participated, more or less actively, of all stages of the process. Forty (2013, p.324) points to the "[...] fallacious impression that designers are solely responsible for the results." He says, for example, that selecting the alternative to be materialized is a design decision as important as the product conception, and such a decision lies with the client. The notion that creativity is individual, according to Hallam and Ingold (2007, p.6), puts individual and society at opposite poles, since the "genius" is one who can break with socially imposed conventions. Charles Sanders Peirce, however, thinks differently about the relationship between individual and society. According to Stuhr (1994, p. 14), this philosopher affirmed that the conception of community does not require the subordination or denial of individuality, since individual and society depend on each other. Taking this Peircean view as a starting point, we can understand the social network, which combines creation, production, use and post-use of products, of which the designer is only one of the participants. The study of Charles Sanders Peirce's philosophy and the understanding of design in the light of its semiotic and pragmatic concepts contribute to make explicit the social character of design from the ethical point of view, since the materialized thought in action must be self-controlled to practical consequences for the whole society. As Forty (2013, p.

12) states, “Far from being neutral and harmless artistic activity, design by its very nature causes much more lasting effects ...”, because our daily life is populated by innumerable transformations, mediations, adaptations, fruits of this activity. According to Heskett (2005, p. 2), design “[...] affects everyone in every detail of every aspect of what they do throughout each day”.

QUEIROZ E SILVA, Flávio Augusto

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

PEIRCE E O CRESCIMENTO DA RAZOABILIDADE CONCRETA: INVESTIGANDO UMA RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E A REALIDADE DE DEUS.

É de comum opinião que a arquitetônica filosófica de Charles S. Peirce (1839 – 1914) apresenta um imbricamento e uma dependência entre os seus ramos – Faneroscopia, Ciências Normativas e Metafísica. No contexto de uma obra produzida por um pensador intensamente interessado pela investigação científica, chama-nos atenção a ideia de uma “realidade de Deus”, apresentada em sua Metafísica religiosa. Parece-nos possível entender o significado desta ideia observando-se que Peirce tinha um contexto e um *propósito* para tal: sua filosofia pode ser entendida como um ataque radical ao nominalismo, ao dogmatismo e ao autoritarismo. A realidade de Deus não apenas é pensada dentro deste cenário, como também visiona uma possível continuidade entre ciência e espiritualidade, que, para Peirce, não são experiências tão separadas assim. É o que exploraremos no texto em primeiro lugar. Em seguida, observaremos um concebível enlace entre a Metafísica e a Ética do autor. Através do conceito de “crescimento da razoabilidade concreta” – arquitetado em suas Ciências Normativas, mas profundamente organizador de seu edifício filosófico – veremos que o propósito da ação humana não é produzir outra ação em si, mas contribuir com a expansão desta razoabilidade no mundo. Esta é uma ideia chave para captar corretamente o amadurecimento do pragmatismo, bem como o escopo da Ética peirciana. Na Ética, Peirce abordará questões como liberdade, autocontrole e ideais de conduta, enlaçando-os com aquele crescimento da razoabilidade. Este, que é o *summum bonum* estético, ético e lógico, acaba por ser também ideia norteadora para entender a realidade de Deus. O pragmatismo de Peirce não se opõe a um teísmo; pelo contrário, pode abarcá-lo conceitualmente porque ambos se fundamentam em um realismo radical. O que deve ser analisado com cuidado é o tipo de teísmo de que estamos falando: totalmente desvinculado de doutrinas dogmáticas, o Deus visionado por Peirce continua a criar o Universo, em um processo que tem um fim ideal, mas que não o determina. Tal processo deve contar com a contribuição da ação humana (mas não apenas com ela) – e por isto a

importância de se discutir a Ética peirciana. Queremos defender que, eticamente, a boa conduta do ser humano se resume, em essência, em contribuir com a contínua criação (divina) do Universo. Este entendimento tem consequências para conceber a liberdade e sua contraparte, a responsabilidade, lembrando que uma ética pragmaticista não poderia jamais recomendar uma cartilha determinada de ações a tomar. Ela se baseia, ao invés, no bom raciocínio e no alinhamento com o *admirável* – este, que independe deste ou daquele julgamento, mas que *em si mesmo* atrai a mente, por um poder de simpatia ou aglutinação, para seu desenvolvimento. Dizia Peirce, afinal, que o “poder criativo da razoabilidade governa sobre os outros com seu cetro, conhecimento, e seu globo, amor” (CP 5.520). Não por acaso, como pretendemos demonstrar neste trabalho, a ação de Deus sobre o cosmos tem exatamente o mesmo caráter. Por isto, não deveria ser estranho, para um estudioso de Peirce, aceitar o convite de subir em nosso “bote do musement” e imaginar que os conceitos da Ética peirciana, que valem para a vida cotidiana ou o labor científico, se interpenetram com a realidade de Deus.

PEIRCE AND THE GROWTH OF CONCRETE REASONABLENESS: AN INQUIRY INTO THE RELATIONS BETWEEN ETHICS AND THE REALITY OF GOD.

It is a common opinion that Charles S. Peirce's (1839 – 1914) philosophical system presents an interrelation among its branches: Phaneroscopy, Normative Sciences and Metaphysics. In the context of a work produced by someone who was as profoundly interested in scientific investigation as Peirce, the idea of a “reality of God”, which appears in his religious Metaphysics, calls our attention. It seems possible to us to understand the meaning of that idea observing that Peirce had a context and a purpose for that: his philosophy is a radical attack against nominalism, dogmatism and authoritarianism. The reality of God is not only thought in that context, but also envisages a possible continuity between science and spirituality, that, for Peirce, are not radically different experiences. That's what we will explore in the first place. Secondly, we will observe a conceivable link between peircean Metaphysics and Ethics. Through the concept of “growth of the concrete reasonableness” – which is architected in the Normative Sciences, but at the same time profoundly organizes his philosophical work – we will see that the purpose of human action is not to produce another action per se, but to contribute with the expansion of that reasonableness in the world. This is an important idea to correctly capture the maturing of pragmatism, as with the scope pf peircean Ethics. In Ethics, Peirce will tackle some questions like freedom, self-control and ideals of conduct, connecting them with the growth of reasonableness aforementioned. The latter, which is the esthetical, ethical and logical summum bonum, ends up being a guiding principle to understand the reality of God as well. Peirce's pragmatism is not opposed to theism; quite the contrary, pragmatism can embrace theism because both ideas are fundamentally and radically

realist. What must be analyzed carefully is the kind of theism we are talking about: completely detached from dogmatic doctrines, God in Peirce's thought continues to create the Universe, in a process that has some ideal end, but that is not determinative of it. This process must rely on (but not only on) the human action – and that's the importance of discussing peircean Ethics. We want to defend that, ethically, the good conduct is essentially the contribution to the continuous (and divine) creation of the Universe. This understanding has consequences to apprehend the meaning of freedom and its counterpart, responsibility, reminding that a pragmaticist ethics could not prescribe a list of determined "good actions". Ethics is based, on the contrary, in good reasoning and in the alignment with the admirable – which, independent of this or that judgement, attracts the mind in itself, for some kind of power of sympathy or agglutination. Peirce said, after all, that "the creative power of reasonableness rules over them [the other powers] with his sceptre, knowledge, and his globe, love" (CP 5.520). Not by chance, as we aim to demonstrate, the action of God over the cosmos has exactly the same character. For that reason, it shouldn't be weird, for a peircean scholar, to accept the invitation to "enter the skiff of musement" and to imagine that the concepts of peircean Ethics, which stands for ordinary life or the scientific labor, are related to the reality of God.

RECH, Aryana Lucia; BORTOLETO, Edivaldo José

Unochapecó, Brasil.

MEMÓRIA DE VELHOS: ESCOLA, BODEGA E IGREJA COMO SIGNOS DE ESTRUTURAÇÃO, UMA LEITURA A PARTIR DA SEMIÓTICA PEIRCIANA.

Memória de velhos: escola, bodega e igreja como signos de estruturação, uma leitura a partir da Semiótica Peirciana é o tema deste projeto. Um projeto que nasce da paixão de ouvir histórias de um tempo que já não é, o desafio de significar o que foi outrora significado. O questionamento que impulsiona este estudo surge da necessidade de conhecer o passado a partir da interpretação de seus personagens, usando a singularidade como produtora de significações, peça fundamental do todo, observando as estruturas de educação, presentes na memória de velhos que influenciam o sujeito para além da educação formal. Sendo assim, com base nas memórias de velhos, como ocorre a educação e a estruturação comunitária através dos signos escola, bodega e igreja? Em uma comunidade do interior tudo se entrelaça. As famílias frequentam os mesmos lugares, e os elementos fazem parte de uma infinda rede de significações. Desta forma, opto por signos que caracterizam uma identidade cultural, se tratando de um aprofundamento quanto à compreensão da relação entre as diferentes esferas da educação, seja ela o ensino formal, informal e não-formal, nas esferas da escola, bodega e igreja.

Assim, trago como objetivo, compreender como ocorre a educação através dos signos escola, bodega e igreja, trabalhando com os seguintes objetivos específicos: realizar trânsitos intersemióticos pela memória e pela história oral; identificar o lugar da memória de velhos enquanto objeto, signo e interpretante de acordo com o contexto/conjuntura; estudar e aplicar a teoria Semiótica de Peirce, para ler os espaços da escola, bodega e igreja como signos de educação/estruturação. A teoria Semiótica de Peirce será o fio condutor de toda a metodologia, sendo que os diferentes métodos utilizados para cada etapa da pesquisa serão utilizados à luz do método semiótico. Quando crescemos sobre as influências de histórias antigas recebemos uma carga de signos já formados. A constituição inicial destes signos, como metáforas de similitude, é estrutura importante deste estudo. Essas influências nos trazem familiaridade com coisas que não conhecemos, como costumes, casas, roupas, entre outros. Estes signos que nos são passados nos *educam* a ver e interpretar o mundo, constituindo-se imprescindíveis para uma trajetória. O passado é trazido à tona constantemente, e desta forma se mescla com o presente, influenciando e sofrendo influências. Todo esse processo se dá pelo signo e pela interpretação, ou seja, não há acesso ao passado, bem como ao presente e ao futuro sem o signo. Posso dizer, então, que os eventos lembrados pelos velhos foram vivenciados no real, através do que Peirce vai chamar de *percepto*, mas a mente só tem acesso a esses fatos, através de signos, ou objetos imediatos que já são de natureza signica. Desta maneira, dois indivíduos podem presenciar o mesmo acontecimento e ter conceitos e lembranças diferentes. Trago a aplicação das categorias de Peirce, cujos elementos são base para a análise das memórias de velhos, a memória, neste caso, é tratada ora como objeto, ora como signo, e ora como interpretante da tríade, dependendo do enfoque e da conjuntura. A *memória* pode ser posta nessa equação como objeto, sabendo que ela é também, signo de outro objeto e ainda, interpretante, signo-interpretante. Assim, a memória de velhos é um signo que vai sendo ressignificado desde a interpretação da realidade, do fato ocorrido, até uma reinterpretação enquanto memória, e novamente a cada nova rememoração. Através da memória voltamos ao passado, ao infinito, é uma eterna semiose, seja na mente do indivíduo que lembra, seja na mente dos que ouvem e continuam rememorando. E se há uma semiose *ad infinitum* para o futuro, pode também, haver uma semiose *ad infinitum* ao passado.

ELDERLY'S MEMORY: SCHOOL, BARS, AND CHURCH AS SIGNS OF STRUCTURING, A READING FROM PEIRCE'S SEMIOTICS.

Elderly's memory: school, bar and church as signs of structuring, a reading from the Peirce's semiotics is the subject-matter of this project. A project that is born of the passion of listening histories from a time that do not exist anymore, the challenge to mean what was meant erstwhile.

The questioning that promote this study emerge from the necessity of knowing the past from the interpretation of its characters, using the singularity as a producer of meanings, crucial piece of everything, observing the structures of education, present in the memory of old people that influence the subject beyond formal education. Therefore, based on the elderly's memory, how does education and community structuring happen through the signs school, bar and church? In a countryside community, everything intertwines. The families attend the same places, and the elements are part of an infinite network of meanings. In this way, I opt for signs that characterize a cultural identity, the case of a deepening of the understanding of the relation between the different levels of education, whether formal, informal and non-formal, in the spheres of school, bar and church. Thus, I bring as an objective, to understand how education occurs through the signs school, bar and church, working with the following specific objectives: perform intersemiotic transits by memory and oral history; to identify the place of the elderly's memory as object, sign and interpretant according to the context/conjuncture; study and apply Peirce's Semiotics theory, to read the spaces of the school, bar and church as signs of education/structuring. Peirce's Semiotics theory will be the guiding principle of the entire methodology, and the different methods used for each stage of the research will be used in the light of the semiotic method. When we grow up on the influences of ancient histories, we receive a load of already formed signs. The initial constitution of these signs as metaphors of similarity is an important structure of this study. These influences bring us familiarity with things we do not know as customs, houses, clothes, among others. These signs that are passed on educate us to see and interpret the world, being essential for a trajectory. The past is brought up constantly and in this way merges with the present, influencing and suffering influences. This whole process is given by the sign and by the interpretation, in other words, there is no access to the past, as well as the present and the future without the sign. I can say, then, that the events remembered by the elderly were experienced in the real, through what Peirce will call as percept, but the mind only has access to these facts, through signs, or immediate objects that are already of sign nature. In this way, two individuals can witness the same event, and have different concepts and memories. I bring the application of Peirce's categories, whose elements are the basis for the analysis of elderly's memory, and the memory, in this case, is treated now as an object, sometimes as a sign, and sometimes as interpreter of the triad, depending on the focus and conjuncture. The memory can be put in this equation as an object, knowing that it is also the sign of another object and also interpreter, sign-interpreter. Thus, the elderly's memory is a sign that is being re-signified since the interpretation of reality, from the fact that occurred, until a reinterpretation as a memory, and again with each new remembrance. Thus, the elderly's memory is a sign that is being re-signified from the interpretation of reality, the fact that occurred, to a reinterpretation as a memory, and again with each new remembrance. Through memory, we return to the past, to

the infinite, because it is an eternal semiosis, either in the mind of the individual who remembers, or in the minds of those who hear and continue to remember. And if there is a semiosis ad infinitum for the future, there may be a semiosis ad infinitum to the past.

REYES-CÁRDENAS, Paniel

Universidad Popular Autónoma del Estado de Puebla, Mexico.

A PHANEROSCOPIC ANALYSIS OF SOCIAL MEDIA.

In the age of technology, electronic devices are not only tools but also means of communication. Some particular manifestations of communication have been thoroughly successful; such is the case of the so-called “social media”, amongst these, there are some platforms such as ‘Twitter’ or ‘Facebook’, or services of messages such as ‘Whatsapp’ or ‘Facetime’ that witness an exponential success. However, this particular phenomenon outstands from other similar manifestations of human endeavours to communicate. This means that the particular aspects of media in such platforms cry out for some phenomenological analysis in order to discover its generalities and particularities. The article proposes to analyse the phenomenon, considering the interaction rendered by it from Peirce’s pragmatist phenomenology (phaneroscopy) and the principles that emerge from his semeiotics. Peirce’s phaneroscopy uses a three-fold scheme of Categories: firstness, secondness and thirdness complete a system of phenomenological manifestations of the possible, the factual and the regularities that generate a normative approach to thought and its manifestation linguistic or otherwise. Peirce’s theory of Categories also has metaphysical bearings, this theory of categories renders a way of explain how human minds interact in reality in spite of coming apart physically. The categories also help to understand how the different aspects of Peirce’s semeiotics convey a logical manifestation of interactions, and allow producing a taxonomy of the signs involved. All different perspectives seem to direct our attention to the meaningful aspect of expression of Social media and thus, I will discuss the different implications that distinguish the reality of the interaction allowed by social media through a phenomenological analysis, contrasting it against its physical presence concept counterpart. Some interesting conclusions can emerge from this: even though the quality of physical face to face language interactions privileges the certainty of human communication, the signs exchanged in the social media platforms are not so different to the physical ones, though they are certainly limited in their capacities for expression, as opposed to the physical ones. Nonetheless the communication manifested by social media allows the emergence of other unexpected new ways of communication and social symbolism: think, for example, in the different signs such as the so-called “memes”, or the ability to find a common ground through social mobilization, as in the different petitions in which an electronic signature is an important manifestation of people’s own identity.

UMA ANÁLISE FANEROSCÓPICA SOBRE MÍDIA SOCIAL.

Na era da tecnologia, aparelhos eletrônicos não são apenas ferramentas, mas também meios de comunicação. Algumas manifestações particulares de comunicação já são plenamente bem sucedidas; é o caso, por exemplo, das assim chamadas “mídias sociais”, dentre as quais as plataformas como Twitter ou Facebook, ou serviços de mensagens, como Whatsapp ou Facetime, as quais testemunham esse sucesso. Esse fenômeno particular, todavia, destaca-se de outras manifestações parecidas das tentativas humanas de comunicar. Isso significa que os aspectos particulares das mídias nessas plataformas reclamam por uma análise fenomenológica para descobrir suas generalidades e particularidades. Este trabalho propõe analisar esse fenômeno, considerando a interação propiciada por tais mídias da perspectiva da fenomenologia pragmaticista (faneroscopia) de Peirce, bem como os princípios que emanam de sua semiótica. A faneroscopia de Peirce usa um esquema categorial tríplice: primeiridade, segundidade e terceiridade completam um sistema de manifestações fenomenológicas do possível, do factual e das regularidades que geram uma maneira normativa de interpretar o pensamento e sua manifestação linguística (ou qualquer outra). A teoria das categorias de Peirce também tem consequências metafísicas, uma vez que torna possível explicar como as mentes humanas interagem na realidade a despeito de fisicamente separadas. As categorias também ajudam a entender como os diferentes aspectos da semiótica de Peirce veiculam uma manifestação lógica das interações, permitindo assim produzir uma taxonomia dos signos implicados. Todas as diferentes perspectivas parecem direcionar nossa atenção ao aspecto significativo da expressão *mídias sociais*. Dessa forma, discutirei as diferentes implicações que distinguem a realidade da interação permitida por tais mídias por meio de uma análise fenomenológica, comparando-a contrastivamente com sua presença física como contraparte conceitual. Algumas conclusões interessantes podem emergir disso: embora a qualidade das interações linguísticas que se dão fisicamente, face a face, privilegie a certeza de comunicação humana, os signos trocados nas plataformas de mídias sociais não são tão diferentes assim das trocas físicas, embora certamente sejam mais limitadas nas suas capacidades de expressão, se às primeiras comparadas. Não obstante, a comunicação que se dá pelas mídias sociais permite a emergência de outras novas maneiras inesperadas de comunicação e simbolismo social: pense-se, por exemplo, nos diferentes signos - como os chamados “memes” - ou na habilidade de encontrar um fundamento comum por meio da mobilização social, como nas diferentes petições nas quais uma assinatura eletrônica é uma importante manifestação da própria identidade das pessoas.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

RIMOLI, Ariane Porto Costa

Universidade Estadual de Campinas; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

ARTE ENATIVA: UMA POSSIBILIDADE DE PROSPECÇÃO DA DINÂMICA CEREBRAL BASEADA NAS CATEGORIAS PEIRCIANAS.

Esta reflexão se insere na seara da neurociência cognitiva, sob a ótica das possíveis conexões entre o conceito de abdução em Peirce e as interfaces de suas três categorias - primeiridade, segundidade e terceiridade - na dinâmica cerebral. A partir de experimento em desenvolvimento no Laboratório de Neuroimagem da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, coordenado pelo neurocientista prof. Dr. Li Li Min, se propõe capturar, através de sensores, sinais produzidos no cérebro humano quando estimulado pela experiência artística. Tais sinais se transformam em imagens (ou sons, cores, movimentos) que, quando projetadas, se apresentam, elas mesmas, em sinais de cunho artístico. Esse procedimento caracteriza a Arte Enativa, conceito cunhado a partir da ideia da autopoiese, criada pelos biólogos chilenos Maturana e Varela, a qual define a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios, em um sistema que, ao operar gera toda a sua fenomenologia, ocorrendo no metabolismo e na própria estrutura celular. A autopoiese é um desdobramento do conceito de auto-organização. A enação pode ser também entendida enquanto uma ação guiada pela percepção e é a sua compreensão (da percepção) que guia o sujeito percebedor em suas ações na situação local. E o ponto de referência para a compreensão é a estrutura sensório-motora do sujeito, que se torna a base da cognição. A ação é então construída - e guiada - pela percepção, pela forma como o sujeito percebedor está inscrito em um corpo. Sendo a Arte um mediador (estabelecedor de conexões vitais e comunicação) privilegiado para a leitura – escrita – releitura – reescrita dos mundos interior e exterior, a Arte Enativa nasce da tríade: Criar – Compartilhar – Criar. É um conceito e uma ação, que leva a novos conceitos e a novas ações, indefinidamente. E a hipótese que aqui se apresenta é: pode a Arte auscultar o mundo interior e avaliar a condição dos sistemas internos de um paciente? O sentimento da Arte, mediado pela tecnologia e transformado ele mesmo em Arte é capaz de “capturar” e “revelar” a primeiridade através da terceiridade? Tal dinâmica tem o potencial de diagnóstico e cura? Qualquer diagnóstico, seja de um ser humano ou de uma sociedade, se baseia em um significativo grau de abdução, sendo que muitos diagnósticos apontam para falhas na capacidade de estabelecimento de conexões adequadas, que levem ao bom funcionamento (do organismo humano ou social), sendo as conexões, estruturalmente, formas de comunicação (interna e externa), se tornando dependentes, dentre outros elementos, da articulação entre informações que levem à criação de sentido. E já que a linguagem verbal é fator importante – porém, não único - no processo

de comunicação, a Arte possibilitaria acesso a formas mais sutis de percepção, habilitando, assim, a criação de sentidos e novos diálogos, já que desde a pré-história, os homens utilizam as artes para representar as forças da natureza – tempestades, trovões, fogo e simulação da caça, por exemplo. A Arte, portanto, nasce da observação de uma realidade ameaçadora ou acolhedora em busca de sua compreensão, comunicação e consequente sobrevivência ao meio. Através dela, o homem apreendeu o antes inexplicável e, sobretudo, controlou suas próprias emoções, para então sair de sua caverna e explorar o mundo. Arte é conexão e, enquanto tal, um elemento estruturante do processo de conhecimento, superação, transformação e recriação de relações - internas e externas – sócio culturais e ambientais. A proposta do presente trabalho é investigar a abrangência da Arte como potencial único para acessar e compartilhar percepções e sensações, através de diálogos com recentes pesquisas em neurociência, como o fundamental embasamento teórico advindo das categorias peircianas, que permitem embasar este estudo para o entendimento da dinâmica do cérebro humano.

ENACTIVE ART: A POSSIBILITY OF PROSPECTION OF CEREBRAL DYNAMICS BASED ON PEIRCE'S CATEGORIES.

The present reflection is inserted in the area of cognitive neuroscience, considering the possible connections between the concept of abduction in Peirce and the interfaces of its three categories - firstness, secondness and thirdness - in the cerebral dynamics. This reflection is based on an experiment under development at the Laboratory of Neuroimaging of the School of Medical Sciences of Unicamp under the coordination of the neuroscientist Prof Dr Li Li Min, and the idea is capturing, by means of sensors, signals produced in the human brain, stimulated by the artistic experience. These signs are transformed into images (or sounds, colors, movements) that are projected, presenting themselves as signs of artistic nature. This procedure characterizes the Enactive Art system, a concept coined from the idea autopoiesis of Chilean biologists Maturana and Varela, which describes the ability of living beings to produce themselves, in a system that, when operating, generates all its phenomenology, occurring in metabolism and the cellular structure itself. Autopoiesis is an unfolding of the concept of self-organization. The enaction can also be understood as an action guided by the perception, and it is its understanding (of the perception) that guides the perceiving subject on its actions in the local situation. And the point of reference for understanding is the sensorimotor structure of the subject, which becomes the basis of cognition. Action is then built-and guided-by perception, by the way the perceiving subject is inscribed in a body. Art being a mediator (establishing vital connections and communication) privileged for reading - writing - re - reading - rewriting of the inner and outer worlds. Enactive Art is born from the triad: Create - Share - Create. It is a concept and an action, which leads to new concepts and new actions, indefinitely. And

the hypothesis presented here is: can art listen to the inner world and evaluate the condition of a patient's internal systems? Is the feeling of art mediated by technology and transformed into art itself capable of "capturing" and "revealing" the firstness through the thirdness? Does such dynamics have the potential for diagnosis and cure? Any diagnosis, whether of a human being or a society, is based on a significant degree of abduction, and many diagnoses point to failures in the ability to establish adequate connections that lead to the proper functioning of the human or social organism. Being the connections, structurally, forms of communication (internal and external), becoming dependent, among other elements, of the articulation between information that lead to the creation of meaning. And since verbal language is an important (but not unique) factor in the communication process, art would allow access to more subtle forms of perception, thus enabling the creation of new senses and dialogues, once since prehistory, man uses the arts to represent the forces of nature - storms, thunders, fire, and to simulate hunting, for example. The art is born of the observation of a threatening or welcoming reality in search of its understanding, communication and consequent survival in the environment. Through it, man seized the previously unexplained and, above all, controlled his own emotions, then left his cave and explored the world. Art is a connection and as such a structuring element of the process of knowing, overcoming, transforming and recreation of relationships - internal and external - social, cultural and environmental. The purpose of the present work is to investigate the comprehensiveness of art as a unique potential to access and share perceptions and sensations, through dialogues with recent neuroscience research, such as the fundamental theoretical basis of the Peirce's categories, which allow us to base this study on the understanding of dynamics of the human brain.

RODRIGUES, Mariana Vitti; EMMECHE, Claus

University of Copenhagen, Dinamarca.

THE METHOD OF METHODS: ABDUCTION AND STYLES OF REASONING.

What is the consequence of the existence of distinct scientific styles of reasoning for abductive reasoning? Can abduction, as a general creative mode of inference, have distinct characteristic forms within each style? Peirce, in his later writings, proposes the concept of abduction as the first step of scientific investigation within what he calls "The method of methods". (CP 7.59). According to Peirce, the method of methods should answer "[...] how, with a given expenditure of money, time, and energy, to obtain the most valuable addition to our knowledge". (CP 7.140). This method consists in attentive observation of some strange phenomena within the context of a scientific community (PEIRCE, CP 5.331). It presupposes that real things exist and can be accessed through the scientific investigation that has three main steps correlated with three kinds of reasoning: abduction, deduction and induction. As the first step

of scientific investigation, the aim of abduction is to incorporate a strange fact in a consolidated network of habits by suggesting hypotheses. The second step relies on deduction, which focuses on the necessary consequences of the general hypothesis suggested by abduction, enabling it to become testable. Finally, induction enables the testing, in reality, of the necessary consequences deduced from the hypothesis generated via abduction. Once the truth of the hypothesis is confirmed, the original surprise, generated by the observation of a strange fact, is dissipated (CP 5.171). From the suggestion of explanatory hypotheses, abductive reasoning allows the growth of knowledge. Inspired by Peirce, we understand that knowledge about an object relies upon the predictable consequences that it could cause in conduct (CP 5402). In this context, we investigate how different styles of reasoning can unveil different consequences of the object, disclosing the multiple layers of it. In 1988, Crombie issued a monumental work on styles of thinking in the European tradition. The author proposes six styles of thinking: (1) Axiomatic: regarding the postulation of statements. Postulation can be found in two ways: (1.1) the demonstrative power of geometry and arithmetic; and (1.2) the demonstrative power of logic through the Aristotelian syllogisms. (2) Experimental: This style is used to explore and control nature through observation and measurement of natural phenomena. (3) Hypothetical-Analogical: The purpose of this style is to elucidate the unknown characteristics of the studied object through simulation, analogy and modeling of the phenomenon. (4) Taxonomy: it comprises the logic of classification, whose goal is to establish differences and similarities between objects as being placed within a specific order of the phenomenal world. (5) Probability or statistical analysis: this style is based on the logic of decision in the investigation of patterns and regularities, such as the establishment of medical diagnoses. (6) Genealogy or historical derivation: this style of reasoning integrates the analysis of the development of events. In general, this method pursue patterns through the observation of historical facts (for example, historical, geological, or medical evidence) to postulate their possible sequence and the causes of these facts. Hacking (2004a, 2004b, 2012), interpreting Crombie's work, changed the name of "styles of thinking" to "styles of reasoning" proposing a seventh style: Laboratory. This style consists in building an apparatus that can generate new phenomena in order to help the scientific investigation. In this work, we (1) inquiry the role of abductive reasoning in the different styles of reasoning; and (2) investigate how styles of reasoning overlap and interact within a discipline (e.g. biology). To support our claim, we bring examples to illustrate the role of abductive reasoning in the diverse Styles of Reasoning.

O MÉTODO DOS MÉTODOS: ABDUÇÃO E ESTILOS DE RACIOCÍNIO.

Quais são as consequências da presença de distintos estilos de raciocínio científicos para o raciocínio abdutivo? Poderia a abdução, como um modo geral de inferência criativa, ter características distintas em cada tipo de estilo de raciocínio? Peirce,

em seus escritos posteriores, propõe o conceito de abdução como o primeiro passo da investigação científica no interior do que ele denomina “o método dos métodos” (CP 7.59). De acordo com Peirce, através do método dos métodos o cientista busca responder “[...] como, com um determinado consumo de dinheiro, tempo e energia, obter a mais valiosa adição de conhecimento” (CP 7.140). Este método consiste na observação atenta de fenômenos não habituais no contexto da comunidade científica (PEIRCE, CP 5.331). O método de investigação científica se baseia no pressuposto de que existem coisas reais que podem ser acessadas através da inter-relação entre três tipos de raciocínios: abdução, dedução e indução. Como o primeiro passo da investigação científica, cabe ao raciocínio abdutivo incorporar um fato anômalo em uma rede consolidada de hábitos a partir da sugestão de novas hipóteses. O segundo passo se instancia na dedução, a partir da qual se infere as consequências necessárias da hipótese geral sugerida na abdução, permitindo sua testabilidade. Finalmente, o raciocínio indutivo permite o teste, na realidade, das consequências necessárias deduzidas da hipótese gerada abductivamente. Uma vez que a verdade da hipótese é confirmada, a surpresa original, observada pelo fato anômalo, é dissipada (CP 5.171). A partir da sugestão de hipóteses explicativas, o raciocínio abdutivo permite o crescimento do conhecimento. Inspirados por Peirce, entendemos que o conhecimento sobre um objeto depende das possíveis consequências deste na conduta futura (CP 5402). Neste contexto, investigamos como distintos estilos de raciocínio podem desvelar distintas consequências do objeto, revelando suas múltiplas camadas. Em 1988, Crombie publica uma obra monumental sobre estilos de pensamento na tradição europeia. O autor propõe seis estilos de pensamento: (1) Axiomático: relacionado à postulação de enunciados, podendo ser encontrado em dois modos: (1.1) no poder demonstrativo da geometria e aritmética; e (1.2) no poder demonstrativo da lógica através dos silogismos aristotélicos. (2) Experimental: este estilo é utilizado para explorar e controlar, através da observação e mensuração, os fenômenos naturais. (3) Hipotético-Analógico: a proposta contida neste estilo de raciocínio é elucidar as características desconhecidas do objeto a ser estudado através da simulação, analogia e construção de modelos do fenômeno a ser explicado. (4) Taxonomia: este estilo compreende a lógica da classificação, cujo principal objetivo é o estabelecimento de diferenças e semelhanças entre objetos situando-os em uma ordem específica no interior do mundo fenomênico. (5) Probabilidade ou análise estatística: este estilo se baseia na lógica da decisão no interior da investigação de padrões e regularidades, como, por exemplo, o estabelecimento de diagnoses médicas. (6) Genealogia ou derivação histórica: este estilo de raciocínio integra a análise do desenvolvimento de eventos. Em geral, este método auxilia na procura por padrões através da observação de fatos históricos (por exemplo, evidências históricas, geológicas ou médicas) para postular suas possíveis consequências ou

causas. Hacking (2004a, 2004b, 2012), interpretando o trabalho de Combrie, altera o nome de “estilos de pensamento” para “estilos de raciocínio” propondo um sétimo estilo: Laboratorial. Este estilo consistiria na construção de aparatos que proporcionariam a geração de novos fenômenos que, por sua vez, auxiliariam a investigação científica. No presente trabalho, (1) questionamos o papel da abdução nos diferentes estilos de raciocínio; bem como (2) investigamos a sobreposição de estilos de raciocínio no interior de uma disciplina (e.g. biologia). Para auxiliar nossa argumentação, apresentamos exemplos ilustrativos do papel da abdução nos diversos estilos de raciocínio.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

SANCASSANI, Victor

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

O TEMPO MÍTICO SOB A LÓGICA FENOMENOLÓGICA DE CHARLES S. PEIRCE.

O mito se perde em meio a tantas definições frente à hipertrofia de seus aspectos simbólicos, narrativos, sociais, culturais e ideológicos. Na tentativa ora da universalização, ora da cristalização do conceito, ambas perspectivas impreterivelmente tornam-o inflexível, destituindo o seu caráter primeiro de mito em si. Na busca para compreender tal aspecto maleável do mito, o objetivo deste trabalho é dar início à discussão, sob a lógica fenomenológica de Charles S. Peirce, de um dos componentes metafísicos do mito: o tempo mítico, já alvo de debates principalmente nos campos da antropologia, da filosofia, das mitologias e religiões comparadas. Para além da concepção eliadiana de um *illud tempus reversível e recuperável*, experienciado por intermédio de sua reatualização através de rituais, abordaremos um tempo que não somente constitui e transforma a cultura e o homem, mas que compõe a própria lógica cosmológica. Um tempo que não somente atuou *in illo tempore*, mas que continua em atuação, em sentido evolutivo. Assim, a lógica do tempo mítico pode se tornar a lógica do conhecimento. Desta forma, propomos a compreensão do tempo mítico a partir de três estados: Αἰών (eterno), Χρόνος (diacrônico) e Καίρós (sincrônico), associados às três categorias fenomenológicas de Peirce, ou seja, primeiridade, secundidade e terceiridade, respectivamente. Αἰών corresponde ao estado de eternidade transcendente à própria concepção temporal, em que só existem as possibilidades em pura potencialidade, adverso de uma sempiternidade do *post mortem*. Χρόνος, homônimo da divindade grega, é o tempo factual, organizador dos elementos em ordenação causal, que dá origem aos modos temporais de passado, presente e futuro. Καίρós é o tempo cíclico de mediação entre os estados anteriores. É o tempo que, em meio ao caos da eternidade, cria uma atração e

correlação entre os elementos recorrentes que se apresentam na factualidade. A conjunção entre os três estados temporais, que chamamos de tempo mítico, é o que garante a formação, atuação e o *continuum* do tempo, do vago ao definido. Cada uma dessas funções lógicas é capaz de elucidar o fenômeno em diferentes níveis, de suas manifestações a seus efeitos, sem desconsiderar a realidade que conforma e determina essas manifestações. Ademais, para sustentação de tal concepção, utilizaremos principalmente os estudos de Eliade e Campbell para introduzir a questão do mito e o tempo mítico, quanto Santaella e Ibri para a leitura da problemática proposta sob a ótica peirciana. Sendo assim, a semiótica peirciana é capaz de abarcar as tantas definições parciais já apresentadas por outros autores a respeito do mito ao traçar uma lógica capaz de refletir a composição das proposições no campo da ciência do mito, sem jamais ter a pretensão de esgotar o fenômeno ou declarar o seu estudo concluído.

MYTHICAL TIME UNDER PEIRCE'S PHENOMENOLOGICAL LOGIC.

The myth is lost amid so many definitions in the face of the hypertrophy of its symbolic, narrative, social, cultural and ideological aspects. In the attempt sometimes of universalization, sometimes of the crystallization of the concept, both perspectives inevitably make it inflexible, removing its first character as myth itself. In search for an understanding of such malleable aspect of myth, the aim of this work is to start the discussion from the phenomenological logic of Charles S. Peirce of one of the metaphysical components of myth: the mythical time, already debated in anthropology, philosophy, comparative mythologies and religions. In addition to Eliade's conception of a reversible and recoverable illud tempus experienced through its reactualization through rituals, our approach is that mythical time not only constitutes and transforms culture and man but composes the cosmological logic itself. A time that not only occurred in illo tempore but which acts in continuum, in an evolutionary sense. Thus, the logic of mythical time may become the logic of knowledge itself. In this sense, we propose the understanding of mythical time from three states: Αἰών (eternity), Χρόνος (diachrony) and Καίρος (synchrony), associated with Peircean phenomenological categories, i.e., firstness, secondness and thirdness respectively. Αἰών corresponds to the state of eternity that transcends the temporal conception itself, in which there are only possibilities as pure potentiality, adverse to a post-mortem sempiternity. Χρόνος, the Greek deity's homonym, is the factual time, the organizer of possible elements in causal order, which rises the temporal modes of past, present and future. Καίρος is the cyclic time that mediates the previous states. It is the time that, amidst the chaos of eternity, creates an attraction and correlation between the recurring elements that show themselves in factuality. The conjunction between these three temporal states, which we call mythical time, is what guarantees the formation, acting and continuum of time, from the vague to the definite. Each of these logical

functions is able to elucidate the phenomenon at different levels, from its manifestations to its effects, without disregarding the reality that shapes and determines them. In addition, to support such conception, we mainly use the studies of Eliade and Campbell to introduce the matter of myth and mythical time, as Santaella and Ibri for the reading of the proposed debate from a Peircean point of view. Thus, we believe that Peirce's semiotics is able of encompassing the many partial definitions already presented by other authors regarding myth in drawing a logic capable of reflecting the composition of propositions in the field of the science of myth, without ever intending to exhaust the phenomenon or declare its study completed.

SÁNCHEZ GARCÍA, Victoria Paz

IdIHCS, FaHCE, UNLP-CONICET, Argentina.

THE PROBLEM OF THE EPISTEMIC CHARACTER OF NORMS AND VALUES IN THE PUTNAM-HABERMAS' DEBATE: A RESPONSE FROM THE THEORY OF NORMATIVITY OF CLARENCE IRVING LEWIS.

The question of the relationship between normativity and valuation and its embedment in the rational discourse became a central point during the last years of my philosophical research about Clarence Irving Lewis' theory of knowledge and valuation. This issue is one of the most relevant problems in contemporary philosophy and is clearly unfold in all its complexities in the paradigmatic debate held by Hilary Putnam and Jürgen Habermas, during the first decade of the 21st century. From positions that reivindicate in their own ways the tradition of American pragmatism, Putnam and Habermas discuss the objectivity of value and normative judgements defending, with significant differences, a cognitivist position. They both agree in recognizing that ethical and value pluralism is -at least- a fact, but reject the skeptical position maintaining that the lack of agreement on norms or values does not imply their lack of objectivity. In general terms, Habermas' position stems from a sharp distinction between values and norms. Concerning the formers, Habermas sustains a weak cognitivism claiming that values are contingent social products and that the validity of value judgements is relative to the community's value standards. Regarding norms, the author defends a strong cognitivism maintaining that their objectivity is the epistemic result of a rational discussion by which they acquire universal recognition. Facing this characterization, Putnam rejects what he considers an unsustainable dichotomy between values and norms, showing that any kind of relativism which could affect values would also affect norms. In this line, Putnam argues that Habermas incurs in an empty formalism for norms that rests upon a non-cognitivism and a sociological relativism for values which, consequently, undermines his claim for normative universality. The present contribution will focus on this discussion analyzing the authors' positions as well as the criticisms that they present to each other. My main purpose is, nonetheless, to evaluate Lewis' theory of

normativity within this critical framework, hypothesizing that it has the potential to offer an alternative and original answer that can account for the nature and validity of norms and values while maintaining, at the same time, a significant demarcation between both terms. From this perspective, I will argue that Lewis' distinction, unlike Habermas', is not based on epistemic criteria but on pragmatic grounds, so Putnam's main critique could be eluded. Moreover, I will show that for Lewis it is valuation what gives content to normativity, so that any antiskeptical strategy must begin by recognizing judgements of value as a kind of empirical knowledge, the basis upon which normativity pragmatically emerges. Finally, I expect to lend support to the thesis that Lewis' conceptualist pragmatism offers a fruitful perspective for current discussions which has not been sufficiently explored; one that confronts ethical skepticism, that can account for the cognitive status of values and norms, and that reclaims the rational character of valuation not only for ethics but also for knowledge and science.

O PROBLEMA DA NATUREZA EPISTÊMICA DAS NORMAS E DOS VALORES NO DEBATE PUTNAM-HABERMAS: UMA RESPOSTA COM BASE NA TEORIA DA NORMATIVIDADE DE CLARENCE IRVING LEWIS.

A questão da relação entre normatividade e valoração e sua situação no discurso racional tornou-se um ponto central durante os últimos anos de minha pesquisa filosófica acerca de teoria do conhecimento e do valor de Clarence Irving Lewis. Essa questão constitui um dos problemas mais relevantes na filosofia contemporânea e desdobra-se claramente em toda sua complexidade no debate paradigmático de Hilary Putnam com Juergen Habermas, durante a primeira década do século XXI. De posições que reivindicam, cada uma à sua maneira, a tradição do pragmatismo estadunidense, Putnam e Habermas discutem a objetividade do valor e dos juízos normativos, defendendo, com diferenças significativas, uma posição cognitivista. Ambos concordam que o pluralismo ético e nos valores é ao menos um fato, mas recusam a posição cética, sustentando que a falta de acordo sobre normas e valores não implica sua falta de objetividade. Acerca dos valores, Habermas sustenta um cognitivismo fraco, alegando que os valores são produtos sociais contingentes e que a validade de juízos de valor é relativa aos padrões valorativos da comunidade. Acerca das normas, o autor defende um cognitivismo forte, segundo o qual sua objetividade é o resultado epistêmico de uma discussão racional pela qual adquirem reconhecimento universal. Putnam enfrenta essa caracterização e rejeita o que pensa ser uma dicotomia insustentável entre valores e normas. Nessa linha, Putnam defende que Habermas incorre num formalismo vazio para as normas, baseado num relativismo social e num acognitivismo para os valores que, conseqüentemente, solapa sua alegação em favor da universalidade normativa. A presente contribuição foca a discussão e analisa as posições dos autores, bem como as críticas que apresentam um ao outro. Meu principal

propósito, todavia, é avaliar a teoria da normatividade de Lewis nesse contexto crítico, levantando a hipótese de que ela potencialmente contém uma alternativa e uma resposta original capaz de explicar a natureza e a validade das normas e dos valores, ao mesmo tempo em que mantém uma demarcação significativa entre ambos os termos. Dessa perspectiva, defendendo que a distinção feita por Lewis, diferentemente da de Habermas, não se baseia em critérios epistêmicos, mas em fundamentos pragmáticos. A principal crítica de Putnam, então, poderia ser vencida. Além do mais, mostrarei que, para Lewis, é a valoração que dá conteúdo à normatividade, de modo que qualquer estratégia anticética tem de começar pelo reconhecimento de juízos de valor como uma espécie de conhecimento empírico, a base sobre a qual a normatividade se levanta *pragmaticamente*. Por fim, espero dar sustento à tese de que o pragmatismo conceitualista de Lewis oferece uma perspectiva frutífera para as discussões atuais que ainda não foram suficientemente exploradas. Essa perspectiva enfrenta o ceticismo ético e pode explicar a natureza cognitiva dos valores e das normas, ao mesmo tempo em que reclama a natureza racional da valoração não somente para a ética, como também para o conhecimento e a ciência.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

SANTOS, Gerson Tenório dos

Universidade Metropolitana de Santos, Brasil.

ALTERIDADE E AGAPISMO: UMA PERSPECTIVA ÉTICA DO EVOLUCIONISMO DE CHARLES SANDERS PEIRCE.

O objetivo deste trabalho é discutir como o conceito de Agapismo presente no ensaio *Amor evolucionário*, de Peirce, de 1893, traz uma importante contribuição para se pensar a alteridade à luz de uma abordagem ética, como a do filósofo francês Emmanuel Lévinas. O ensaio de Peirce relativo à discussão de sua Metafísica, entendida por ele como ciência do real, analisa as três maneiras como se manifesta a evolução do cosmos: *tiquismo*, *ananquismo* e *agapismo*, sendo as três respectivamente relacionadas às categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade. Ou seja, o tiquismo está relacionado à evolução por acaso, o ananquismo por necessidade e o agapismo por crescimento e continuidade, visto que incorpora os anteriores. O Agapismo, do grego *ágape* [amor incondicional, divino], é a resposta de Peirce para os modelos de evolução de sua época com os quais não concordava: o determinismo, o agnosticismo e o mecanicismo. Com base no Evangelho de São João, Peirce proclama que a verdadeira evolução não é nem aleatória nem determinista, mas aquela que “ensina que o crescimento deriva do amor, [...] do ardente ímpeto para preencher o mais alto impulso do outro” (CP

6. 289). O amor evolucionário pressupõe uma causalidade final, um *telos* que não é encontrado nas formas de evolução por acaso (tiquismo) ou por necessidade (ananquismo), embora ambos estejam compreendidos por ele. Esse *telos*, no entanto, não é determinado no momento da criação, mas é uma potencialidade vaga (Deus) que vai se determinando ao longo da própria evolução. É, assim, o amor com sua amplitude, com seu altruísmo o próprio impulso de uma evolução, de um crescimento que tende à perfeição, à superação de nossos erros, enganos e egoísmos. O amor é, pois, o único tipo de evolução que põe em sintonia o crescimento da mente do cosmo com a mente do homem, doutrina denominada por Peirce de sinequismo e abarcada pelo seu idealismo objetivo. Embora o sinequismo seja tratado dentro do arcabouço da metafísica peirceana, pois mostra como a mente do homem e do cosmos coevoluem, é importante destacar o papel que a alteridade desempenha na ontologia peirceana, o que faz com que ela não seja considerada fechada em si mesma e possibilite o esquecimento do outro, como aponta a crítica de Lévinas à ontologia. O Agapismo de Peirce é também ético como revela a matriz de seu evolucionismo, o evangelho de São João, pois coloca o amor divino como incondicional e inclusor de qualquer diversidade e o único que permite verdadeiramente o *summum bonum* da razoabilidade concreta, ou seja, a capacidade que temos de conhecer as leis da natureza como sendo a mente de Deus.

ALTERITY AND AGAPISM: AN ETHICAL PERSPECTIVE OF THE EVOLUTIONISM OF CHARLES SANDERS PEIRCE.

The aim of this paper is to discuss how the concept of Agapism present in Peirce's essay Evolutionary love makes an important contribution to think alterity in the light of an approach as one of Lévinas. Peirce's essay, wrote in the framework of his Metaphysics, understood by him as the science of the real, analyzes how the evolution of the cosmos manifests itself in three ways: tychism, anancism and agapism, respectively related to the categories of firstness, secondness and thirdness. That is, the tychism is related to evolution by chance, the anancism by necessity and agapism by growth and continuity, since it incorporates the previous ones. Agapism, from the Greek agape [unconditional, divine love], is Peirce's response to the evolutionary models of his time with which he did not agree: determinism, agnosticism, and mechanicism. On the basis of St. John's Gospel, Peirce proclaims that true evolution is neither random nor deterministic, but that which "teaches that growth comes only from love, [...] from the ardent impulse to fulfill another's highest impulse (CP 6.289). Evolutionary love presupposes a final causation, a telos that is not found in forms of evolution by chance (tychism) or necessity (anancism), although both are encompassed by it. This telos, however, is not determined at the moment of creation, but it is a vague potentiality (God) that is being determined throughout evolution itself. It is thus love with its amplitude, with

its altruism the very impulse of an evolution, of growth that tends to perfection, to overcoming our mistakes, deceptions and selfishness. Love is thus the only kind of evolution that tunes in the growth of the mind of the cosmos with the mind of man, a doctrine called by Peirce of Synechism and embraced by its objective idealism. Although Synechism is currently analyzed within the framework of Peircean ontology (or Metaphysics), since it shows how the mind of man and the cosmos coevolve, it is important to stress the role that alterity plays in Peircean Metaphysics, which causes it not to be considered closed in itself allowing the forgetting of the other, as Levinas's critique of ontology points out. Peirce's Agapism is also ethical as reveals the matrix of his evolutionism, the Gospel of St. John, as well as the only one that truly permits the summum bonum of concrete reasonableness, that is, man's capacity to know the laws of nature as being God's mind.

SILVA, Jorge Francisco da; EFKEN, Karl Heinz

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil.

A VIRADA PRÁGMÁTICA: INVESTIGAÇÕES SOBRE O ESPÍRITO DO PRAGMATISMO

Apesar de sua importância central, a questão da significação na linguagem ainda não está tão bem estabelecida quanto em outras disciplinas como na sintaxe ou na fonologia, e o número de trabalhos sobre pragmática é bem inferior em comparação com pesquisas em outros núcleos duros nas ciências da linguagem. Rajagopalan (1999) e Pinto (2012) apresentam alguns dos obstáculos enfrentados por estudiosos da tradição pragmática. Pinto (2012) procura traçar um panorama dos estudos pragmáticos no Brasil, com seus percalços, ambiguidades e controvérsias, e observa que não existe um consenso entre pesquisadores sobre o objeto dos estudos pragmáticos e muitos trabalhos, com temas e objetivos diversos, são apresentados em publicações declaradas pragmáticas. Entretanto, embora os estudos pragmáticos careçam de uma melhor caracterização, Pinto (2012) aponta alguns caminhos que pretendemos explorar neste trabalho. Este artigo, que faz parte de um projeto de pesquisa em aperfeiçoamento, tem como objetivo geral investigar, dentro da tradição pragmática, as origens e evolução das principais correntes do pensamento pragmático. O objetivo específico é reestabelecer a ligação entre pragmatismo e pragmática para identificar os princípios teóricos que governam as relações entre significação e usos da linguagem. Para tanto, o artigo analisa contribuições de Bernstein (2010, 2013), Misak (2014) e Brandom (2015). Bernstein (2010, 2013) traça um arco histórico e afirma que, nos últimos 150 anos, filósofos analíticos e continentais – independentemente dos pragmáticos clássicos norte-americanos – exploraram e refinaram temas comuns à tradição pragmática. Bernstein defende que filósofos analíticos, como Quine, Davidson,

Sellars e, atualmente, Habermas continuam a contribuir para uma ressurgência do pragmatismo. Para Misak (2014), a Virada Linguística começou na verdade em Cambridge, Massachusetts, especificamente com Peirce. Misak (2014) afirma que Frank Ramsey, jovem filósofo britânico fortemente influenciado pelo pensamento de Peirce sobre as relações entre crenças, hábitos e ação, compartilhou suas reflexões com Wittgenstein, o que poderia explicar a mudança radical entre o primeiro e o segundo Wittgenstein. Para Brandom (2015), o idealismo alemão de Kant e Hegel foi o principal motor na formação do pensamento pragmático clássico norte-americano, especialmente o papel e o potencial constitutivo das práticas sociais discursivas. Brandom (2015), de forma mais radical, defende que existe um pragmatismo Heideggeriano e um Wittgensteiniano, além do pragmatismo norte-americano. O tema principal discutido pelos três autores acima inclui a crítica radical de Peirce ao “espírito do cartesianismo”, baseado em dicotomias radicais e na crença de que o conhecimento verdadeiro depende de um método sistemático de dúvidas. Esse sistema de pensamento criou uma série de questões filosóficas como os problemas do mundo externo, do conhecimento, das outras mentes e o problema da representação correta da realidade. Em conclusão, este artigo pretende fazer um resgate histórico do espírito pragmático que anima a teoria de verdade capaz de explicar a relação entre a construção e a interpretação dos sentidos na linguagem.

THE PRAGMATIC TURN: AN INVESTIGATION INTO THE SPIRIT OF PRAGMATISM.

Despite its central importance, the question of meaning in language is not yet as well established as in other disciplines such as in syntax or in phonology and the number of papers on pragmatics is much lower compared to research in other hard core area in the language sciences. Rajagopalan (1999) and Pinto (2012) present some of the obstacles faced by scholars of the pragmatic tradition. Pinto (2012) seeks to draw a panorama of the pragmatic studies in Brazil, with their mishaps, ambiguities and controversies, and notes that there is no consensus among researchers on the object of the pragmatic studies and many papers, with different themes and objectives, are presented in so-called pragmatic publications. However, although pragmatic studies lack a better characterization, Pinto (2012) points out some paths that we intend to explore in this paper. The main purpose of this article, part of an ongoing research project, is to investigate, within the pragmatic tradition, the origins and evolution of the main currents of pragmatic thinking. The specific objective is to reestablish the connections between pragmatism and pragmatics in order to identify the theoretical principles that govern the relations between meaning and language use. Thus, the article analyzes the contributions of Bernstein (2010, 2013), Misak (2014) and Brandom (2015). Bernstein draws a historical arc and asserts that, over the last 150 years, analytical and continental philosophers - apart from the classical

American pragmatists - have explored and refined themes common to the pragmatic tradition. Bernstein (2010, 2013) argues that analytic philosophers, such as Quine, Davidson, Sellars and, nowadays, Habermas continue to contribute to a resurgence of pragmatism. For Misak (2014), the Linguistic Turn actually began in Cambridge, Massachusetts, specifically with Peirce. Misak (2014) states that Frank Ramsey, a young British philosopher strongly influenced by Peirce's ideas on the relations between beliefs, habits and action, shared his reflections with Wittgenstein, which might explain the radical change between the first and second Wittgenstein. For Brandom (2015), the German idealism of Kant and Hegel was the main driver in the formation of classical American pragmatic thinking, especially the role and constitutive potential of discursive social practices. Brandom (2015), more radically, maintains that there is a Heideggerian and a Wittgensteinian pragmatism, in addition to an American pragmatism. The main theme discussed by the three authors above includes Peirce's radical critique of the "spirit of Cartesianism," based on radical dichotomies and the belief that true knowledge depends on a systematic method of doubts. This system of thought created a series of philosophical questions such as the problems of the external world, of knowledge, of other minds and of the problem of the correct representation of reality. In conclusion, this article intends to make a historical rescue of the pragmatic spirit that animates the theory of truth capable of explaining the relation between the construction and the interpretation of meaning in the language.

SOUZA DANTAS, Luís Rodolfo Ararigboia de

UNIFIEO, Brasil.

O ADMIRÁVEL NOVO SI MESMO: DO QUADRANTE DE PEIRCE AO NÃO-TODO LACANIANO.

A lógica aristotélica, tal como sistematizada no *Órganon*, elege uma concepção de razão que, abordada operativamente, concebe, julga e raciocina com fundamento nos princípios da identidade, da não contradição e do terceiro excluído. Outrossim, desdobra-se a obra fundadora e estruturante da Lógica Clássica em minuciosas análises acerca dos produtos racionais do ato de inferir, com especial destaque ao raciocínio dedutivo-silogístico, sem descurar da inferência imediata por oposição, que em nossa exposição passa a ter central relevância. Neste sentido, entendemos ser de fundamental interesse às investigações atuais acerca das construções lógico-teóricas peircianas e lacanianas a explicitação das condições pelas quais estas se nutrem da Lógica Clássica de matriz aristotélica para subvertê-la em aspectos fundamentais tanto para a compreensão do quadrante desenvolvido por Peirce a partir da oposição inferencial quanto para elucidação da lógica do não-todo tal como elaborada por Lacan a partir da transgressão levada a cabo pelo filósofo norte-americano, ao sustentar que duas proposições universais contrárias

entre si também podem ser, além de concomitantemente falsas, verdadeiras ao mesmo tempo, constatação esta articulada à fundamental assertiva de que juízos universais não implicam existência. Peirce, deste modo, ao fundar a existência na dimensão lógico-ontológica das proposições particulares autoriza Lacan a inverter a localização das proposições de tipo A, E, I e O tal como tradicionalmente distribuídas no quadrado das oposições de Apuleio, para fazer prevalecer as particulares sobre as universais, fazendo incidir, revolucionariamente, a negação sobre o quantificador e não mais sobre a cópula, com relevantes desdobramentos para o entendimento da mulher lacanianamente caracterizada como não-todo. Outrossim, pretendemos demonstrar, para além de tentadoras associações entre a teoria lacaniana e o pragmatismo peirciano, o quanto certas interfaces entre Lógica e Psicanálise ganham especial relevância ao permitirem uma redefinição do basilar conceito de dignidade humana - referência axiológica e principiológica maior no âmbito dos direitos humanos - a partir da constatação de que a psicanálise lacaniana, com seus aportes lógicos, é refratária a uma existência em que não esteja colocado em primeiro plano um sujeito responsável pela construção de sua autonomia ética e psíquica, a evidenciar analiticamente a condição do ser digno, que não é apenas o ser com dignidade (neste tocante, tornado um paradoxal universal-singular que, consciente da liberdade que conquista, é digno por saber-se não apenas mais um, embora singularíssimo um, com toda a sua valiosa - e tão contraditória - ipseidade).

THE ADMIRABLE NEW ONESELF: FROM PEIRCE'S QUADRANT TO LACANIAN NON-WHOLE.

The Aristotelian logic, as systematized in the Organon, chooses a conception of reason that, approached operatively, conceives, judgments and reasoning based on the principles of identity, non-contradiction and excluded middle. In addition, the foundational and structuring work of Classical Logic unfolds in meticulous analyzes of the rational products of the act of inferring, with special emphasis on deductive-syllogistic reasoning, without neglecting the immediate inference by opposition, which in our exposition becomes of central relevance. In this sense, we understand that it is of fundamental interest to the current investigations of the Peircean and Lacanian logical-theoretical constructions to explain the conditions by which they are nourished by the Classical Logic of Aristotelian matrix to subvert it in fundamental aspects so much for the understanding of the quadrant developed by Peirce from the inferential opposition as well as to elucidate the logic of the non-whole as elaborated by Lacan from the transgression carried out by the American philosopher, in supporting that two universal propositions contrary to each other can also be, concomitantly false and true at the same time. This statement is articulated to the fundamental assertion that universal judgments do not imply existence. Therefore, Peirce, in founding existence in the logical-ontological dimension of particular propositions, authorizes

Lacan to reverse the localization of propositions of type A, E, I, and O as traditionally distributed in the Apuleius's Square of Opposition, to make prevail the particulars over the universals, causing a revolution of the negation upon the quantifier, and no longer on copula, with relevant unfolding to the understanding of the Lacanian woman characterized as non-whole. Furthermore, we intend to demonstrate, in addition to the tempting associations between Lacanian theory and Peircean pragmatism, how certain interfaces between Logic and Psychoanalysis gain special relevance by allowing a redefinition of the basic concept of human dignity - major axiological reference in human rights - from the observation that Lacanian psychoanalysis, with its logical contributions, is against an existence in which there is not placed in the foreground a subject responsible for the construction of his ethical and psychic autonomy, showing analytically the condition of being dignified, that it is not only the being with dignity (in this respect, made a universal-singular paradox that, conscious of the freedom it conquers, is worthy to know not only himself one more, although a very singular one, with all its valuable - and so contradictory ipseity).

SOUZA, Aline Antunes de

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

ESTÉTICA, HÁBITO E JOGOS DIGITAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE NOVOS MODOS DE SENTIR.

A partir da compreensão da Estética de Peirce enquanto busca do crescimento da potencialidade da razão criativa no mundo, intenta-se refletir acerca dos games enquanto uma das infinitas possibilidades de corporificação de tal meta admirável. À luz da estética peirciana, o desenvolvimento da razão criativa pode ser também compreendido enquanto crescimento do conhecimento, dado, principalmente, com a formação e a mudança de hábitos que, por sua vez, apenas ocorre a partir da sensibilização humana. Em resumo: o crescimento da potencialidade da razão criativa se dá por meio da exposição dos sentidos a experiências que proporcionem novos modos de sentir, de agir e de pensar. Ao se considerar as possibilidades de experiências sensibilizadoras, é nas estéticas tecnológicas que vamos encontrar o campo mais fértil atual. Para a discussão, três de seus principais aspectos serão aqui abordados. O primeiro é o sublime tecnológico, melhor compreendido enquanto experiência de arrebatamento proporcionada por certas obras tecnológicas. Tal experiência pode ser relacionada à ideia de hiato no tempo, sensação proporcionada por experiências que primam pela primeiridade em seu modo de ser. O segundo aspecto discutido é a mudança do paradigma estético: da experiência da forma, à experiência do fluxo. Aqui, o foco é pensar o quanto as experiências tecnológicas dão ênfase ao corpo, ou

seja, à ação e à reação enquanto modos de sentir, trazendo como consequência a prioridade ao fluxo do tempo - espaço em que a experiência se materializa. O terceiro e último aspecto trata da abertura interpretativa consequente de qualquer experiência que apenas se completa no momento de sua fruição: da imanência de seus potenciais significados ao inacabado de sua interpretação, apenas completo (em parte) no momento da atualização da experiência. Ao abordar questões ligadas aos interpretantes, esse último aspecto mostra-se relacionado aos aspectos terceiros de toda e qualquer experiência. Compreendidos os três aspectos, os games emergem como objetos de estudo de maneira exemplar: vistos enquanto frutos do encontro entre a ciência e a arte, são os objetos estéticos atuais que melhor carregam em si iminentes possibilidades de sensibilização dos sentidos humanos, devido ao imenso potencial da linguagem. Como estudos de caso, foram selecionados três games com ênfases particulares nas experiências propostas. O primeiro, *Journey*, tem em sua experiência o potencial de provocar nos jogadores uma gama de sentimentos da melancolia à histeria, chegando, em diversos momentos, ao extremo arrebatamento. Assim, sob a primazia do sublime, seu jogar carrega imanente o privilégio dos modos de sentir em primeiridade. O segundo, *Portal*, apresenta em sua experiência o foco de desenvolver habilidades motoras nos jogadores, como destreza e velocidade. Por isso, ao enfatizar a atuação do corpo - a ação e reação do jogador - seu jogar carrega imanente a predominância dos modos de sentir em secundidade, modos de agir. O terceiro, *The Walking Dead*, traz para os jogadores possibilidades de jogar com decisões éticas e morais: o jogo se desenrola principalmente com base em escolhas pessoais, tendo em vista a sobrevivência de um grupo em um mundo pós-apocalíptico. Ao dar destaque principal à reflexão necessária para cada tomada de decisão, seu jogar carrega imanente a dominância dos modos de sentir em terceiridade, modos de pensar. Por fim, busca-se demonstrar que os games, ao exporem aqueles que os experimentam a situações diversas, demandam a criação ou a transformação de novos modos de agir e de pensar e, assim, novos modos de sentir podem ser despertados. Por isso, carregam em si o potencial de desenvolver e alterar hábitos humanos antes entorpecidos pelo cotidiano e passam a funcionar como meios possíveis de corporificação da meta admirável sonhada por Peirce.

AESTHETICS, HABIT AND DIGITAL GAMES: A REFLECTION ON NEW WAYS OF FEELING.

From the understanding of Peirce's Aesthetics as a search for the growth of creative reason in the world, this work intends to reflect on digital games as one of the infinite possibilities of embodiment of such admirable goal. In the light of the Peircean aesthetic, the development of creative reason can also be understood as the growth of knowledge, mainly given through the formation and change of habits which, in turn, only occurs from human sensitization. In short: the growth of creative reason occurs

through the exposition of the senses to experiences that provide new ways of feeling, acting and thinking. When considering the possibilities of sensitizing experiences, it is in technological aesthetics that we find the most fertile field today. For the discussion, three of its main aspects will be addressed here. First is the technological sublime, best understood as an experience of rapture provided by certain technological works. Such an experience may be related to the idea of a hiatus in time, a sensation provided by experiences that excel by firstness, in their way of being. The second aspect discussed is the change of the aesthetic paradigm: from the experience of the form, to the experience of the flow. The focus is to think how much technological experiences emphasize the body, that is, action and reaction as ways of feeling, bringing consequently the priority to the flow of time - where the experience materializes. The third aspect deals with the consequent interpretive aperture of any experience that only completes itself at the very moment of its enjoyment: from the immanence of its potential meanings to the unfinished of its interpretation, only completed (in part) at the moment of its actualization. In addressing issues related to interpretants, this last aspect is directly related to thirdness. In all three respects, games emerge as objects of study in an exemplary way: seen as products of the encounter between science and art, they are the aesthetic objects today that best carry in themselves immanent possibilities of sensitization of the human senses, due to the immense potential of their language. As case studies, three games were selected with different emphasis on each gameplay proposed. The first, *Journey*, has in its experience the potential of provoking in gamers a range of feelings from melancholy to hysteria, reaching sometimes the extreme rapture. Thus, under the primacy of the sublime, its play immanently carries the privilege of firstness, the ways of feeling in the first place. The second game, *Portal*, has in its experience the focus of developing motor skills, such as dexterity and speed. Therefore, in emphasizing the action of the body - the action and reaction of the player - its play immanently carries the predominance of secondness, the ways of feeling through acting. The third game, *The Walking Dead*, offers gamers the chance to play with ethical and moral decisions: the game unfolds primarily based on personal choices for the survival of a group in a post-apocalyptic world. In giving prominence to the necessary reflection for each decision-making, its play immanently carries the dominance of thirdness, in ways of feeling through thought. At last, it is tried to be proved that games, when exposing those that experience them to multiple situations, demand the creation or the transformation of new ways of acting and of thinking and, thus, new ways of feeling can also be awakened. Therefore, games carry within themselves the potential to develop and change human habits once numbed by everyday life and, as doing so, games become a possible means of embodying the admirable goal dreamed by Peirce.

SOUZA, Mariana Arndt de; GHIZZI, Eluiza B.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; CAPES, Brasil.

A TRANSPARÊNCIA E A OPACIDADE EM FOTOGRAFIAS IMPRESSAS EM *FINE ART*.

O presente trabalho empresta das teorias do cinema, em Xavier (2005), os termos “transparência” e “opacidade” para apresentar algumas discussões sobre, respectivamente, a indicialidade e a iconicidade de fotografias impressas em *fine art*. Esse tipo de impressão, de alta qualidade artística e tecnológica, tem consequências para a materialidade e para a semiose das fotografias artísticas. Utilizando a semiótica peirciana, espera-se analisar como as qualidades e singularidades dessa materialidade podem contribuir para as funções de representação da realidade e de obra de arte da fotografia. Uma fotografia, produzida a partir do mundo visível, pode desviar-se da função de registro e algo ilusório, embora aparentemente real? Como uma fotografia que é, a princípio, considerada indicial, por sua produção a partir dos reflexos de luz produzidos pelo ambiente, poderia criar novas realidades, como em um paradoxo? O efeito de realidade da fotografia pode ser considerado, também, como dependente da relação entre a imagem e o suporte? Como a evolução das tecnologias de impressão está influenciando aquilo que é conhecido como fotografia em *fine art*? Essas perguntas norteiam uma reflexão em meio à arte contemporânea sobre o papel da fotografia artística para a construção de novas perspectivas sobre o mundo. Na primeira parte, o trabalho refere-se à semiótica peirciana e sobre a sua classificação dos signos, a partir de Peirce (1977). Na segunda parte, uma discussão sobre a fotografia em *fine art*, e a importância de sua materialidade para a semiose, para a compreensão desse tipo de produção, traz autores como Santaella (1997), Dubois (1993), Bittencourt (2015), Ostrower (2014) e Nickelson (2017). Já na última parte, o trabalho apresenta uma análise, a partir de uma semiótica aplicada, com bases em Santaella (2016), de algumas fotografias de Guilherme Licurgo, fotógrafo contemporâneo carioca, que vive em São Paulo e trabalha com impressão em *fine art*, premiado pelo Ministério das Relações Exteriores como um dos melhores artistas contemporâneos do Brasil no II Concurso Itamaraty de Arte Contemporânea, com sua série “*DesertFlower*”, projeto de livro e exposição realizado em parceria com a companhia de dança mundialmente conhecida “*Martha Graham Dance Company*”. Nesta série, o fotógrafo traz corpos de dançarinos representando diferentes flores, a partir do movimento de seus corpos interagindo com tecidos. Nestas obras, o tratamento das cores e a forma com que a obra é impressa e exposta são importantes para transmitir a intenção do artista. Este estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa sobre a fotografia em *fine art* da perspectiva da semiótica peirciana.

TRANSPARENCY AND OPACITY IN PHOTOGRAPHS PRINTED IN FINE ART.

The present work borrows from the theories of cinema, in Xavier (2005), the terms “transparency” and “opacity” to present some discussions about, respectively, the indiciality and the iconicity of photographs printed in fine art. This type of impression, of high artistic and technological quality, has consequences for the materiality and semiosis of artistic photographs. Using Peircian semiotics, it is hoped to analyze how the qualities and singularities of this materiality can contribute to the functions of representation of reality and of photography work of art. A photograph, produced from the visible world, can deviate from the function of recording and something illusory, although apparently real? Like a photograph that is at first considered indicial, by its production from the light reflexes produced by the environment, could create new realities, as in a paradox? Can the reality effect of photography also be considered as dependent on the relation between the image and the support? How is the evolution of printing technologies influencing what is known as fine art photography? These questions guide a reflection in the midst of contemporary art about the role of artistic photography in constructing new perspectives on the world. In the first part, the work refers to Peircian semiotics and its classification of signs, starting from Peirce (1977). In the second part, a discussion of fine art photography, and the importance of its materiality for semiosis, for the understanding of this type of production, brings authors such as Santaella (1997), Dubois (1993), Bittencourt (2015), Ostrower (2014) and Nickelson (2017). In the last part, the work presents an analysis, based on an applied semiotics, with bases in Santaella (2016), of some photographs of Guilherme Licurgo, contemporary photographer from Rio de Janeiro, who lives in São Paulo and works with fine art printing, awarded by the Ministry of Foreign Affairs as one of the best contemporary artists in Brazil in the II Itamaraty Contemporary Art Contest, with his series “DesertFlower”, book and exhibition project realized in partnership with the world-famous dance company “Martha Graham Dance Company”. In this series, the photographer brings bodies of dancers representing different flowers, from the movement of their bodies interacting with tissues. In these works, the treatment of colors and the way in which the work is printed and exposed are important to convey the intention of the artist. This study presents partial results of a research on fine art photography from the perspective of Peircian semiotics.

VALLEJOS Juan Pablo Llobet; STOCCO, Pablo

UNA, UBA, Argentina.

A PEIRCEAN PERSPECTIVE ON HUMAN VOICE: THE SEMIOTIC NONAGON OF THE USES OF VOICE.

The human voice is a widely studied phenomenon that has been approached from a large number of disciplines, ranging from medical specialties to the performing arts. However enriching, this variety of perspectives has conspired against the formulation of a common conception of voice and a framework that might help to understand voice-related phenomena in more general terms, emphasizing continuities and relationships rather than having to redefine the object of study according to the conceptual tools and methodologies of each discipline. Peirce's semeiotic offers an alternative to this fragmented landscape of voice studies, especially through his taxonomy of signs related to the phaneroscopic categories. The semiotic nonagon (Guerri 2003; 2014 y 2016) is an operative model that adopting the form of a diagrammatic icon assists in applying Peirce's categories to the analysis of concepts, objects or disciplines in general. With the semiotic nonagon as a methodological tool, this paper offers a way to analyze, describe and categorize according to logical criteria the many uses of human voice. Those uses are related to the variety of judgements humans make when listening to voices, that is, to how voice functions as a sign. These judgments, in turn, include – but are not limited to: interaction cues (conversational turns, thematic structure, literal/figurative meaning), physical characteristics of speaker (sex, age, size, appearance), mental and physical health, affiliation to a group (i.e. ethnicity, class, social group), discernment and recognition of familiar voices, sexual orientation, personality features, emotions and attitudes (Kreiman & Siditis 2011). The semiotic nonagon operates by recursively dividing the problem according to the Peircean categories. The analyst's main tasks are: first, to think about his object of study as a firstness, a secondness and a thirdness; then, to give an adequate definition of these aspects; and, lastly, repeat the procedure with each of them. In the case of the human voice, the first three aspects identified were: its qualitative/formal potentialities (voice as a potentially distinct sound – firstness); its material manifestation (concrete voices, including their relationship to their source and context – secondness); and its cultural value (needs and habits, including laws of interpretation, related to the use of voice – thirdness). Then, by recursively dividing each of these aspects once again according to the categories, nine aspects were identified and described. Because of the logical nature of the semiotic nonagon, the uses mentioned above and other uses – including some that were not obvious at first – could be organized and deployed – following the usual presentation of the semiotic nonagon – in a matrix of nine cells linked according to the Peircean categories. It is hoped that the insights gained about the relationship between radically different uses of voice will help reduce redundancy and provide new

directions for research in other disciplines, as well as serve potential pedagogical and analytical needs in the arts and other disciplines (e.g., linguistics, cultural studies).

A VOZ HUMANA DE UMA PERSPECTIVA PEIRCIANA: O NONÁGONO SEMIÓTICO DOS USOS DA VOZ.

A voz humana é um fenômeno amplamente estudado e que foi abordado de um grande número de disciplinas, das especialidades médicas às artes do corpo. Não obstante enriquecedora, essa variedade de perspectivas conspirou contra a formulação de uma concepção comum da voz e de um quadro que poderia ajudar a entender fenômenos relacionados à voz em termos mais gerais, com ênfase em continuidades e relações, em vez de obrigatoriamente redefinir o objeto de estudo de acordo com as ferramentas conceituais e metodologias de cada disciplina. A semiótica de Peirce oferece uma alternativa a essa paisagem fragmentada de estudos da voz, principalmente por sua taxonomia de signos relacionada às categorias faneroscópicas. O *nonágono semiótico* (Guerri 2003; 2014 and 2016) é um modelo operativo, o qual, assumindo a forma de um ícone diagramático, ajuda a aplicar as categorias de Peirce à análise de conceitos, objetos ou disciplinas em geral. Com o *nonágono semiótico* como ferramenta metodológica, este artigo fornece um jeito de analisar, descrever e categorizar segundo critérios lógicos dos muitos usos da voz humana. Esses usos estão relacionados à variedade de juízos que os humanos fazem quando ouvem vozes, quer dizer, relacionam-se como as vozes funcionam como signos. Esses juízos, por sua vez, incluem pistas de interação (inflexões de conversa, estrutura temática, significado literal ou figurativo), características físicas do falante (sexo, idade, tamanho, aparência), saúde física e mental, pertença a algum grupo (por exemplo, etnicidade, classe, grupo social), discernimento e reconhecimento de vozes familiares, orientação sexual, aspectos de personalidade, emoções e atitudes (Kreiman & Siditis 2011), embora não estejam limitados a esses fatores. O *nonágono semiótico* funciona pela divisão recursiva do problema de acordo com as categorias peircianas. As principais tarefas do analista são: primeiro, pensar sobre seu objeto de estudo como *primeiridade*, *segundidade* e *terceiridade*; então, dar uma definição adequada desses aspectos; e, por fim, repetir o procedimento com cada um deles. No caso da voz humana, os três primeiros aspectos identificados foram: suas potencialidades qualitativas/formais (voz como um som potencialmente distinto - *primeiridade*); sua manifestação material (vozes concretas, inclusive sua relação com sua fonte e contexto - *segundidade*); e seu valor cultural (necessidades e hábitos, inclusive leis de interpretação, relacionadas ao uso da voz - *terceiridade*). Então, ao dividir recursivamente cada um desses aspectos mais uma vez de acordo com as categorias, nove aspectos foram identificados e descritos. Por causa da natureza lógica do *nonágono semiótico*, os usos mencionados acima e outros usos - inclusive

alguns não evidentes à primeira vista - poderiam ser organizados e utilizados - seguindo a apresentação comum do *nonágono semiótico* - numa matriz de nove células ligadas segundo as categorias peircianas. Espera-se que o conhecimento haurido da relação entre usos radicalmente diferentes da voz ajudem a reduzir a redundância e forneça novas direções para a pesquisa nas outras disciplinas. Além disso, espera-se que sirva às potenciais necessidades pedagógicas e analíticas nas artes e nas outras disciplinas (por exemplo, a linguística e os estudos culturais).

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

VIEIRA, Fabio Daniel; BORTOLETO, Edivaldo José

Unochapecó, Brasil.

O GRAFISMO INDÍGENA NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA CARIBENHA A PARTIR DE CHARLES SANDERS PEIRCE: UMA LEITURA SEMIÓTICA SOBRE O GRAFISMO KAINGANG E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO.

Em um contemporâneo repleto de informações simbólicas e aceleradas mudanças tecnológicas, científicas, políticas e sociais, este trabalho tem como objetivo analisar o grafismo indígena a luz da Semiótica de Charles Sanders Peirce, buscando reflexões que contribuam com a educação indígena. O texto visa, a partir desta teoria, um olhar sensível sobre a trajetória e a cultura indígena, tendo como base autores e literaturas correlacionadas ao tema. O primeiro capítulo desta dissertação mostra a introdução composta pela justificativa referente a escolha do tema, problema, questões de pesquisa e objetivos. O segundo capítulo apresenta um breve panorama histórico sobre a colonização e hibridismo dos povos indígenas na América Latina Caribenha, onde é possível perceber, através da interpretação de autores como Bartolomé de Las Casas e as cartas de Cristóvão Colombo, que o termo “índio” generaliza as diferenças étnicas desde o princípio da colonização das Américas. Na sequência dos textos, são apresentados juntamente com autores que relatam sobre as culturas e modos de vida indígenas, personagens da literatura brasileira, como Tibicuera, Macunaíma e Iracema, para contribuir na compreensão da Teoria Semiótica de Charles Sanders Peirce, bem como para auxiliar na relação desta complexa teoria aos temas do grafismo indígena e a Educação. Para isso utiliza-se autores como Lucia Santaella e Décio Pignatari para teorizar sobre o signo e as tricotomias de Peirce. O terceiro capítulo apresenta relatos e embasamentos teóricos e históricos sobre os povos indígenas em Santa Catarina, aproximando-se da etnia Kaingang presente na cidade de Chapecó/SC e região. O quarto capítulo dispõe sobre conceitos de Arte e linguagem para desenvolver relações com a educação indígena, apresentando-se o grafismo como uma forma de manifestação cultural e artística primordial às culturas indígenas. O grafismo

surge como possibilidade de pensar e aproximar o Referencial Curricular Nacional Para As Escolas Indígenas - RCNE/indígena do ensino das Artes e da educação. Neste sentido, compreende-se que este documento e os direitos reservados para a educação diferenciada e bilíngue representa um ganho para estas comunidades, bem como para a educação em geral. A dissertação finaliza com textos de análise detalhadas sobre o grafismo presente em alguns tipos de cestarias produzidas pelos Kaingangs, utilizando-se as manifestações gráficas deste povo como referência principal para as análises a partir das tricotomias de Charles Sanders Peirce, as quais são: Tricotomia dos Argumentos (Abdução, Indução e Dedução), as Categorias Universais (Primeiridade, Secundidade e Terceiridade), e a Tricotomia dos Signos (Ícone, Índice e Símbolo). A dissertação ao final foi intitulada como: *O grafismo indígena no contexto da América Latina Caribenha a partir de Charles Sanders Peirce: Uma leitura Semiótica sobre o grafismo Kaingang e suas relações com a educação*. A parte que será apresentada se configura nos textos do segundo capítulo desta dissertação, denominada: A relação triádica entre os personagens Tibicuera, Macunaíma e Iracema: Possíveis interpretantes da Semiótica de Peirce para tecer relações com a Cultura e a Educação Indígena. Relacionou-se personagens indígenas da literatura brasileira e a Semiótica de Peirce, observando-se estes personagens como signos e interpretantes da cultura brasileira. Os personagens são relacionados com os interpretantes Lógico, Energético e Emocional, para contribuir, posteriormente, em uma leitura sensível e crítica a partir do grafismo Kaingang, envolvendo-se o ensino das artes e o RCNE/indígena, documento que regulamenta as escolas indígenas no Brasil, porém apresenta vários conceitos generalizantes e desatualizados. Neste sentido, presume-se que precisa ser revisado por meio do protagonismo e organização das próprias comunidades indígenas em nosso país.

INDIGENOUS GRAPHISM IN THE CARIBBEAN LATIN AMERICAN CONTEXT FROM A PEIRCEAN PERSPECTIVE: A SEMIOTIC READING ON KAINGANG GRAPHISM AND ITS RELATIONSHIP WITH EDUCATION.

In a contemporary full of symbolic information and accelerated by the technological changes, scientific, social and political, this research aims to analyze the indigenous graphics in the Semiotics light of Charles Sanders Peirce, searching reflections that contribute to indigenous education. The text aims to present, from this theory, a sensitive view on the trajectory and indigenous culture, based on authors and related to the theme. The first chapter of this dissertation shows the introduction composed by the justification referring to the choices of theme, problem, research questions and objective. The second chapter presents a brief historical overview of the colonization and hybridity of indigenous people in Caribbean Latin America, where it is possible to realize through the interpretation of authors such as Bartolomé de las Casas and

the letters of Christopher Columbus, where the term “Indigenous” generalizes the ethnic differences since the beginning of the colonization of the Americas. Following the texts, we presented authors who reporting on indigenous cultures and lifestyles, creating characters from Brazilian literature, such as Tibicuera, Macunaíma and Iracema, brought to the text to contribute to the understanding of the Semiotic Theory of Charles Sanders Peirce, as well to assist in the relationship of this complex theory with indigenous graphics and education. Authors like Lucia Santaella and Décio Pignatari are used to theorize about the sign and the trichotomies of Peirce. The third chapter presents stories, theoretical and historical basements about indigenous people in Santa Catarina, approaching the Kaingang ethnic group living in Chapecó/SC and in the region. The fourth chapter has concepts on Art and language to develop relations with indigenous education, presenting the graphic arts as a form of cultural and artistic manifestation, primordial to indigenous cultures. Graphing emerges as a possibility to think and approximate the National Curriculum Framework for Indigenous Schools - RCNE/indigenous of the teaching of Arts on education. In this sense, we understood that this document and the reserved rights for a differentiated and bilingual education represent a gain for these communities, as well for education in general. The research ends with detailed analysis texts about the graphics produced by the Kaingang, for the most diverse objects, using the graphical manifestations of this people as the main reference for the analyzes of Charles Sanders Peirce trichotomies, which are: Trichotomy of the Arguments (Abduction, Induction and Deduction), the Universal Categories (Firstness, Secundity and Thirdness), and the Trichotomy of Signs (Icon, Index and Symbol). The final dissertation was titled as: *The design in the context of indigenous Caribbean Latin America from Charles Sanders Peirce: A Semiotic reading about the Kaingang graphics and its relationship with education. The part that is displayed is configured in the texts of the second chapter of this dissertation, named: The triadic relation between the characters Tibicuera, Macunaíma and Iracema: Possible interpreters of Peirce's Semiotics to weave relationships with Indigenous Culture and Education. It was related indigenous characters of Brazilian literature and Peirce's Semiotics, observing these characters as signs and interpreters of Brazilian culture. The characters are related to Logical, Energetic, and Emotional interpreters, to contribute, in a sensitive and critical reading from the Kaingang graphics, involving the teaching of arts and RCNE/indígena, document that regulates indigenous schools in Brazil, but presents several generalizing and outdated concepts. In this sense, it is assumed that it needs to be reviewed through the protagonism and organization in their own indigenous communities in our country.*

WANNER, Maria Celeste de A.; GONDIM, Raoni Carvalho

Universidade Federal da Bahia, Brasil.

HORTUS CONCLUSUS: A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM NAS ARTES VISUAIS DO SÉCULO XXI À LUZ DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA DE JOHN DEWEY.

Ao longo da história, a paisagem foi locus de desejos e paixões dos homens, instaurada como um lugar, cenário ou refúgio; como ponto de fundação de narrativas; de migrações; de remissão e contemplação de passagens bíblicas e representações artísticas. Entretanto, a arte do início do século XX foi marcada pela ausência da representação da Paisagem e, segundo Debray (2003), os homens se distanciaram da Natureza e passaram a sonhar com jardins e *hortus conclusus*. No século XXI, esta constatação veio a fundamentar uma nova estética, que gere o conteúdo poético pela via da Ocupação, do Deslocamento e da Apropriação, enquanto espaço territorial e geográfico, ao invés da representação. À luz do pensamento de John Dewey, sobretudo em seu livro “Arte como Experiência”, publicado primeiramente em 1934, este texto reflete sobre o conceito de *Hortus Conclusus*, que integra arte, vida e experiência, percorrendo questões sobre a evolução e a continuidade biológica. Para Dewey, em seu Pragmatismo, herdado de Peirce, a experiência dos eventos do cotidiano amplia a forma pela qual uma comunidade sente, vê e age em uma cultura que procura, nas frestas dos conteúdos, uma materialidade recorrente, capaz de se renovar. Essa materialidade é determinada pela constante e imanente reorganização no espaço de criação, lugar onde as coisas são pensadas, sentidas, elaboradas, refletidas, construídas, desconstruídas e lembradas, através da aquisição de hábitos. Conforme Dewey, a conexão entre as estéticas da natureza e a ambiental, assim como com a estética social, decorre do retorno da arte à vida, bem como de um maior entendimento da inseparabilidade entre ambiente e vida humana. Como pragmaticista, sua tese central defende o vínculo indissolúvel entre o produtor, o produto e a quem o produto se destina, principalmente quando instaura essa conexão, estabelecida pelo conceito de experiência. Este termo, que não é reduzido às vivências do indivíduo isolado, não deve se encerrar em sentimentos e sensações individuais e privadas, mas na interpenetração completa entre o sujeito, objetos e acontecimentos. Na arte de hoje, a desconstrução da representação da paisagem se vincula, mais do que nunca, à incerteza em compreender um determinante aglutinador de heterogenias, pois não há vida isolada da Natureza. E nesse estado fronteiro, arte e vida incidem como uma espécie de eclosão, onde a ideia de contemporâneo sempre será uma noção hipotética. Para Dewey, o *self* não é algo pronto, mas algo que acontece em processo contínuo na experiência. Neste sentido, potencializa-se um espaço de grandeza imensurável, quando nos

debruçamos sobre a razão criativa, que desperta, esgarça e ultrapassa *ad infinitum*, como sementes, o indivíduo que somos.

HORTUS CONCLUSUS: THE REPRESENTATION OF LANDSCAPE IN THE VISUAL ARTS OF THE 21ST CENTURY IN LIGHT OF THE CONCEPT OF EXPERIENCE OF JOHN DEWEY.

*Throughout history, the landscape has been the locus of desires and passions of men, established as a place, setting or refuge; as the point of foundation of narratives; of migration; of remission and contemplation of biblical passages and artistic representations. However, early twentieth-century art was marked by the absence of Landscape representation and, according to Debray (2003), men distanced themselves from Nature and dreamed of gardens and hortus conclusus. In the twenty-first century, this statement came to support a new aesthetic, which manages the poetic content by way of occupation, displacement and appropriation as territorial and geographical space, instead of traditional representation. In light of John Dewey, especially in his book "Art as Experience", first published in 1934, this text reflects on the concept of Hortus Conclusus, which integrates art, life and experience, covering questions about the evolution and biological continuity. For Dewey, in his Pragmatism, inherited from Peirce, the experience of daily events extends the way in which a community feels, sees and acts in a culture that seeks, in the fragments of contents, a recurrent materiality capable of renewal. This materiality is determined by the constant and immanent reorganization in the space of creation, where things are thought, felt, elaborated, reflected, constructed, deconstructed and remembered through the acquisition of habits. According to Dewey, the connection between nature and environmental aesthetics, as well as social aesthetics, stems from the return of art to life, as well as a greater understanding of the inseparability between environment and human life. As a pragmatist, his central thesis defends the indissoluble bond between the producer, the product and to whom the product is destined, especially when this connection is established by the concept of experience. This term, which is not reduced to the experiences of the isolated individual, must not be confined in individual and private feelings and sensations, but in the complete interpenetration between subject, objects and events. In the art of today, the deconstruction of the landscape representation is linked, more than ever, to the uncertainty of understanding a unifying determinant of heterogenies, since there is no isolated life in Nature. And in this frontier state, art and life are a kind of outbreak, where the idea of the contemporary will always be a hypothetical notion. For Dewey, the self is not something ready, but something that happens in continuous process in the experience. In this sense, a space of immeasurable greatness is potentiated when we look at creative reason, which awakens, rips and surpasses, *ad infinitum*, as seeds, the individual we are.*

WASHINGTON, Eliane A Dorico

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

A INTERPRETAÇÃO NO DIREITO SOB O VIÉS DA SEMIÓTICA COMUNICACIONAL.

O objetivo deste trabalho é utilizar a Semiótica Comunicacional visando à melhoria da comunicação que ocorre no sistema hermético do Ordenamento Jurídico e explicitar como ocorre este processo. Para isto, será abordada a linguagem jurídica e suas diferentes manifestações: a linguagem-objeto e a metalinguagem. A maneira pela qual é vista a realidade circundante – não no sentido visual, mas sim em termos de sentidos, percepção, compreensão – está diretamente correlacionada com os referenciais sociais vigentes em sociedade, condicionada em espaço e tempo. Vê-se o mundo não como ele é, mas como a linguagem do universo comunicacional condiciona a forma como ele é visto. Por essa perspectiva, será analisada a linguagem do direito positivo que se caracteriza por ser um conjunto de leis codificado, ou seja, fechado. Neste sentido, entra a semiótica comunicacional de viés peirceano para expandir os horizontes do Direito, no que tange à interpretação, melhorando a comunicação no Sistema Jurídico. Em outras palavras, será analisada a incidência jurídica tributária como fenômeno semiótico e demonstrada a importância da semiótica para o Direito. A interpretação do Direito foi escolhida como o tema central aplicada à semiótica comunicacional para que haja a expansão dos horizontes tão limitados do Ordenamento Jurídico que são apenas aqueles previstos em lei e – para que ocorra a melhora de sua interpretação – será utilizada a Semiótica Comunicacional para a expansão desse processo de forma a aplicar a melhora da comunicação em todas as instâncias envolvidas em casos semelhantes e para a correta aplicação no Sistema Jurídico de forma efetiva e justa, uniforme para todos, tornando efetivo o Princípio da Segurança Jurídica. Para isto, o Direito será abordado como linguagem que pode ser estudada sob o ângulo semiótico e assim se terá uma norma de comportamento geral e abstrata como interpretante. O objeto do signo seria a conduta humana que ela pretende regular, e o signo que a veicula seria a espécie legislativa ou texto prescritivo. Se a interpretação for realizada pelo editor normativo, titular de linguagem prescritiva, este procedimento dará ensejo ao nascimento de outra norma, ou outro signo. Nesta segunda semiose, o objeto do signo já é a interpretação ou a incidência da norma geral e abstrata. Assim, teríamos sucessivas semioses em linguagem prescritiva, até que a norma fosse realmente cumprida por um destinatário, que seria o seu destinatário final cuja descoberta seria atestar que o Direito cumpriu sua finalidade última, porque regulou – efetivamente – uma conduta concreta que participa de uma relação jurídica, configurando uma situação subjetiva. Pode-se – assim – demonstrar que a semiótica peirceana é um importante instrumento para a interpretação no Direito para mais bem compreender a incidência normativa, a comunicação e a concretização do direito posto.

INTERPRETATION IN LAW UNDER THE BIAS OF COMMUNICATION SEMIOTICS.

The purpose of this study is to use Communicational Semiotics aiming to improve the communication that occurs in the hermetic legal and explicative language. For this the legal language and its different manifestations will be approached: object-language and meta-language. The way in which immediate reality is seen – not in the visual sense, but in terms of feelings, perception, comprehension – is directly correlated with the social references present in society, conditioned in space and time. One sees the world not as it is, but rather as the language of the communicational universe conditioned by the way it is seen. From this perspective, the language of positive law characterized as being a group of coded laws, in other words, closed, will be analyzed. In this sense we have the entrance of communicational semiotics with a pierceian inclination of expanding the horizons of Law as it refers to interpretation, improving communication in the Legal System. In other words, the legal tax incidence as a semiotic phenomenon will be analyzed to demonstrate the importance of semiotics to Law. The interpretation of the Law was selected as the central theme as it applies communicational semiotics in order that there be an expansion of the very limited horizons of the Legal Order which are merely those previewed by law and – in order that there occur an improvement in its interpretation – will be used in Communicational Semiotics in such a way as to improve communication in all of the instances involved in similar cases and for the correct application within the Legal System; in an effective and just form, uniform for all, putting into effect the Principle of Legal Certainty. For this the Law will be approached as a language that can be studied from a semiotic angle and thus a norm for general and abstract behavior as an interpreter. The object of the sign would be the human conduct that it intends to regulate and the sign that it divulges will be the legislative species or prescribed text. If the interpretation is done through legislative printing, titled in a prescribed language, this procedure would give rise to the birth of another norm, or another sign. In this second semiosis, the object of the sign is already interpreted or the incidence of a general and abstract normative. Therefore, we would have successive semioses in a prescribed language until the normative was truly fulfilled via a destination, which would be the final recipient, the discovery of which would attest that the Law fulfilled its final aim because it regulated – effectively – a concrete behavior which participates in a legal relation configuring a subjective situation. In this way, one could demonstrate that piercean semiotics is an important instrument for the interpretation of Law to better comprehend normative incidence, communication and completion of placed Law.

YANKOVA, Reni

New Bulgarian University, Sofia, Bulgaria.

HABIT CHANGE IN CHARLES PEIRCE'S PHILOSOPHY: THE UNEXPECTED NECESSITY OF FEELING AND IMAGINATION.

The idea of habit is essential in Charles S. Peirce's philosophy. While it is seen as the highest stage of clearness and determination in the universe – the crystalized meaning of signs, the idea of habit change is vague and not that well defined. The problem is briefly mentioned in Peirce's writings and occupies a minor interest in the secondary literature, too. Usually the process of habit change is considered as entirely mental and volitional act, totally dependent on thought and the capabilities of logical judgment formation. Peirce himself did not show a great interest in that subject. He gives just a short explanation of the phenomenon (in few paragraphs), without extending the idea of habit change through his concepts of the categories, the evolutionary cosmology, or the method of pragmatism. He points out the connection of habit change with the function of the logical interpretant and stops the inquiry there. The briefness of Peirce's explanation opens the gate for the current inquiry due to one main reason – habit change was not explained by Peirce as a triadic phenomenon or not even as a part of any of the triads suggested in his philosophical system (the categories, the sign division, etc.). Then the following questions remain unanswered: what is habit change and which is the triad it belongs to (The necessity habit change to be included in a triad will be explained in the paper.)? Following Peirce's triadic approach to reality and considering his phaneroscopy as the most fundamental contribution in his work, the current paper suggests the hypothesis that habit change is a triadic phenomenon which arises up spontaneous as a mere feeling (potentiality) and then it could be included in the rational (logical) form through the power of imagination. This clash between the Firstness of feeling and the Secondness of imagination could bring the mind to the state of habit change. Then the process could be summarized in the following new triad: feeling – imagination – habit change. Its validity will be clarified through Peirce's categories and evolutionary cosmology. The triad also requires to be examined through Peirce's semiotics, the method of pragmatism and the division of sciences. But due to the length limitations of the current article these questions will be objects of separate inquiry.

MUDANÇA DE HÁBITO NA FILOSOFIA DE CHARLES PEIRCE: A NECESSIDADE INESPERADA DE SENTIMENTO E DE IMAGINAÇÃO.

A ideia de hábito é essencial na filosofia de Charles S. Peirce. Embora seja entendida como o mais elevado estágio de clareza e determinação no universo - o significado cristalizado dos signos - a ideia de mudança de hábito é vaga e não tão bem definida. O problema é brevemente mencionado nos escritos de Peirce e também suscita

um interesse menor na literatura secundária. Em geral, o processo de mudança de hábito é considerado como um ato inteiramente mental e volitivo, totalmente dependente do pensamento e das capacidades de formação do juízo lógico. O próprio Peirce não mostrou grande interesse nesse tema. Ele se contenta em explicar brevemente o fenômeno (em poucos parágrafos), sem estender a ideia de mudança de hábito usando seus conceitos das categorias, a cosmologia evolutiva, ou o método do pragmatismo. Ele menciona a ligação da mudança de hábito com a função do interpretante lógico e para por aí. A brevidade das explicações de Peirce abrem a via para a presente pesquisa, devido a uma razão principal - a mudança de hábito não foi explicada por Peirce como um fenômeno triádico, nem sequer como parte de alguma das tríades sugeridas no seu sistema filosófico (as categorias, as divisões dos signos etc.). As seguintes questões, então, permanecem sem resposta: o que é mudança de hábito e qual é a tríade à qual pertence? (A necessidade de incluir a mudança de hábito numa tríade será explicada no artigo). Seguindo a forma peirciana de entender a realidade triadicamente, e considerando sua faneroscopia como a contribuição mais fundamental de sua obra, este artigo sugere a hipótese de que a mudança de hábito é um fenômeno triádico que surge espontaneamente como mero sentimento (potencialidade) e, então, poderia ser incluído na forma racional (lógica) pelo poder da imaginação. Esse choque entre a Primeiridade do sentimento e a Segundidade da imaginação poderia trazer a mente ao estado de mudar hábitos. O processo, então, poderia ser resumido na seguinte nova tríade: sentimento - imaginação - mudança de hábito. Sua validade será esclarecida pelas categorias e pela cosmologia evolutiva de Peirce. A tríade também requer exame pelas lentes da semiótica de Peirce, pelo método do pragmatismo e pela divisão das ciências. Mas, devido às limitações deste artigo, essas questões serão objeto de investigação separada. A ideia de hábito é essencial na filosofia de Charles S. Peirce. Embora seja entendida como o mais elevado estágio de clareza e determinação no universo - o significado cristalizado dos signos - a ideia de mudança de hábito é vaga e não tão bem definida. O problema é brevemente mencionado nos escritos de Peirce e também suscita um interesse menor na literatura secundária. Em geral, o processo de mudança de hábito é considerado como um ato inteiramente mental e volitivo, totalmente dependente do pensamento e das capacidades de formação do juízo lógico. O próprio Peirce não mostrou grande interesse nesse tema. Ele se contenta em explicar brevemente o fenômeno (em poucos parágrafos), sem estender a ideia de mudança de hábito usando seus conceitos das categorias, a cosmologia evolutiva, ou o método do pragmatismo. Ele menciona a ligação da mudança de hábito com a função do interpretante lógico e para por aí. A brevidade das explicações de Peirce abrem a via para a presente pesquisa, devido a uma razão principal - a mudança de hábito não foi explicada por Peirce como um fenômeno triádico, nem sequer como parte

de alguma das tríades sugeridas no seu sistema filosófico (as categorias, as divisões dos signos etc.). As seguintes questões, então, permanecem sem resposta: o que é mudança de hábito e qual é a tríade à qual pertence? (A necessidade de incluir a mudança de hábito numa tríade será explicada no artigo). Seguindo a forma peirciana de entender a realidade triadicamente, e considerando sua faneroscopia como a contribuição mais fundamental de sua obra, este artigo sugere a hipótese de que a mudança de hábito é um fenômeno triádico que surge espontaneamente como mero sentimento (potencialidade) e, então, poderia ser incluído na forma racional (lógica) pelo poder da imaginação. Esse choque entre a Primeiridade do sentimento e a Segundidade da imaginação poderia trazer a mente ao estado de mudar hábitos. O processo, então, poderia ser resumido na seguinte nova tríade: sentimento – imaginação – mudança de hábito. Sua validade será esclarecida pelas categorias e pela cosmologia evolutiva de Peirce. A tríade também requer exame pelas lentes da semiótica de Peirce, pelo método do pragmatismo e pela divisão das ciências. Mas, devido às limitações deste artigo, essas questões serão objeto de investigação separada.

Tradução [Translation]: Cassiano Terra Rodrigues.

ZANETTE, José Luiz

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

PEIRCE E A LÓGICA COMO BEM ÉTICO.

A inegável influência de Peirce na teoria ética contemporânea decorre da constatação de que ele realizou o caminho da razão pura para a razão situada, uma razão prática, destranscendentalizando o sujeito cognoscente, sem deslocar a consciência desse mundo prático, e apontando que o fenômeno da autoconsciência não é originário, mas desenvolvido, incluindo-se o aprendizado de um com o outro. Por isso, a ética peirciana está em oposição às éticas de fundo metafísico, que pressupõem um destino para o ser e atribuem à racionalidade a tarefa de salvar as aparências rumo a um “realismo” interno de algum ser *a priori*. Peirce, ao trazer a aceitabilidade racional, enquanto força de persuasão da racionalidade razoável em sua própria execução, transformou a razão pura kantiana em pressuposto idealizante do agir comunicativo, de forma a refletir o papel factual da tomada ideal na própria condição de assunção contrafactual performativamente pressuposta. A razoabilidade desse estado, como razão situada no âmbito da prática social ou da experiência, deixa de ser plenamente constitutiva no sentido platônico e nem é puramente regulativa no sentido kantiano. Tal consolidação ocorre, em Peirce, desde que ele delineou o papel da ética como ciência normativa na sua arquitetura das ciências. Na sequência de eventos da cadeia semiótica de

alteridade, signos e interpretantes, há a revisão das opiniões individuais, pois a continuidade requer a constituição do bem ético como bem lógico e traz à tona o que nelas é somente contingente às experiências, passível de mudança, ou o que é necessário na relação com a realidade independente. Assim, cabe à consciência reconhecer uma existência lógica, na qual, por uma racionalidade desenvolvida em um continente de razoabilidade em interação social, imponha-se a livre coação do melhor argumento. Para esse processo, em Peirce, houve uma reavaliação da compreensão do *si mesmo*, dando-a como alma em *si mesmo*, de modo que a relação entre as duas entidades gerais, o eu e a Natureza, passa para uma interação de plena continuidade, implicando uma doutrina que incorpora uma conexão social da consciência. Ao se reconhecer a continuidade, ninguém pode dizer de si mesmo sem que, de algum modo, na experiência, haja a participação do outro, restando a esperança de justificação de proposições de correção moral como incondicionais universais no seio da comunidade ideal de homens capacitados à argumentação. Ocorre uma espécie de falibilismo objetivado, pois está reconhecido o falibilismo, tanto da nomeação linguística nas proposições quanto do acaso que pode transformar as condições em futuro nas quais, presentemente, foram legitimadas as proposições que requereram correção moral. Em Peirce, por não haver uma testemunha verdadeira para a natureza das coisas, não há como se falar de um supremo bem, verdadeiro e eterno, para qualquer alma individual, o que leva o homem a dispor de seu “realismo interno” e se curvar a uma existência lógica em detrimento de opiniões individuais, sendo da essência do Pragmatismo o ajuste das asserções ou predições à luz da reação de conduta daquilo que é significado em mediação com a experiência. Enfim, Peirce deixa, como inegável influência nas éticas contemporâneas pós-kantianas, a exemplo das teorias éticas de Apel, Habermas, Rorty, Jonas e Joas, dentre outros, o reconhecimento de que uma relação contínua de um antropomorfismo em um mundo real e independente, é o que resta, enquanto princípio moral, para dar conta da fragilidade e vulnerabilidade do próprio homem, na ausência de um consenso originário para guiar a correção moral das condutas ou mesmo de fins que se norteiam exclusivamente por objetos.

PEIRCE AND THE LOGIC AS ETHICAL GOODNESS.

The undeniable influence of Peirce in contemporary Ethics derives from the ascertainment that he opened the road from pure reason to situated reason, by detranscendentalizing the cognizing subject, without displacing consciousness, and by pointing out that the phenomenon of self-consciousness is not originary, but developed, including the event that one learns with others. Therefore, Peircean Ethics is in stark opposition to any ethics of a metaphysical strand, where there is a destiny for Being, whose task to rationality is to save face some internal realism of some a priori being. Peirce, by bringing rational acceptability to the foreground, as a power of persuasion

of reasonable reasonableness in its own right, transformed Kant's Pure Reason in idealizing a presupposition of communicative action, so as to reflect the factual role of the ideal taken in the very condition of the contra-factual assumption performatively presupposed. The reasonableness of this state, as reason situated in the sphere of social practice or of experience, is no longer fully constitutive in the Platonic sense and it is neither purely regulative in the Kantian sense. Such consolidation occurs, in Peirce, since he outlined the role of Ethics as a Normative Science. In the sequence of events of the semiotic chain of otherness, signs and interpretants, there is the review of individual opinions, for continuity requires the constitution of ethic good as logic good and brings to the surface what, in them, is solely contingent to experience, liable to change, or that which is necessary in the relation with independent reality. Thus, to consciousness it implies recognizing a logical existence, in which, by a rationalization developed in a continent of reasonableness in social interaction, so it imposes upon itself the free coercion of the best argument. Toward this process, in Peirce, there has been a reevaluation of the understanding of the self, giving it as the soul in itself, in a way through which the relation between the two general entities, the self and nature, move to an interaction of full continuity, implying a doctrine that incorporates a social connection of consciousness. By recognizing continuity, in experience, no one can tell of oneself without, somehow, recognizing the participation of the other, remaining the hope of justification of propositions of moral correction as universal unconditionals amidst the ideal community of men who are able to argue. It is the case of a sort of objectified fallibilism, for fallibilism is recognized, both of linguistic nomination in propositions and of chance, which can transform in future conditions wherein, presently, the propositions that require moral correction were legitimized. In Peirce, since there is no true witness to the nature of things, one cannot talk of a true, eternal, supreme good, to any individual soul, which leads man to make use of his "internal realism" and to bow to a logical existence instead of to individual opinion, since it is of the essence of Pragmatism the adjustment of assertions or predictions in the light of the reaction of conduct to that which is signified in the mediation with experience. Lastly, Peirce leaves, an undoubted influence upon contemporary, post-Kantian, Ethics as is the case with the ethical theories of Apel, Habermas, among others, in the recognition of a continuous relationship of an anthropomorphism in a real and independent world, the kind which one still needs, through morals, to deal with the fragility and vulnerability of man himself, as we very well know of the inexistence of an originary consensus to guide the moral correction of conducts or even ends that guide themselves exclusively by objects.



RESUMOS DOS PÔSTERES
[POSTERS ABSTRACTS]



ANDRADE, Leonardo Francisco Costa de

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília, Brasil.

POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DA TEORIA PRAGMATISTA NA PROPOSTA DO BEHAVIORISMO RADICAL DE SKINNER: SOBRE O CONCEITO DE COMPORTAMENTO VERBAL NA COMPREENSÃO DA LINGUAGEM.

Dentre as concepções sobre o conhecimento e a categorização dos aspectos relevantes que determinam sua aceitação como verdadeira e confiável, a teoria pragmatista se destaca por seu posicionamento em defesa de que tais aspectos devam-se pautar nos desdobramentos práticos e funcionais de uma teoria, além de compreender o conhecimento como resultado de manipulação intencional de fenômenos não podendo assim ser compreendido como uma explicação última e verdadeira, sendo pelo menos essa a concepção de autores pragmatistas como Pierce, William James e John Dewey. A concepção pragmatista se desenvolve em contraposição a algumas concepções do conhecimento, mais especificamente em oposição à concepção *representacionista*, a qual aposta na possibilidade de elaboração de *representações da realidade* de caráter universal e verdadeiro por meio de elaboração de métodos que evitem a impregnação de inclinações pessoais e culturais, uma vez que tais valores seriam constituídos por sentimentos e emoções, não compondo uma boa base na estruturação de um conhecimento “verdadeiro”. É neste contexto de análise que abordaremos as possíveis implicações de tais propostas epistêmicas na consolidação da Filosofia da Análise do comportamento, o Behaviorismo Radical, tendo como seu criador e maior expoente Burrhus Frederic Skinner. A relevância e interesse de tal pesquisa se faz, uma vez que devido a elevada produção acadêmica de Skinner, com aproximadamente sessenta anos de intensa produção, e ao seu caráter dinâmico marcado por profundas mudanças em seus conceitos basilares, torna difícil e passível de muitas controvérsias sobre a sua proximidade (e possível influência) com os pressupostos pragmatistas. Skinner propõe que sua teoria poderia oferecer bases seguras, possibilitando instruir o discurso da filosofia da ciência na compreensão e esclarecimento da natureza do conhecimento científico, porém a teoria *Skinneriana* parece apresentar-se pelo menos de duas maneiras distintas, em um primeiro momento seu posicionamento aproxima-se das concepções científicas modernas demonstrando forte compromisso com teses deterministas, já em um segundo momento, com a publicação do artigo *A análise Operacional de Termos Psicológicos*, Skinner apresenta o conceito de tríplex probabilística na intenção de explicar o comportamento verbal, assumindo assim um posicionamento que posteriormente seria definido como determinismo – probabilístico. Dessa forma, teremos como objetivo a apresentação das possíveis influências que a filosofia da ciência do comportamento de Skinner possa ter sofrido por ambas as concepções

de conhecimento, utilizaremos ainda das noções de determinismo, determinismo – probabilístico e indeterminismo na análise da concepção de comportamento verbal proposta por Skinner sobre os processos da linguagem.

POSSIBLE IMPLICATIONS OF PRAGMATIST THEORY ON SKINNER'S RADICAL BEHAVIORISM: ON THE CONCEPT OF VERBAL BEHAVIOR IN LANGUAGE COMPREHENSION.

Among the conceptions about the knowledge and the categorization of the relevant aspects that determine its meaning as true and trustworthy, the pragmatist theory stands out for its position in defense that such aspects should be based on the practical and functional unfolding of a theory, in addition to understanding the knowledge as the result of intentional manipulation of phenomena and thus can not be understood as a last and true explanation, being at least that the conception of pragmatist authors like Pierce, William James and John Dewey. The pragmatist conception develops in opposition to some conceptions of knowledge, more specifically in opposition to the conception of mental representation, which bets on the possibility of elaborating representations of the reality of universal and true character by means of elaboration of methods that avoid the impregnation of personal and cultural inclinations, since such values would be made up of feelings and emotions, not composing a good basis in structuring a “true” knowledge. It is in this context of analysis that we will address the possible implications of such epistemic proposals in the consolidation of the Philosophy of Behavior Analysis, the Radical Behaviorism, having as its creator and greatest exponent Burrhus Frederic Skinner. The relevance and interest of such research is, since due to the Skinner’s high academic production, with approximately sixty years of intense production, and its dynamic character marked by profound changes in its basic concepts, makes it difficult and subject to many controversies about its proximity (and possible influence) with the pragmatist assumptions. Skinner proposes that his theory could offer a secure foundation, making it possible to instruct the discourse of the philosophy of science in understanding and clarifying the nature of scientific knowledge, but the Skinnerian theory seems to present itself in at least twice distinct ways, in a first moment his positioning approximates the modern scientific conceptions demonstrating strong commitment with deterministic theses, Already in a second moment, with the publication of the article The Operational Analysis of Psychological Terms, Skinner presents the concept of triple probabilistic in the intention to explain verbal behavior, assuming a position that would later be defined as determinism – probabilistic. In this way, we will have as objective introduce the possible influences that Skinner’s philosophy of the science behavior could have suffered by both conceptions of knowledge.

BISSOLI, Ana Paula Talin; BROENS, Mariana Claudia

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Marília, Brasil.

HÁBITOS MOTORES E PROCESSOS ABDUTIVOS INCORPORADOS

No presente trabalho investigaremos a hipótese segundo a qual hábitos relacionados à aprendizagem motora podem ser modificados por processos abductivos incorporados. Para isso, utilizaremos o conceito de hábito proposto por Charles S. Peirce (1974). Para Peirce, hábitos têm como principal característica uma repetição de regularidades que tende a conduzir condutas futuras de modo semelhante a como condutas anteriores foram conduzidas no passado em circunstâncias análogas (1974, CP 5. 487). Entendemos que hábitos motores, na esteira da concepção peirceana, podem ser caracterizados como regularidades de movimentos corporais possibilitados pelas estruturas fisiológicas do agente objetivando algum tipo de ação, no caso aqui motora. Consideramos que hábitos motores são formados por meio dos processos de aprendizagem motora do corpo ao longo de sua evolução adquiridos por processos dinâmicos de interação motora agente/ambiente. Porém a interação do agente com o ambiente durante o período evolutivo muitas vezes necessita que hábitos sejam atualizados ao modo de produzir novas possibilidades de ação. Para nós inicia-se aqui o papel do processo abductivo na geração e abandono de hábitos motores. Com a necessidade de instaurar um novo hábito motor com a finalidade de se manter a funcionalidade motora do agente, o levantamento de hipóteses motoras é disparado e, hipóteses motoras são testadas até que um novo hábito motor seja incorporado pelo agente com a finalidade de restabelecer/atualizar padrões de movimentos relacionados à ação pretendida pelo agente. Por exemplo, só adquirimos o hábito de caminhar após nos habituarmos desde a infância. Porém ao longo da vida alterações em relação maneira em que nosso corpo se porta durante a caminha tanto por mudanças fisiológicas do corpo como também por mudanças ocorridas no meio em que o agente vive, faz-se necessário a atualização de nosso hábito de andar, pois a maneira com que executamos a função de caminhar já não está mais adequada. Nesse sentido que entendemos que a habituação motora é muitas vezes antecedido pela aprendizagem de uma habilidade resultante de um processo abductivo que, ao ser incorporada, torna-se habitual em circunstâncias semelhantes. Mas a possibilidade de repetição das circunstâncias é frequentemente limitada, pois a dinâmica ambiental interfere constantemente no fluxo habitual da conduta, introduzindo novas circunstâncias que desafiam hábitos motores bem estruturados e estabelecidos. Assim, situações inesperadas, que quebram expectativas e propiciam mudanças de hábitos, também podem constituir as circunstâncias que possibilitam ao agente a realização dos processos abductivos incorporados a que nos referimos e que podem ser assim concebidos: (a) um

agente enfrenta uma situação motora anômala que não se enquadra na regra geral (ou hábito motor) que até então guiava sua ação; (b) o agente desenvolve uma hipótese motora, isto é, um novo padrão de ação adequado para enfrentar a anomalia e (c) se o novo padrão de ação se mostra adequado para enfrentar a anomalia, então pode transformar-se em novo hábito motor; caso contrário, é testado outro padrão de ação até enquadrar com sucesso a anomalia em um novo hábito. (c') para testar a validade das hipóteses motoras são necessários processos indutivos motores. Como descrito acima, processos abdutivos motores envolvem o levantamento de *hipóteses motoras* e são considerados neste estudo como tipos de *inferência motora*, não proposicional, mas incorporada, reveladora de uma lógica do movimento que envolve condicionais sobre possibilidades de movimento em contextos dados. Em suma, processos abdutivos poderiam participar do processo de aprendizado motor do agente na medida em que tal aprendizado motor constitui um processo dinâmico de abandono e geração de novos hábitos motores. Poderíamos assim entender as alterações motoras que ocorrem ao longo da vida da pessoa como resultado de processos abdutivos que resultam da tentativa de lidar com eventos anômalos que desafiam hábitos motores estruturados. Consideramos, por exemplo, que o conceito de abdução utilizado no contexto dos estudos do aprendizado motor dos agentes pode constituir importante ferramenta de prática clínica para promover o levantamento de hipóteses motoras abdutivas com a finalidade de se adotar novos hábitos motores mais adequados às novas circunstâncias dos agentes. Referencias: PEIRCE, C. S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. v. 5. Harvard University Press, 1974.

MOTOR HABITS AND EMBODIED ABDUCTIVE PROCESSES

In the present paper, we intend on investigating the hypothesis according to which habits related to motor learning may be modified by embodied abductive processes. To do so, we will use the concept of habit proposed by Peirce (1974), that is, as repetition of regularities which tend to guide future conducts in a similar way to previous conducts in analogous situations (1974, CP 5. 487). We understand that motor habits, in the Peircean conception, may be characterized as body movement regularities enabled by the agent's physiological structure, and which have functionality. Contrary to mechanist conceptions of habit, we consider that motor habits may be embodied or altered by of abductive processes by means of which motor learning occurs, in a way to produce new possibilities of action, including for the reestablishment/updating of functionalities. For example, we only acquire the habit of walking after training during childhood and, throughout life, we must update the way we execute the function of walking in reason of the constant physiological and environmental changes which we go through. It is in this sense that we understand that motor habituation is many times preceded by learning an ability resultant of an abductive process which, on being embodied,

becomes a habit in similar circumstances. The possibility of repetition, though, is frequently limited, because of the constant interference of the environmental dynamics on the habitual flux of conduct, introducing new circumstances which challenge well-structured and established motor habits. Thus, unexpected situations, which break expectations and foster habit changes, may also constitute the circumstances that enable the agent to make the embodied abductive processes which we refer to and that may be thus conceived: (a) an agent faces an anomalous motor situation which does not fit the general rule (or motor habit) which until then guided her action; (b) the agent develops a motor hypothesis, that is, a new action pattern adequate to facing the anomaly and (c) if the new action pattern shows to be adequate to facing the anomaly, **then** it may become a new motor habit; if not, another action pattern is tested until the anomaly is successfully fit in a new habit. (c') to test the validity of motor hypothesis, motor inductive processes are necessary. As described above, motor abductive processes involve the raising of motor hypotheses and are considered in this study as kinds of non-propositional, but embodied, motor inferences, which reveal a logic of movement that involves conditionals about movement possibilities in given contexts. Summing up, abductive processes may constitute the basis of motor learning insofar as such motor learning constitutes as dynamic process of abandoning and generating motor habits. We could thus understand the motor alterations that occur throughout a person's life as the result of abductive processes, which result from the attempt of dealing with anomalous events, which challenge structured motor habits. We consider, for example, that the concept of abduction used in the context of the studies of the motor behavior of agents may constitute an important tool of the clinical practice to induce, promoting the test of the validity of abductive motor hypotheses, the adoption of new motor habits more adequate to the new circumstances of the agents. References: PEIRCE, C. S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. v. 5. Harvard University Press, 1974.

DUCATTI, Gabriel Engel

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Marília, Brasil.

O CONCEITO DE PÓS-VERDADE À LUZ DA FILOSOFIA NEOPRAGMATISTA

O objetivo do presente trabalho é analisar o conceito de verdade à luz da filosofia neopragmatista, ilustrada no pensamento de Richard Rorty, considerando possíveis implicações com o conceito de pós-verdade. Richard Rorty propôs que a verdade não deveria ser considerada como um objetivo da investigação filosófica, defendendo um abandono do predicado "verdadeiro" pois, não possuindo qualquer sentido descritivo que o relacione com propriedades reais, e somente exprimindo um estado do locutor e de sua aprovação diante de um público, no

uso de tal termo não haveria como estabelecermos a verdade da crença ou o caráter apropriado de uma ação senão ao nos referirmos aos seus elementos de justificação. Rorty propõe uma visão pragmática no sentido de avaliar que a discussão acerca do conceito de verdade não traria implicações na prática, mas que seria apenas uma problemática de inflacionar o termo que foi herdada de um paradigma que identifica a diferenciação entre aparência-realidade. Considerando esta perspectiva rortyana, o presente trabalho tem a intenção de refletir e discutir, além das implicações sobre a verdade no neopragmatismo de Rorty, também sobre o conceito e alguns reflexos da tão em voga pós-verdade, termo este que foi eleito pelo Dicionário Oxford como a palavra do ano em 2016 e que ganhou destaque nas eleições norte-americanas e com o Brexit. A ideia sobre a pós-verdade, em breve síntese, é a de que fatos considerados objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelo às emoções e crenças dos indivíduos; outro motivo do destaque dado a este termo é a identificação da problemática que envolve as chamadas “fake news” a uma suposta “era de pós-verdades”. Nesse sentido, investigamos a relação entre notícias falsas, vinculadas em portais de notícias virtuais e que buscam manipular audiência e gerar lucro, e sua justificação no sentido rortyano. Argumentamos que um novo modo de consumo contemporâneo de informação está sendo propagado, seja através da grande mídia ou dos pequenos portais virtuais. Tal propagação informacional revela que a relação da sociedade com a questão da verdade também vem se alterando e, por isso, necessita de uma melhor reflexão. Como procuraremos mostrar, a relação da mídia com a noção de verdade, no modo de consumo de notícias e informações contemporâneo, não aponta para uma “realidade objetiva”, mas se sustenta principalmente sobre emoções e crenças do indivíduo e de uma determinada cultura, o que, de certo modo aparenta não se distanciar da perspectiva rortyana.

THE CONCEPT OF POST-TRUTH IN THE LIGHT OF NEOPRAGMATIST PHILOSOPHY

This study seeks to analyze the concept of truth in light of neopragmatist philosophy, illustrated by the thinking of Richard Rorty, while considering possible implications of his thinking with the concept of post-truth. Richard Rorty proposed that truth should not be considered an objective of philosophical inquiry, defending an abandonment of the “true” predicate. Having no descriptive sense that relates the true predicate to real properties, and expressing only the state of the orator and their approval in front of the public, the use of such a term fails to establish the truth of the belief or the proper character of an action without referencing its pertinent elements of justification. Rorty proposed that a pragmatic view to evaluate the discussion on the concept of truth would not have implications in practice, but rather that it would only be detrimental in inflating a term inherited from a paradigm which identifies the disjunct between appearance-reality. Considering this rortyan perspective, the present work intends to

reflect and to discuss, not only the implications on the truth in the neopragmatism of Rorty, but also on the concept and some reflexes of the so in-vogue “post-truth”, a term that was chosen by the Oxford Dictionary as the word of the year in 2016 and that gained prominence in the US elections and with Brexit. The idea of post-truth, in brevity, is that facts considered objective have less influence in shaping public opinion than those that appeal to the emotions and beliefs of subjective individuals; moreover, highlighting this term serves to identify an issue that involves the so-called “fake news” and the purported “post-truth era”. Considering an underlying rortyan justification, we investigate the relationship between fake news and its intimate connection with virtual news portals, which coalesce to both manipulate the audience and generate profit. Arguably, the mass media or smaller visual channels act to propagate a new mode of contemporary consumption of information. Such informational propagation reveals that the relationship of society with its questioning of the truth is also changing; therefore, the analysis is owed a more profound reflection. The relation of the media to the notion of truth, in the contemporary mode of consumption of news and information, does not point to an “objective reality”. Rather, the relation is based mainly on the emotions and beliefs of individuals of a determinate culture, which, in a way, does not seem to distance itself from the rortyan perspective.

ELEUTÉRIO, Felipe; BROENS, Mariana Claudia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Marília, Brasil.

IDENTIDADE PESSOAL E COMPUTAÇÃO VESTÍVEL: REFLEXÕES ACERCA DA DICOTOMIA APARÊNCIA/REALIDADE.

O objetivo deste trabalho é, num primeiro momento, investigar a teoria da identidade pessoal de William James (Anderson, 1998). Focaremos, em especial, na perspectiva pragmatista, as características do pensamento e a teoria do **eu** propostas pelo filósofo (James, 1890). Em um segundo momento, procuraremos problematizar tais concepções tradicionais da identidade pessoal no que diz respeito a traços identitários específicos, mais precisamente o vestuário, tratando das tecnologias de computação vestível (Mann, 1998; Woow, 2015; Barfield, 2016). Trabalharemos com as seguintes ferramentas conceituais: (1) a quinta característica da consciência que é a seletividade e (2) a questão do vestuário como um dos constituintes fundamentais do **eu** empírico (James, 1890). No primeiro caso, entende-se que a consciência de uma pessoa é seletiva porque volta-se para o conjunto de qualidades sensíveis que geram algum tipo de interesse estético ou prático. Nesse sentido, pensamos que, quando as pessoas se colocam em sociedade diante do julgamento alheio, todas as suas características tomadas por reais/verdadeiras só diferem das aparentes/falsas pelo grau relativo de relevância

estético-prática para seus observadores. Entendemos por vestuário o arranjo de modificações corporais observáveis e objetos adicionados ao corpo que formam um canal de comunicação não-verbal e que modificam a forma como o corpo sente e é sentido conforme proposto por Roach-Higgins et al (1995). Feito isso, trataremos da segunda ferramenta conceitual (James, 1890), segundo a qual o vestuário é constituinte *material* do **eu** empírico, a parte mais íntima da pessoa depois do seu corpo. Para James (1890), sentimos e agimos com relação a coisas que são *nossas* da mesma forma como sentimos e agimos com relação a *nós mesmos*, de modo que o sentimento de posse das nossas roupas as tornam nossas extensões. Ao final do artigo, abordaremos essas noções no contexto da computação vestível, isto é, dispositivos anexados ao espaço pessoal do agente, manipulados por ele e que estão sempre conectados na rede internet e acessíveis enquanto o usuário realiza outras atividades (Mann, 1998). Procuraremos mostrar que tais computadores vestíveis, por sua vez, podem tornar-se elementos identitários, mas não mais no sentido proposto por James (1890) para o vestuário em geral, visto sua natureza pragmática ser distinta daquela do vestuário tradicional.

PERSONAL IDENTITY AND WEARABLE COMPUTING: REFLECTIONS UPON THE APPEARANCE/REALITY DICHOTOMY

*The aim of this study is, initially, to investigate the theory of personal identity of William James (James, 1890; Anderson, 1998). We will focus, from a pragmatic perspective, on the characteristics of thought and on the theory of the **self** given by the philosopher (James, 1890). At a second moment, we will try to problematize such traditional conceptions of personal identity with regard to specific identity traces, more precisely the dress, when it comes to wearable computing technologies (Mann, 1998; Woow, 2015; Barfield, 2016). We will work with the following conceptual tools: (1) the fifth characteristic of thought according to James (1890) which is selectivity and (2) the matter of clothing as one of the main constituents of the empirical **self** (James, 1890). In the first case, it's accepted that the consciousness of a person is selective because it turns to the range of sensitive qualities that generate some kind of aesthetic or practical interest. In this sense, we believe that, when people put themselves in society before the judgement of others, all their characteristics taken as real/true only differ from the apparent/false ones by the relative degree of aesthetic-practical relevance to these people observers. We understand by clothing the total arrangement of outwardly detectable body modifications and all material objects added to it in the form of body supplements that generate a non-verbal communication channel and that modify the way the body feels and is felt, as proposed by Roach-Higgins et al (1995). Then, we will deal with the second conceptual tool (James, 1890), according to which the clothing is a material constituent of the empirical **self**. The material constituent of the empirical **self** is considered the most intimate part of the person after her/his body. According to*

James (1890), we feel and act about certain things that are ours very much as we feel and act about ourselves, so that the feeling of possession of our clothing make it an extension of our personhood. To conclude, we will address this conception of clothing as a constituent of personhood in the context of wearable computing, namely, devices subsumed into the personal space of the user, controlled by the user, that have both operational and interactional constancy and is always accessible and always connected to the internet network while the user does other activities (Mann, 1998). We will try to show that such wearable computers, in turn, can become identity elements, but not in the sense proposed by James (1890) to the clothing in general anymore, since their pragmatic nature is different from that of the traditional clothing.

FERREIRA, Sabrina Balthazar Ramos

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília, Brasil

EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO: UMA POSSÍVEL CONEXÃO ENTRE A ABORDAGEM ECOLÓGICA E A SEMIÓTICA PEIRCIANA.

A percepção se apresenta como um dos aspectos significativos da experiência e seu estudo pode revelar o modo como o ser humano se relaciona com o mundo. Agimos no mundo diante do que percebemos. Nesse trabalho, buscaremos apresentar duas concepções distintas de análise da experiência perceptual. Apresentaremos alguns pressupostos da Filosofia Ecológica, proposta por James Jerome Gibson (1986), e as categorias da experiência na Semiótica de Charles Sanders Peirce (1887), buscando investigar uma possível conexão entre ambos quanto ao papel da relação organismo-ambiente na experiência perceptual. Na Filosofia Ecológica, concebida por James J. Gibson, o organismo é parte constitutiva do ambiente que o cerca. Esse ser inserido no mundo atua nesse mundo e recebe suas influências. Segundo a abordagem ecológica gibsoniana, o organismo vivencia o mundo através da percepção direta não mediada por representações mentais. Suas ações advêm da imersão no ambiente, assim como das informações que são denominadas *affordances* e se referem às “possibilidades de ação que o ambiente disponibiliza aos organismos”. (GONZALEZ & MORONI, 2010) O ser humano atua no ambiente através da percepção de *affordances* naturais e sociais, transformando-o por meio de hábitos e ações. *Affordances* sociais emergem das articulações sociais provenientes da interação organismo/ambiente. Por conseguinte, sua percepção se insere em determinados contextos que acabam por influenciá-la, nos quais os aspectos socioculturais do ambiente são fundamentais para sua compreensão. Charles Sanders Peirce se debruçou em diversas áreas do conhecimento na busca daquilo que constitui a experiência, se apoiando na fenomenologia como base estruturante de seu sistema filosófico.

Através das observações fenomenológicas, Peirce estruturou as categorias da experiência ao apresentar seus aspectos constitutivos: *primeiridade*, *segundidade* e *terceiridade*. A *primeiridade* se apresenta como aquilo que, na experiência, indica sua originalidade. Trata-se de uma qualidade imediata e irrepetível, que se perde com qualquer tentativa de reprodução e reflexão. A *segundidade* delimita essa fluidez através da presença de um outro, pois é ela que propicia à experiência seu caráter factual de ação e reação. A *terceiridade* emerge como síntese racional entre a *primeiridade* e a *segundidade*, oferecendo generalidade e inteligibilidade a experiência. Nessa categoria, a experiência percebida possui o hábito como um dos aspectos que reflete a maneira como um organismo interage constantemente com o ambiente através da percepção-ação. Em ambos, Gibson e Peirce, os hábitos são consolidados na interação organismo-ambiente, contribuindo para a conduta dos agentes. Dessa forma, a concepção *peirceana* de experiência perceptual é caracterizada através do hábito, que estrutura crenças perceptuais, e norteia a conduta dos organismos no mundo. Consideramos que, de modo análogo, a inseparabilidade organismo-ambiente está presente na abordagem gibsoniana como a percepção de *affordances* é efetivada pelos organismos. *Affordances* sociais são percebidos por meio da relação coletiva entre organismos, bem como de aspectos da experiência que emergem do modo como é estabelecida essa relação. Argumentamos que, de forma análoga à percepção ecológica de *affordances* sociais, a categoria *terceiridade*, com os hábitos que estruturam as crenças perceptuais, traduz a maneira intrínseca como organismos se relacionam com o ambiente, além de refletir um dos aspectos significativos da experiência.

EXPERIENCE AND PERCEPTION: A POSSIBLE CONNECTION BETWEEN THE ECOLOGICAL APPROACH AND PEIRCEAN SEMIOTICS

Perception is presented as one of the significant aspects of the experience and its study can reveal how the human being relates to the world. We act in the world according to what we perceive. In this work we will try to present two distinct conceptions of experience analysis, as well as the perception's approaches inherent to each one. We will present some assumptions of the Ecological Philosophy, proposed by James Jerome Gibson (1986), and the categories of experience in the Semiotics of Charles Sander Peirce (1887), seeking to investigate a possible connection between them as to the role of the organism-environment relationship in experience and perception. In Ecological Philosophy, conceived by James J. Gibson, the organism is a constituent part of the environment that surrounds it. This organism inserted into the world acts in this world and receives its influences. According to the Gibsonian ecological approach, the organism experiences the world through direct perception not mediated by mental representations. Their actions come from immersion in the environment, as well of the information that is called affordances and refers to the "possibilities of

action that the environment makes available to organisms”. (GONZALEZ & MORONI, 2010) The human being acts in the environment through the perception of natural and social affordances, transforming it through habits and actions. Social affordances emerge from the social articulations arising from the organism / environment interaction. Consequently, its perception is inserted in certain contexts that end up influencing it, where the socio-cultural aspects of the environment are fundamental for its understanding. One of the precursors of semiotics, Charles Sanders Peirce, has focused on several areas of knowledge in the pursuit of what constitutes experience, using phenomenology as the structuring basis of his philosophical system. Through phenomenological observations, Peirce structured the categories of experience by presenting their constitutive aspects: firstness, secondness, and thirdness. Firstness is presented as that which represents in experience its originality and distinction. It is an immediate and unrepeatable quality that is lost with any attempt at reproduction and reflection. Secondness surpasses this fluidity, for it gives experience the factual character of action and reaction. Thirdness emerges as a rational synthesis between firstness and secondness, offering intelligibility to the human experience. In this category, perceived experience has the habit as one of the aspects that reflects the way an organism interacts constantly with the environment through perception-action. Habits are consolidated in the organism-environment interaction, contributing to the agents' action. In this way, the Peircean view of perception is conceived through the habit that structures perceptive belief and guides action in the world. We consider that, in an analogous way, the inseparability of the organism and the environment is present in the way in which the perception of affordances is carried out by organisms. Social affordances are perceived through the social relation of organisms and the aspects of experience that emerge from the way in which this relationship is established. As in the ecological perception of social affordances, the category thirdness, with the habits that structure the perceptual beliefs, translates the intrinsic way the organism relates to the environment, in addition to reflecting one of the significant aspects of the experience.

**GOMES, Ana Paula de Carvalho; BROENS, Mariana Claudia;
POLETO, Leonardo Queiroz Assis**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília; CNPq; FAPESP, Brasil.

A CONCEPÇÃO DE FIXAÇÃO DA CRENÇA PROPOSTA POR C. S. PEIRCE NO CONTEXTO DAS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS.

O objetivo central deste trabalho é investigar processos de geração de crenças no contexto das novas mídias digitais, em especial nas redes sociais, utilizando como ferramenta de análise o conceito de crença e da dinâmica de sua fixação

segundo proposto por Charles S. Peirce. Em especial, buscaremos discutir o processo da formação de crenças resultantes da disseminação generalizada de notícias nas redes sociais digitais e as possíveis implicações da divulgação massiva de notícias falsas, frequentemente indiscerníveis enquanto tais. No ensaio *A Fixação da Crença* (CP 5.358 – 5.387), Peirce estabelece quatro métodos por meio dos quais agentes aderem a crenças determinadas, os três primeiros com diferentes graus de dogmatismo e o último resultante de processos inferenciais preocupados com a busca por uma verdade racionalmente justificada. Assim, o primeiro método, da tenacidade, pode ser caracterizado como o afastamento proposital do agente de crenças que possam perturbar aquelas já estabelecidas. O método da autoridade é adotado por membros de instituições que exercem um poder regulador sobre o sistema de crenças considerado adequado. No caso do método a priori, a interação racional de diferentes opiniões resulta em uma crença mais próxima ao que o agente está inclinado a acreditar. Por fim, quando se trata do método científico, a fixação de crenças ocorre como resultado da experimentação rigorosa em consonância com dados da realidade, compartilhada por uma comunidade cujo o objetivo é a busca pela verdade. Assim, o método científico sustenta-se numa confiança epistêmica coletiva, ao passo que, como Peirce ressalta, os três primeiros métodos não promovem a fixação de crenças confiáveis. Desse modo, percebemos a relevância do papel de (1) um método de fixação de crenças que se preocupe com sua verificabilidade empírica e (2) uma comunidade comprometida com a busca pela verdade. Partindo do princípio de que uma significativa quantidade das crenças dos agentes sociais resulta hoje de interações com as tecnologias da informação, procuraremos investigar se e, em caso afirmativo, em que medida as novas mídias digitais, especialmente a internet, vêm moldando a forma de fixação de crenças dos agentes nas sociedades da informação. Apesar do potencial da rede para compartilhar diferentes opiniões, tendências e perspectivas de análise, evidências mostram que isso pode não estar acontecendo (FENTON, 2012). Em especial, as novas mídias propiciam a divulgação massiva de notícias que não são submetidas ao processo de checagem de sua veracidade factual (*fact checking*), procedimento que possuiria um papel análogo à verificação empírica própria do método científico de fixação de crenças. A verificação da confiabilidade das notícias antes de seu compartilhamento não ocorre, propiciando a disseminação massiva das “*fake news*”, sem base empírica e geradoras de crenças falsas. No entanto, tal problema não parece ter merecido a devida atenção por plataformas como o *Google* e o *Facebook*, muito possivelmente porque tais plataformas são estruturadas para beneficiar economicamente os conteúdos mais visualizados, sendo que diversos estudos mostraram que as *fake news* são um excelente meio de gerar acessos (OHLHEISER, 2016) e, consequentemente, lucros. Assim, a hipótese que procuraremos investigar é a de

que os processos de fixação de crenças resultantes das *fake news* são aqueles que envolvem os métodos da tenacidade e autoridade, favorecendo a disseminação de notícias sem a verificação factual. Finalmente, sugerimos que as comunidades digitais deveriam adotar o princípio da verificação factual na busca da verdade para preservar sua reputação digital e credibilidade. Condutas que buscam a verdade e promovam a verificabilidade empírica podem (1) evitar a proliferação de notícias falsas criadas para beneficiar interesses particulares e (2) permitir às comunidades digitais promoverem a geração de crenças compatíveis com a realidade factual em uma perspectiva falibilista e democrática.

THE FIXATION OF BELIEF CONCEPTION PROPOSED BY C. S. PEIRCE IN NEW DIGITAL MEDIA CONTEXT

The central point of this work is to investigate processes of belief formation in the context of new digital media, especially in social networks, using the concept of belief and the dynamics of its fixation according to Charles S. Peirce. Specially, we will attempt to discuss the process of belief formation resulted of news dissemination on social networks and the possible implications of fake news mass diffusion, often indiscernible as such. In the essay "The Fixation of Belief" (CP 5.358 – 5.387), Peirce establishes four methods in which agents fix certain beliefs, the first three with different degrees of dogmatism, and the last one resulting from inferential processes concerned with the search for a rational justified truth. Therefore, the first method, known as tenacity can be characterized with the intentional absence of the agent from all that might disturb its established beliefs. The method of authority, is adopted by members from the institution that exert a regulatory power over the belief system considered appropriate. In the case of the a priori method, the rational interaction of different opinions results in a closest belief which the agent is more inclined to believe. Finally, when it comes to the scientific method, belief fixation occurs as a result of rigorous experimentation according to reality, shared by a community which purpose is the search for truth. Therefore, the scientific method is based on collective epistemic trust, whereas, as Peirce points out, the first three methods do not promote the establishment of reliable beliefs. In this way, we perceive the relevance of (1) a belief-fixing method that is concerned with its empirical verifiability and (2) a community committed to seek the truth. Assuming that most beliefs of social agents today results from interactions with information technologies, we will try to investigate whether, and if so, what extent the new digital media, especially on line, have been shaping the way agents fix beliefs in information societies. Despite the network's potential to share different opinions, trends and analytical perspectives, evidence shows that such thing may not be happening (FENTON, 2012). In particular, the new media provide the dissemination of news that is not submitted to factual verification process (fact checking), a procedure that would have a role analogous to the empirical verification of belief fixing scientific method.

The reability verification of the news before its sharing does not occur, favoring the widespread of fake news with no empirical basis, originating false beliefs. However, such problem does not seem to have its appropriate attention by Google and Facebook platforms, quite possibly because such platforms are structured to provide economic benefit for contents that are more visualized, and several cases have shown that fake news are an excellent way of generate traffic (OHLHEISER, 2016) and consequently profits. Thus, the hypothesis we seek to investigate is that the belief-fixing processes resulting from fake news are those that involve the methods of tenacity and authority, promoting dissemination of news without factual verification. Finally, we suggest that digital communities should adopt the principle of factual verification in the seek for truth to preserve their digital reputation and credibility. Truth-seeking behaviour and empirical verifiability promotion can (1) prevent fake news proliferation created to benefit particular interests, and (2) allow digital communities to promote belief formation compatible with factual reality in a fallibilistic and democratic perspective.

MOURÃO, Joaquim Felipe

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília, Brasil.

O PRAGMATISMO E O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL

O ensino de Filosofia no Brasil remete seu início ao século XVI e de acordo com a leitura de Antônio Paim, em *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*, este acompanha o desenvolvimento histórico-político da nação, sendo melhor estudado em cada período próprio, sendo estes os períodos colonial, imperial e republicano. Percorrendo uma breve descrição do desenvolvimento do ensino de filosofia, desde o século XVI até o tempo presente, nos apoiando em revisões bibliográficas que tratam diretamente deste assunto, o objetivo deste estudo é repensar a apresentação do conteúdo filosófico nas escolas brasileiras, entendendo sua instrumentalidade e finalidade, que ultrapassa o exercício da fixação, mas antes se projeta ao despertar de uma consciência crítica para leitura, organização de argumentos e juízos, e exposição. O foco desta pesquisa não consiste em encontrar uma pedagogia definitiva para o ensino de filosofia, entendendo as dificuldades para tal proposta, já que as possibilidades se tornam abrangentes quando se trata do ambiente escolar, em suas mais diferentes formas. A disposição do docente e do discente, e suas particularidades, interferem diretamente no processo de assimilação filosófica, já que o constructo mental é ferramenta importante na edificação do pensamento. É necessário então distinguir a relação professor-aluno no ensino médio e no ensino superior, já que nesta relação repousa grande parte da importância da aprendizagem filosófica. Utilizando o pensamento de Charles S. Pierce exposto em *A fixação da crença*, analisaremos os métodos

propostos procurando entender qual destes se encontram no ensino de filosofia, por conseguinte, refletiremos a atuação destes e seus resultados, para então oferecermos uma proposta alternativa para o melhor aproveitamento da carga filosófica oferecida. Peirce, juntamente com William James, pensou o pragmatismo de maneira expressa no dualismo *percepção-ação*, que pode ser também trabalhado em *significado* e *verdade*, e em início seu pensamento não era uma filosofia, mas sim, um método para analisar os significados pragmáticos. Sendo um método lógico é, portanto, isento de apresentar seus resultados a campos teóricos pré-existentes, entretanto se apresenta como um método do pensamento que revisa o significado de conceitos. Dentro do pensamento de Charles S. Pierce, estabelecendo uma relação com o ensino de Filosofia no Brasil, os conceitos de crença e dúvida serão tratados e interpretados no contexto pedagógico, a fim de clarear a reflexão e a possibilidade de ação nesta área e facilitar o entendimento desta mesma proposta de reestruturação de ensino.

THE PRAGMATISM AND TEACHING OF PHILOSOPHY IN BRAZIL

The teaching of Philosophy in Brazil remits its beginning to the sixteenth century and according to the reading of Antônio Paim, in The study of Brazilian philosophical thought, this accompanies the historical-political development of the nation, being better studied in each period itself, these being The colonial, imperial and republican periods. The purpose of this study is to rethink the presentation of the philosophical content in the Brazilian schools, I understand its instrumentality and its influence on the teaching of philosophy, from the sixteenth century to the present time, supporting us in bibliographical reviews that deal directly with this subject. Purpose, which goes beyond the exercise of fixation, but rather is projected to the awakening of a critical awareness for reading, organizing arguments and judgments, and exposition. The focus of this research is not to find a definitive pedagogy for teaching philosophy, understanding the difficulties for such a proposal, since the possibilities become comprehensive when it comes to the school environment in its most different forms. The disposition of the teacher and the student, and their particularities, directly interfere in the process of philosophical assimilation, since the mental construct is an important tool in the construction of thought. It is necessary to distinguish the teacher-student relationship in secondary education and higher education, since in this relation rests much of the importance of philosophical learning. Using the thought of Charles S. Pierce in The Fixing of Belief, we will analyze the proposed methods trying to understand which of these are found in the philosophy teaching, therefore, we will reflect the performance of these and their results, so that we offer an alternative proposal for the best The philosophical load offered. Pierce, along with William James, thought pragmatism expressly in the perception-action dualism, which can also be worked on in meaning and truth, and at first his thinking was not a philosophy, but a method for analyzing

pragmatic meanings. Being a logical method is therefore exempt from presenting its results to pre-existing theoretical fields, however it presents itself as a method of thought that revises the meaning of concepts. Within the thinking of Charles S. Pierce, establishing a relation with the teaching of Philosophy in Brazil, the concepts of belief and doubt will be treated and interpreted in the pedagogical context, in order to clarify the reflection and the possibility of action in this area and facilitate the understanding Of this same proposal of restructuring of education.

PASCOAL, Valdirene Aparecida; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília; CNPq, Brasil.

REFLEXÕES ACERCA DA INFORMAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADOR

O presente artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão acerca da relação supostamente existente entre informação e ação-autônoma. O direcionamento das pesquisas em relação à informação geralmente possui um viés técnico, não incluindo questões éticas, ontológicas e epistemológicas que são intrínsecas ao se tratar desse conceito. Em contraste, ressaltaremos a abordagem semiótica de Charles S. Peirce que caracteriza informação como um processo. Ele elabora um conceito de informação a partir de três categorias fenomenológicas: a primeiridade, que expressa potencialidade, aquilo que é espontâneo e livre; a secundidade que é caracterizada pela existência, conflito, facticidade, esforço; a terceiridade é o que atribui um aspecto geral aos fenômenos, aquilo que se dá pela mediação, pela universalidade, pelo hábito e pela lei. A partir dessas categorias, Peirce caracteriza a informação de duas maneiras, no contexto lógico e no metafísico. No primeiro, informação é caracterizada como uma medida de predicação de um conceito. No segundo, informação é a conexão entre forma e matéria. No âmbito da semiótica, a informação também é caracterizada como um processo de comunicação de um hábito ou forma incorporado no ambiente, em que o signo faz a mediação entre objeto e interpretante. O signo é determinado pelo objeto e o signo determina seu interpretante. O interpretante é determinado imediatamente pelo signo e mediamente pelo objeto. A correlação entre esses três elementos, cada um com uma função específica, a qual é indispensável para a constituição de um signo, dará lugar à informação. Em um segundo momento, partindo da perspectiva que compreende os processos informacionais como responsáveis pela aquisição e desenvolvimento do conhecimento, questionaremos qual é o impacto das tecnologias da informação, que estão cada vez mais presentes em nossas relações cotidianas, na rede complexa da vida contemporânea. Para isso discutiremos transformações que as tecnologias digitais têm possibilitado na relação agente-ambiente, focalizando em recursos do Big Data e nas affordances tecnológicas que

propiciam ações, muitas vezes direcionadas pelos aparatos digitais, que afetam os mais variados nichos que constituem o planeta. Argumentamos que o estudo da informação é importante para entender, e até mesmo modificar as implicações dos instrumentos de tecnologias no direcionamento de nossas ações. Questões que envolvem o conceito de informação são muitas e compreender a esfera que abrange esse conceito possibilitaria modificar hábitos, ações e estruturas que afetam não só as relações humanas, mas a forma que essas relações podem ser prejudiciais aos organismos que coexistem conosco. Em uma visão sistêmica, argumentamos também que empregar a informação sem um recorte ético é incompatível com a ideia de usá-la para a construção de um mundo melhor.

REFLECTIONS CONCERNING INFORMATION AS A TRANSFORMING AGENT

The present paper intends to discuss the relation between information and autonomous action. The focus of the researches on information usually has a technical bias, and do not include ethical, ontological and epistemological questions that are intrinsic to dealing with this concept. By contrast, we will emphasize the semiotic approach of Charles S. Peirce according to which information is characterized as a semiotic process. He elaborates a concept of information from his considerations of three phenomenological categories: the firstness, which expresses potentiality, what is spontaneous and free; the secondness that is characterized by existence, conflict, facticity, effort; the thirdness that is what gives a general aspect to the phenomena, which is given by mediation, by universality, by habit and by law. From these categories, Peirce characterizes information in two ways, the logical and the metaphysical. In the first context, information is a measure of the predication of a concept. In the second context, information is the connection between form and matter. According to the semiotic approach, information is also characterized as a process of communication of a habit or as a form embodied on the environment, in which the sign mediates object and interpretant. The sign is determined by the object and the sign determines its interpretant. The interpretant is immediately determined by the sign and mediately by the object. The correlation between these three elements, each one with a specific function, which is necessary to the constitution of a sign, will give rise to information. On a second moment, based on a perspective that considers the informational process as responsible for the acquisition and development of knowledge, we will ask what is the impact of technologies of information and communication, that are even more present on our daily lives, on our complex web of life. To do that, we will study the changes that the usage of digital technologies has produced in the relationship between agent-environment, by focusing on Big Data and on the technological affordances that suggest actions, many of which are directed by the digital devices, and which affect several niches that constitute the planet. We argue that the study of information is important to understand, and even to modify the implications that arise

when we have a huge gamut of technologies that direct our actions. There are many questions related to the concept of information and the understanding of the realm that encompasses this concept enables us to modify habits, actions and structures that affect not simply human relations, but also the way these relations can harm organisms that coexist with us. According to a systemic approach, we also argue that to think about information without an ethic approach is inconsistent with the idea of using this concept to build a better world.

RODRIGUES, Emanuely Nakaryn; LIMA, Júlia Rodrigues de; BROENS, Mariana Claudia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília; CNPq, Brasil.

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA DE PEIRCE PARA O PROBLEMA DA IDENTIDADE PESSOAL NO ÂMBITO DA IDENTIDADE DE GÊNERO.

Este trabalho tem por objetivo investigar as possíveis contribuições que a semiótica peirceana pode trazer (1) para a análise do problema da identidade pessoal e (2) para a dissolução de pseudo-problemas no âmbito da identidade de gênero, aspecto complexo da pessoalidade. O problema da identidade pessoal pode ser assim formulado: o que garante que uma pessoa permaneça a mesma ao longo do tempo, e possa ser reconhecida enquanto tal pelas demais pessoas, apesar das constantes mudanças físico-químicas, biológicas, culturais e sociais pelas quais passa? Parfit (1982) analisou as principais concepções filosóficas que abordam o assunto e as classificou em duas principais categorias: identidade pessoal não-reducionista ou simples, que se refere às abordagens que defendem que a continuidade da pessoalidade decorre da continuidade de um fator adicional, qual seja, a mente; e a identidade pessoal reducionista ou complexa, que se refere às abordagens segundo as quais a pessoa possui uma noção de permanência identitária devido a fatores de continuidade psicológica tais como memória, caráter, intenções, sustentados sobre a continuidade corporal. Embora sejam distintas, ambas defendem que a identidade estaria na continuidade de certos fatores através do tempo, sejam naturais/físicos e/ou mentais. Mas, a estas duas concepções pode somar-se uma abordagem semiótica da identidade pessoal. Ao tratar da categoria da terceiridade (CP I.346), Peirce expõe um exemplo que consideramos poder contribuir para analisar o problema da identidade pessoal na perspectiva semiótica. Ele comenta que, quando alguém afirma ter visto um homem na segunda-feira e afirmar na terça-feira ter visto o mesmo homem, essa pessoa pode dizer ter “experimentado diretamente” a identidade do homem visto; por fim, na quarta-feira, ao afirmar ter visto o mesmo homem na terça, a pessoa pode concluir que se trata do mesmo homem visto na segunda (CP

1.346). Entendemos que, para Peirce, esta estrutura de raciocínio envolvendo uma experiência de reconhecimento identitário da pessoa teria uma base triádica (como signo-objeto-interpretante). Nesse sentido, Colapietro (2014) aponta que, segundo Peirce, dentro do contexto do sinequismo, uma pessoa sempre representa algo às outras pessoas e, portanto, constrói sua identidade de modo dinâmico especialmente a partir das relações que estabelece com elas. Além disso, uma pessoa é vista como comunicável, única e irreduzível, e sua identidade segue uma continuidade que se atualiza incorporando novidades. No nosso entender, a abordagem semiótica da identidade pessoal pode permitir discutir inclusive a dinâmica da identidade de gênero, questão problemática a partir de outras concepções de pessoalidade. Tal como a identidade pessoal, a identidade de gênero é comumente vista como fixa e imutável, o que deriva que suas atualizações e novidades causem estranheza. Contrariamente, na abordagem semiótica, a pessoa é concebida em sua natureza sêmica em processo de desenvolvimento, o que nos possibilita inferir que, a despeito de determinações, há sempre a possibilidade de resignificação identitária, inclusive no âmbito de sua identidade de gênero. Ademais, acreditamos também que desmistificar a ideia da imutabilidade da identidade de gênero permite à semiótica uma contribuição ativa para a dissolução de problemas sociais de violência e marginalização de gêneros, principalmente em relação a identidades de gênero contra-hegemônicas. Concluímos que uma abordagem semiótica da constituição da identidade pessoal além de reconhecer a natureza complexa da identidade pessoal devido a sua constante resignificação, possibilita também a dissolução de pseudo-problemas sobre a identidade de gênero, gerados por concepções dualistas e imutabilistas da pessoalidade.

POSSIBLE CONTRIBUTIONS OF PEIRCE'S SEMIOTICS TO THE PROBLEM OF PERSONAL IDENTITY IN THE CONTEXT OF GENDER IDENTITY.

This paper aims to think about the possible contributions that Peirce's semiotics can bring (1) for the analysis of the problem of personal identity and (2) for the dissolution of pseudo-problems in the context of gender identity, a complex aspect of the personhood. The problem of personal identity can be formulated as follows: what guarantees that a person remains the same over time, and can be recognized as such by other people, despite her/his constant physical-chemical, biological, cultural and social changes. Parfit (1982) analyzed the main philosophical conceptions that approach the problem of personal identity and classified them into two main categories: non-reductionist or simple perspectives, which refers to the approaches that maintain that the continuity of the personhood arises from the continuity of an additional factor, like the mind; and the reductionist or complex perspectives, which refers to the approaches according to which the person has a notion of identity permanence due to factors of psychological continuity such as memory, character, intentions, sustained on the body continuity.

Although they are distinct, both views argue that the identity of a person would be in the continuity of certain factors through time, whether natural/physical or mental. In addressing the thirdness category (CP 1.346), Peirce exposes what we consider a contribution to analyze the problem of personal identity in the semiotic perspective. He says that someone claims to have seen a man on Monday and, by saying on Tuesday that he has seen the same man, that person may claim to have directly experienced the identity of the man seen; finally, on Wednesday, when he claims to have seen the same man on Tuesday, he can conclude that it is the same man that he seen on Monday (CP 1.346). For Peirce, this structure of reasoning involving an experience of identity recognition has in its base the triad sign-object-interpretant. In this sense, Colapietro (2014) points out that, according to Peirce, within the context of synechism, a person always represents something to other people and, therefore, constructs her/his identity in a dynamic way especially from the relationships he establishes with them. In addition, a person is seen as communicable, unique and irreducible, and his identity follows a continuity that is updated incorporating novelties. In our view, the semiotic approach to personal identity may allow us to discuss the dynamics of gender identity, a problematic issue from other conceptions of personhood. Like personal identity, gender identity is commonly seen as fixed and unchanging, which results in the problem that gender identity updates and novelties causing strangeness. On the other hand, in the semiotic approach, the person is conceived in its signic nature in a process of development, which allows us to infer that, despite determinations, there is always the possibility of identity re-signification, even within the scope of its gender identity. In addition, we believe that demystifying the idea of the immutability of gender identity allows the semiotics an active contribution to the dissolution of social problems of violence and marginalization of genres, especially in relation to counter-hegemonic gender identities. We conclude that a semiotic approach to the constitution of personal identity, besides recognizing the complex nature of personal identity due to its constant re-signification, also allows the dissolution of pseudo-problems about gender identity generated by dualistic and immutabilist conceptions of personhood.

SILVA, Camila da Cruz

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília, Brasil.

UMA POSSÍVEL ABORDAGEM PRAGMÁTICA DA ESTÉTICA DE DENIS DIDEROT.

Este trabalho tem como objetivo abordar os desdobramentos pragmáticos na estética de Denis Diderot, que tendo como princípio a bondade natural do homem se dispôs a renovar o drama que em sua época tinha perdido as referências que o fundamentava, sugerindo assim uma nova espécie de arte dramática que tratará das condições dos personagens. Para Diderot o comportamento moral dos homens é indelével e pode ser observado, excluindo assim qualquer possibilidade de

explicação espiritual ou metafísica. Sua filosofia moral se encontra nos mesmos padrões de racionalidade dos outros campos da interpretação da natureza, uma vez que não podemos conhecer algo a não ser a partir de uma experiência efetiva das coisas, tudo o que pertence à natureza é físico, material e mecânico, estando encadeado numa só totalidade se constitui assim em uma série de relações causais determinísticas. Ao pintar as condições dos personagens Diderot cria o drama burguês e o nomeia de gênero sério no qual as relações familiares são o foco bem como as profissões, a origem de cada personagem e a posição que ocupavam na sociedade, pois cada uma dessas características, embora externas ao ambiente familiar, contribuem diretamente para o conflito em seu interior. Como a natureza humana é boa, ela se identifica com o que é virtuoso; aquilo que é honesto comove da forma mais íntima ao contrário daquilo que provoca o desprezo. O que corrompe a natureza humana são as convenções lastimáveis as quais geralmente está sujeita. O teatro deve inspirar nos homens o amor à virtude e o repúdio ao vício; deve torná-los cidadãos melhores, e não apenas diverti-los. Segundo Diderot ao sair do teatro o desejo é que se leve consigo mesmo impressões e não apenas palavras. Estas devem permanecer ainda que contrariem aquele que a recebeu, e dessa forma o perverso sai do teatro com menos disposição de fazer o mal. As condições são sempre repletas de detalhes, todos os dias novas condições se formam; é necessário lembrar que cada indivíduo possui a sua condição social, mas que todos lidam com pessoas de todas as condições. Apoiado totalmente pela e na natureza Diderot estabelece então aquilo que pertence ao gênero sério e que este é totalmente voltado para o drama familiar cotidiano, o que está presente na vida de todos, mais que isso, as situações pelas quais o indivíduo passa diariamente abalam e constroem sua personalidade, constituindo seu caráter, e o homem sendo naturalmente bom se revolta com atitudes injustas cometidas não apenas para com ele, mas para com seus semelhantes. O gênero sério tem como único e exclusivo o objetivo de elevar os homens à virtude e retirá-lo do vício. Quando se consente à natureza se recusa toda a mediocridade e toda melancolia.

A POSSIBLE PRAGMATIC APPROACH FROM DIDEROT'S AESTHETICS

This work aims to address the pragmatic developments in the aesthetics of Denis Diderot, who having as principle the natural goodness of man was willing to renew the drama that in his day had lost the references that grounded him, thus suggesting a new kind of dramatic art, which will deal with the conditions of the characters. For Diderot the moral behavior of men is undeniable and can be observed, thus excluding any possibility of spiritual or metaphysical explanation. His moral philosophy lies in the same patterns of rationality in the other fields of the interpretation of nature, since we can not know anything except from an actual experience of things, everything that belongs to nature is physical, material and mechanical, being chained together in a

single whole, thus constitutes a series of deterministic causal relations. In painting the conditions of the characters Diderot creates the bourgeois drama and names it in a serious genre in which family relations are the focus as well as the professions, the origin of each character and the position they occupied in society, although external to the family environment each of these characteristics contributes directly to the conflict within them. As the human nature is good, it identifies itself with what is virtuous; that which is truthful touches in the most intimate way contrary to that which causes contempt. What corrupts human nature is the pitiful conventions, which it is generally subject to. The theater must inspire in men the love of virtue and the repudiation of vice; should make them better citizens, not just entertain them. According to Diderot when leaving the theater the desire is that it takes with itself impressions and not only words. These must remain even if they contradict the one who received it, and in this way, the pervert leaves the theater with less willingness to do evil. The conditions are always full of details, every day new conditions are formed; it is necessary to remember that each individual possesses his own social condition, but everyone deal with people of all conditions. Fully supported by and in nature Diderot then establishes what belongs to the serious genre and that this is totally geared towards everyday family drama, which is present in everyone's life. More than this, the situations through which the individual passes daily affects and constructs its personality, constituting its character, and the man being naturally good revolts himself with unjust attitudes not only to him, but also to this similar. The serious genre has as unique and exclusive the purpose of elevating men to virtue and withdrawing it from vice. When one consents to nature, one refuses all mediocrity and all melancholy.

SIMÃO, Luciano Lourenço

Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Marília, Brasil.

A SURDOCEGUEIRA E A DINÂMICA SEMIÓTICA.

O objetivo do pôster é demonstrar a dinâmica tipológica aplicada à incorporação dos signos na perspectiva da população surdocego total no período pré-linguístico, que em extrapolação das inferências, podem abranger outras populações. Os conceitos de Peirce sobre a apreensão do mundo, através do nosso relacionamento com as informações recebidas pelos dados sensoriais, nos diz que, os conceitos e seus significados são possíveis somente pela incorporação dos signos, que podem se manifestar em três tipos fenomenológicos, conhecidos como Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Essa tipologia, viabiliza os recortes que fazemos do mundo e a significância das representações mentais sobre esses diferentes recortes. A comunidade surdocega pode ser classificada em duas categorias e dividida em quatro grupos. Sobre as categorias podemos ter indivíduos surdocegos pré-linguísticos, que são pessoas que já nasceram com a deficiência, ou que

a adquiriram antes da aquisição de qualquer meio de comunicação e os pós-linguísticos, que adquiriram a deficiência após a aprendizagem de pelo menos um meio de comunicação. Os quatro grupos se referem às variações da privação dos sentidos, indo, desde a privação total dos sentidos à ausência parcial de ambos. A diferença entre essas categorias e grupos representa desafios diferentes na abordagem desses indivíduos, sendo a surdocegueira no período pré-linguística com privação total de ambos os sentidos a mais desafiadora delas e o nosso foco de estudo. Um famoso exemplo de membro dessa comunidade foi, Helen Keller, que em um de seus livros “Lutando Contra as Trevas”, relata sua trajetória, o início da relação com sua professora Anne Sullivan Macy e como se deram seus primeiros passos rumo a comunicação formal com o mundo. A importância desse relato é que apresenta uma abordagem contundente das experiências vividas por um surdocego, fornecendo pistas sobre a dinâmica fenomenológica ligada aos processos de aprendizagem e inferência. Sendo então, o surdocego, privado da audição e da visão, o tato, por sua vez, naturalmente, torna-se a opção mais viável para estabelecer a comunicação com esses indivíduos. Sendo assim, tomando-se somente o tato como meio de investigação dos dados, submetemos a presente proposta de pôster, que na busca pela compreensão do valor das representações mentais, torna-se um convite à reflexão sobre a dinâmica tipológica a partir perspectiva dessa população, que apesar de se apoiarem também nos demais sentidos, fazem do tato, seu principal acesso para relacionar com o mundo.

THE DEAFBLINDNESS AND THE SEMIOTIC DYNAMIC

The purpose of this poster proposal is to show the typology dynamics applied to the embody of the signs in the approach of total deafblind population in the pre linguistic period, that in late analysis, can be applied for others groups and populations. The Peirce concept about the world knowledge and our relationship whit the information received by the senses, says that the meanings are possible only because of the signs embodied, that can appear in three different phenomenological types, called Firstness, Secondness and Thirdness. This typology, enable the cutouts we make of the world and the meaning of the mental representations about the different kind of cutouts. The deafblind community can be classified into two categories and divided in four levels. About the categories, we have the pre-linguistic deafblind individuals, who are people that use to born with the disability, or who acquires it before the acquisition of any capacity of communication and the post linguistic, which acquires the deficiency after learning at least one communication ability. The four levels refer to the variations of sense deprivation, going from total privation of the senses to the partial absence to the both of them. The difference between these categories and levels represents different challenges in the approach of these individuals, being the pre-linguistic deafblindness with total privation of both senses the most challenging of them and our focus of our

study. One example of this community member was the famous Helen Keller, who in one of her book “Lutando Contra as Trevas”, tell us her trajectory, the beginning of the relationship with her teacher Anne Sullivan Macy and how they took their first steps to her formal communication with the world. The importance of this report to this propose is that presents a truth approach to the experiences of a deafblind person, providing clues about the phenomenological dynamics linked to learning processes and inferences. However, being the deafblind person devoid of hearing and sight sense, the tact sense, naturally becomes the most viable option to establish communication with this individual. Thus, using only the tact sense as way of research, we submit the present proposal of poster, which in the search for the understanding of the mental representations, becomes an invitation for us to reflect on the typological dynamics from the perspective on this population. Which despite to support themselves in the other senses as well, makes of the tact, their “*principalis ostium*” to recognize the world.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: KELLER, Helen. Teacher: A Tribute by the Foster-child of Her Mind, Doubleday & Company, New York - 1957. CUNHA, Maria Zilda da. Na Tessitura dos Signos Contemporâneos. São Paulo: Editora Humanitas, Paulinas – 2009. SANTAELLA, Lucia. Teoria Geral dos Signos. Editora Guazzelli Ltda. São Paulo – 2000. ARÁOS, S.M.M. Experiências de pais de múltiplos deficientes sensoriais – surdocegos: do diagnóstico à educação especial – Universidade Metodista de São Paulo – 1999.

SOUZA, Edna Alves de; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília; CAPES, Brasil.

SIGNO E INFORMAÇÃO.

O objetivo deste trabalho é iniciar uma reflexão sobre a relevância da noção de signo proposta por Peirce para as atuais investigações no contexto da filosofia da informação. Faremos um estudo comparativo entre as caracterizações de informação peirceana, shannoniana e dretskeana, indicando contribuições da semiótica peirceana para o estudo contemporâneo de informação. Shannon (1948), em sua Teoria Matemática da Comunicação (TMC), apresenta uma abordagem quantitativa da informação ao propor um algoritmo para medir a quantidade de possíveis mensagens que poderiam ser enviadas de uma fonte a um destino. Nessa abordagem, a informação é entendida, analogamente à entropia, como uma propriedade objetiva do mundo, descrita por uma função da ‘quantidade média de surpresa’ que um receptor experimenta ao receber uma mensagem, ou seja, o ‘grau de incerteza’ que se pode ter sobre o que a fonte envia. Nesse sentido, a informação em um sistema é definida em termos de probabilidades de mensagens, independente do ‘significado’ dessas mensagens. Em poucas palavras, a TMC permite medir a quantidade de informação transmitida, através de um canal, de uma fonte a um destino, mas não diz o que está sendo transmitido, não se preocupa com as

questões semânticas. Dretske (1981), por sua vez, amplia a hipótese da TMC sobre a informação, entendida como um indicador objetivo de relações. Na perspectiva dretskeana, os sinais não possuem, em si, um significado, mas dependem de um contexto pragmático de ações e de interpretação para, de fato, significar algo. Não obstante, sinais podem trazer um conteúdo informacional. Por exemplo, nuvens escuras são sinais cujos conteúdos informacionais permitem que se dê um “salto semântico” de eventos sem significado para algo com significado. Assim, Dretske (1989), inspirado inicialmente na MTC, propõe uma perspectiva semântica da informação, em que não só a quantidade de informação é o foco, mas também o conteúdo informacional de um sinal. A informação aqui é caracterizada de forma objetiva, porém, considerando uma propriedade semântica, a intencionalidade, que seria exigida em uma análise mais robusta da comunicação humana, aquela que envolve a cognição. Para ele, o que nos distingue de processadores de informação mais triviais é o modo como processamos, codificamos e utilizamos a informação que recebemos, ou melhor, é a nossa capacidade de representar o mundo, a qual envolve certo *grau* de intencionalidade. A ação de abrir a janela, por exemplo, ao se ouvir o som da batida de uma pedra, não pode ser explicada simplesmente pela capacidade do agente de captar as ondas sonoras resultantes do atrito entre a pedra e a janela, mas, pelo fato de que esse som seja carregado de significado para agentes situados e incorporados. Em outro contexto, bem anterior ao da MTC e da Epistemologia informacional proposta por Dretske, Peirce elaborou uma teoria semiótica da informação que, segundo o nosso entendimento, ultrapassa em simplicidade e poder explicativo a relevância pragmática da informação significativa. Admitindo que não se pode pensar ou falar sobre o mundo sem signo; que não se pode comunicar, no sentido amplo do termo, sem signo; argumentaremos que o estudo da informação semiótica peirceana abre caminhos férteis para a compreensão do papel da informação significativa na ação.

SIGN AND INFORMATION.

The objective of this work is to initiate a reflection on the relevance of the notion of sign proposed by Peirce for the current investigations in the context of the information philosophy. We will make a comparative study between Peircean, Shannonian and Dretskean information characterizations, indicating the contributions of Peircean semiotics to the contemporary study of information. Shannon (1948), in his Mathematical Theory of Communication (MTC), presents a quantitative approach to information by proposing an algorithm to measure the amount of possible messages that could be sent from a source to a destination. In this approach, information is understood, analogously to entropy, as an objective property of the world, described by a function of the ‘average amount of surprise’ that a receiver experiences upon receiving a message, that is, the ‘degree of uncertainty’ that one can have on what the source sends. In this sense,

information in a system is defined in terms of message probabilities, regardless of the 'meaning' of those messages. In a nutshell, MTC allows you to measure the amount of information transmitted, through a channel, from a source to a destination, but does not say what is being transmitted, does not care about semantic issues. Dretske (1981), on the other hand, extends the hypothesis of MTC on information, understood as an objective indicator of relations. In the Dretskean perspective, signs have no meaning in themselves, but they depend on a pragmatic context of actions and interpretation to actually mean something. Nevertheless, signs can bring informational content. For example, dark clouds are signals whose informational contents allow for a "semantic leap" of meaningless events to something meaningful. Thus, Dretske (1989), initially inspired by the MTC, proposes a semantic perspective of information, in which not only the quantity of information is the focus but also the informational content of a signal. The information here is objectively characterized, however, considering a semantic property, the intentionality, that would be required in a more robust analysis of human communication, that which involves cognition. For him, what distinguishes us from more trivial information processors is the way we process, encode and use the information we receive, or rather, our ability to represent the world, which involves a certain degree of intentionality. The action of opening the window, for example, when listening to the sound of the beat of a stone, can't be explained simply by the agent's ability to pick up the sound waves resulting from the friction between the stone and the window, but by the fact that this sound is charged with meaning to situated and incorporated agents. In another context, well before the MTC and Dretske's information epistemology, Peirce elaborated a semiotic theory of information which, according to our understanding, goes beyond simplicity and explanatory power to the pragmatic relevance of meaningful information. Admitting that one can't think or speak about the world without sign; neither it have communication, in the broad sense of the term, without sign; we will argue that the study of Peircean semiotic information opens fertile paths for understanding the role of meaningful information in action.

SOUZA, Renata Silva; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici

Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Marília, Brasil.

HÁBITOS E PRÁTICAS CORPORAIS CONSTITUTIVAS DA IDENTIDADE PESSOAL: O CUIDADO DE SI NO CONTEXTO DAS HIPÓTESES DO PRAGMATISMO

O objetivo deste trabalho é investigar, a partir de uma perspectiva pragmática, o papel desempenhado pelos hábitos corporais na constituição da identidade pessoal. Para tanto, as seguintes questões serão discutidas: em que medida práticas/hábitos corporais contemporâneos, como aqueles veiculados pelo projeto transhumanista, auxiliam na expansão de uma conduta moralmente admirável? Entendemos que práticas corporais, difundidas em sociedades contemporâneas industrializadas, envolvem o gradual crescimento da utilização de tecnologias corporais como

formas de cuidados de si (no âmbito intra e inter corporal). Subjacente a tais práticas está a tese segundo a qual podemos aprimorar nosso corpo em virtude das possibilidades de hibridização com a tecnologia (bio-fármacos, tecnologias anti-envelhecimento e de ampliação cognitiva, inteligência artificial, nanotecnologia, dentre outras). A proposta de aprimoramento corporal que se operacionalizará, paulatinamente, através do avanço tecnológico – a partir do pressuposto de que podemos substituir partes de nosso corpo com o fim de aprimorar a identidade humana (nas esferas coletivas e individuais) é a principal hipótese defendida pelos proponentes do projeto transhumanista. O projeto transhumanista, segundo seus pesquisadores, diz respeito a uma gradual transição rumo à meta de eliminação do envelhecimento, do controle de estados mentais involuntários, como ódio, inveja, cólera, e o de expandir as capacidades físicas, psicológicas e intelectuais através da hibridização humano-máquina. Entendemos que a proposta de prática corporal veiculada pelo projeto transhumanista possui uma dimensão marcadamente estética em virtude da admirabilidade provocada pelas possibilidades de proporcionar uma maior qualidade de vida para as pessoas. No entanto, a dimensão estética solicita uma conduta ética, a saber: de que forma exercer nossa admirabilidade em face das possibilidades de aprimorar a identidade pessoal e coletiva? O ideário de aprimoramento e melhoria subjacente à proposta transhumanista permitirá a preservação de diferenças expressas nas variadas concepções e formas de práticas corporais e cuidados de si, ou poderá comprometer o compartilhamento da visão de outros povos a respeito de outras concepções acerca da melhoria humana via práticas corporais? Argumentaremos neste trabalho que a proposta transhumanista como prática de cuidado de si, embora possua aspectos positivos, surge em um contexto específico do desenvolvimento civilizatório, no qual há a demanda pelo alto desempenho e produtividade, que são valorizados e incentivados, sobretudo, pelas novas possibilidades de interação inauguradas pelas tecnologias de comunicação e informação (TICs) Por fim, apontamos para o problema em considerar o fenômeno da admirabilidade em apenas uma dimensão específica, qual seja, nas promessas veiculadas pelas práticas corporais ocidentais dominantes que, por vezes, excluem outras formas de compartilhamento de visões de vida e cuidados de si, como aqueles atrelados aos saberes tradicionais, indígenas, dentre outros. Acrescentamos ainda que, de acordo com a perspectiva do pragmatismo Peirceano, uma conduta moralmente boa e, portanto, admirável, deverá contribuir para o crescimento e evolução de hábitos que fujam a determinados objetivos estreitos ou particularizados.

HABITS AND BODY PRACTICES CONSTITUTIVE OF PERSONAL IDENTITY: SELF-CARE IN THE CONTEXT OF PRAGMATISM'S HYPOTHESES

The aim of this work is to investigate, from a pragmatic perspective, the role played by body habits in the constitution of personal identity. To this end, the following questions will be discussed: to what extent do contemporary practices / habits, such as those conveyed

by the transhumanist project, help in the expansion of a morally admirable conduct? We understand that body practices, widespread in industrialized contemporary societies, involve a gradual growing of using of corporal technologies, as a form of self-care (in the intra and inter bodily domain). Underlying such practices there is a thesis according to which we can improve our body due to the possibilities of hybridization with technology (bio-pharmaceuticals, anti-aging technologies, cognitive expansion, artificial intelligence, nanotechnology, among others). The proposal of corporal improvement, that will gradually operationalize through technological advances, starting from the presupposition that we can replace our body parts to improve human identity (in collective and individual ways), is the main hypothesis defended by the proponents of transhumanist project. The transhumanist project, according to its researchers, concerns a gradual transition towards the goal of eliminating aging, controlling involuntary mental states such as hatred, envy, cholera, among others, and expanding physical, psychological and intellectual capabilities through human-machine hybridization. We argue that the proposal of body practices conveyed by the transhumanist project has an aesthetical dimension, due the admirableness provoked by the possibilities to provide a better quality of life to people. However, an aesthetical dimension requests an ethical conduct: how to exercise our admirableness in face of possibilities to improve a personal and collective identity? In this scenario, we ask: will the idea of improvement, underlying the transhumanist proposal, allow the preservation of differences expressed in the variety of conceptions and forms of body practices and self-care, or could it compromise the sharing of other peoples view in respect to different conceptions of human improvement by body practices? We will argue in this work that the transhumanist proposal as a self-care practice, although its positive aspects, arises in a specific context in the course of the development of civilization, in which there is a demand for high performance and productivity, that are valued and encouraged, mainly, by the new possibilities of interaction unveiled by technologies of information and communication (TICs). Finally, we point to the problem of considering the phenomenon of admirableness in a specific dimension only, that is, in the promises held by dominant western body practices, which, sometimes, exclude other forms of sharing views of life and self-care, as those linked to traditional, indigenous knowledge, among others. We also add that, according to Peircean's pragmatism, a morally good and therefore admirable conduct should contribute to the growth and evolution of habits that escape certain narrow or personal goals.

TAVARES, Bárbara Linda

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Marília, Brasil.

IMPLICAÇÕES DO BIG DATA NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO.

Big Data é o conjunto de grandes dados que são produzidos de forma direta e indireta todos os dias pelas pessoas através da computação ubíqua sem

um controle ou limite dessa produção. Esse fenômeno apresenta problemas filosóficos em relação a subjetividade humana e as novas formas de pensamento e conduta, principalmente após a “Virada Informacional na Filosofia” (Adams, 2003). A virada informacional nos trouxe uma nova realidade, na qual estamos inseridos de forma incorporada à naturalização dos processos informacionais digitais, dessa forma o conceito de informação é crucial para compreendermos a produção desses dados volumosos. A partir dessa concepção, precisamos entender essa nova realidade em relação a percepção e a ação dos agentes diante das informações geradas por esses dados, principalmente considerando que não temos um controle da produção e nem um computador capaz de processá-los de maneira adequada. Como compreender o funcionamento do livre-arbítrio neste contexto? Como essa nova realidade forma o pensamento humano? Quais os limites da manipulação desses dados para além da competitividade administrativa e econômica? Como podemos garantir a privacidade do perfil dos usuários neste contexto da computação ubíqua? Usamos o computador, tablet, celular e outras tecnologias para a produção do montante de dados do *Big Data*. Da mesma forma que a eletricidade hoje é considerada primordial na vida, a internet e a computação ubíqua também se tornou indispensável. Essa analogia é cabível, tendo em vista que, nos meios urbanos, a vida não consegue se realizar sem eletricidade. Não conseguiríamos carregar aparelhos celulares, computadores, luzes das residências, chuveiro, aparelhos de TV e som, luzes de escritórios, funcionamento de universidades etc. A vida hoje nos meios urbanos não funciona sem eletricidade. Será que viveríamos sem a computação ubíqua? Podemos considerar fortemente que não. Os problemas que emergem são relacionados a incapacidade de captar a complexidade dos seres humanos apenas com montantes de dados (sistemas artificiais não dão conta de processar “sutilezas” dos dados gerados em sua totalidade) e nesse caso, o problema se agrava porque temos a utilização do computador como uma ferramenta que modela a mente humana, de acordo com teorias da mente associadas a estudos da neurociência. Como podemos modelar os aspectos mais sutis da mente humana com um sistema que trabalha apenas de forma lógico-matemática e com probabilidades já pré-estabelecidas? Devemos esclarecer que neste caso, quando falamos em sutilezas da cognição humana, não estamos levando em consideração aspectos emotivos. Este trabalho pretende discutir as questões acima com base nas três categorias fenomenológicas universais de C. S. Peirce (1839-1914), a primeiridade, segundidade e terceiridade, buscando explorar a interdisciplinaridade envolvendo áreas de interesse comum com a problemática do *Big Data*, como Inteligência Artificial, Ciência Cognitiva, Filosofia da Mente, Filosofia da Informação e a Ética.

IMPLICATIONS OF BIG DATA IN THE SHAPING OF HUMAN THOUGHT

Big Data is the set of large data that is produced directly and indirectly every day by people through ubiquitous computing without a control or limit of that production. This phenomenon presents philosophical problems in relation to human subjectivity and new forms of thought and conduct, especially after the “Informational Turn in Philosophy” (Adams, 2003). The informational turn has brought us a new reality, in which the naturalization of digital informational processes is embedded, so the concept of information is crucial to understand the production of this massive data. From this conception, we need to understand this new reality in relation to the perception and action of the agents in front of the information generated by these data, especially considering that we don’t have a production control and a computer capable of processing them properly. How to understand the operation of free will in this context? How does this new reality models human thinking? What are the limits of manipulating such data beyond administrative and economic competitiveness? How can we ensure the privacy of the users profile in this context of ubiquitous computing? We use the computer, tablet, cell phone and other technologies to produce the Big Data amount. Just as electricity today is considered paramount in life, the internet and ubiquitous computing has also become indispensable. This analogy is appropriate, given that, in urban environments, life can’t be accomplished without electricity. We wouldn’t be able to carry mobile phones, computers, home lights, showers, TV, office lights, University’s operation etc. Life today in urban environments doesn’t work without electricity. Would we live without ubiquitous computing? We can strongly consider not. The problems that emerge are related to the inability to grasp the complexity of human beings only with amounts of data (artificial systems don’t account for processing “subtleties” of the data generated in its totality) and in this case, the problem is aggravated because we use the computer as a tool to modeling the human mind, according to theories of mind associated with neuroscience studies. How can we model the subtler aspects of the human mind with a system that works only logically-mathematical and with preset probabilities? We must clarify that in this case, when we speak of subtleties of human cognition, we are not taking into account emotional aspects. This work intends to discuss the above questions based on the three universal phenomenological categories of C. S. Peirce (1839-1914), firstness, secondness and thirdness in an attempt to explore interdisciplinarity involving areas of common interest with the Big Data problematic, such as Artificial Intelligence, Cognitive Science, Philosophy of Mind, Philosophy of Information and Ethics.